

arquitetura x escassez



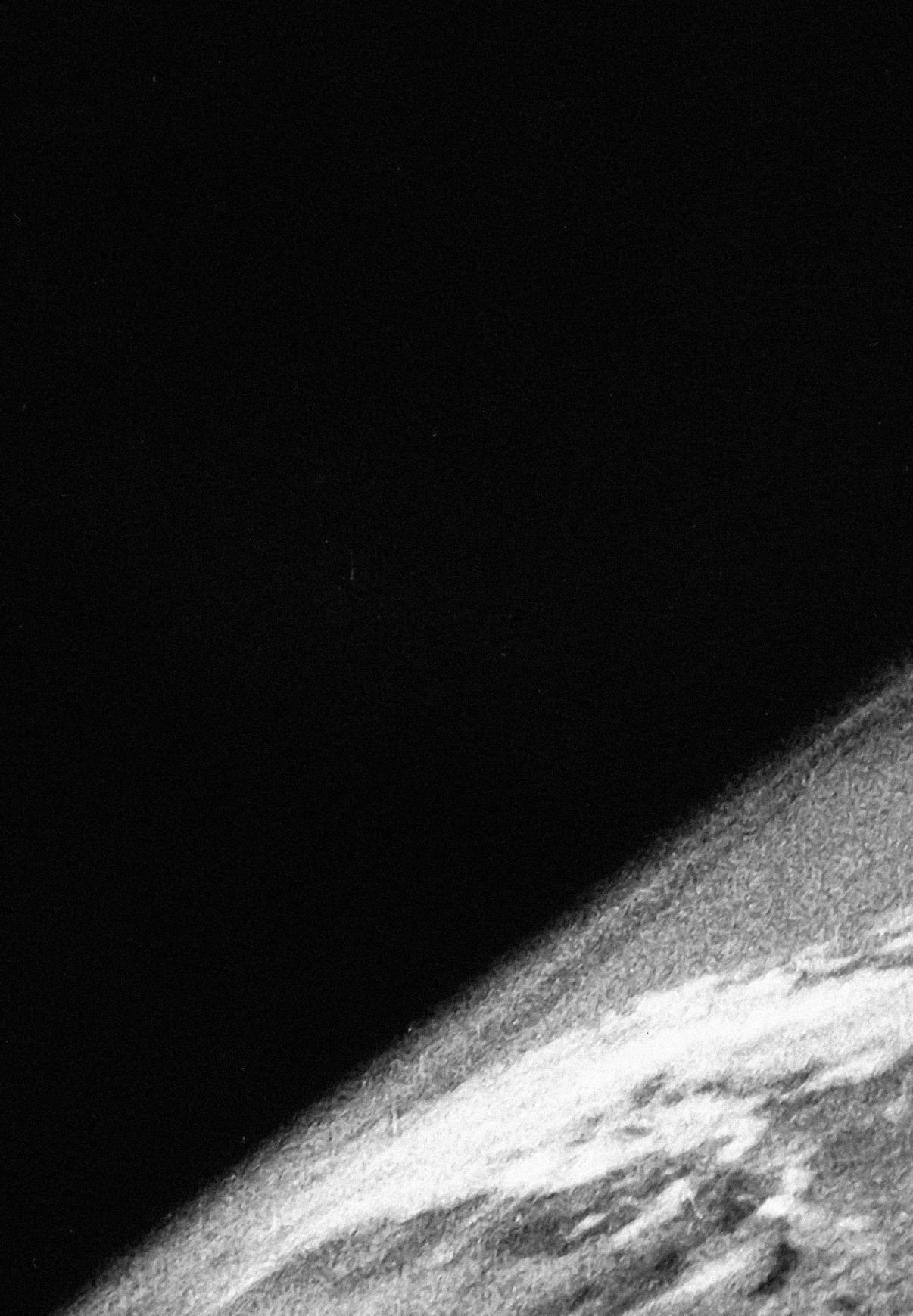
Editora
Concordia

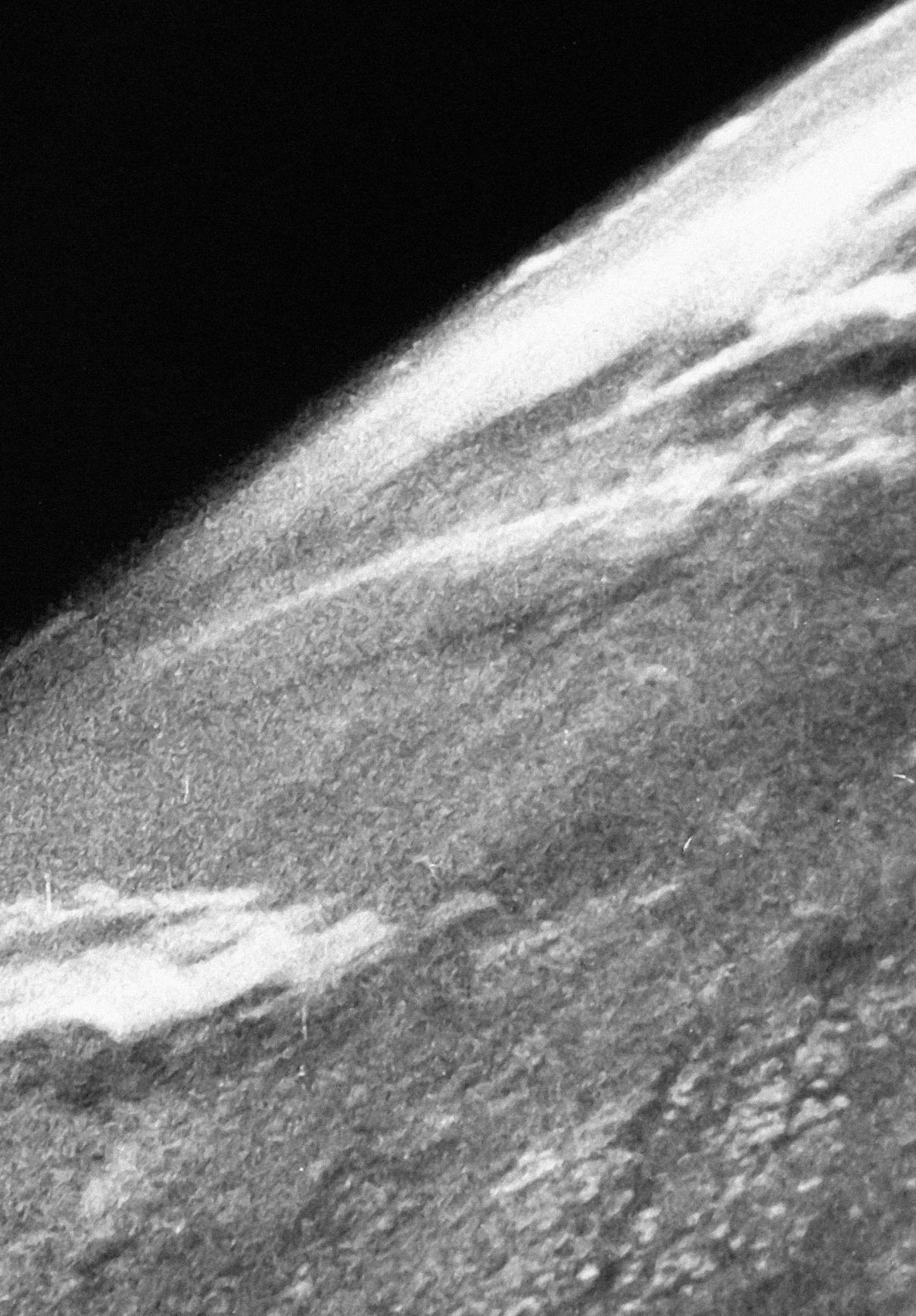


CÂMARA
DO LIVRO



CAU/RS
Conselho de Arquitetura
e Urbanismo do Rio Grande do Sul





^ 1 . a primeira foto da terra vista do espaço, 24.10.1946 / White Sands Missile Range

arquitetura x escassez

arquitetura x escassez na produção contemporânea em território latino-americano
dissertação apresentada ao programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura da universidade federal do rio grande do sul . propar . porto alegre, novembro de 2019, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em teoria, história e crítica da arquitetura por cássio sauer, sob orientação do prof. dr. fernando freitas fuão. banca examinadora: sérgio moacir marques, luciana marson fonseca, guilherme teixeira wisnik.
aqui publicada seguindo o formato acadêmico, sem significativas modificações, revisões ou supressões.

*if the paradigm of the 20th century was
growth, then its corollary in the 21st is
scarcity*

”

Pier Vittorio Aureli

"Cinco eventos marcaram o início do século XXI. Suas consequências determinaram uma nova ordem mundial e uma mudança radical na abordagem crítica, disciplinar e profissional da arquitetura e profissões afins. O primeiro foi o ataque às Torres Gêmeas, no dia 11 de setembro de 2001, que trouxe medo da mão do terrorismo alimentado por ideologias radicais, desconhecendo fronteiras ou sofisticados sistemas de segurança; o segundo foi o tsunami asiático, do dia 26 de dezembro de 2004, que estabeleceu a fragilidade do ambiente construído; o terceiro foi a crise financeira de 15 de setembro de 2008, que questionou a operação e rigidez do sistema econômico mundial baseado na especulação, e com isso se estabeleceu uma nova moral sobre a construção de um compromisso de responsabilidade social, posicionando assim a incerteza e a desigualdade como manchetes ambíguas e ambivalentes; e, como se isto fosse pouco, o quarto foi o terremoto e tsunami no Japão do dia 11 de março de 2011, que, com a destruição do reator nuclear de Fukushima, produziu uma crise energética e ambiental sem precedentes: o ar e a água tornaram-se invisivelmente venenosos e ultrapassaram limites e fronteiras. Paradoxalmente, até aqui nada estranho na cotidianidade latino-americana associada tradicionalmente às tragédias e com o índice de desigualdade mais alto do mundo, apesar do boom econômico recente propiciado pelo mercado de commodities.

Agora, as ameaças, a vulnerabilidade e o risco, antes apenas possíveis, previsíveis ou pertencentes à África ou à América Latina, podem acontecer em qualquer lugar. Tecnologia, desenvolvimento ou capital não são mais garantia de estabilidade ou certeza. Todos ingressamos por igual no mundo da crise e da incerteza, enquanto circulavam as manchetes de uma agenda imposta pela fatalidade, e o destino, ou pela irresponsabilidade acumulada de uma sociedade global fragmentada pela desigualdade, o incoerente acesso ao estado do benefício e conforto de uns poucos à custa de muitos. Todos nos tornamos participantes no bom e no mau de uma época verdadeiramente global e compartilhada.

Simultaneamente, um quinto fato agitaria as poucas estruturas de poder que ainda gozavam de estabilidade e certeza. As redes sociais apareceram como um novo meio e espaço de opinião, onde relação e discurso reconfiguram os centros de poder a partir da 'livre expressão' e o surgimento dos novos especialistas, a ponto de postar, opinar, dar *likes* e publicar tuítes, estabelecem novos territórios de discussão, fazendo com que paradoxalmente, apesar do excesso de instrumentos para a construção da diferença, todos nós vejamos e façamos mais ou menos o mesmo." ¹

Dos cinco eventos citados por Camilo Restrepo como definidores destes primeiros anos do novo século, o que mais nos interessa aqui é o terceiro: a crise financeira de 2008 e suas repercussões no campo disciplinar da arquitetura.

A abundância ou a falta de recursos influem constantemente na vida cotidiana, na economia e na política. Crises criam ansiedade em mercados financeiros. Estes possuem amplo poder de influência em todos os tipos de tomadas de decisões no mundo contemporâneo, inclusive nas que se aproximam da disciplina.

Guerras, movimentos sociais, crises políticas e religiosas, migrações, urbanizações massivas, tragédias naturais e uma série de outros fatores têm se somado a esses cinco eventos no sentido de formar o complexo contexto em que vivemos hoje em dia.

"nota :

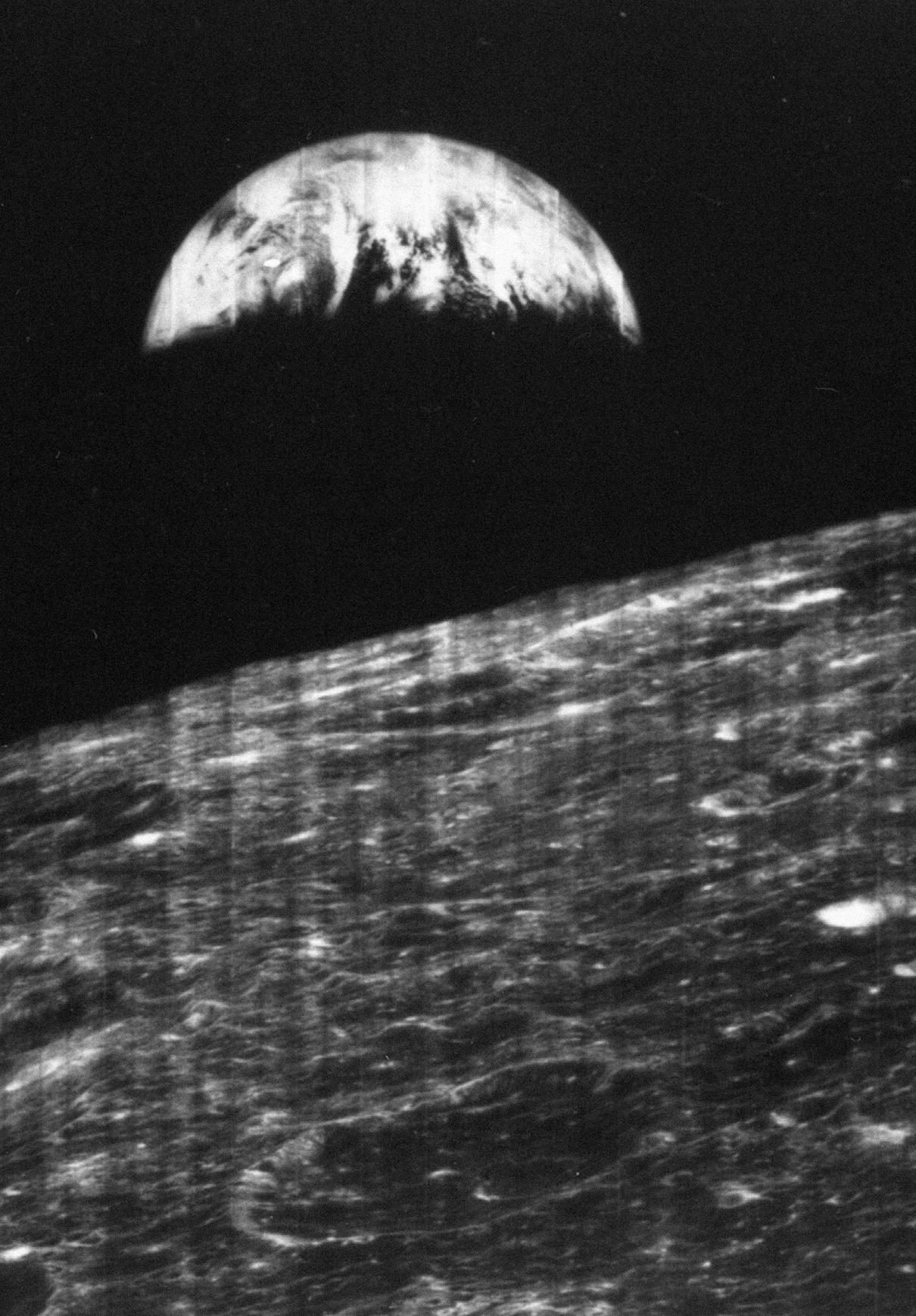
este trabalho se realiza a partir do terceiro mundo
onde a pobreza material tem sido uma condição inevitável
portanto buscar uma arquitetura possível
com baixos recursos
se constituiu na possibilidade mais próxima
para desenvolver-me como arquiteto.

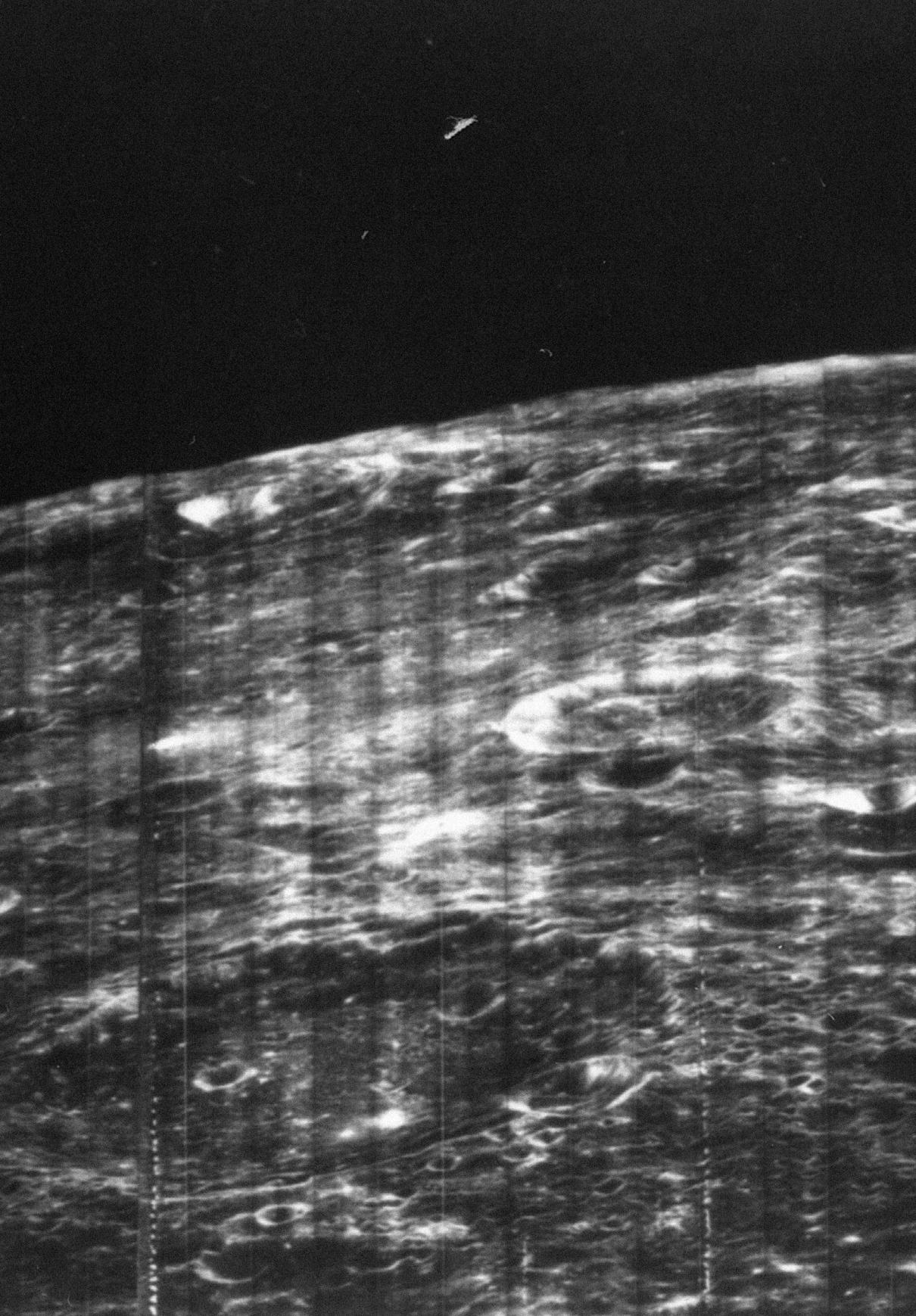
esta escassez de meios com a qual tenho trabalhado
me leva permanentemente a responder a uma só pergunta:

que arquitetura posso aspirar construir a partir destes poucos recursos
sem deixar de acreditar em sua possibilidade?^{F2}

FRAGMENTO 2 | Texto introdutório ao blog do arquiteto chileno Eduardo Castillo, no qual reflete sobre o seu trabalho e o contexto em que está inserido.

Citação original: "Nota: *Este trabajo se realiza desde el tercer mundo, donde la pobreza material a sido una condición inevitable, por lo tanto, buscar una arquitectura posible desde estos bajos recursos, se ha constituido en la posibilidad más próxima para desarrollarme como arquitecto. Esta escasez de medios con la cual he trabajado, me ha llevado permanentemente a responder una sola pregunta: ¿Qué arquitectura puedo aspirar a construir desde estos bajos recursos, sin dejar de creer en su posibilidad?*" Retirado de: CASTILLO, Eduardo. *Eduardo Castillo_arquitecto*. Disponível em: <<http://arqecastillo.blogspot.com.br/search?updated-max=2006-01-18T15:14:00-03:00&max-results=60&start=21&by-date=false>>. Acesso em: 10 abr. 2018. tradução do autor





sumário

introdução	21
escassez	35
aproximação ao tema	42
contrastes, o lado escuro do mundo	68
repercussões na disciplina e o contexto latino americano	85
um mundo em crise	94
notas sobre uma américa latina	132
arquiteturas	153
arquiteturas latino-americanas	160
aproximações	165
apontamentos	199
traços comuns	210
precisões	230
considerações finais	259
anexos	265
referências bibliográficas	305

introdução

Debates que dominaram o campo da arquitetura no último século aos poucos começam a perder sentido. Novas dinâmicas globais e uma série de crises têm marcado este início de milênio.

Um conjunto de mudanças no cenário político-econômico mundial, que começaram com os ataques terroristas de 2001 e agravaram-se com a crise norte-americana de 2008 e suas posteriores consequências em países economicamente periféricos da União Européia, somados às crises políticas e institucionais no Brasil e Turquia, a Primavera Árabe e a crise humanitária síria, o perigoso crescimento de grupos extremistas, os massivos movimentos migratórios, a recriação e o fortalecimento de fronteiras, além de uma série de outros acontecimentos colaboraram para a formação de um complexo contexto global: um novo mundo repleto de incertezas.¹ E é nesses momentos de crises e incertezas que a escassez tem constantemente sido invocada.

Condição central da vida humana em nosso planeta, representando a complexa relação entre o ser humano e seu semelhante e com o ambiente em que habita, a escassez foi tomada pela Economia como *raison d'être*² de uma forma de conhecimento muito própria, que vê e reproduz o mundo a partir das prioridades económicas dos mercados capitalistas.³

Definidora dessa era pós-crash, a escassez, representa a insuficiência de bens e a consequente impossibilidade de satisfazer o que seriam os desejos ilimitados do ser humano. Está amplamente relacionada com a noção de finitude de recursos naturais, e tem moldado a relação do ser humano com o meio ambiente, a economia e a política, seja ela entendida como um conceito econômico ou como realidade cotidiana.⁴

Sua relevância é resultado da afluência da Economia como disciplina dominante sobre todas as outras. Vivemos hoje, uma era de escassez, conforme definida pela economia capitalista.⁵

A ideia de escassez, contudo, se estabelece de forma complexa e contraditória. As sociedades contemporâneas possuem capacidades produtivas nunca obtidas anteriormente, porém esta produção em um evidente paradoxo, não tem sido utilizada para diminuir as desigualdades e a pobreza.⁶

A arquitetura, por sua vez, entendida como "artefato isolado, monumental e de custo excessivo",⁷ vive sua própria crise. Passados dez anos da crise de 2008, é possível afirmar que esta ajudou a marcar a ruptura com algumas práticas correntes nos últimos anos na disciplina. Os excessos produzidos nas últimas décadas têm dado lugar, na mídia, em exposições e premiações em geral, arquiteturas voltadas a aspectos sociais, produzidas em países economicamente periféricos e em contextos de significativa limitação de recursos.

Porém, o que de fato seria escassez? Como a arquitetura se comporta em relação à escassez? É possível produzir arquitetura de qualidade nesses contextos?

1 Ver BAUMAN.

2 a 'razão de ser' da disciplina

3 GOODBUN, Jon; TILL, Jeremy; IOSSIFOVA, Deljana. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc, 2012. p. 09.

4 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 05.

5 Ibid. p. 11

6 GOODBUN, Jon; TILL, Jeremy; IOSSIFOVA, Deljana. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc, 2012. p. 14.

7 MONTANER, Josep Maria. *A condição contemporânea da arquitetura*. Gustavo Gili, São Paulo; 1^a edição, 2016. p 08.

Segundo Bernard Rudofsky em *architecture without architects*, publicação resultante da exposição realizada no MoMA entre 1964 e 1965, e uma espécie de manifesto por uma arquitetura sem *pedigree*, "a história da arquitetura nunca se preocupou com mais do que poucas culturas, equivalendo a pouco mais do que os arquitetos que comemoram o poder e a riqueza".⁸ Meio século depois e a grande maioria das universidades seguem formando arquitetos para atuar apenas em contextos formais, deslocando a arquitetura culta e erudita da realidade cotidiana.

O novo século, contudo, trouxe a inclusão da escassez ao discurso arquitetônico, assim como arquiteturas complexas e contraditórias que, em maior ou menor escala, se aproximam da informalidade. Trouxe também a impossibilidade do entendimento da disciplina como algo entrópico, fechado em si e a impossibilidade do entendimento das obras como objetos ensimesmados e isolados. Passados dez anos da crise de 2008, é possível hoje, afirmar que esta trouxe relevância ao tema, e que o relacionamento entre arquitetura e escassez se dá de distintas formas neste início de milênio.

A crise aproximou a arquitetura da escassez, e o primeiro mundo, do terceiro. A América Latina, nesse sentido, tem sido território de arquiteturas radicais,⁹ lugar de experimentações, poesias e pragmatismos. Em tempos de incertezas, tem se tornado referência global para a realização de uma produção arquitetônica engajada socialmente e construída a partir de uma necessária e imposta economia de meios.

A arquitetura produzida em território latino-americano, frequentemente descrita por críticos, por teóricos e pelos próprios arquitetos como uma arquitetura da escassez, tem alcançado grande importância nestes últimos anos. E sua crescente valorização, decorrente do período de crises econômicas mundiais pelo qual estamos passando, acabando por gerar o que Pedro Gadano vai definir como uma 'emergência da emergência'.¹⁰

Existem várias formas de se olhar para esta produção arquitetônica contemporânea, o filtro que aqui se decidiu por tomar é o da escassez. Como comprova a pequena nota introdutória de Eduardo Castillo (1972-2017)¹¹ e outras fontes que veremos no desenvolver deste trabalho, a escassez tem aparecido constantemente. O questionamento de Castillo parece ser também compartilhado por seus pares contemporâneos e nos leva a alguns questionamentos que motivaram esta pesquisa.

O texto a seguir se dedica a expor e analisar essas questões.

⁸ RUDOFSKY, Bernard. *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*. Nova Iorque: Doubleday & Company Inc., 1964. preface. p. 06.

⁹ Assim Miquel Adriá inicia e nomeia um dos mais importantes panoramas sobre a produção arquitetônica latino-americana contemporânea: "50 arquitecturas radicales". ADRIÁ, Miquel; GRIBORIO, Andrea. *Radical, 50 Arquitecturas Latinoamericanas*. Editorial Arquine, DF Mexico; 1^a edição, 2016. p. 20.

¹⁰ GADANHO, Pedro. *Resurgirá de nuevo el sur? (Sobre la emergencia de la emergencia)*. 2G Dossier: *Iberoamerica, Arquitetura Emergente*. Gustavo Gili, Madrid, 2008. p. 114.

¹¹ Texto introdutório ao blog do arquiteto chileno Eduardo Castillo. op. cit.Ver Fragmento 2. p. 23.

uma primeira aproximação

O trabalho é, neste sentido, uma aproximação à escassez enquanto conceito econômico com implicações reais; à América Latina enquanto contexto extremamente complexo, diverso e contraditório; e a uma importante parcela da arquitetura produzida neste território neste início de século.

Trata-se de uma espécie de fotografia de um momento contemporâneo, uma busca por um *zeitgeist*, suas características e implicações. Apresenta, assim, uma seleção de obras escritas e construídas, e a interpretação que parece, no momento, a mais adequada. Desenvolve-se em uma espécie de colagem de fragmentos - textos e imagens - frutos da ampla e instantânea disponibilidade dos mais distintos materiais, característica do mundo contemporâneo. Sempre desconexas e fragmentadas, essas informações aparecem aqui reunidas em uma tentativa de aglomeração e primeira consolidação de ideias sobre o tema.

Essa pesquisa é, ainda, consequência dos estudos que iniciaram durante a etapa de graduação e que, em um primeiro momento, tiveram uma dimensão iberoamericana e me levaram a viver em Portugal. Em um segundo momento, aprofundaram-se na questão latino-americana, intensificando-se com o tempo vivido no Chile, a Pós-Graduação *Civilização América: Geográfica, Cidade e Arquitetura*, em São Paulo, algumas viagens pelo território latino-americano e trabalhos desenvolvidos em conjunto ou muito próximo de arquitetos argentinos e uruguaios.

O tema é de profundo interesse na arquitetura contemporânea pois trata de uma reflexão sobre um termo que, na virada do milênio, ganhou potência em uma série de discursos políticos, econômicos e também arquitetônicos.

É preciso ressaltar, porém, que, por não contar com a segurança de um afastamento geográfico-histórico-temporal, o trabalho pode apresentar vícios e interpretações que futuramente podem provar-se errôneas ou contraditórias. Por isso mesmo, torna-se necessário o entendimento desta pesquisa como uma primeira aproximação, um primeiro gesto no sentido de compilar material e tentar interpretá-lo, possível principalmente pela rapidez das dinâmicas atuais. A pesquisa, assim, não tem a pretensão de, neste momento, encerrar assunto, mas sim de trazer o tema à tona.

Uma aproximação desde dentro, tanto no sentido geográfico, quanto temporal. À medida que o objeto de estudo se aproxima do momento atual, torna-se, conforme coloca Hobsbawm, cada vez mais próximo e vinculado a dois tipos específicos de fonte: "a imprensa diária ou periódica e os relatórios econômicos periódicos e outras pesquisas, compilações estatísticas e outras publicações de governos nacionais e instituições internacionais", ¹² somam-se a estas fontes as novas dinâmicas propostas pelas mídias e plataformas digitais.

A América Latina ainda hoje carece de crítica. A academia comodamente se limita ao estudo de fenômenos do passado, respaldada por uma segura visão retrospectiva. Neste novo milênio, porém, os tempos são outros.

¹² HOBSBAWM. Era dos extremos – O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 05.

objetivos

Os objetivos gerais do trabalho se centram na investigação de uma produção contemporânea que se destaca, principalmente, pela qualidade arquitetônica e por estar ligada intrinsecamente com as limitações características de países economicamente periféricos.

Apesar de se aproximar do tema, não visa se aprofundar ao que Rudofsky define como "arquiteturas vernaculares, anônimas, espontâneas, autóctones ou rurais",¹³ mas sim às arquiteturas produzidas por arquitetos e em como essas arquiteturas se comportam em condições de escassez.

Busca delimitar o que é a escassez, qual sua relevância no mundo atual e quais seus fatores econômicos, naturais ou artificiais, seus aspectos sociais, qual sua relação com o continente latino-americano, seus resultados e implicações na disciplina. E, a partir daí, formar um corpo de projetos em busca da definição de suas principais características e estratégias organizacionais ou projetuais, que permitem sua produção nesses contextos, assim de entender o que podemos aprender com eles.

método

A metodologia de pesquisa parte de duas etapas principais: a primeira relacionada com o estudo de conceitos teóricos básicos direcionados à escassez e suas principais relações com os campos da economia, sociologia, história, o urbano e o ambiente construído, através da compilação de documentação de autores que têm se dedicado à temática. A segunda etapa se baseia nas efetivas implicações da falta de recursos na arquitetura, tendo como pano de fundo uma seleção de fragmentos de textos relevantes e obras construídas no território latino-americano nos últimos anos.

As obras foram selecionadas por sua influência do ponto de vista social, arquitetônico e cultural, principalmente no que se refere a seus valores em relação ao contexto imediato e global. A seleção se apoia em exposições significativas, coletâneas e artigos, tendo como base teórica para interpretação dos projetos os documentos gerados nessas mostras e publicações e seguindo basicamente os seguintes critérios:

- 1 . Localização geográfica: o território latino-americano como base para a seleção dos projetos - projetos localizados em outras partes do globo gravitam como exemplos para confirmação ou contraposição dos aspectos anotados;
- 2 . Um período temporal específico: os primeiros 15 anos do novo milênio (2001-2016) que determinam o início do século XXI e o auge de uma produção contemporânea latino-americana. A seleção toma porém, como ponto estendido de partida o ano de 1991, indicado por Robshaw como o início de um novo período histórico, configurando uma década onde aparecem importantes referentes para o que viria a seguir; considera 2001 como o início de um novo milênio, 2008 como ponto marcante dentro do período, devido à crise econômica norte-americana e global, e finaliza em 2016 como auge no reconhecimento global de uma produção desenvolvida no período;

¹³ RUDOFSKY, Bernard. *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*. Doubleday & Company Inc., Garden City, New York; 1964.

3. Por último, um critério mais subjetivo, a contemporaneidade das obras e sua relação positiva e propositiva em relação aos contextos em que estão inseridas.

A pesquisa teórica por sua vez, está relacionada com a análise crítica de projetos relevantes através de relações e aproximações entre a teoria e a prática arquitetônica, buscando documentar, descrever e analisar edifícios, práticas projetuais, práticas de ensino, elaborações teóricas e arquitetos representativos nesse contexto.

Por último, para a construção deste trabalho, se utiliza, um pouco também da escassez. Constrói-se com os livros e textos que se têm a mão; as obras são aquelas a que se pode aceder; as informações, as disponíveis; as viagens aquelas que se mostraram possíveis, e as referências, as que apareceram. Busca-se, porém, o maior nível de precisão possível, embora a dimensão do tema e a aproximação temporal apresentam-se como desafios de grande escala.

obras ¹⁴

Fazem parte deste possível panorama aproximadamente 200 obras, construídas ao longo do território latino-americano durante os primeiros quinze anos deste novo século. Gravitam ainda, entre estas obras, algumas outras de grande representatividade construídas na década de 1990, além de alguns poucos projetos construídos ao redor do globo no mesmo período.

Essas obras foram aqui incluídas por suas qualidades arquitetônicas e por sua representatividade em relação ao tema aqui exposto. Neste sentido, são unidas não por questões formais ou programáticas, mas pelo forte sentido de pertencimento a uma determinada condição histórica.

revisão bibliográfica

Sobre o tema da escassez, debruçaram-se, ao longo da história, uma série de pensadores. Aristóteles, Hume, Smith, Mill, Robbins, Rousseau, Baudrillard, Marx, Foucault, Freud, Heidegger, Darwin, Sartre estão entre aqueles que se dedicaram a tentativas e tentativas de entendimento dessa condição humana.

¹⁴ Foi adotada a numeração em sobrescrito e entre colchetes [xx] para referenciar as obras. Os números indicam a ordem das obras nos anexos, pag. 273, onde é possível encontrar mais informações a respeito das mesmas.

A escassez é conceito central em *Ensaio sobre o princípio da população* (1798), de Thomas Robert Malthus. A obra é referência para o pensamento liberal e para a fundação do pensamento Econômico Clássico, sendo assim base para importantes correntes do pensamento moderno e contemporâneo.

No campo filosófico, Jean-Paul Sartre coloca a escassez como condição que identifica o homem como criatura capaz de produzir história e, portanto, condição definidora do ser humano, em *Crítica da razão dialética* (1960).

Uma mirada contemporânea aparece em *Scarcity and Modernity* (1989), de Nicholas Xenos, apresentando o estudo recente mais aprofundado em relação ao tema. Xenos coloca a escassez não como uma condição natural e universal, mas sim como uma invenção moderna, e debate as variações no entendimento do tema por diversos autores desde o iluminismo até os dias de hoje.

Scarcity: Why Having Too Little Means Too Much (2013), de Sendhil Mullainathan e Eldar Shafir, apresenta estudos de caso no sentido das implicações psicológicas da escassez e sua relação ao cotidiano.

No campo da arquitetura, uma série de textos, livros e exposições têm se dedicado ao tema nos últimos anos. O principal deles é *The Design of Scarcity* (2013), de Jon Goodbun, Michal Klein, Andreas Rumpfhuber e Jeremy Till. Aqui a escassez é colocada como condição definidora da contemporaneidade. Para os autores, a escassez não deve ser vista como simples resultado do acelerado crescimento da população mundial como definia Malthus, mas sim como algo planejado, projetado e inerente ao capitalismo. Dedicam-se às relações entre a escassez e a arquitetura e de que forma a disciplina pode interagir positivamente nesses contextos.

Architecture depends (2009), de Jeremy Till, e *Less is Enough: On Architecture and Ascetism* (2013), de Pier Vittorio Aureli, além de um conjunto de textos recentes dos teóricos Andres Lepik, Justin McGuirk, Miquel Adrià e Jorge Francisco Liernur, trazem importantes considerações a respeito do tema.

Renier de Graaf, sócio de Rem Koolhas no Office for Metropolitan Architecture - OMA, faz uma interessante leitura do *O Capital no século XXI* (2013) de Thomas Piketty voltada para a arquitetura, em 'Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission' (2015).

Destacam-se ainda as exposições *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement* (2010), de Andres Lepik, no MoMA, e a 15ª Mostra de Arquitetura da Bienal de Veneza com o tema *Reporting From the Front* (2016), sob direção de Alejandro Aravena. A XX Bienal de Arquitetura e Urbanismo do Chile, com o tema *Dialogos Impostergables* (2017), as IX e X Bienais Iberoamericanas de Arquitetura e Urbanismo (2014 e 16), além das exposições do *Arkitekturmuseum der TU Munchen*, também sobre curadoria de Andres Lepik.

Design Like You Give A Damn: Architectural Responses to Humanitarian Crises (2006), de Cameron Sinclair e *Design Revolution: 100 Products that are Changing People's Lives* (2009), de Emily Pilloton, apontam globalmente para um novo olhar social em relação às disciplinas de arquitetura e desenho industrial.

Em relação ao contexto latino-americano, é relativamente recente a sua inserção na 'História da Arquitetura'. Zevi, Giedion, Benévolo, Pevsner, Frampton e Tafuri pouco mencionaram projetos na América Latina em suas primeiras edições.

É possível citar os encontros *America[no] del Sud* (2013 e 2015) e suas discussões em relação ao papel do arquiteto em território americano e o ciclo de exposições mexicano *Liga-DF*, que vem, desde 2011, dedicando-se ao incentivo a novas práticas latino-americanas.

A exposição *Latin America in Construction: Architecture 1955-1980* (2015), de Barry Bergdoll, Carlos Eduardo Comas, Jorge Francisco Liernur e Patricio Del Real - que deu sequência à *Latin American architecture since 1945* (1955), de Henry Russel Hitchcock - ajudou a trazer visibilidade à arquitetura da região. Foi seguida por uma série de publicações com enfoque na produção contemporânea: *Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia* (2015), de Luis E. Carranza e Luiz Fernando Lara; *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture* (2015), de Justin McGuirk; *Radical, 50 Arquitecturas Latinoamericanas* (2016), de Miquel Adrià e Andrea Griborio, e *Total Latin American Architecture: Libretto of Modern Reflections & Contemporary Works* (2016), de Ana de Brea. E a recente exposição YALA - *Young Architects in Latin America*, evento colateral da 16ª Mostra de Arquitetura da Bienal de Veneza (2018).

Os documentários *Torre David: The World Tallest Squat* (2013), com produção de Alfredo Brillembourg e Hubert Klumpner, e *Hacer Mucho con Poco* (2017), dos equatorianos do Al Borde e Kliwadenko Novas, somam-se a uma série de conferências aulas e palestras disponíveis online nos âmbitos dos programas *SAP: South America Project*, do GSD de Harvard, coordenado por Felipe Correa, e da pós-graduação *Civilização América: geografia, cidade e arquitetura*, coordenada por Alvaro Puntoni e Fernando Viégas na Escola da Cidade, como importantes fontes de informação a respeito das práticas contemporâneas.

Podemos ainda destacar os periódicos: *Dossier: Iberoamerica, Arquitetura Emergente* (2008); *Harvard Design Magazine 34, Architectures of Latin America* (2011); *A+U 532. Latin America, 25 Projects* (2015); *Plot 24, América Latina Hoje* (2015), e *Arquine No. 76. Otros Frentes* (2016).

Em relação à análise de produções nacionais, interessam a publicação *Blanca Montaña* (2010), importante panorama contemporâneo da arquitetura chilena, por Miquel Adrià, e ainda a recente exposição *Infinito Vão* (2018), panorama dos últimos 90 anos de arquitetura brasileira, sob a curadoria de Fernando Serapião e Guilherme Wisnik.

Em relação ao ensino, deve-se destacar o trabalho desenvolvido desde a década de 1950 pela *Escola de Valparaíso* e sua *Ciudad Abierta*, e a investigação publicada em forma de poema, *Amereida* (1967). Mais recentemente, tem tido grande importância nesse sentido a Escola de Arquitetura da Universidade de Talca, criada em 1999 e que visa aproximar o ensino ao contexto rural chileno, destacando-se pelos trabalhos de graduação em escala 1:1, e cuja metodologia pode ser consultada na recente publicação *Talca, Cuestión de Educación* (2013). E, a ainda mais recente, criação da *ela . escola livre de arquitetura* (2018) aqui em Porto Alegre.

No âmbito do programa de pós-graduação do Propar é possível citar as contribuições de Fernando Fuão e as recentes pesquisas *O Tijolo em Solano Benítez*, de Suelen Camerin (2016), e *Lo-Fi: aproximações e processos criativos: da fonografia à arquitetura*, de Guilherme Zamboni Ferreira (2017). É possível citar ainda *Distintas Moradas - Habitação coletiva em metrópoles da América Latina*, de Marcelo Della Giustina (2015), e *Dois conjuntos, duas realidades: os casos contemporâneos de habitação popular na rúua Grécia/SP e Quinta Monroy/Chile*, de Mariana Comerlato Jardim (2016).

Por último, três pequenas publicações nos guiam nas tentativas de entendimento da contemporaneidade. *A condição contemporânea da arquitetura* (2016), de Josep Maria Montaner, aponta para os caminhos da disciplina neste início de novo milênio. Em *Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal* (2000), o geógrafo Milton Santos nos mostra o mundo a partir da visão de um cidadão do terceiro mundo, e em *São Paulo, razões de arquitetura. Da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes* (2010), Angelo Bucci apresenta estratégias para uma arquitetura que faça sentido no contexto da escassez

estrutura

Em relação à estrutura, o texto foi organizado em quatro partes:

Em um primeiro capítulo, busca-se o entendimento do termo escassez. Embora existam uma série de outras definições possíveis, a principal aproximação aqui é à escassez como ela é entendida na economia, demonstrando brevemente como a Economia Clássica se tornou uma disciplina universal e afluente, afastada de questões éticas e morais.

O segundo capítulo faz a aproximação entre a escassez e a arquitetura. A partir da interpretação de Reinier de Graaf do recém-lançado '*O Capital no Século XXI*' de Thomas Piketty são exploradas as relações entre economia e a arquitetura como disciplina, e analisam-se as repercussões da escassez, as implicações gerais da falta de recursos na arquitetura e sua reverberação no território latino-americano.

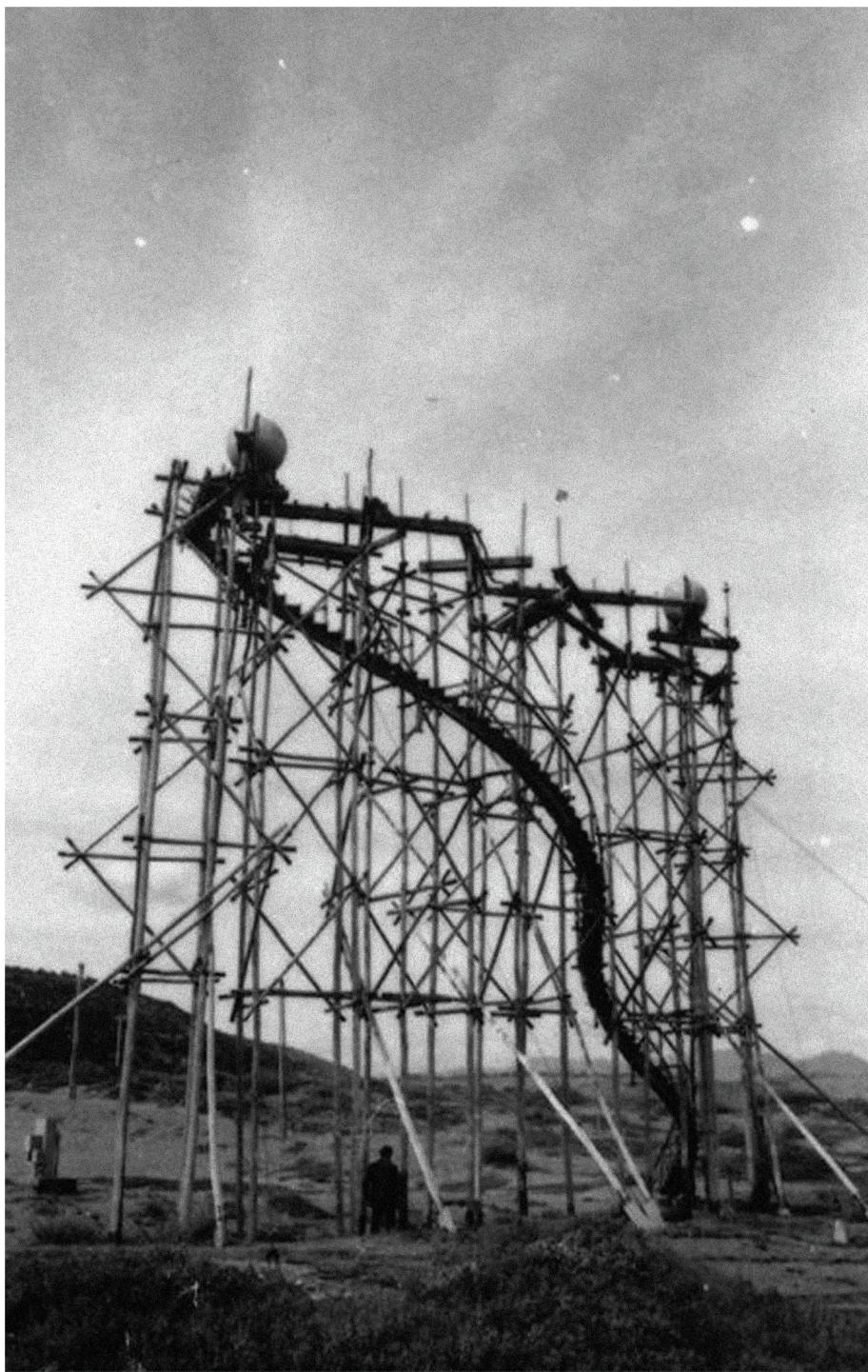
No terceiro capítulo, faz-se uma aproximação à produção contemporânea em território latino-americano, aparecem os referentes modernos e, através de um corpo formado pela seleção das obras, delimitam-se as formas de aproximação que parecem as mais relevantes.

O quarto e último capítulo traz uma análise das obras, são feitos apontamentos, buscam-se pontos em comum e delimitam-se estratégias para a realização de arquitetura nesses contextos de escassez.

Nas Considerações Finais, busca-se um breve apanhado crítico relativo às interligações entre os temas abordados e suas implicações prático-teóricas, analisando a relevância destas práticas arquitetônicas, indicando as principais limitações do trabalho e apontando possíveis prosseguimentos.

Os anexos trazem a compilação do conjunto de obras que compõem um panorama da produção contemporânea, apresentando uma grande diversidade de programas, formas e estratégias projetuais, que servem de apoio à análise escrita.

Além disso, alguns fragmentos de textos, apresentados em folhas pretas, permeiam o trabalho como informação complementar que pode ou não fazer parte da leitura. São textos ou citações que têm por objetivo reforçar e complementar alguns dos principais pontos discutidos, além de contribuírem, quase como em '*Palabras Ajena*s', de León Ferrari, como interlocutores que se juntam para contar esta história.



^ 3 . 'torres del agua en la ciudad abierta', 1952 / arquivo histórico josé vial armstrong

*population grows at a geometric rate over time,
food supply at an arithmetic rate; at a certain
moment, demand for food will exceed supply;
population growth must therefore be restricted
in the face of predicted scarcity.*

”

thomas robert malthus apud
Goodbun (et al.) 2014

escassez



A escassez foi elevada a condição definidora desta era pós-crash, moldando nossa relação com o meio ambiente, a economia e a política e permeando importantes debates atuais, seja ela entendida como um conceito econômico ou como realidade cotidiana.¹

A definição do conceito de escassez como o entendemos hoje tem ampla ligação com a possibilidade que o homem conquistou no último século de visualizar a terra a partir do espaço e do inegável reconhecimento das reais dimensões planetárias de forma muito impactante.

"Nos encontramos em meio a um longo processo de transição na natureza da imagem que o homem tem de si mesmo e de seu ambiente"² propôs Boulding. Ao longo de nossa história, fomos sempre dependentes de uma série de recursos. Esta dependência vem resultando constantemente em angústia, lutas e deslocamentos. Neste sentido, todos os seres humanos vivos hoje, em maior ou menor grau, são descendentes diretos ou indiretos de migrantes e de vencedores de conflitos.

O período histórico atual, entre uma enormidade de possibilidades, nos permite o que nenhum outro período ofereceu anteriormente: conhecer o planeta extensiva e aprofundadamente. Satélites possibilitam que a Terra seja vista em detalhe. Já não são sequer apenas fotografias isoladas, mas registros sucessivos que possibilitam análises evolutivas e a identificação de momentos cruciais de nossa história. Isto nunca existiu antes.³

Antigamente civilizações inteiras se imaginavam vivendo em um plano ilimitado. Havia sempre algum lugar além dos limites conhecidos da habitação humana. Havia sempre a possibilidade da fuga, de atravessar fronteiras rumo ao desconhecido. "A imagem da fronteira é provavelmente uma das imagens mais antigas da humanidade, e não é surpreendente que tenhamos dificuldade em nos livrarmos dela."⁴

Foi apenas a partir das grandes navegações que o fato de a Terra ser uma esfera tornou-se amplamente conhecido e aceito. E tão somente após a Segunda Guerra Mundial que a natureza global do planeta realmente entrou na imaginação popular. Nossas fronteiras, assim, se modificaram. Estamos muito longe, porém, de termos feito os ajustes morais, políticos e psicológicos que se fazem necessários nesta transição do plano ilimitado para o da esfera fechada.⁵

A partir de um definitivo entendimento do ambiente natural como algo finito, porém, nos colocamos diante de um grande dilema.⁶ Os enormes avanços tecnológicos que nos levaram a uma melhor compreensão do ambiente em que vivemos também são os que nos propiciaram melhores condições de vida em geral, resultando em importantes mudanças demográficas.

Nos últimos quatro séculos, experimentamos um exponencial aumento demográfico. A população mundial, que por muito tempo manteve-se relativamente estável, teve, a partir das novas dinâmicas impostas pelo mercantilismo, um significativo crescimento. Em 1650, chegou aos 500 milhões de habitantes, apresentando um aumento de 0,3 % ao ano - o que implicava em um possível duplicação a cada 250 anos.⁷

1 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 05.

2 BOULDING, Kenneth E. *The Economics of the Coming Spaceship Earth*. in: Jarrett, H. (ed.). *Environmental Quality in a Growing Economy, Resources for the Future*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1966. p. 03.

3 SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 16.

4 BOULDING, Kenneth E., 1966. op. cit. p. 03.

5 Ibid. p. 04.

6 MEADOWS, D., et al. *The Limits To Growth: A Report for The Club of Rome's project on the predictment of mankind*. Nova Iorque: Universe Books, 1972. Conforme o título os autores classificam a dificuldade do crescimento econômico frente às limitações de recursos como o 'dilema da humanidade'.

7 MEADOWS, D., et al. *The Limits To Growth: A Report for The Club of Rome's project on the*

Cento e cinquenta anos depois, em 1800, alavancada pelas profundas mudanças sociais e tecnológicas que estavam se iniciando, a população dobrava, alcançando o primeiro bilhão. Nos próximos dois séculos, nem mesmo fortes depressões e duas grandes guerras impediriam o rápido crescimento populacional. A grande produção industrial do século passado foi determinante para um importante crescimento da taxa anual, que atingiu o pico de 2,05% em 1970. Em 1975 a população alcançou os 4 bilhões, em 1990, os 5 bilhões, na virada do milênio, os 6 bilhões, e em 2011, os atuais 7 bilhões de habitantes no planeta.

Estudos recentes estimam que em 2055 alcançaremos os 10 bilhões e em 2090 seremos 11 bilhões de humanos habitando a Terra. A taxa de crescimento, porém, tem constantemente caído, estando hoje na casa dos 1,09%. Em 2070 estima-se que recuperará os mesmos 0,3% do ano de 1650, e em 2100 provavelmente nos aproximaremos de uma taxa de 0,1%, alcançando uma nova estabilização no crescimento populacional.⁸ Enquanto a população mundial estava perto de alcançar o seu primeiro bilhão, Thomas Robert Malthus⁹ apontava para os perigos do acelerado crescimento populacional em *Ensaio sobre o Princípio da População* (1798).

Malthus atualmente é lembrado por sua previsão de que o crescimento da população humana superaria o crescimento no fornecimento de alimentos.¹⁰ É possível afirmar, porém, que sua contribuição mais fundamental foi a difusão e a popularização da ideia de que indivíduos e espécies competem por recursos escassos.¹¹

Neste sentido, ao contrapormos um melhor entendimento do limitado espaço físico em que vivemos com os constantes crescimentos populacionais, uma importante preocupação tem moldado o pensamento moderno. São grandes as evidências de que os recursos naturais correm o risco de se tornarem escassos e insuficientes para suprir as crescentes demandas humanas. Nos últimos cinquenta anos, analistas de recursos têm alertado a respeito dos riscos do crescimento acelerado, mas principalmente das formas de produção que levaram a este tipo de crescimento. "Nossos modelos globais industriais e financeiros, altamente baseados no pressuposto crescimento ilimitado, estão levando as sociedades à beira de uma série crônica de inseguranças e carências"¹², afirma Goodbun.

Precursor no estudo dos recursos globais, *The Limits to Growth* (1972)¹³ se utilizava de modelos computadorizados para analisar cinco tendências de preocupação mundial - *industrialização acelerada, rápido crescimento populacional, desnutrição generalizada, esgotamento de recursos não renováveis e um ambiente em deterioração* - e procurar compreender as causas dessas tendências, suas inter-relações e suas implicações nos próximos cem anos. Incluia importantes viáveis, como população, produção de alimentos e poluição, não como entidades independentes, mas como elementos de interação dinâmica. O estudo ainda previa que, sem mudanças significativas, poderia haver um colapso civilizatório no final do século XXI.

prediction of mankind. Nova Iorque: Universe Books, 1972. p. 34.

8 Dados do relatório da ONU - *World Population Prospects: The 2017 Revision*. Disponível em: <<https://population.un.org/wpp/>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

9 Thomas Robert Malthus (1766-1834) foi um economista inglês, considerado um dos mais influentes da escola 'clássica', ao lado de Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823).

10 "A população cresce a uma taxa geométrica ao longo do tempo, a oferta de alimentos a uma taxa aritmética; em determinado momento, a demanda por alimentos excederá a oferta; o crescimento populacional deve, portanto, ser restrin-*gido* diante da escassez prevista." MALTHUS apud GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 18. Ver citação original na página 41. MALTHUS, Thomas. *Essay on the Principle of Population*. Londres: J. Johnson, 1798.

11 BUTLER, Colin D. *Limits to growth, planetary boundaries, and planetary health. Current Opinion in Environmental Sustainability*. Volume 25, 2017. p. 60.

12 GOODBUN, Jon; TILL, Jeremy; IOSSIFOVA, D e Ijana. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc, 2012. p. 08.

13 MEADOWS, D., et al. *The Limits To Growth: A Report for The Club of Rome's project on the prediction of mankind*. Nova Iorque: Universe Books, 1972.

Inicialmente considerado com estima, a influência deste trabalho diminuiu em face do crescimento do neoliberalismo e do sucesso da Revolução Verde.¹⁴ Neste início de milênio, porém, o tema é retomado em uma série de novos estudos. Conceitos como o *planetary boundaries* (2009)¹⁵ têm sugerido evidências convincentes das limitações de recursos inerentes à vida no planeta. De acordo com o estudo liderado por cientistas do Centro de Resiliência de Estocolmo e da Universidade Nacional da Austrália, os limites planetários hoje seriam nove, todos modificados pela ação humana: *perda da biodiversidade, mudanças climáticas, ciclos biogeoquímicos - do nitrogênio e do fósforo, abusos no uso da terra, mudanças no uso da água, degradação da camada de ozônio e carregamento de aerossóis para a atmosfera*. Destes nove limites, três já teriam sido ultrapassados: a perda de biodiversidade, as mudanças climáticas e as alterações no ciclo do nitrogênio.

É inegável que muitos destes processos que acarretam na iminente escassez de importantes recursos para a vida no planeta ajudaram a humanidade a alcançar seu nível atual de dominância e afluência. Trouxeram consigo, porém, um risco inaceitavelmente alto de efeitos adversos profundos para a saúde da população e outros aspectos do bem-estar humano, através da degradação dos processos de suporte vital.¹⁶

Enquanto as carências se multiplicam, o processo de modernização tem aumentado o risco na natureza da sociedade.¹⁷ Recentemente, Paul Crutzen sugeriu que estamos vivendo um novo período geológico profundamente marcado pelas alterações humanas no planeta: o Antropoceno.¹⁸ Esta nova época teria começado por volta de 1800, com a enorme expansão do uso de combustíveis fósseis nos processos de industrialização.

Embora atualmente as mudanças climáticas e as crises de recursos não sejam mais aceitas como causas exclusivas, podem ser consideradas 'multiplicadoras de riscos' de conflitos, migrações e fome. Acredita-se que as crises na Síria, no Iemen e no Sudão do Sul poderiam inclusive ser indicativos de saturações na utilização local de recursos.¹⁹ Nesse sentido, dentro de um ambiente contemporâneo, o risco tem sido geral, não mais específico, democrático mais do que hierárquico e global mais do que local.²⁰

O amplo processo de modernização vivenciado nos últimos séculos e a consequente globalização fizeram com que agora os riscos fossem amplamente difundidos. A contaminação ambiental tornou-se, portanto, generalizada. Todos os membros de uma sociedade estão expostos de formas semelhantes a tais perigos, e a possível deterioração do capital natural ao longo deste século é a principal inquietude a longo prazo,²¹ mesmo que os economistas em particular ainda não tenham conseguido entender as consequências finais deste processo de transição da terra aberta para a esfera fechada.²²

Um número crescente de mudanças tem tornado a realidade cotidiana cada vez mais complexa. Todas estas mudanças, nos colocam constantemente em um mundo de escassez.

Mas o que, de fato, seria a escassez?

¹⁴ BUTLER, Colin D., 2017, op. cit. p. 60.

¹⁵ Ver: *Planetary boundaries research*. Disponível em: <<http://www.stockholmresilience.org/research/planetary-boundaries.html>>

¹⁶ BUTLER, Colin D., 2017, op. cit. p. 63.

¹⁷ TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*. Londres: Sage Publications, 2001. p. 34.

¹⁸ Ver FRAGMENTO 3. p. 49.

¹⁹ BUTLER, Colin D., 2017, op. cit. p. 60.

²⁰ TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris, 2001, op. cit. p. 34.

²¹ PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p. 688.

²² BOULDING, Kenneth E. *The Economics of the Coming Spaceship Earth*. in: Jarrett, H. (ed.). *Environmental Quality in a Growing Economy, Resources for the Future*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1966. p. 03.

"A escala da alteração humana sobre o mundo natural é difícil de exagerar. Os seres humanos converteram cerca de um terço da superfície terrestre, não coberta por gelo ou deserto, em terras agrícolas ou pastagens e, anualmente, cerca de metade de toda a água doce acessível é apropriada para uso humano. Desde 2000, os seres humanos derrubaram mais de 2·3 milhões de km² de floresta primária. Cerca de 90% das pescas monitoradas estão no limite máximo ou superam o rendimento sustentável. Na busca da energia e do controle sobre os recursos hídricos, a humanidade represou mais de 60% dos rios do mundo, afetando mais de 0·5 milhão de km de rio. A humanidade está levando as espécies à extinção a uma taxa superior a 100 vezes a observada no registro fóssil, e muitas das espécies ainda restantes estão diminuindo em número. O Relatório Planeta Vivo de 2014 estima que as populações das espécies vertebradas tenham sido reduzidas pela metade nos últimos 45 anos. As concentrações dos principais gases de efeito estufa - dióxido de carbono, metano e óxido nitroso - atingiram seus níveis mais altos em, pelo menos, 800 mil anos. Como consequência dessas ações, a humanidade tornou-se um determinante primário das condições biofísicas da Terra, dando origem a um novo termo para a época geológica atual, o Antropoceno."¹³

FRAGMENTO 3 | Antropoceno é uma combinação das raízes das palavras em grego *anthropo* que significa "humano" e - *ceno* significando "novo". O termo foi criado pelo biólogo Eugene F. Stoermer nos anos 80 e popularizado na primeira década dos anos 2000 por Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química, significando a delimitação de uma nova época Cenozóica definida pelas mudanças decorrentes das ações do ser humano no planeta.

Citação original: "The scale of human alteration of the natural world is difficult to overstate. Human beings have converted about a third of the ice-free and desert-free land surface of the planet to cropland or pasture and annually roughly half of all accessible freshwater is appropriated for human use.²² Since 2000, human beings have cut down more than 2·3 million km² of primary forest. About 90% of monitored fisheries are harvested at, or beyond, maximum sustainable yield limits. In the quest for energy and control over water resources, humanity has dammed more than 60% of the world's rivers, affecting in excess of 0·5 million km of river. Humanity is driving species to extinction at a rate that is more than 100 times that observed in the fossil record²³ and many remaining species are decreasing in number. The 2014 Living Planet Report²⁴ estimates that vertebrate species have, on average, had their population sizes cut in half in the past 45 years. The concentrations of major greenhouse gases — carbon dioxide, methane, and nitrous oxide — are at their highest levels for at least the past 800 000 years. As a consequence of these actions, humanity has become a primary determinant of Earth's biophysical conditions, giving rise to a new term for the present geological epoch, the *Anthropocene*." WHITMEE, Sarah; et al. *Safeguarding human health in the Anthropocene epoch: report of The Rockefeller Foundation - Lancet Commission on planetary health*. *The Lancet*, v. 386, n. 10007, 2015. p. 1975-1976. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(15\)60901-1.pdf](http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(15)60901-1.pdf)> Acesso em: 1 jul 2017. tradução do autor.

aproximação ao tema

Há muito a ideia de escassez faz parte da tentativa de entendimento da relação do homem com o mundo. "Spanis, do grego antigo, corresponde ao senso de escassez pré-moderno e limitado, significando 'escassez, raridade, carência, falta de algo'",²³ explica Xenos. O termo reflete as atitudes gregas em relação ao seu entendimento das necessidades humanas: insuficiências determinadas por necessidades naturalmente limitadas.

O ser humano, como criatura dependente do meio em que vive e possuidora de necessidades fisiológicas básicas para seu manutenção, necessita de um ambiente protegido, de atividades e repouso e de recursos naturais escassos como água e alimentos. Onde faltam meios para satisfazer estas necessidades naturais, há *spanis*.

A escassez está também relacionada com os antigos conceitos greco-latinos de *fortuna* e *má fortuna*. Conforme coloca Foucault, a falta de comida é um infortúnio em seu estado puro. Seu fator mais imediato e aparente sempre foi o mau tempo: a seca, a geada, a umidade excessiva; a imprevisibilidade.²⁴

A escassez de alimentos ocasionada por um ou outro destes fatores naturais sempre foi fonte de preocupação para qualquer tipo de governo, já que a má fortuna na colheira poderia resultar em falta de alimentos, fome e, em último caso, revolta e derrubada de poderes. A má fortuna, assim, não é apenas um reconhecimento de impotência, mas passa a ser também um importante conceito político, moral e cosmológico. Não apenas uma maneira de pensar sobre o infortúnio político filosoficamente, mas também um esquema de comportamento no campo político.²⁵

O entendimento de escassez, contudo, vai mudar constantemente durante o passar do tempo. Para Sartre, é a escassez, como uma tensão real e constante às relações humanas, que explica as estruturas fundamentais (técnicas e institucionais) de nossa sociedade - "não no sentido de que é uma força real e que as produziu, mas porque foram produzidas no meio da escassez por homens cuja práxis interioriza essa escassez, mesmo quando tentam transcendê-la."²⁶ A escassez é determinação contingente de nossa relação com a materialidade e com a própria História. A história da escassez é, então, a própria história do homem.²⁷

Nas sociedades feudais, uma série de obrigações e proibições em relação à distribuição de alimentos fizeram parte do controle da escassez. Posteriormente, nas sociedades mercantis - como podemos acompanhar no relato de Foucault²⁸ - surge um conjunto particular de sistemas para lidar com as ameaças da escassez.

Regulamentações na produção e fornecimento de grãos através de controles de preços; proibição de acúmulo de grãos e reservas de mercado; restrições quanto à exportação e limitação de áreas cultiváveis. Medidas destinadas a limitar a abundância excessiva, e com isso o colapso de preços, garantindo assim algum tipo de lucro, mesmo que mínimo, aos produtores. Medidas também destinadas a evitar a escassez, a fim de proteger a riqueza de uma nação e suprimir a revolta e a agitação política que podem resultar da falta de alimentos.

²³ XENOS, Nicholas. *Scarcity and Modernity*. Londres: Routledge, 1989. p. 03.

²⁴ FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 41.

²⁵ Ibid. p. 41.

²⁶ SARTRE, Jean-Paul. *Critique of Dialectical Reason*. Londres e Nova York: Verso, 2004. p. 127.

²⁷ Ao ponto de Sartre determiná-la com base da possibilidade da história humana, aquilo que nos define como homens, indivíduos particulares produzindo História e afirmar que "todo o desenvolvimento humano, ao menos até hoje, tem sido uma luta amarga contra a escassez". Ibid. p. 123-126.

²⁸ Ver FRAGMENTO 4. p. 53.

Tais sistemas de controle, contudo, possuíam um grande demérito em meio a uma sociedade que lutava por liberdades individuais enquanto presenciava uma série de mudanças sociais e tecnológicas, ao ponto de considerar-se iluminada: eram extremamente controlados pelo Estado.

Uma nova concepção de economia, através da liberdade de comércio e circulação de bens, entre eles os grãos, surgia no Iluminismo europeu. O sistema jurídico-disciplinar deveria ser evitado a qualquer custo. Para os fisiocratas,²⁹ escassez e preços elevados basicamente não eram um problema: "Não deveriam ser pensados como um mal, isto é, deveriam sim ser considerados como um fenômeno que, em primeiro lugar, é natural e, consequentemente, nem bem nem mal. São o que são",³⁰ descreve Foucault.

Os novos liberais demonstravam uma profunda rejeição à escassez como até então era entendida, sempre relacionada à moralidade, e acreditavam que com uma técnica como a pura e simples liberdade de circulação de grãos, não poderia haver mais a escassez de alimentos. No fundo, para eles, existia um entendimento de que a escassez nunca seria a ausência total de meios de subsistência necessários para uma população, porque se assim fosse, a população simplesmente morreria, e nunca se viu uma população desaparecer devido à falta de comida.³¹

O fenômeno da escassez, como condição simultaneamente individual e coletiva - fome e flagelo geral - deixava de existir.

Para os liberais fisiocratas, através da invenção de um simples dispositivo de '*laissez-faire*',³² um aparato de segurança, não haveria mais falta de alimentos ao nível da população. Preços deixariam de ser controlados pelo Estado e baixariam ou aumentariam quando a tendência de mercado indicasse. O fenômeno da escassez seria produzido e desenvolvido em uma série de sistemas mercadológicos, implicando precisamente em seu próprio auto-freio e auto-regulação.

Decorre aí uma divisão do efeito de escassez. Deixa de existir a escassez como condição geral. É possível que haja a escassez como condição individual, alguma dificuldade em comprar trigo e, consequentemente, alguma fome. Algumas pessoas podem até morrer de fome; porém, deixando que essas pessoas morram de fome, será possível transformar a escassez em uma químera e impedir que ela ocorra de forma maciça, no flagelo típico dos sistemas anteriores. O evento de escassez está, assim, dividido: "a escassez-flagelo desaparece, mas a escassez que causa a morte de indivíduos não só não desaparece, como não deve desaparecer".³³

Os novos conceitos liberais seriam adotados em uma França que enfrentava um crescimento demográfico expressivo, fortes movimentos migratórios, crise financeira, baixa produção agrícola, fome e miséria.

E, em 1789, Revolução.

²⁹ A fisiocracia, considerada a primeira escola da economia científica, antes até mesmo da teoria clássica de Adam Smith, é uma teoria econômica que surgiu para se opor ao mercantilismo, apresentando-se como fruto de uma reação iluminista.

³⁰ FOUCAULT, Michel. *Security, Territory, Population: Lectures at the Collège de France 1977-78*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007. p. 52

³¹ Ibid. p. 61

³² '*laissez-faire*' ou deixar-fazer, é a expressão que simboliza o liberalismo econômico, na versão mais pura de capitalismo de que o mercado deve funcionar livremente, sem interferência.

³³ FOUCAULT, Michel, 2007, op. cit. p. 64.

"Durante muito tempo, a escassez foi combatida por um sistema que eu diria ser tanto jurídico quanto político, um sistema de legalidade e um sistema de regulamentos, que era basicamente destinado a prevenir a falta de alimentos, isto é, não apenas detê-la ou erradicá-la quando ocorresse, mas, literalmente, evitá-la e garantir que não possa acontecer. Este é um sistema jurídico e disciplinar que, concretamente, toma as formas clássicas que se conhece: controle de preços e, especialmente, controle do direito à estocagem; a proibição de acúmulo com a consequente necessidade de venda imediata; limites à exportação, a proibição de enviar grãos para o exterior e a limitação da extensão da área cultivada como a maior restrição nesse aspecto, porque se o cultivo de grãos é muito extenso, o excedente desta abundância resultará em um colapso de preços, evitando, assim, os camponeses de irem à falência. Portanto, há uma série de controles sobre preços, armazenamento, exportação e cultivo. Este também é um sistema de restrições, uma vez que as pessoas serão obrigadas a semear pelo menos uma quantidade mínima, ou o cultivo dessa ou daquela cultura será proibido. Por exemplo, as pessoas serão obrigadas a puxar as videiras de modo a força-las a semear grãos. Os comerciantes serão obrigados a vender antes que os preços aumentem e um sistema de supervisão estabelecido após as primeiras colheitas permitirá que as ações sejam verificadas e evitem a circulação entre diferentes países e províncias. O transporte marítimo de grãos será proibido. Qual o objetivo da organização deste sistema jurídico e disciplinar de controles, restrições e supervisão permanente? O objetivo é, naturalmente, que os grãos sejam vendidos ao menor preço possível para que os camponeses obtenham o menor lucro possível e as pessoas da cidade possam, portanto, ser alimentadas ao menor custo possível e, consequentemente, receber os salários mais baixos possíveis. Como se sabe, a regulamentação, reduzindo o preço de venda do grão, o lucro dos camponeses, o custo de compra para as pessoas e os salários, é o grande princípio político que foi desenvolvido, organizado e sistematizado ao longo do que podemos chamar de período mercantilista, se por mercantilismo, entendermos as técnicas de governo e gestão da economia que praticamente dominaram a Europa desde o início do século XVII até o início do século XVIII. Este sistema é basicamente um sistema antiescassez, pois o que essas proibições e obstáculos pretendem alcançar? Por um lado, todos os grãos serão colocados no mercado o mais rápido possível. [Com grãos] colocados no mercado o mais rápido possível, o fenômeno da escassez será relativamente limitado e, mais importantemente, a proibição de exportação, acúmulo e aumento de preços impedirá o mais preocupante: os preços fora de controle nas cidades e pessoas em revolta."⁴

escassez econômica

Malthus, em *Ensaio sobre o Princípio da População* (1798), foi quem primeiro introduziu a ideia de escassez 'natural' ou 'absoluta', baseada em recursos finitos, argumentando que o crescimento populacional em proporções geométricas em contraposição à expansão linear dos suprimentos alimentares irá invariavelmente resultar em fome e escassez.³⁴

Poucas vezes um enunciado teve tanto poder. O *Princípio da População*, altamente influenciado por ideais iluministas e uma série de eventos importantes, entre eles as más colheitas inglesas de 1794 e 1795, a perda britânica de suas colônias americanas e, principalmente, a Revolução Francesa, tem sido base para todo e qualquer pensamento econômico desde então - sejam estes favoráveis ou contrários a suas ideias - e influenciado uma série de pensadores modernos.

Mais do que qualquer outro episódio, a Revolução Francesa simbolizou a possibilidade de rompimento histórico e serviu como ímpeto para o desenvolvimento de diversos esquemas utópicos, muitos deles contendo uma visão de humanidade aperfeiçoadas que então parecia alcançável.³⁵

Quando a economia política clássica nasceu, no Reino Unido e na França, ao final do século XVIII e início do XIX, a questão da distribuição se encontrava no centro de todas as análises. A 'questão social' se afirmava como aspecto inevitável e indispensável da política. Estava claro que transformações radicais entraram em curso, propelidas pelo crescimento demográfico sustentado — inédito até então — e pelo início do êxodo rural e da Revolução Industrial.³⁶

As ideias de Malthus foram tão importantes para a sociedade britânica na virada de século que alteraram para sempre a imagem da natureza na percepção do homem: "da harmonia benigna a um desequilíbrio inexorável entre o suprimento natural da natureza e a necessidade do homem tanto para o alimento como para o sexo."³⁷ Reconhecidamente são os conceitos de Malthus que dariam base para o desenvolvimento da teoria evolutiva das espécies de Darwin.

Neste contexto, a burguesia conquistava o poder político na França e na Inglaterra, e a luta de classes assumia, teórica e praticamente, formas cada vez mais acentuadas e ameaçadoras. Eram sociedades em meio a profundas transformações. Havia um grande crescimento econômico liderado pelas novas tecnologias industriais e um massivo êxodo rural e consequente crescimento urbano.

Novas tecnologias propiciavam o aumento da produtividade agrícola e, por consequência, também o crescimento demográfico. Nas cidades, as jornadas de trabalho eram longas e os salários baixos. Surgia uma nova miséria urbana, mais visível e extrema do que a miséria rural do Antigo Regime. E, embora pouco alterada, a ordem social assumia um aspecto paradoxal que não havia antes: a existência simultânea da pobreza e da afluência, que começou a ser percebida como uma situação anômala.³⁸

Se no final do século XVIII Malthus se preocupava com a superpopulação, no início do novo século, David Ricardo estava interessado na elevação dos preços das terras, que começavam a ficar escassas frente ao aumento populacional.

34 MALTHUS, Thomas. *Essay on the Principle of Population*. Londres: J. Johnson, 1798. p. 04.

35 XENOS, Nicholas. *Scarcity and Modernity*. Londres: Routledge, 1989. p. 35.

36 PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p. 11.

37 YOUNG, Robert M. *Malthus and the Evolutionists: The Common Context of Biological and Social Theory*. Past and Present, 1969. p. 111.

38 XENOS, Nicholas. *Scarcity and Modernity*. Londres: Routledge, 1989. p. 36

Quando Marx publicou o primeiro tomo de *O Capital* (1867), novas realidades econômicas e sociais estavam presentes: "não se tratava mais de saber se a agricultura poderia alimentar uma população crescente ou se o preço da terra aumentaria até chegar ao céu, mas sobretudo de entender a dinâmica de um capitalismo industrial a pleno vapor",³⁹ explica Piketty. Em mais de meio século de desenvolvimento industrial e inovações tecnológicas, a situação das massas continuava tão miserável quanto antes.

Como Ricardo, Marx baseou seu trabalho na análise das contradições lógicas internas do sistema capitalista. O fracasso do sistema econômico e político parecia evidente. Nenhum equilíbrio estável, socioeconômico ou político, seria possível.⁴⁰

Marx concluirá que "a tendência do capital é de se acumular e se concentrar nas mãos de uma parcela cada vez mais restrita da população, sem que houvesse um limite natural para esse processo", ocasionando a derrocada do capitalismo inevitavelmente de uma das seguintes formas: "ou a taxa de rendimento do capital cairia continuamente (emperrando o motor da acumulação e fomentando conflitos violentos entre os donos do capital), ou a participação do capital na renda nacional cresceria indefinidamente (o que, mais cedo ou mais tarde, levaria a uma revolta dos trabalhadores)",⁴¹ segue Piketty.

Até este momento todas as construções econômicas - Malthus, Ricardo, Marx, Mills, Ruskin - são essencialmente morais em sua intenção de tentar resolver o paradoxo da afluência e da escassez, neste sentido dando continuidade às teorias de Smith, Hume e Rousseau - seja apoiando ou criticando o *status quo*.⁴²

No final do século, uma abordagem diferente à experiência da escassez tomou forma. Seguindo as especializações científicas e com a intenção de eliminar a metafísica do estudo da economia humana, em meio a debates sobre a extensão e conteúdo da teoria econômica, fez-se o triunfo da Economia Neoclássica sobre os descendentes da Economia Política Clássica.⁴³

William Stanley Jevons na Inglaterra, Leon Walras na Suíça e Carl Menger na Áustria, simultaneamente, mas de forma independente, desenvolvem os fundamentos básicos para a teoria da utilidade marginal, centro da nova ciência econômica. "No centro desta teoria reside o que veio a ser conhecido como o postulado de escassez, uma suposição da universalidade da condição de escassez que de uma vez dà à Economia Neoclássica seu foco e fornece a legitimidade de suas reivindicações à ciência",⁴⁴ explica Xenos. Esta afirmação seria resumida por Lionel Robbins cinquenta anos depois.⁴⁵

Robbins descreve a economia como uma disciplina neutra, preocupada com esse aspecto do comportamento que decorre da escassez de meios para alcançar determinados fins. A escassez se torna, assim, uma condição prévia essencial para todo e qualquer comportamento econômico e a Economia assume a forma que tem ainda hoje, uma ciência de escolha em condições de escassez. Sua suposta neutralidade remove quaisquer manchas políticas ou ideológicas. "Ao sistematizar o postulado da escassez dessa maneira, a Economia Neoclássica descobriu o que o século XVIII inventou: uma condição universal de escassez"⁴⁶, coloca Xenos.

Desde então vivemos em uma era de escassez, conforme definido pelo sistema econômico capitalista.⁴⁷

39 PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrinseca, 2014. p. 15.

40 Ibid. p. 16-17.

41 Ibid. p. 17.

42 XENOS, Nicholas. *Scarcity and Modernity*. Londres: Routledge, 1989. p. 67.

43 Ibid. p. 67

44 Ibid. p. 68

45 Ver FRAGMENTO 5. p. 57.

46 Ibid. p. 69

47 GOODEBURN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 11.

"Fomos expulsos do Paraíso. Não temos nem a vida eterna, nem meios ilimitados de satisfação. Em todos os aspectos da vida, se escolhemos uma coisa, devemos renunciar a outras coisas a que, em circunstâncias diferentes, não gostaríamos de renunciar. A escassez de meios para satisfazer fins de diversas importâncias é quase uma condição ubíqua do comportamento humano. É essa, então, a unidade de objeto da Ciência Económica, as formas 'assumidas pelo comportamento humano na alocação de recursos escassos'!" ¹⁵

FRAGMENTO 5 | O postulado da escassez de Robbins:

Citação original: "We have been turned out of Paradise. We have neither eternal life nor unlimited means of gratification. Everywhere we turn, if we choose one thing we must relinquish other which, in different circumstances, we would not wish to have relinquished. Scarcity of means to satisfy given ends is an almost ubiquitous condition of human behavior. Here, then, is the unity of the subject of Economic Science, the forms assumed by human behavior in disposing of scarce means." Retirado de: ROBBINS, Lionel. *The Nature and Significance of Economic Science*. Londres: Macmillan, 1932. p. 15. tradução do autor.

Segundo a teoria da utilidade marginal, necessidades são infinitamente expansíveis, mas o indivíduo economizador - *o homo economicus* - está continuamente envolvido na alocação de recursos que envolvem limitações em necessidades específicas, tornando-os calculáveis. O movimento de necessidade em necessidade então, simultaneamente, fornece as condições de saciedade e escassez absoluta e "as necessidades são satisfeitas somente enquanto houverem outras insatisfeitas às quais o indivíduo pode se voltar".⁴⁸

A noção de necessidade como desejo, também encontrada em Smith e Hume, agora ocorre de forma dessocializada. Anteriormente, havia sido construída em meio a uma concepção ampla da história da sociedade civil, na qual era característica humana buscar um aprimoramento cada vez maior em coisas úteis, como motor para o desenvolvimento da sociedade civilizada, em oposição à não civilizada.

A concepção neoclássica da necessidade é apresentada a partir de uma origem individual, sendo construída exclusivamente a partir das preferências do indivíduo, sem qualquer vestígio de determinação social.

Ao contrário de Aristóteles, que tinha uma concepção das necessidades como algo natural, e de Marx, que às concebia como composição social, a teoria da utilidade marginal é deliberadamente despreocupada com as fontes dos desejos do indivíduo ou com o processo pelo qual as pessoas os ordenam. Limita-se a estipular que tais desejos existem como fato empírico e que são possíveis de serem ordenados. "A única questão de qualquer relevância para os marginalistas é o fato de que um bem entrou no 'domínio do econômico' porque um indivíduo o quer ou quer mais dele e expressa essa vontade."⁴⁹

Enquanto a Economia Política Clássica tomou a riqueza como objeto, a Economia Neoclássica se concentrou em ações economizadoras, começando com as individuais e depois agregando-as. A partir deste momento, a Economia se torna uma ciência unicamente racional, evitando questões filosóficas e históricas que necessariamente entram na definição social de riqueza e, consequentemente, evitando disputas ideológicas - como as de Malthus e Marx.

Evita também questões morais como a questão da abundância e de como a riqueza poderia ser alcançada e quais os resultados sociais desta condição. O fim da Economia passa a ser não mais o aumento físico dos bens, mas sempre a maior satisfação possível das necessidades humanas.⁵⁰ A Economia transformaria necessidades em dados e se dedicaria a estudar maneiras pelas quais os indivíduos buscam maximizar sua satisfação. Este *modus operandi* lhe garantiria um nível de universalidade adequado a uma iniciativa com intenção científica.

A universalidade estava estabelecida em dois sentidos. Mesmo que em um primeiro momento pareça restringir sua ciência, limitando-a a situações de escassez, a Economia Neoclássica espera que mais e mais bens entrem no domínio da escassez - tornando-se assim 'bens econômicos' - através do constante crescimento das necessidades humanas.

O avanço da civilização, neste caso, acabaria por tornar as situações de escassez generalizadas, e, juntamente com elas, a aplicabilidade das ciências econômicas. A disciplina se restringe e se expande ao mesmo tempo. Ainda, ao tratar as situações nas quais necessidades excedem a oferta como situações de escassez, assume que todas essas situações são comparáveis e sujeitas a análises de acordo com a mesma lógica de cálculo e, portanto, de mercado.

48 XENOS, Nicholas. *Scarcity and Modernity*. Londres: Routledge, 1989. p. 69-70.

49 Ibid. p. 70.

50 MENGER, Carl. *Principles of Economics*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007. p.190.

Existe aí uma suposição sobre a natureza humana e a razão humana incorporada no fundamento da Economia Neoclássica, assumindo que, em níveis profundos, os indivíduos experimentam o mundo e reagem a ele da mesma maneira. "A Economia pôde ser estabelecida universalmente como um discurso aplicável a qualquer sociedade a qualquer momento, desde que se possa determinar uma situação de escassez."⁵¹

Havia se estabelecido um universo de desejos, propulsionado pelos grandes avanços no comércio e na indústria, e a Economia passaria a se apropriar deste universo para afirmar-se como ciência universal. Estas necessidades, em muitos casos, passam a ser intencionalmente criadas com a finalidade de realizar lucros. Colocam-se como necessidades do capital e não necessariamente dos seres humanos como indivíduos autônomos.⁵²

Os mercados passam a ser cruciais economicamente, porque é neles que os indivíduos são capazes de expressar seus desejos. São também eficientes ferramentas para a medição de tal expressão, tendo em vista que a conveniência ou a utilidade de uma coisa para uma pessoa é comumente medida pela quantidade de dinheiro que este pagará por ela. O dinheiro passa a desempenhar um papel importante neste sistema, como equalizador das sociedades de mercado.⁵³

A inserirem-se em um sistema quantitativo, fins para os quais as necessidades ou desejos são direcionados, assim como os meios pelos quais estes fins são obtidos, acabam situados em um *continuum*, possibilitando sua comparação.

"O mundo passa a ser experimentado como um mundo de escolha, um mundo no qual tudo pode ser potencial, mas apenas um pouco por vez e, portanto, como um mundo de desejo perpétuo e, necessariamente, de frustração perpétua."⁵⁴

A escassez torna-se, então, a *raison d'être* da Economia Neoclássica em suas tentativas de teorizar e descrever os mercados e seu funcionamento,⁵⁵ é tomada como parte de uma forma de conhecimento que vê e reproduz o mundo a partir das prioridades econômicas dos mercados capitalistas.⁵⁶

Mercados, neste sentido, são respostas lógicas a situações de escassez, funcionam como reguladores de recursos escassos através dos preços - que são o principal instrumento de economia da sociedade, ao assegurarem que recursos escassos não serão aplicados ao atacado para usos menos importantes⁵⁷ - e se apropriam de mecanismos como o da oferta e demanda em busca de equilíbrios no processo.

O equilíbrio é muito importante nos sensíveis mercados financeiros. Uma baixa geral dos preços das mercadorias se expressa como aumento do valor relativo do dinheiro, ao passo que uma alta geral dos preços se expressa como queda do valor relativo do dinheiro. Com preços altos, circula dinheiro de menos e, com preços baixos, dinheiro de mais. A eficiência se torna uma importante relação entre fins e meios.

No conceito econômico, uma situação ineficiente nada mais é do que a afirmação de que poderíamos atingir os fins desejados com a utilização de menos recursos, ou que os meios empregados poderiam produzir mais dos fins desejados.

⁵¹ XENOS, Nicholas. *Scarcity and Modernity*. Londres: Routledge, 1989. p. 50.

⁵² MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. p. 30.

⁵³ "O dinheiro é um sistema linguístico em que coisas qualitativamente diferentes podem ser expressas em termos quantitativos e, assim, trazidas para um discurso social comum." XENOS, Nicholas. op. cit. 1989. p. 74.

⁵⁴ XENOS, Nicholas, 1989. op. cit. p. 75.

⁵⁵ GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 11.

⁵⁶ GOODBUN, Jon; TILL, Jeremy; IOSSIFOVA, Deljana. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc, 2012. p. 09.

⁵⁷ PARSONS, Talcott. *The structure of social action*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1937. p. 234.

"Qualquer um que acredite que o crescimento exponencial pode durar para sempre num mundo finito é louco ou economista." ¹⁶

FRAGMENTO 6 | Citação original: "Anyone who believes exponential growth can go on forever in a finite world is either a madman or an economist." Atribuída à Kenneth Boulding in: *Energy Reorganization Act of 1973: Hearings, Ninety-third Congress, First Session, on H.R. 11510*. Washington: U.S. Govt. Print. Off., 1973. p. 248. tradução do autor.

Mercados são também a institucionalização de situações de escassez. Dependentes de desequilíbrios de oferta e demanda, os preços atuam como mediadores entre o fornecimento existente e a demanda efetiva.

Sistemas econômicos, para manterem-se em correto funcionamento, são extremamente complexos e sensíveis. A necessidade de equilíbrio desequilibrado leva atores do mercado a manipularem situações de oferta e demanda visando o bom funcionamento do mercado. Manipulações podem variar desde a restrição deliberada de oferta - subsídios e restrições - à deliberada estimulação da demanda - através de publicidade, promoções e obsolescência programada.

A obsolescência projetada é uma ferramenta e também um sintoma da produção industrial contemporânea e expressa a necessidade do mercado em produzir constantemente. Assim, a escassez funciona como motor para o consumo. A possibilidade de criar consumíveis de forma interminável e ilimitada retrata uma sociedade de aparente abundância, que, por sua vez, mascara uma produção subentendida e subjacente de escassez. Como parte deste sistema cíclico de consumo, os desejos e as carências são consequências inevitáveis, concebidas e planejadas por ações e decisões mercadológicas. Tendo em vista os modelos sociais e econômicos atuais, a escassez é incentivada para que a produção seja mantida e sempre ampliada.⁵⁸

A afirmação do *laissez-faire* de que um mercado idealmente livre se regulará com segurança ainda é recorrente no capitalismo neoliberal dominante de hoje. "A política agora é feita no mercado. Só que esse mercado global não existe como ator, mas como uma ideologia, um símbolo. Os atores são as empresas globais, que não têm preocupações éticas, nem finalísticas",⁵⁹ afirma Milton Santos.

A escassez, ao permear os discursos econômicos e políticos, afasta-se da neutralidade e assume uma forma ideológica, naturalizando e obscurecendo aspectos sociais e políticos de alocação de recursos.

No campo das políticas econômicas, a perseguição de uma máxima eficiência acaba se refletindo na implantação de políticas de austeridade: "A escassez é frequentemente invocada em tempos de crise - seja durante a crise do petróleo nos anos 1970, a 'verdade inconveniente' de uma catástrofe climática decorrente do CO₂, ou da 'era da austeridade', pós 2008, que se alastrou pela Europa, Estados Unidos e mundo afora."⁶⁰ A austeridade acaba por funcionar, no imaginário popular, como uma espécie de reação a períodos de abundância e gastos desenfreados.

Os períodos de austeridade aparecem assim, como algo necessário para o capitalismo. Uma fase de restabelecimento do equilíbrio econômico que não só evita questionamentos sobre um suposto crescimento contínuo e ininterrupto como também protege os interesses adquiridos no mercado. Entretanto, este sofrimento momentâneo e reversível é distribuído de forma desigual e agrava disparidades sociais, prejudicando de forma imediata os mais pobres, os desempregados e todos que dependem de serviços e assistência pública e que passam a suportar o peso dos cortes e da inflação. A austeridade, assim, está longe de ser uma parte inevitável e secundária da lógica econômica - refletindo o medo da escassez real - e corrobora com um programa profundamente ideológico que contribui para o aumento da desigualdade social.

58 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 08.

59 SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 33.

60 BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert; LEPIK, Andres; KALAGAS, Alexis. SI/NO: *The Architecture of Urban-Think Tank. SLUM lab N10*. München Architekturmuseum, 2015. p. 166.

Desta forma, mesmo não havendo uma escassez real de capital líquido, o que ocasiona um período de queda no crescimento é a escassez de oportunidades de investimento rentáveis que possam atender às crescentes quantidades de capital monetário no âmbito global da economia.

A austeridade pode, então, ser entendida como o mecanismo pelo qual as partes da economia atualmente não comercializada ou semi-mercantilizada - como a saúde pública, habitação e educação, ou mesmo países inteiros, como a Grécia - são abertas aos processos de mercantilização: "um mecanismo para novos processos de cerco, ou acumulação primitiva por expropriação."⁶¹

⁶¹ GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy, 2014, op. cit. p. 16.

"O fato é que, após milhares de anos de História, três quartos da população mundial estão subnutridos. Assim, apesar de sua contingência, a escassez é uma relação humana muito básica, tanto para com a Natureza como para com os homens. Nesse sentido, a escassez deve ser vista como aquilo que nos torna estes indivíduos particulares, produzindo esta História em particular e nos definindo como homens. É perfeitamente possível conceber uma práxis dialética, ou mesmo o próprio trabalho, sem escassez. Na verdade, não há nenhuma razão pela qual os produtos exigidos pelo organismo não devam ser praticamente inesgotáveis, enquanto uma operação prática ainda for necessária para extraí-los da terra. Nesse caso, a inversão da unidade das multiplicidades humanas através das contra-finalidades da matéria ainda subsistiriam necessariamente. Pois essa unidade está tão ligada ao trabalho quanto à dialética original. Mas o que desapareceria seria a nossa qualidade como homens, e como essa qualidade é histórica, a especificidade real da nossa História também desapareceria. Então, é necessário, hoje, que todos reconheçam essa contingência básica como a necessidade que, ao longo de milhares de anos e também, diretamente, através do presente, nos obriga a ser exatamente o que somos." ⁷

FRAGMENTO 7 | Citação original: *"The fact is that after thousands of years of History, three quarters of the world's population are undernourished. Thus, in spite of its contingency, scarcity is a very basic human relation, both to Nature and to men. In this sense, scarcity must be seen as that which makes us into these particular individuals producing this particular History and defining ourselves as men. It is perfectly possible to conceive of a dialectical praxis, or even of labour, without scarcity. In fact, there is no reason why the products required by the organism should not be practically inexhaustible, while a practical operation was still necessary in order to extract them from the earth. In that case, the inversion of the unity of human multiplicities through the counter-finalities of matter would still necessarily subsist. For this unity is linked to labour as to the original dialectic. But what would disappear is our quality as men, and since this quality is historical, the actual specificity of our History would disappear too. So today everyone must recognise this basic contingency as the necessity which, working both through thousands of years and also, quite directly, through the present, forces him to be exactly what he is."* Retirado de: SARTRE, Jean-Paul. *Critique of Dialectical Reason*. Verso, Londres-Nova Iorque; 2004. p.123-124. tradução do autor.

escassez planejada

A sociedade de consumo estabeleceu um paradoxo: "o crescimento da escassez como resultado da abundância".⁶²

Lançado logo após o crash da economia norte-americana, o texto *Um Ensaio Sobre a Natureza e a Importância da Ciência Econômica* (1932), de Lionel Robbins, transformava as Ciências Econômicas em uma disciplina pura e analítica, fundamentada em postulados com aplicabilidade geral. A Economia tornava-se, assim, um campo da racionalidade e perdia de vez a ligação com preocupações anteriores como a moral e a ética.

Especializava-se e voltava-se unicamente para o alocamento eficiente de bens escassos com o intuito de obter o mais rápido e maior crescimento econômico possível e, assim, o progresso. Impulsionados pela escassez, crescimento e progresso tornavam-se o caminho para a prometida abundância e a igualdade. Estava, segundo Goodbun, armado o paradoxo: "as forças da modernidade - tecnologia, inovação e novidade - são aproveitadas nesta missão para banir a escassez. E, no entanto, esse voo da escassez, ao mesmo tempo, a exacerba".⁶³

A expressão 'crescimento' de certa forma sugere uma certa naturalidade, o que de alguma forma torna 'natural' a lógica econômica que liga o progresso ao crescimento. Os economistas esquecem de mencionar que o crescimento biológico é apenas uma parte de um ciclo natural: "crianças param de crescer e plantas morrem no final do verão".⁶⁴

A ideia de escassez se estabelece então como complexa e contraditória. Por um lado, do espectro ideológico, cultural ou político, a pobreza passa a ser entendida como a falta de modernidade e progresso ou resultado de fraquezas pessoais e atitudes anti-sociais; e, por outro lado, como algo estrutural, decorrente de um sistema de produção, distribuição e trocas pré-estabelecido e antidemocrático.⁶⁵

A própria condição de vivermos confinados em um mundo finito faz com que uma série de recursos naturais - os não renováveis - sejam, de fato, limitados. A escassez como algo absoluto, porém, não faz sentido.⁶⁶ Recursos limitados somente se tornam escassos se a demanda exceder a oferta. As condições da escassez são, assim, inevitavelmente baseadas nas interações humanas com os recursos naturais.

A escassez pode ser encontrada em meio à abundância, e a abundância pode ser encontrada fora dos esquemas característicos de crescimento econômico e acumulação material que vivemos e dos quais nos tornamos dependentes.⁶⁷ Carências percebidas nas sociedades, em grande parte dos casos, não se tratam meramente de uma questão de falta de recursos, mas sim de uma injusta alocação dos mesmos. O que podemos estar vendo em tempos de produções massivas é uma falha em destinar recursos de forma equitativa.⁶⁸

62 TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*. Londres: Sage Publications, 2001. p. 31-32.

63 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 22.

64 Ibid. p. 21.

65 GOODBUN, Jon; TILL, Jeremy; IOSSIFOVA, Deljana. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc, 2012. p. 09.

66 BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert; LEPIK, Andres; KALAGAS, Alexis. *SI/NO: The Architecture of Urban-Think Tank SLUM lab 10*. München Architekturmuseum, 2015. p. 168.

67 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy, 2014, op. cit. p. 17.

68 BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert; LEPIK, Andres; KALAGAS, Alexis. *SI/NO: The Architecture of Urban-Think Tank. SLUM lab No. 10*. TU München Architekturmuseum, 2015. p. 168.

Em um contexto de superprodução e de uma sociedade de consumo exacerbado, a questão urgente passa a ser a do acesso à condições básicas de subsistência: moradias dignas em terrenos estáveis, acesso aos direitos de propriedade, acesso a materiais e a técnicas construtivas para construir habitações seguras e confortáveis, em conjunto com infraestruturas básicas como energia elétrica, água potável, saneamento e transporte público.⁶⁹

Se, na Economia Neoclássica, a escassez surge como resultado dos insaciáveis desejos humanos, no pensamento econômico contemporâneo ela se transforma em paradoxo.

A escassez é o que, ao mesmo tempo, limita o mercado - através da regulamentação de recursos e da produção de demanda - e o que se apresenta como uma ameaça ao mercado irrestrito - ao considerar que o crescimento em que o capitalismo se apoia tem limites. Oscila, assim, entre a regulação da oferta e a tentativa de superação dos limites de crescimento. Neste sentido, se a regulamentação acarreta em maior desigualdade, com uma distribuição desigual de oportunidades, o crescimento gera novos contextos de escassez: "aumento da desigualdade social e insustentáveis modelos de extração material e biológica."⁷⁰

No último século, um outro fator foi determinante para o definitivo distanciamento da escassez de seu aspecto natural. Em 1971, gastos excessivos com a Guerra do Vietnã fizeram com que as reservas de ouro norte-americanas se reduzissem dramaticamente, levando a uma mudança drástica e decisiva no sistema monetário. Chegava ao fim o padrão-ouro e começava a época do câmbio flutuante em função da evolução dos mercados de capital internacionais.

"Ao desassociar o dólar de seu lastro em ouro e da produção material em geral, a escassez tornou-se verdadeiramente fantasmagórica, abstrata de qualquer realidade material e, mais que nunca, associada à especulação imaterial."⁷¹

A escassez tornou-se, então, um conceito ainda mais abstrato, afastando-se de qualquer relação com o natural, assumindo-se definitivamente como especulativa e absorvendo também um caráter relativo. O que é escasso para um indivíduo pode ser abundante para outro, porque os desejos humanos parecem ser finitos e elásticos,⁷² variando conforme as classes e contextos sociais. Neste sentido, uma tentativa de entendimento de qualquer fenômeno de escassez deve então sempre partir de uma relação com seu contexto e com a forma como é produzida.

A crise de 2008 é fruto da virtualização monetária e desta especulação imaterial. Mostra claramente que o sistema financeiro contemporâneo cria bolhas de ativos e escassez virtual, reforçando a ideia de que não necessariamente as carências percebidas são absolutas.⁷³ Esta sensação de escassez construída, baseada em imperativos econômicos neoliberais, atinge todas as esferas da operação humana, inclusive a que se refere à produção do ambiente construído. O próprio fato de se considerar algo como escasso reflete uma maneira particular de pensar o mundo e exemplifica nossa relacionamento com ele.⁷⁴

69 Ibid. p.169.

70 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 12.

71 Ibid. p. 12.

72 TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*. Londres: Sage Publications. 2001. p. 32.

73 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy, 2014, op. cit. p. 12.

74 Ibid. p. 17.





Desta forma, a teoria da utilidade marginal como um modelo universal para a compreensão da sociedade e da ação social também passa a ser questionada. Sociedades primitivas e modernas operam em dinâmicas econômicos muito diferentes⁷⁵ e tanto a abundância como a escassez podem se manifestar em cenários econômicos muito distintos.⁷⁶ "Sem nada com que comparar, os desejos são cumpridos e a escassez não é notada"⁷⁷ aponta Marx.

É possível, então, chegar à conclusão de que, longe de natural ou inevitável, a escassez é planejada.⁷⁸ Se, com a escassez situada em um nível primitivo, as desigualdades aparentemente não existem, é possível colocá-la como produto do atual sistema econômico que necessita de carências e se utiliza das mesmas para seu mantimento. Seria, em alguns casos, decorrente das restrições impostas pelas limitações planetárias, mas em muitos outros, resultante de falhas - às vezes propositais - na alocação de recursos, ou mesmo produto de carências projetadas ou desenhadas, tendo em vista a manutenção ou criação de demandas específicas ou maiores lucros. O resultado mais visível são as desigualdades sociais, de acesso à recursos e econômicas em geral. Em uma visão sociológica, a escassez vai existir no nível sócio-cultural, porque é produzida pela construção social de desejos, especialmente os chamados direitos artificiais.⁷⁹

Isso não significa, porém, que a escassez seja uma mera ilusão.

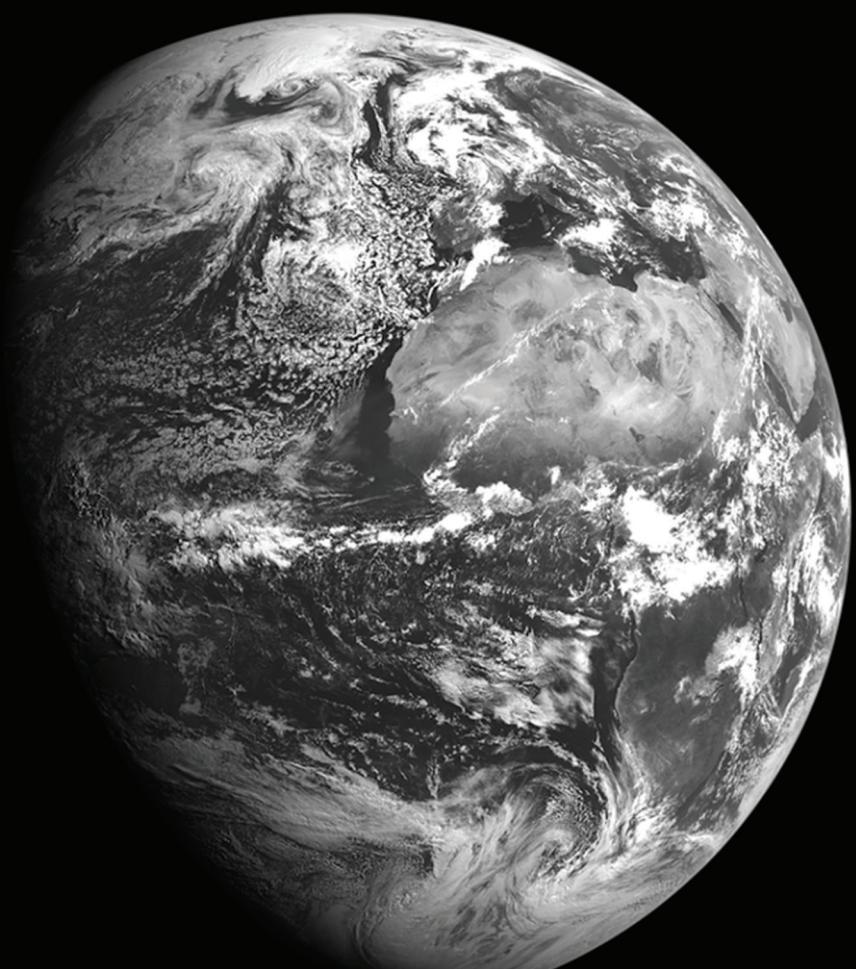
⁷⁵ TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. 2001, op. cit. p. 31.

⁷⁶ GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHÜBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 17.

⁷⁷ MARX, Karl. *Wage-labor and Capital*. New York: New York Labor News Co., 1902. apud GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHÜBER, Andreas; TILL, Jeremy. 2014. op. cit. p. 17.

⁷⁸ GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHÜBER, Andreas; TILL, Jeremy, 2014, op. cit. p. 12. p. 05.

⁷⁹ TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*. Londres: Sage Publications. 2001. p. 96.



"As imagens produzidas por um conjunto de satélites de observação com órbitas definidas em paralelos diferentes podem montar a imagem de uma seção contínua, norte-sul, entre dois meridianos do planeta. Um conjunto dessas imagens, a partir de tomadas, todas noturnas, puderam produzir uma montagem que mostra o planeta inteiro durante a noite. Ali a terra é céu. Vista do céu, de noite, ela é o céu e suas estrelas.

A imagem mostra o planeta inteiro à noite como se isso fosse possível! A montagem — que pode construir o movimento a partir de imagens estáticas, como no cinema — constrói um instante impossível a partir de diversas tomadas de um planeta em movimento. Nela, uma grande concentração luminosa, relativamente isolada, corresponde à cidade de São Paulo. A cidade está ali como uma constelação, cuja magnitude é mantida pela coexistência de cerca de 20 milhões de pessoas que acendem as luzes de noite. Poucas cidades no Brasil têm mais de 100 mil habitantes, todas elas aparecem na imagem. Há pelo menos 100 mil pessoas, a qualquer hora do dia ou da noite, sobrevoando o Oceano Atlântico. Mas nela não aparecem as luzes das rotas aéreas nem das rotas marítimas ou terrestres. Ela não registra as luzes que se movimentam, mesmo quando essas luzes têm a dimensão de cidades andando.

É uma imagem absurda e linda. Talvez seja também reveladora.

Nela, os limites entre continentes e oceanos desaparecem, eles cedem lugar a uma outra geografia. No lugar de terra e água, escuro e luz. Bilhões de pontos de luz. É o planeta aceso com lampadazinhas que foram rosqueadas nos seus soquetes com a palma de uma mão!

Alguém poderia considerar que é como se a luz, a universalidade da técnica, apagasse as diferenças culturais existentes no mundo. Mas vale notar que foi o próprio Galileu quem nos alertou para o fato de que ao telescópio o fenômeno essencial é aquele do movimento, ou seja, o fundamental é considerar nas observações celestes a dimensão do tempo. Aqui, nesse nosso telescópio invertido — nós somos o observador posto no céu e de lá, à distância dos satélites de observação, vemos a terra —, também vale o alerta de Galileu sobre o essencial na observação: o movimento, o que equivale dizer que o essencial é considerar a dimensão do tempo no espaço, o percurso das imagens através do seu andamento. Nesse sentido, as luzes que se observam, ainda que não exatamente coladas ao chão, são a superfície do planeta visto do céu à noite, elas são o que emana como camada mais recente do nosso mundo ou a camada mais rasa de uma arqueologia do processo histórico de construção das cidades. Além dessa camada, luminosa, há muito mais. Por maior que fosse a resolução de imagem daqueles satélites, estaríamos sempre ofuscados, sem poder ver senão o brilho de bilhões de lâmpadas elétricas acesas.

Se, à primeira vista, aquelas luzes dão aparência de homogeneidade, para uma observação atenta elas são a medida precisa da desigualdade fundamental do nosso mundo. Porque elas brilham com o consumo de energia elétrica, elas se concentram conforme o consumo: é o consumo de mercadorias que acende aquelas luzes. Por isso, as áreas de maior brilho correspondem às maiores riquezas. Nessa imagem — que seria a ilustração perfeita para a tese 34 de Guy Debord: O espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem — é possível medir, com a mesma precisão com que medimos o brilho das estrelas no céu, a magnitude do capital concentrado em alguns pontos do planeta e, inversamente, o abandono econômico dos pontos escuros.

Mais uma vez, vale lembrar, além das luzes há muito mais. Há o que está onde não existe luz nenhuma e há, também, áreas completamente escuras no meio daquelas muito iluminadas." ^{FB}





contrastes, o lado escuro do mundo

A imagem anterior pode nos dar importantes pistas em uma tentativa de entender o mundo contemporâneo. "Uma imagem absurda e linda."⁸⁰

Linda por sua estética, capaz de provocar um enorme impacto em quem a vê: um planeta iluminado pelo simples gesto de rosquear lampadazinhas "nos seus soquetes com a palma de uma mão!"⁸¹ O progresso das técnicas modernas, a possibilidade de se mover para fora do pequeno globo em que habitamos, de fazer registros fotográficos com enorme definição. Mais ainda, a capacidade de transformar a noite artificialmente em dia através da luz elétrica.

É também poética. As fragmentações do mundo contemporâneo, as terras privadas, as delimitações políticas, econômicas e sociais, todas tornam-se invisíveis. O mundo se transforma em um espaço sem fronteiras.

Porém, ao mesmo tempo que imagem se mostra linda, mostra-se também absurda, irreal. Composta por uma série de fragmentos sobrepostos, pois, mesmo do espaço, por sua geometria, é intrasponível a impossibilidade de se ter uma visão da totalidade do globo de uma única vez como nos habituamos a ver nos mapas. É impossível também que o planeta inteiro experiente a noite concomitantemente. O maior absurdo, porém, não paira na irrealidade da imagem, mas sim na desigual distribuição dos pequenos pontos luminosos na figura: "Se, à primeira vista, aquelas luzes dão aparência de homogeneidade, para uma observação atenta elas são a medida precisa da desigualdade fundamental do nosso mundo."⁸²

Estas pequenas luzes são o reflexo de uma sociedade global de consumo: "É o consumo de mercadorias que acende aquelas luzes."⁸³ As áreas brilhantes são também as mais ricas. As tecnologias evoluíram tanto que é possível medir, com a mesma precisão com que medimos o brilho das estrelas no céu, a magnitude do capital concentrado em alguns pontos do planeta e, inversamente, o abandono econômico dos pontos escuros. O capital transformado em espetáculo.⁸⁴

Singelamente a imagem representa um mundo moldado por seus contrastes, dividido entre um norte brilhante e um sul escuro. Há, ainda, "o que está onde não existe luz nenhuma e há, também, áreas completamente escuras no meio daquelas muito iluminadas."⁸⁵ Ser moderno é, assim, viver em um mundo de contradições.⁸⁶ "Nos encontramos, no início do século XXI, em um mundo paradoxal. Nossa capacidade de produzir e atender todas as nossas necessidades nunca foi maior, mas a desigualdade e a pobreza abundam."⁸⁷

Os últimos vinte e cinco anos foram marcados por uma série de mudanças no cenário político-econômico: globalização neoliberal, sociedades pós-coloniais, novas tecnologias de comunicação e informação, a crise ecológica. Um mundo cheio de favelas. Bolhas imobiliárias no Japão, na Holanda e na Finlândia, crises econômicas sucessivas na América Latina.⁸⁸

80 BUCCI, Angelo. *São Paulo, Razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes*. São Paulo: Romano Guerra, 1^a edição, 2010. p. 85.

81 Ibid. p.86.

82 Ibid. p.87.

83 Ibid. p.87.

84 DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

85 BUCCI, Angelo. 2010. op. cit. p. 87.

86 BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 21.

87 GOODBUN, Jon; TILL, Jeremy; IOSSIFOVA, Deljana. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc, 2012. p. 14.

88 MONTANER, Josep Maria; MUXÍ MARTINEZ, Zaida. *Arquitetura e política. Ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 1^a edição, 2014. p.19-20.

Nunca em nossa história houve um tão grande número de deslocados e refugiados como o que estamos presenciando atualmente. O fenômeno dos sem-teto hoje é um fato banal, e o desemprego é algo tornado comum. A crise norte-americana de 2008, suas consequências nos países periféricos da União Europeia, Grécia, Portugal, Irlanda e Espanha. Crises políticas no Brasil e na Turquia, a Primavera Árabe e a situação da Síria - a maior crise humanitária da nossa era⁸⁹ -, o perigoso crescimento do ISIS, os massivos movimentos migratórios, a recriação de fronteiras, o Brexit. A superconcentração da riqueza na Europa e Estados Unidos.⁹⁰

Participamos, neste início de milênio, de um mundo semelhante ao de cem anos atrás: "Somos testemunhas de transformações impressionantes, e é muito difícil saber até onde elas podem ir e qual rumo a distribuição da riqueza tomará nas próximas décadas, tanto em escala internacional quanto dentro de cada país."⁹¹ Os avanços tecnológicos não conseguem, contudo, diminuir e em muitos casos acabam por agravar as desigualdades.

Oscilações nos mercados financeiro e imobiliário colocam à prova a ideia de um panorama de crescimento contínuo, estável e equilibrado que contemple todas as áreas concomitantemente, enquanto a dinâmica de distribuição de riqueza revela-se como um mecanismo poderoso que ora tende para a convergência e, ora para a divergência, não permitindo a interferência de qualquer processo natural ou espontâneo para impedir que prevaleçam as forças desestabilizadoras, aquelas que potencializam a desigualdade.⁹²

"Um processo de convergência no âmbito mundial, com países emergentes reduzindo seus atrasos em relação aos desenvolvidos, parece hoje estar bem enraizado, embora a desigualdade ainda permaneça muito forte entre os países ricos e os países pobres,"⁹³ aponta Piketty. Esta convergência, porém, não é garantia de um mundo menos desigual.

Desde a década de 1970, a desigualdade voltou a aumentar nos países ricos. Nos Estados Unidos a concentração de renda na primeira década do novo século voltou a atingir — e até excedeu — o nível recorde visto nos anos 1910-1920. Além disso, a pobreza tem aumentado nos países desenvolvidos.

Processos de modernização tecnológica produzem crescentes disparidades econômicas e sociais. Grandes parcelas dos recursos nacionais são distribuídas como incentivo à modernização, colaborando com a concentração de renda e estabelecendo uma espécie de círculo vicioso: à medida que a renda continua a se concentrar, o consumo dos grupos de maior poder aquisitivo diversifica-se cada vez mais, e o desenvolvimento do perfil da demanda torna-se ainda mais inadequado, limitando a seleção daqueles que podem associar-se ao processo de modernização, pois apenas têm acesso aos produtos que os empresários consideram lucrativos, enquanto que simultaneamente a produção de bens de consumo popular diminui gradativamente.⁹⁴

A lógica do sistema capitalista, como colocada por Marx e pelos demais teóricos socialistas do século XIX, mesmo que não quantificassem a desigualdade desta forma, é "alargar incessantemente a desigualdade entre duas classes sociais opostas, os proletários e os capitalistas, e isso tanto no âmbito dos países industrializados como entre países ricos e países pobres."⁹⁵

89 De acordo com o relatório da ONU - *Human Rights Watch*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140829_siria_crise_humanitaria_hb>. Acesso em: 22 fev. 2015.

90 ver: PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014 e PIKETTY, Thomas. *A economia da desigualdade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

91 PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. p. 22-23.

92 Ibid. p. 27.

93 Ibid. p. 77.

94 SANTOS, Milton. *Pobreza urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 81.

95 PIKETTY, Thomas. *A economia da desigualdade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015. p.26.

"Pressões sobre o Planeta, Pressões sobre os Pobres

O século passado testemunhou um crescimento populacional sem precedentes, um desenvolvimento econômico e um estresse ambiental, mudanças que continuam até os dias de hoje. Entre 1900 e 2000, a população mundial cresceu de 1,6 bilhão para 6,1 bilhões. Desde 1950, 3,5 bilhões de pessoas foram somadas ao planeta, e 85% desse aumento ocorreu em países em desenvolvimento e em transição. As taxas mundiais de crescimento da população atingiram um pico no final da década de 1960 de cerca de 2% ao ano, mas a taxa atual de 1,2% ainda representa uma adição líquida de 77 milhões de pessoas por ano.

[...]

A economia global também experimentou um extraordinário crescimento ao longo do século passado. As estimativas variam, mas a economia global provavelmente aumentou de vinte a quarenta vezes de 1900 até o ano 2000. O ritmo da mudança tem sido especialmente evidente desde o final da Segunda Guerra Mundial; entre 1950 e 2002, a economia global cresceu de 6,7 trilhões para 48 trilhões. Essa incrível expansão econômica ocorreu durante uma época de acelerada globalização e, especialmente desde a década de 1980, de crescente fé no poder do mercado e na privatização. O crescimento econômico, a globalização e o aproveitamento das leis do mercado permitiram que o padrão de vida médio avançasse mais rápido do que o crescimento da população mundial, melhorando a qualidade de vida para bilhões. No entanto, os benefícios do crescimento econômico e da globalização foram distribuídos de forma desigual, tanto entre diferentes países e regiões quanto dentro de limites nacionais.

[...]

Mais de 1,2 bilhão de pessoas atualmente vivem em extrema pobreza, definidas por ter renda inferior a US\$ 1 por dia e um total de 2,8 bilhões (mais da metade da população do mundo em desenvolvimento) vivem com menos de US\$2 por dia.

[...]

Outros índices-chave do bem-estar humano revelam um padrão semelhante: progresso geral, porém com muitos países ficando para trás. Ao longo da última década, trinta e quatro países tiveram diminuição na expectativa de vida, vinte e um tiveram um aumento de pessoas famintas e 14 um aumento de crianças morrendo antes dos cinco anos de idade.

Esse padrão se reflete ainda no aumento da disparidades entre ricos e pobres. Em 1960, a relação entre o PIB per capita nos vinte países mais ricos e vinte países mais pobres era de 18 para 1; Em 1995, a proporção era de 37 para 1. Entre 1980 e o final da década de 1990, a desigualdade também aumentou em 33 dos 66 países para os quais existem dados adequados disponíveis. No conjunto, os 5% mais ricos das pessoas do mundo agora recebem 114 vezes a renda dos 5% mais pobres, e o 1% mais rico recebe o mesmo que os 57 por cento mais pobres. As taxas de falta de renda contam uma história semelhante. Uma década atrás, as crianças com menos de cinco anos tinham dezenas vezes mais probabilidades de morrer na África subsaariana do que nos países ricos, mas agora esta probabilidade é vinte e seis vezes maior. Na verdade, a América Latina e o Caribe foram as únicas partes do mundo em desenvolvimento onde as disparidades na mortalidade infantil em comparação com os países ricos não aumentaram na década de 1990.

[...]

As rápidas mudanças demográficas e econômicas ao longo do último século colocaram severas e aceleradoras pressões sobre recursos naturais e sistemas planetários de suporte à vida. A noção tradicional Malthusiana de que o crescimento exponencial da população impulsiona, sozinho, as tensões no meio ambiente vem sendo refutada há muito tempo.

[...]

Os hábitos de consumo intensivo e a carga de poluição das atividades de produção de países de alta renda são responsáveis pela maioria dos gases do efeito estufa, resíduos sólidos e perigosos e outras poluições ambientais. Em relação ao resto do mundo, os países de alta renda também geram uma demanda desproporcional em relação à quantidade de recursos não renováveis (por exemplo, combustíveis fósseis e minerais não combustíveis) e certos produtos de recursos renováveis (por exemplo, grãos, carne, peixe, madeiras de lei e produtos de espécies ameaçadas de extinção).

[...]

Embora as atividades de consumo e produção dos países ricos possam ser os principais impulsionadores dos desafios ambientais globais, a pobreza e a desigualdade dentro dos países em desenvolvimento com rápido crescimento populacional colocaram pressões significativas nos ambientes locais, especialmente em terras aráveis, água doce, recursos florestais e pesqueiros. As populações desfavorecidas nos países em desenvolvimento frequentemente vivem nas áreas ecológicas mais frágeis e, muitas vezes, são levadas a sobreexplorar as terras agrícolas, pastagens, recursos hídricos, florestais e pesqueiros para ganhar a vida. Muitos foram forçados a migrar para áreas marginais devido à superlotação das melhores terras. Nos últimos cinquenta anos, o número de pessoas que vivem em áreas de risco nos países em desenvolvimento duplicou para 1,3 bilhão, e o crescimento da população rural permanece maior do que a média em países com 30% ou mais da população em áreas de risco. As áreas ecológicamente frágeis, que representam 73 por cento da superfície terrestre da Terra, têm capacidade muito limitada para sustentar altas densidades populacionais e são particularmente vulneráveis à degradação, erosão, inundações, incêndios, deslizamentos de terra e mudanças climáticas.

Numerosos sinais sugerem que os efeitos combinados do consumo insustentável, do crescimento populacional e da extrema pobreza causam efeitos sobre o meio ambiente. Mais recursos naturais foram consumidos desde o final da Segunda Guerra Mundial do que em toda a história humana até esse ponto. O consumo de recursos não renováveis aumentou significativamente, embora tenha aumentado a uma taxa mais lenta do que o crescimento populacional e econômico em consequência das mudanças tecnológicas. O consumo global de combustíveis fósseis (que representam 77% de todo o uso de energia) em 2003 foi 4,7 vezes maior que em 1950. Os países de alta renda consomem mais de metade de toda a energia comercial, e o consumo de energia per capita é cinco vezes maior que nos países em desenvolvimento. Em termos de minérios não combustíveis, foram extraídos 9,6 bilhões de toneladas de minerais comercializáveis (por exemplo, cobre, diamantes, ouro) em 1999, quase o dobro que em 1970. E, mais uma vez, os países de alta renda representam a maior parte da demanda mineral.

[...]

Os recursos relacionados à terra não são os únicos recursos sob ameaça. A água doce, que é crítica tanto para a sobrevivência humana como para o desenvolvimento econômico, está se tornando cada vez mais escassa em muitas áreas. Ao longo do último quarto de século, o abastecimento mundial de água per capita diminuiu um terço, e 1,7 bilhão de pessoas nas regiões em desenvolvimento estão atualmente enfrentando escassez hídrica (definida como o consumo de mais de 20% do abastecimento de água renovável por ano). Se as tendências atuais persistirem, cerca de 5 bilhões de pessoas podem enfrentar tais condições até 2025. As regiões propícias para pesca também estão sofrendo com o esgotamento. Cerca de 70% das áreas de pesca comercial estão totalmente exploradas ou sobreexploradas e experimentam queda nos rendimentos. Além disso, cerca de 34% de todas as espécies de peixes estão ameaçadas pelas ações humanas. Isso não é apenas preocupante da perspectiva da biodiversidade; milhões de indivíduos dependem da pesca como fonte de renda, e 1 bilhão de pessoas em todo o mundo encontram no peixe sua fonte de proteína primária.⁹

Teorias do desenvolvimento aparecem como solução para a diminuição de desigualdades entre indivíduos, regiões e países. Planejamentos estratégicos - em geral baseados em modelos internacionais, estranhos aos países envolvidos - têm como objetivo final encontrar medidas para eliminar disparidades. As desigualdades, porém, não param de aumentar, sejam a nível individual, regional ou internacional. "O próprio crescimento é uma função da desigualdade. É a necessidade da ordem social não igualitária - a estrutura social do privilégio - de manter-se que produz e reproduz o crescimento como seu elemento estratégico."⁹⁶

A mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; os processos de industrialização da produção que transformam conhecimento científico em tecnologia; grandes descobertas nas ciências; as constantes acelerações dos ritmos de vida impostos pela sociedade; novas formas de poder corporativo; a descomunal explosão geográfica; o rápido crescimento urbano e as migrações campo-cidade; novas lutas de classe; comunicação em massa e a sociedade da informação; um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em incessante expansão.⁹⁷ Vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Tudo é conduzido e, ao mesmo tempo, equalizado pelo mercado global regulador.⁹⁸

Aparece o mito de uma humanidade desterritorializada, resultado de um desfalecimento das fronteiras, imperativo da globalização e de uma cidadania universal. Novos tempos mudaram a significação das fronteiras; estas, como aponta Milton Santos, nunca estiveram tão vivas.⁹⁹

Ao contrário de um mundo sem fronteiras, com a globalização, a totalidade da superfície da Terra tornou-se compartimentada, não apenas pela ação direta do homem, mas também pela sua presença política. Nenhuma fração do planeta escapa a essa influência. Este contexto faz, então, do mundo contemporâneo um espaço cheio de incertezas, marcado pela ordem material e pela multiplicação incessante do número de produtos. Nos últimos cinquenta anos, produziram-se mais objetos que nos cinquenta mil anteriores.¹⁰⁰

"Estamos entre o que deixou de ser e o que ainda não é"¹⁰¹, sugere Bauman. Um mundo em que importantes questões políticas e econômicas geradas por fatores globais precisam ser solucionadas localmente por governos que já não possuem as características dos antigos estados-nação, agravando problemas sociais e disparidades. Por outro lado, a hiperconectividade proporcionada pelas redes sociais, dá a sensação ilusória de ativismo e participação política que, muitas vezes, funciona como mero desencargo de consciência. "Entre tudo isso, o tecido movediço que rege as relações incertas de nosso tempo e no qual, ainda assim, sobrevive a esperança."¹⁰²

As desigualdades profundas decorrentes da inter-relação desta série de fatores complexos e muitos outros não são novidade. Eram apontadas desde os primeiros passos dos processos de modernização. Rousseau é o primeiro a usar a palavra *moderniste* no sentido em que os séculos posteriores a usarão.¹⁰³ Seu pensamento é a matriz de algumas das mais vitais tradições modernas, entre elas, a luta contra a desigualdade.

96 BAUDRILLARD, Jean. *The consumer society. Myths and Structures*. Londres: SAGE Publications, 1998. p. 53.

97 BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 25.

98 SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 21.

99 *Ibid.* p. 21.

100 *Ibid.* p. 83.

101 CAZES, Leonardo. Entrevista com Zygmunt Bauman. 2016. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/zygmunt-bauman-estamos-entre-a-incerterza-e-a-esperanca>>. Acesso em: 13 jul 2018.

102 ver: BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. contracapa.

103 BERMAN, Marshall. 2008. op. cit. p. 26.

Rousseau concebia duas espécies de desigualdade: "uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma" e outra "que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens". Esta última consistente "nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles".¹⁰⁴

Os processos de modernização experienciados nos últimos séculos, contudo, não se mostraram capazes de diminuir esta desigualdade 'moral' ou 'política' apontada por Rousseau. Se no que se refere à extinção e à transposição de fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia, atribui-se à modernidade uma maior união da espécie humana¹⁰⁵, esta unidade muitas vezes se mostra contraditória, "uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia".¹⁰⁶

A mais profunda representação negativa das desigualdades decorrentes da modernização, contudo, se representa na pobreza. A condição de pobreza representa uma situação estrutural, "uma posição relativa inferior dentro da sociedade como um todo",¹⁰⁷ como aponta Milton Santos, uma condição que se amplia para um número cada vez maior de pessoas.

"A medida da pobreza é dada, antes de mais nada, pelos objetivos que a sociedade determinou para si própria. É inútil procurar uma definição numérica para uma realidade cujas dimensões - agora e no futuro - serão definidas pela influência recíproca dos fatores econômicos e sociais peculiares a cada país. Além do que um indivíduo não é mais pobre ou menos pobre porque consome um pouco menos ou um pouco mais. A definição de pobreza deve ir além dessa pesquisa estatística para situar o homem na sociedade global, à qual pertence, portanto a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social".¹⁰⁸

Esta condição estrutural de desigualdades gera, então, diferentes tipos de pobreza, tanto a nível global quanto local. O aspecto financeiro ganha autonomia. A relação entre a economia real e o mundo das finanças dá lugar àquilo que Marx chamava de loucura especulativa, fundada no papel do dinheiro em estado puro. Este, por sua vez, se torna o centro do mundo¹⁰⁹, implicando em todos os aspectos da vida.

A perda da influência da Filosofia e as especializações das ciências, principalmente as Ciências Sociais, cuja interdisciplinaridade acaba por buscar inspiração na Economia, também são determinantes para as formulações modernas. "Daí o empobrecimento das Ciências Humanas e a consequente dificuldade para interpretar o que vai pelo mundo, já que a Ciência Econômica se torna, cada vez mais, uma disciplina da administração das coisas ao serviço de um sistema ideológico",¹¹⁰ aponta Santos. Surgem fragmentações. Amplia-se o desemprego e aparece o desapreço pela saúde, um bem individual e social inalienável. Abandona-se a educação.

¹⁰⁴ ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Ed. Ridendo Castigat Mores, eBook, 2008. p. 39

¹⁰⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. p. 24.

¹⁰⁶ Ibid. p. 24.

¹⁰⁷ SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 29.

¹⁰⁸ SANTOS, Milton. *Pobreza urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p.18.

¹⁰⁹ SANTOS, Milton. 2003. op. cit. p. 22.

¹¹⁰ Ibid. p. 24

"A situação contemporânea revela, entre outras coisas, três tendências: 1. uma produção acelerada e artificial de necessidades; 2. uma incorporação limitada de modos de vida ditos racionais; 3. uma produção limitada de carência e escassez.

Nessa situação, as técnicas, a velocidade, a potência criam desigualdades e, paralelamente, necessidades, porque não há satisfação para todos. Não é que a produção necessária seja globalmente impossível. Mas o que é produzido – necessária ou desnecessariamente – é desigualmente distribuído. Daí a sensação e, depois, a consciência de escassez: aquilo que falta a mim, mas que o outro mais bem situado na sociedade possui. A ideia vem de Sartre, quando registra que "não há bastante para todo o mundo". Por isso o outro consome e não eu. O homem, cada homem, é afinal definido pela soma dos possíveis que lhe cabem, mas também pela soma dos seus impossíveis.

O reino da necessidade existe para todos, mas segundo formas diferentes, as quais simplificamos mediante duas situações – tipo: para os "possuidores", para os "não possuidores".

Quanto aos "possuidores", torna-se viável, mediante possibilidades reais ou artifícios renovados, a fuga à escassez e a superação ainda que provisória da escassez. Como o processo da criação de necessidades é infinito, impõe-se uma readaptação permanente. Cria-se um círculo vicioso com a rotina da falta e da satisfação. Na realidade, para essa parcela da sociedade a falta já é criada como a expectativa e a perspectiva de satisfação. As negociações para regressar ao status de consumidor satisfeito conduzem à repetição de experiências exitosas. Desse modo, a parcela de consumidores contumazes obtém uma convivência relativamente pacífica com a escassez. Mas a busca permanente de bens finitos e por isso condenados ao esgotamento (e à substituição por outros bens finitos) condena os aparentemente vitoriosos à aceitação da contrafinalidade contida nas coisas e em consequência ao enfraquecimento da individualidade.

Quanto aos "não-possuidores" sua convivência com a escassez é conflituosa e até pode ser guerreira. Para eles, viver na esfera do consumo é como querer subir uma escada rolante no sentido da descida. Cada dia acaba oferecendo uma nova experiência da escassez. Por isso não há lugar para o repouso e a própria vida acaba por ser um verdadeiro campo de batalha. Na briga cotidiana pela sobrevivência, não há negociação possível para eles, e, individualmente, não há força de negociação. A sobrevivência só é assegurada porque as experiências imperativamente se renovam. E como a surpresa se dá como rotina, a riqueza dos "não-possuidores" é a prontidão dos sentidos. É com essa força que eles se eximem da contrafinalidade e ao lado da busca de bens materiais finitos cultivam a procura de bens infinitos como a solidariedade e a liberdade: estes, quanto mais se distribuem, mais aumentam."¹⁰

Embora a Economia tenha tradicionalmente assumido a escassez como consequência de carências naturais, estando assim mais ligada à primeira espécie de desigualdade de Rousseau, a tradição sociológica surge como contradição a este entendimento, afirmando que a escassez é consequência de restrições provocadas por grupos sociais influentes na tentativa de estabelecer monopólios econômicos.¹¹¹

A Sociologia, como disciplina, tem se preocupado com a relação entre duas dimensões fundamentais das coletividades humanas, a 'escassez' e a 'solidariedade',¹¹² reconhecendo a escassez como aspecto predominantemente econômico e político, característica incontornável da existência humana como um todo.

Se a Economia Clássica é, tradicionalmente, uma ciência da escassez, preocupada com o comportamento econômico em um contexto de carências provocado pela luta competitiva de indivíduos nos mercados pela alocação de recursos ilimitados, a Sociologia emerge como crítica à Economia Clássica, especialmente como crítica à noção convencional da utilidade como critério universal de ação racional.

É esta escassez a definitiva origem de desigualdade, hierarquia social e divisão de classes na sociedade. A estratificação social, torna-se, então, elemento essencial da escassez. Origem das dimensões da estruturação social que parecem estar em oposição ao princípio da solidariedade como mutualidade, relações afetivas e vínculos sociais. Em uma visão sociológica, existe, então, uma tensão profunda entre a racionalidade dos mercados e a integração social.¹¹³

Desta forma, crescimento da sociedade de consumo, consumismo excessivo, surgimento do individualismo possessivo, a psicologia do ser narcisista, o eu representacional e o crescimento da classe de lazer comprometida com o luxo excessivo e o subemprego foram desenvolvimentos que identificaram o crescimento de uma nova ordem social dentro do capitalismo industrial e competitivo. E, ao mesmo tempo em que a existência social é caracterizada por uma escassez irredutível, é também marcada por problemas profundos na alocação econômica de recursos e na gestão política de interesses conflitantes em termos de decisões e políticas de distribuição.¹¹⁴

O grande paradoxo na relação da sociedade de consumo é que, à medida que a economia prospera, novos bens tornam-se desejáveis e, portanto, escassos.¹¹⁵ A escassez, então, nunca desaparece, não importando o quão prósperas sejam as sociedades,¹¹⁶ acaba, ao invés, por se perpetuar mesmo em meio à abundância.

Para Milton Santos, é o abandono da ideia de solidariedade que está por trás desse entendimento da Economia que conduz ao desamparo em que vivemos hoje. Se a Economia, ao considerar os seres humanos como precários organismos em um frágil ambiente natural, coloca a escassez no centro das preocupações humanas, do ponto de vista sociológico, essa noção de escassez ontológica tem sido relativamente insatisfatória. Os seres humanos não seriam indivíduos moldados estritamente por suas necessidades, mas sim, por seus desejos.¹¹⁷

¹¹¹ TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*. Londres: Sage Publications. 2001. p. IX (prefácio).

¹¹² TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*. Londres: Sage Publications. 2001. p. 07

¹¹³ Ibid. p. 29

¹¹⁴ Ibid. p. 89

¹¹⁵ Ibid. p. 07

¹¹⁶ BATAILLE, Georges. *The Accursed Share*, Vols 2 and 3. Nova Iorque: Zone Books. 1991. apud TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. 2001. op. cit. p. 7.

¹¹⁷ TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. 2001. op. cit. p. 33

Nas sociedades modernas é o desejo que os move. Mais que qualquer outra coisa, o *homo oeconomicus* é consumidor.¹¹⁸ O ambiente é ainda mais competitivo, e uma série de novas demandas são criadas a cada instante. Desejos são confundidos com necessidades, e o homem se transforma em um ser insaciável. A experiência da escassez torna-se a ponte entre o cotidiano vivido e o mundo.¹¹⁹

Publicidades, por sua vez, multiplicam necessidades e provocam a democratização do consumo. Expectativas individuais e sociais aumentam. A diferença entre necessidade - biológica - e desejo - cultural - nos leva a acreditar em uma escassez socialmente organizada e produzida.¹²⁰ Em meio ao excesso de produção e abundância de bens, emergem estados de desigualdade social, carências inseridas em um mundo de abundância.

Em última instância, viver no lado escuro do mundo, transforma a escassez em um fator diário, com implicações práticas e até psicológicas manifestadas de forma mais impactante na pobreza. Os duros ingredientes da pobreza criam circunstâncias particularmente hostis à cognição humana. Viver na pobreza significa também estar comprometido cognitivamente. Com o pensamento voltado à escassez, simplesmente há menos lugar para qualquer outra coisa.¹²¹ Há redução da produtividade no trabalho e, uma capacidade reduzida para processar novas informações além de menos recursos mentais para exercer o autocontrole. Entra-se em ciclo vicioso. Menos produtividade e menos autocontrole acarretam em mais preocupação. Preocupados, dormimos menos. O sono insuficiente compromete ainda mais a cognição, responsável por quase todos os aspectos do comportamento humano.

Pessoas que vivem em contextos de escassez, ou os não-possuidores¹²², parecem constantemente estar com o pensamento em outro lugar. São pessoas que não dormiram muito na noite anterior. É difícil para elas pensar com clareza. O autocontrole é um desafio. Estão seguidamente distraídas e facilmente sentem-se perturbadas. Isso acontece todos os dias, não sendo possível distanciar-se da pobreza. A pobreza, normalmente entendida como a privação de recursos materiais, pode então ser compreendida também a partir de um outro espectro, o das condições psicológicas.¹²³ A escassez, então, se perpetua.

¹¹⁸ BOLDEMAN, Lee. *The Cult of the Market: Economic Fundamentalism and Its Discontents*. ANU E Press, 2007. p. 49. ver também BAUDRILLARD, Jean: *The consumer society. Myths and Structures*. Londres: SAGE Publications, 1998.

¹¹⁹ SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 63-64.

¹²⁰ TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*. Londres: Sage Publications. 2001. p. 33

¹²¹ MULLAINATHAN, Sendhil; SHAFIR, Eldar. *Scarcity: Why Having Too Little Means So Much*. Macmillan, 2013. p. 116

¹²² SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 63-64.

¹²³ MULLAINATHAN, Sendhil; SHAFIR, Eldar, 2013. op. cit. p. 14

"O desafio é que a escassez se torna um estado de espírito. Experimentos cognitivos mostram que ela afeta o que observamos, como pesamos nossas escolhas, como deliberamos e como nos comportamos. No entanto, para os arquitetos, a escassez não deveria funcionar como um estado de sobrevivência, mas sim como uma ferramenta de desenho. A escassez tem o potencial de provocar a inovação, 'fazer o máximo com o mínimo', de acordo com o mantra de Buckminster Fuller. Ao invés de uma corrida pela 'efemerização', uma utopia projetada de 'fazer tudo com nada', o desafio mais premente é buscar soluções de desenho cuja adaptabilidade, sustentabilidade e base nos princípios fundamentais de qualidade de vida equitativa remodelem situações de escassez construída [...] Estratégias que liberem potenciais existentes, ao mesmo tempo em que chamam a atenção para injustiças espaciais." ^{F11}

FRAGMENTO 11 | Citação original: *"The challenge is that scarcity becomes a mindset. Cognitive experiments have shown that it affects what we notice, how we weigh our choices, how we deliberate, and how we behave. Yet for architects, scarcity should function not as a survival state, but as a design tool. Scarcity has the potential to provoke design innovation - 'doing the most with the least' according to Buckminster Fuller's mantra. Except rather than a race towards 'ephemerization', a projected utopia of 'doing everything with nothing', the more pressing challenge is to seek design solutions whose adaptability, sustainability and basis in the fundamental principles of an equitable quality of life reshape situations of constructed scarcity. [...] Strategies that unlock existing potential while calling attention to spatial injustices."* Retirado de: BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert; LEPIK, Andres; KALAGAS, Alexis. SI/NO: *The Architecture of Urban Think Tank*. SLUM lab No. 10. TU München Architekturmuseum, 2015. p. 170. tradução do autor.





a pureza é um mito
" "

hélio oiticica

repercussões na disciplina e o contexto latino-americano

"Vivendo em uma econocracia:

A existência da econocracia é aparente na linguagem cotidiana. É comum que a mídia fale sobre 'a economia' como uma entidade independente, e como algo será 'bom para a economia' ou 'ruim para a economia'. A economia pode acelerar, desacelerar, melhorar, declinar, entrar em colapso ou se recuperar, mas não importa o que se faça, deve permanecer no centro da atenção política. Os políticos hoje em dia precisam construir narrativas baseadas na importância da economia. Um exemplo icônico desse pensamento foi o cartaz que a equipe de campanha do ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, colocou em sua sede que dizia: *'The Economy, Stupid'* para manter a mensagem na campanha. No Reino Unido, o primeiro-ministro David Cameron fez um discurso logo após sua eleição em 2010, abordando 'a primeira prioridade desse governo: transformar nossa economia'.

[...]

Não se concebe um partido político para ganhar uma eleição sem ser visto como economicamente viável. Na preparação para as eleições gerais do Reino Unido em 2015, a economia foi a questão mais discutida nas notícias, além da eleição em si. Políticos e comentaristas tentam descartar as políticas de seus oponentes como sendo 'boa política; má economia', alegando que essas políticas contradizem a teoria econômica, ou teriam consequências não intencionais para a economia. O rótulo de 'irresponsabilidade econômica' é arremessado como uma granada para desacreditar adversários políticos.

[...]

A econocracia vai além da obsessão com o sucesso da economia. É construída sobre uma visão particular da economia que ao longo do tempo foi comprada por políticos, empresários e pelo público em geral. Dentro de uma economia, a discussão econômica e a tomada de decisões tornaram-se um processo tecnocrático e não político ou social. Cada vez mais, a economia é vista como algo separado da sociedade mais ampla e, em muitos casos, fora da esfera do debate democrático. A filosofia da econocracia é deixar decisões sobre a economia para aqueles que supostamente sabem mais." ^{F12}

FRAGMENTO 12 | Citação original: "Living in an econocracy: The existence of econocracy is apparent in everyday language. It is commonplace for the media to talk about 'the economy' as an entity in itself, and how something will be 'good for the economy' or 'bad for the economy'. The economy can speed up, slow down, improve, decline, crash or recover, but no matter what it does it must remain at the centre of political attention. Politicians nowadays must construct narratives based around the importance of the economy. An iconic example of this was when the campaign team of former US President Bill Clinton pinned up a sign in their headquarters that read *'The Economy, Stupid!'* to keep the campaign on message. In the UK, Prime Minister David Cameron gave a speech shortly after his election in 2010 addressing 'the first priority of this government: transforming our economy'. [...] It is unheard of for a political party to win an election without being seen as economically credible. In the build-up to the UK's 2015 general election the economy was the most discussed issue in the news apart from the election itself. Politicians and commentators try to dismiss their opponents' policies as being 'good politics; bad economics', claiming that these policies contradict economic theory or would have unintended consequences for the economy. The label of 'economic irresponsibility' is hurled like a grenade to discredit one's political opponents. [...] The econocracy extends beyond a fixation with the economy's success. It is built on a particular vision of the economy that over time has been bought into by politicians, businesspeople and the general public. Within an econocracy, economic discussion and decision making has become a technocratic rather than a political or social process. We increasingly view the economy as something separate from wider society and, in many cases, outside the sphere of democratic debate. The philosophy of econocracy is to leave decisions about the economy to those who supposedly know best." EARLE, Joe; MORAN, Cahal; WARD-PERKINS, Zach. *The Econocracy: The Perils of Leaving Economics to the Experts*. Manchester University Press, 2016. p. 23-24. tradução do autor.

Em uma sociedade na qual os principais objetivos têm sido definidos de acordo com seus efeitos sobre a economia e as decisões políticas mais e mais resultam de processos tecnocráticos - redefinidas como questões técnicas a serem respondidas somente por especialistas e, assim, removidas da arena pública¹ - a arquitetura encontra-se perdida.

O último século presenciou a progressiva afluência da Economia sobre todas as outras disciplinas e aspectos da vida contidiana. Mais e mais influente e tecnocrática, tornou-se também peça central nos jogos políticos e na formulação de políticas públicas.

A alta especialização da economia passa a mensagem de que o entendimento econômico é restrito a uma parcela muito pequena da população. Inexiste, assim, o incentivo à participação popular e pouco esforço é feito no sentido da discussão dos planos econômicos, minimizado os debates necessários a uma saudável cultura democrática. A economia é apresentada como um assunto extremamente especializado, e pouquíssimos técnicos passam a ter autoridade econômica, colocando-se, assim, propositalmente à parte de supervisão ou interferências públicas.²

É possível identificar as raízes desta cultura econocrática logo após o *crash* de Wall Street em 1929, a partir do 'New Deal' (1933-37) e o processo de reinvenção do sistema econômico. A crise econômica que se iniciou com a queda do mercado agrícola americano em 1928 e explodiu em 29 de outubro de 1929 resultou na venda desesperada de 16 milhões de dólares em ações e na consequente quebra da Bolsa de Valores de Nova York.

A partir da década de 1930, novas tecnologias possibilitaram a efetiva coleta de dados por parte dos estados, levando à criação de índices econômicos como o PIB e trazendo consigo a mensagem de que era possível controlar e medir a economia com absoluta precisão. A Segunda Guerra Mundial (1939-45), por sua vez, trouxe a possibilidade de os economistas testarem e mostrarem suas habilidades técnicas em um contexto de rápido desenvolvimento,³ colocando-os em destaque no panorama político. No decorrer do século, influenciados pelos economistas, políticos foram progressivamente concentrando suas mensagens na economia.

Os tempos atuais são novamente de crise. Entre 2007 e 2008, o mundo experimentou um colapso financeiro que atingiu, com gravidade, impacto e insistência, os sistemas econômicos globais. Originado a partir da negligência em relação à avaliação do grau de risco dos investimentos imobiliários e em uma expectativa de que o preço dos imóveis seguiria subindo, a maior crise financeira norte-americana desde os anos 1930⁴ detonou o rompimento de uma enorme bolha que revelou um sistema de hipotecas - os créditos hipotecários *subprime* - concedidas pelos bancos a pessoas sem reais condições de quitá-las. Com a desvalorização dos imóveis e a inadimplência dos mutuários, as hipotecas foram transformadas em títulos e recolocadas à venda no mercado, gerando descapitalização das instituições financeiras e prejuízo exorbitante aos investidores.⁵

Em um mundo extremamente globalizado, com mercados profundamente interconectados, a crise financeira norte-americana se alastrou por outras partes do planeta, influenciando a crise da dívida europeia (2009-2010) iniciada na Grécia, e se expandindo para países econômica e geograficamente periféricos como Portugal, Espanha, Irlanda e Itália, ocasionando uma considerável baixa no valor do euro.

1 Ver Fragmento 12 p. 95

2 EARLE, Joe; MORAN, Cahal; WARD-PERKINS, Zach, 2016. op. cit. p. 33.

3 EARLE, Joe; MORAN, Cahal; WARD-PERKINS, Zach, 2016. op. cit. p. 30.

4 PENDERY, David. *Three top economists agree 2009 worst financial crisis since great depression; risks increase if right steps are not taken*. Business Wire News database. Disponível em: <<http://www.businesswire.com/news/home/20090213005161/en/Top-Economists-Agree-2009-Worst-Financial-Crisis>> Acesso em: 02 out 2018.

5 Ver: GONTIJO, Cláudio; OLIVEIRA, Fabrício Augusto de. *Subprime: Os 100 dias que abalaram o capital financeiro mundial e os efeitos da crise sobre o Brasil*. Belo Horizonte: Corecon-MG, 2009.

Crises, porém, não são novidade. Marx afirmava que uma das principais características do capitalismo era mover-se de crise em crise.⁶ As crises são momentos importantes e necessários dentro do ciclo econômico. A história do capitalismo sempre foi dividida e marcada por uma sequência de períodos - pedaços de tempo definidos por uma certa coerência entre as suas variáveis significativas - que se desenvolvem diferentemente, mas dentro de um sistema, com um período sucedendo ao outro. Estes períodos são intercalados por desequilíbrios ou rupturas - as crises - que comprometem a ordem vigente. Essa foi a evolução comum a toda a história do capitalismo até recentemente.⁷ Os ciclos, contudo, se mostram cada vez mais velozes.

O capitalismo tem produzido mecanicamente desigualdades infundadas e arbitrárias que influem e questionam as bases e dinâmicas democráticas de nossas sociedades.⁸ O desenvolvimento econômico produz riqueza, mas não necessariamente igualdade.⁹ Pelo contrário. Neste contexto as crises acabam por afetar principalmente as parcelas mais desfavorecidas da população. A falta de instrumentos de redistribuição social da riqueza suscita diferenças que ocasionam uma progressiva e insuperável desigualdade. Torna-se possível, assim, afirmar que o estado de bem-estar social e a relativa igualdade econômica que puderam ser vivenciados durante um período significativo do último século, não foram um produto do crescimento e do desenvolvimento econômico, mas sim de mecanismos que hoje já não funcionam.¹⁰

Atualmente, vivemos algo historicamente novo, um período que é uma crise: "o período atual [...] é, ao mesmo tempo, um período e uma crise",¹¹ sugere Milton Santos indicando que vivemos em uma espécie de superposição entre período e crise que revela, simultaneamente, características de ambas as situações. Como período, a globalização prevalece com características de predominância e influência mundial, direta ou indiretamente. Como crise, as mesmas variáveis que geram o sistema econômico estão continuamente em choque e exigem novas definições e novos arranjos, em um *continuum* de prioridades e incertezas cambiantes. Sem a perspectiva de novos contornos, aparentemente, trata-se de "uma crise persistente dentro de um período com características duradouras".¹²

Assim, o processo de crise torna-se permanente, uma situação de crises sucessivas e eminentes provocadas pela alienação do capital, em particular do capital financeiro. Este reconhecimento se dá tanto através de fenômenos globais como através de eventos isolados e manifestações particulares em países e momentos distintos. Vivenciamos agora uma espécie de período-crise. Esta condição crítica se instala abruptamente e de forma generalizada. Segundo afirma Milton Santos, os dados motores e os respectivos suportes, que constituem fatores de mudança, não se instalam gradativamente como acontecia anteriormente, nem tampouco são o privilégio de alguns continentes e países, como antes. "Tais fatores dão-se concomitantemente e se realizam com muita força em toda a parte."¹³ Neste sentido, as questões mais evidentes de vulnerabilidade social e econômica, antes apenas possíveis, previsíveis ou pertencentes à África ou à América Latina, ameaçam todas as partes do mundo.

6 MCLENNAN, Gregor. *Maintaining marx*, in: *Handbook of Social Theory*. George Ritzer e Barry Smart (editores). Londres: Sage Publications, 2001. p. 47.

7 SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 16.

8 PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrinseca, 2014. Introdução. p. s/p.

9 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *El problema de la desigualdad. Conversación con Gerardo Esquivel*, 2015. Entrevista originalmente vinculada no programa La Hora Arquine em 6 de julho de 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/el-problema-de-la-desigualdad-conversacion-con-gerardo-esquivel/>>. Acesso em: 09 jun 2017.

10 Ver interpretação do economista Gerardo Esquivel sobre o texto de Piketty em: HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. op. cit. 2015.

11 SANTOS, Milton. 2003. op. cit. p. 16.

12SANTOS, Milton. 2003. op. cit. p. 17.

13 SANTOS, Milton. 2003. op. cit. p. 17.

"Todos ingressamos por igual em um mundo de crise e incerteza"¹⁴ independentemente da condição estabelecida de desenvolvimento tecnológico, capital ou equilíbrio financeiro. Neste período histórico, a crise é estrutural, e nada é duradouro.¹⁵

Mas e a arquitetura, quais as repercussões disto tudo na disciplina?

Os arquitetos modernos costumavam enfatizar a figura do *zeitgeist*,¹⁶ a arquitetura como o espírito ou a vontade de uma época traduzida ao espaço,¹⁷ afirmando que a produção arquitetônica sempre esteve relacionada às vontades de sua época, de um modo ou outro. Os tempos atuais são de crise e, se a economia vive um período de crise, o mesmo vale para a arquitetura. A disciplina parece enfrentar um momento de questionamento e exaustão das práticas dominantes no último quarto de século.

"É notável como o tom da arquitetura mudou em apenas alguns anos",¹⁸ afirma McGuirk. Em um passado recente, ostentava edifícios monumentais e 'icônicos' em uma competição globalizada que unia investimentos descomunais com a criação de marcos midiáticos. Frank Gehry e os assim chamados '*starchitects*'¹⁹ alimentavam a mídia com sucessivas imagens fabulosas de novos museus e sedes corporativas.

O *crash* financeiro de 2008 contudo, ajudou a provocar uma crise da arquitetura entendida como "artefato isolado, monumental e de custo excessivo"²⁰ deixando claro que o valor social de muitas daquelas arquiteturas era nulo.²¹ A crise financeira suscitou uma ruptura importante para a arquitetura do espetáculo, o que parece ser o ponto culminante de um processo que começa com o abandono da habitação social como um projeto utópico.²²

Neste sentido, um panorama dos últimos quinze anos parece demonstrar os excessos dessa arquitetura do desperdício e da ostentação, demonstra também o aparecimento de novas alternativas,²³ uma espécie de 'correção'²⁴ um reposicionamento da arquitetura como disciplina frente a novas realidades econômicas.

¹⁴ RESTREPO, Camilo. *Ambiguidade e paradoxo*. Revista Plot 24, América Latina Hoje. Buenos Aires, 2015. p. 172.

¹⁵ SANTOS, Milton. 2003. op. cit. p. 17.

¹⁶ Zeitgeist, traduzido como 'espírito da época' ou 'espírito dos tempos', é um conceito da filosofia alemã do século XVIII ao XIX que tem origem na teoria filosófica de Hegel e refere-se ao desenvolvimento histórico da arte e da arquitetura como reflexo das características de uma determinada época histórica. O termo foi difundido pelo Movimento Moderno (através de autores como Pevsner e Gideón) como afirmação da estética modernista e como expressão da era da máquina. (Ver CONWAY, Hazel; ROENISCH, Rowan. *Understanding Architecture: An Introduction to Architecture and Architectural History*. Routledge, London, 2005, p.46-47.)

¹⁷ MIES VAN DER ROHE, Ludwig. Aphorisms on Architecture and Form (1923). in: JOHNSON, Philip. *Mies Van Der Rohe. Nova Iorque: The Museum of Modern Art*, 1947. p.183. Disponível em: <https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2734_300062055.pdf>. Acesso em: 30 set 2019. Citação original: "architecture is the will of an epoch translated into space".

¹⁸ MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazeera, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/activist-architects>>. Acesso em: 28 ago 2017.

¹⁹ *starchitect* é um termo usado para descrever arquitetos cuja celebridade e aclamação da crítica os transformaram em ídolos do mundo da arquitetura sendo atribuído a estes arquitetos, principalmente através da mídia, o status de celebridade internacional. (Ver PONZINI, Davide; NASTASI, Michele. *Starchitecture. Scenes, actors and spectacles in contemporary cities*. Nova Iorque: The Monacelli Press, 2016.)

²⁰ MONTANER, Josep Maria. *A condição contemporânea da arquitetura*. Gustavo Gili, São Paulo; 1^a edição, 2016. p. 08.

²¹ MCGUIRK, Justin, 2014. op. cit.

²² MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 16.

²³ MONTANER, Josep Maria, 2016. op. cit. p. 08.

²⁴ MCGUIRK, Justin, 2014. op. cit.

São, segundo Montaner, alternativas que reagem contra um distanciamento em relação ao contexto e à ausência de valores através do "renascer da crítica radical e engajada, relacionado com o desenvolvimento de novos métodos pedagógicos; a defesa do urbanismo e da arquitetura informal e a intensificação da arquitetura ecologicamente sustentável, entendida como aquela que faz o uso adequado dos recursos naturais."²⁵

Como reação, muitos arquitetos se dedicaram, nos últimos anos, a importantes enfrentamentos em relação a alguns dos maiores desafios humanitários, incorporando uma série de projetos com enfoque social, tanto no que se refere à habitação como à conectividade de comunidades, espaços públicos e projetos emergenciais para áreas afetadas por desastres ecológicos e processos migratórios.²⁶ Paralelamente, a escassez, que esteve ausente como um conceito central nos principais discursos arquitetônicos ocidentais recentemente,²⁷ tem se mostrado presente. Projetos em contextos de informalidade e precariedade estão cada vez mais visíveis e uma série de arquitetos do dito terceiro mundo, acostumados a contextos adversos, têm se destacado internacionalmente e servido de referência para exposições que se dedicam ao assunto.

E a arquitetura, neste início de século, explodiu para além de seus limites disciplinares, pelo menos discursivamente.²⁸

²⁵ MONTANER, Josep Maria, 2016. op. cit. p. 08.

²⁶ SZENASY, Susan. *A arquitetura precisa de consciência social [Design Needs a Social Conscience]* ArchDaily Brasil (Trad. Baratto, Romullo), 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/769261/a-arquitetura-precisa-de-consciencia-social>> Acesso em: 05 maio 2018.

²⁷ GOODBUN, Jon; TILL, Jeremy; IOSSIFOVA, Deljana. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc, 2012. p. 12.

²⁸ D'APRILE, Marianela. *What we talk about when we don't talk about buildings*. Artigo, Common Edge Collaborative, 2018. Disponível em: <<https://commonedge.org/what-we-talk-about-when-we-dont-talk-about-buildings/>>. Acesso 14 fev 2019.

"Faz quase um ano desde que Thomas Piketty publicou seu livro *Capital* no século XXI. Se Piketty estiver certo, poderíamos, de uma vez por todas, enterrar a ilusão de que o atual sistema econômico leva em conta o interesse de todos, e que os benefícios eventualmente chegarão aos mais pobres da sociedade. Ao contrário do que todo economista depois de Keynes tem nos dito, a desigualdade produzida pelo capitalismo pode não ser uma fase temporária que, um dia será finalmente superada; é antes um efeito estrutural e inescapável de longo prazo do próprio sistema. A análise de Piketty é extremamente simples. Ele identifica duas categorias econômicas básicas: renda e riqueza. Ele então passa a definir a (des) igualdade social como uma função da relação entre as duas ao longo do tempo, concluindo que, assim que o retorno sobre a riqueza excede o retorno sobre o trabalho, a desigualdade social inevitavelmente aumenta. Aqueles que adquirem riqueza através do trabalho ficam ainda mais para trás daqueles que acumulam riqueza simplesmente por já possuí-la. Somente durante o século XX - sob a pressão de duas guerras mundiais, distúrbios sociais, revoluções, sindicatos e a assustadora presença de uma alternativa global ao sistema capitalista na forma de um (antigo) mundo comunista - somente durante esta única cápsula de tempo, o capital foi brevemente superado pelo trabalho como o principal meio de acumular riqueza.

Se o século XX foi ou não uma breve exceção no mecanismo inescapável de um sistema econômico profundamente carregado, ainda é cedo para saber. Muito dependerá do que acontecer a seguir: o século XXI determinará o legado do século XX. Até agora, os sinais não são encorajadores: desde o final da década de 1970, após a grande revolução conservadora iniciada por Reagan e Thatcher, a promessa de acumular riqueza através do trabalho tem perdido espaço. A queda do Muro de Berlim (geralmente reivindicada como uma vitória daquela mesma revolução conservadora) e, na sequência, o colapso total do Bloco Comunista, exacerbou essa tendência. Se os indicadores atuais estiverem corretos, poderemos nos defrontar, no futuro próximo, com uma situação na qual, pela primeira vez desde o final do século XIX, os retornos sobre a riqueza por meio da propriedade excederão novamente os da mão de obra.

De fato, se o argumento de Piketty for verdadeiro, o século XX não terá sido mais que uma anomalia: uma breve interrupção na lógica sistêmica do capitalismo, na qual o acréscimo inerente de capital através do capital permanece um ciclo inquebrável. Essa simples conclusão econômica pode ter implicações sociais e culturais muito além da nossa imaginação mais selvagem. Quando uma vida inteira de mão de obra não pode mais corresponder aos retornos de uma fortuna adquirida, a riqueza herdada mais uma vez se torna o fator definidor da distinção de classes, reduzindo qualquer noção de mobilidade social a uma possibilidade remota, na melhor das hipóteses.

Além disso, se o século XX realmente for uma anomalia, então talvez seus ideais também o tenham sido: um período inteiro caracterizado por uma crença iluminada no progresso, emancipação social e direitos civis pode ser retroativamente descartado como um momento fugaz de autoilusão - (não mais do que) uma nota de rodapé no longo curso da história. Para a geração atualmente em posição de poder, criada e educada no século XX, isso é difícil de reconhecer. Para eles, os imperativos morais do século XX são inquestionáveis, independentemente das escolhas políticas. (Até mesmo o defensor mais fervoroso da atual economia de livre mercado provavelmente só o faz porque acredita que o sistema, em última instância, atua no interesse de todos, em vez de apoiar explicitamente a noção de desigualdade.) A geração atual, seja de esquerda ou de direita, ainda não teve sua fé nos grandes mecanismos emancipatórios abalada de nenhuma maneira. É tudo o que ela conhece, desde sempre." ¹³

FRAGMENTO 13 | DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. *Architectural Review*. 2015. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/essays/viewpoints/architecture-is-now-a-tool-of-capital-complicit-in-a-purpose-antithetical-to-its-social-mission/8681564.article>>. Acesso em: 25. fev. 2016. tradução do autor.

um mundo em crise

As implicações da economia na disciplina têm sido historicamente nebulosas. "A expansão capitalista é um fator crucial quando se trata de explicar a 'arte moderna', mas é muitas vezes esquecida quando se trata de explicar a arquitetura moderna",²⁹ aponta Liernur que segue. "suas narrativas canônicas ignoram a existência do imperialismo. [...] Para explicar a arquitetura moderna, só necessitam vidro, aço, capital, obreiros e os artistas das grandes cidades do Atlântico Norte". Segundo o raciocínio de Liernur, é possível afirmar que as influências políticas e econômicas e toda sua conjuntura foram excluídas das principais narrativas sobre o surgimento do pensamento moderno na arquitetura e de uma série de análises posteriores.

No entanto, cada vez menos faz sentido uma disciplina entrópica, isolada e independente. Não existe *tabula rasa*; a arquitetura está condicionada a lidar com inúmeras diretrizes, desejos, contingências, forças e uma série de circunstâncias externas,³⁰ dentre elas as forças econômicas.

A produção arquitetônica, de fato, em que pesem os discursos de arquitetos, historiadores e críticos, nunca foi ensimesmada ou isolada. Um estudo atento de sua história, particularmente a do último século, como propõe De Graaf, pode identificar "uma confluência significativa entre [...] um período de grande mobilidade social e o surgimento do Movimento Moderno, sobretudo com suas visões utópicas de cidade."³¹ Nesse sentido, as ideias e projetos modernos nada mais seriam, para De Graaf, do que "o sonho da mobilidade social capturado no concreto."³²

O movimento moderno, entre uma série de aspirações, teve início na aproximação entre arquiteto e indústria, em uma tentativa de aproveitar os potenciais dos novos meios de produção para gerar edifícios de baixo custo, em particular, para habitação.³³ Somavam-se, dessa forma, o crescimento industrial, as novas tecnologias, a expansão urbana e, posteriormente, a necessária reconstrução das cidades no pós-guerra, no que seria a 'era de ouro' do capitalismo.

O protagonismo da arquitetura nesse contexto era guiado pelo sonho de uma melhor sociedade, que só seria possível através da arquitetura e que foi plasmada em projetos muito distintos.³⁴ No caso de Le Corbusier, foi a destruição da região de Flandres, ao norte da Bélgica, que o levou ao conceito da *Maison Dom-ino* (1914-15), um sistema padronizado para a construção em série que visava atender aos problemas da escala e das proporções de uma necessária reconstrução.³⁵ Ainda hoje a concepção racional e técnica do sistema tem grande influência na arquitetura mundial.

Se Hobsbawm aponta 1914 - marcado pelo começo da primeira grande Guerra Mundial e o colapso da civilização ocidental do século XIX³⁶ - como o início de um breve século XX, economicamente, os dados compilados por Piketty demonstram uma importante modificação nos fluxos de capital nesse período.

29 LIERNUR, Jorge Francisco. *¡Es el punto de vista, estúpido!* ARQA, 2011. Disponível em: <<http://arqa.com/actualidad/documentos/es-el-punto-de-vista-estupido.html>>. Acesso em: 11 nov 2017.

30 GAUSA; et al. *Diccionario Metropolis Arquitectura Avanzada*. Barcelona: Actar, 2001. p. 500.

31 DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.

32 Ibid.

33 SINCLAIR, Cameron; STOHR, Kate. *Design like you give a damn: architectural responses to humanitarian crisis*. Londres: Thames & Hudson, 2006. p. 35.

34 LOWRY, Glenn D. in: LEPIK, Andrés; BERGDOLL, Barry. *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2010. p. 06.

35 MCGUIRK, Justin. *Maison Dom-ino*. Dezeen, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com>>.

36 HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 16.

Até 1914, os dividendos sobre o capital eram muito superiores aos valores atingidos através do trabalho. Esta correspondência viria a ser invertida durante o período das grandes guerras mundiais. Essa virada econômica marca também uma importante mudança no campo disciplinar. É nesse período, principalmente, que aparecem as grandes visões modernistas.³⁷

Em boa parte do último século, é possível reconhecer uma luta coletiva pela afirmação de uma nova disciplina intrinsecamente relacionada com uma necessária confrontação da escassez: "urbanistas trabalhando em políticas de distribuição, arquitetos explorando as linguagens coletivas das habitações mínimas e desenhistas industriais explorando uma nova objetividade funcional em seus projetos."³⁸ É nesse período que viriam a ocorrer uma série de tentativas de se projetar em meio à escassez, na busca de produzir valores modernos através da arquitetura.

Mesmo que o período tenha presenciado duas grandes guerras, o otimismo com o projeto moderno foi tanto, que arquitetos como o norte-americano Buckminster Fuller, o grego Constantinos Doxiadis e o soviético Viktor Kalmikov chegaram a conceber o mundo como projeto.³⁹

De acordo com Roi Salgueiro Barrio, foi Manfredo Tafuri quem primeiro reconheceu a "importância da escala mundial para a modernidade arquitetônica." Tafuri foi também um severo crítico das possíveis consequências de tamanha extração de escala.⁴⁰ Essa nova escala viria a se dar a partir do surgimento do planejamento urbano, expandindo-se gradativamente até os anos 1970. A concepção em escala exacerbada dos projetos demonstrava, através de exercícios projetuais, a enorme ambição profissional no período. Eram projetos planetários que, em muitos casos, seriam transpostos ou refletidos em menor escala.

Esses projetos refletiam a complexidade das conjunturas de uma época em que o homem foi ao espaço e extrapôs fisicamente os limites planetários pela primeira vez. A arquitetura se colocava como ferramenta diante da iminente necessidade de tornar tangível formalmente esta nova condição.⁴¹ Por trás dessa escala global estava, porém, para Tafuri, o capitalismo como condição determinante.⁴² Para ele, as novas condições criadas pelos recentes mercados mundiais haviam impactado no desenvolvimento da arquitetura, tornando-a uma ferramenta ideológica. Os arquitetos, nesse caso, não conseguiriam mais do que atenuar as contradições e desequilíbrios ocasionados pelos mercados capitalistas.⁴³

Com o desenrolar do século, o processo de globalização acabou produzindo formas muito distintas das imaginadas pelos modernistas em seus projetos utópicos, que acabariam por revelar-se como nada mais que "uma longa cadeia de proposições ineficazes, impedidas pelas próprias instituições do próprio capitalismo."⁴⁴ As verdadeiras formas da globalização acabariam se manifestando nas cidades e metrópoles, não na escala global.⁴⁵

37 DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.

38 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p.07.

39 Ver a entrevista de Sarkis Hashim. SARKIS, Hashim. *Sarkis in conversation with Fig Projects about Angelo Bucci's Weekend House in São Paulo*. Interwoven: the fabric of things. Kvadrat Interwoven. Disponível em: <<http://kvadratinterwoven.com/how-to-create-an-oasis-a-lesson-in-urban-design-from-sao-paulo>>. Acesso em 02 jul 2018.

40 SALGUEIRO Barrio, Roi. *Micro, Partial, Parallel, (In)Visible. New Geographies*, 08 (Island).

Daniel Daou e Pablo Pérez-Ramos (editores). Cambridge: Harvard University Press, 2016. p. 195.

41 SARKIS, Hashim; et al. *The World in the Architectural Imaginary. New Geographies*, 08 (Island). Daniel Daou e Pablo Pérez-Ramos (editores). Cambridge: Harvard University Press, 2016. p. 177.

42 SALGUEIRO Barrio, Roi. op. cit. 2016. p. 195.

43 Ibid. p. 195.

44 citando Manfredo Tafuri, Ibid. 195.

45 SARKIS, Hashim; et al. *The World in the Architectural Imaginary. New Geographies*, 08 (Island).

"Quero insistir que arquitetos são, antes de tudo, intelectuais. Arquitetos não são construtores, são oradores. Não constroem objetos sólidos, constroem discursos sobre eles ." ^{F14}

FRAGMENTO 14 | Citação original: *"I want to insist that architects are first and foremost intellectuals. Architects are not builders. They are talkers. They don't make solid objects. They make discourse about objects."* Retirado de: WIGLEY, Mark. *Typographic Intelligence*. fragmento de uma conferência para a Transurbanism, organizada pela V2_Institute for the Unstable Media na NAI em 2001. Un Studio – Unfold. Amsterdam: NAI Publishers, 2002. p. s/p.

Uma profunda crença nas possibilidades e promessas de modernização dominou grande parte do último século,⁴⁶ assim como a figura do arquiteto como um 'visionário', capaz de planejar cidades, sistemas, territórios e, em certos casos, idealizar concepções planetárias, assumiu um papel anteriormente apenas desempenhado por governantes.⁴⁷

Arquitetos não fazem edifícios, fazem discursos, enfatiza Mark Wigley.⁴⁸ O movimento moderno, assim, se dedicou ao que via como uma necessária transformação em larga escala de uma herança urbana, atuando na tentativa de modernização das estruturas sociais, políticas e econômicas vigentes através de uma nova arquitetura. O que, segundo Bergdoll, seria o verdadeiro "credo do movimento moderno."⁴⁹

Nesse sentido, a convergência identificada entre a mobilidade social no século XX e o surgimento do pensamento moderno não se deve apenas ao âmbito político: "não se trata de uma vitória da esquerda sobre a direita, mas sim de uma vitória 'do novo sobre o antigo'."⁵⁰ As vanguardas nunca se desenvolvem sem abalar as relações de poder existentes.⁵¹ E o século XX viria a resultar, para De Graff, em "uma curiosa alternância entre brutais guerras industriais e projetos utópicos, os quais esperam implantar o redemoinho do desenvolvimento industrial para o bem maior."⁵²

Fuller, em particular, está entre aqueles visionários que conceberam e manifestaram suas ideias e discursos através de uma escala global,⁵³ criando um mundo novo, feito de edifícios, satélites, carros e mapas. Trabalhando em diferentes escalas que, quando somadas, propunham um sistema planetário.⁵⁴ Fuller se dedicou a pesquisas nos campos da arquitetura, da engenharia e do desenho industrial, na busca pela máxima redução da energia necessária nos processos constitutivos e, de certa forma, em todos os elementos relacionados à vida humana.⁵⁵ A eficiência através da tecnologia.

Se Mies adotou o lema 'menos é mais', Fuller propunha 'mais e mais com menos e menos até que eventualmente seja possível fazer tudo com nada'.⁵⁶ E, ao contrário de Mies, cujas preocupações se centravam principalmente nos caracteres formais e estéticos, a imensa obra de Fuller propunha minimizar ao extremo os recursos utilizados no intuito de superar a escassez.⁵⁷

Alguns dos princípios que descobriu permitiram que fosse possível construir estruturas de aço consideravelmente mais leves do que as tradicionais.⁵⁸ Essas novas tecnologias fizeram com que ele então abandonasse a ideia de projetar casas cada vez menores, como ele e seus colegas vinham fazendo, se concentrando nos aspectos tecnológicos da construção. Motivado pela conjuntura histórica, em Fuller o problema da máquina de habitar troca de escala.⁵⁹

46 DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.

47 BERGDOLL, Barry in: LEPIK, Andrés; BERGDOLL, Barry. *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2010. p. 07.

48 VER FRAGMENTO 14 p. 105

49 BERGDOLL, Barry. op. cit. p. 07.

50 DE GRAAF, Renier. op. cit. 2015.

51 Ibid.

52 Ibid.

53 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Buckminster Fuller*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/buckminster-fuller/>>. Acesso em: 23 nov 2017.

54 SARKIS, Hashim. op. cit. 2016. p. 177, 182 e 188.

55 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Buckminster Fuller*. op. cit. 201.

56 BUCKMINSTER FULLER, Richard. *Nine Chains to the Moon*. Anchor Books, 1973. p.

252-259. 'more and more with less and less until eventually you can do everything with nothing'

57 SEGRE, Roberto. Ideias e invenções de Buckminster Fuller são analisadas por Roberto Segre. Revista AU. PINI, Edição 212, 2011. p. 87-91.

58 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Buckminster Fuller*. op. cit. 2015.

59 BUCKMINSTER FULLER, Richard. *Ideas and Integrities. A Spontaneous Autobiographical*

Seus estudos consistiam em sistemas construtivos extremamente leves, tornados possíveis através da utilização de estruturas triangulares tridimensionais. Em alguns casos, essas estruturas formavam geodésicas que aumentavam progressivamente de escala. Esses projetos alcançavam espaços livres de grandes dimensões com o mínimo de peso e matéria. Eram estruturas leigas e escaláveis, que em sua imaginação iam de simples casas a uma grande cúpula que poderia cobrir boa parte de Manhattan, controlando seu clima e protegendo a cidade da poluição do ar.⁶⁰

Em 1969, Fuller manifestou, em uma ousada suposição, que havia chegado o momento na história em que os nossos sistemas sociais passariam do controle de políticos e economistas para o controle de "projetistas, engenheiros e artistas."⁶¹ Questionava, assim, a especialização e a forma limitada com que os governantes e os economistas percebem a realidade. Os arquitetos, por outro lado, tenderiam a ter uma visão holística e global, relacionando-se, assim, com a realidade como um todo.⁶² Um apelo romântico para levar "a imaginação ao poder", relata Sloterdijk.⁶³

Robert Smithson, "um anti-Buckminster Fuller",⁶⁴ discordava dessa posição. Para ele, os arquitetos "tendem a ser idealistas, e não dialéticos."⁶⁵ Enquanto Fuller buscava a superação da entropia através de suas especulações ilimitadas das possibilidades oriundas da técnica e da geometria, Smithson questionava a autonomia e a autossuficiência da arquitetura, que, assim como a economia, se "autopostula como um sistema fechado e autônomo, projetando resultados aparentemente perfeitos",⁶⁶ não levando em consideração suas repercuções quanto ao ambiente.

Nesse sentido, a análise de De Graaf é contundente. Embora os arquitetos muitas vezes preferiram agir como idealistas entrópicos, a profissão sim reage fortemente a estímulos exteriores.

Ao contrapor os ciclos econômicos explicitados por Piketty com a história recente da arquitetura, De Graaf chega à conclusão de que existe uma interessante aproximação em dois momentos. Primeiramente, quando a produção passa a exceder o retorno sobre o capital no período imediatamente anterior à primeira guerra mundial. Período este que, na arquitetura, irá coincidir com o surgimento das vanguardas e os primeiros projetos modernos. Essa condição econômica se mantém até meados da década de 1970. Nesse momento, a ascendência da produção econômica sobre o retorno financeiro começa a diminuir, e os cenários econômico, político e também arquitetônico começam a mudar.⁶⁷

Disclosure. Ed. by Jaime Snyder. Baden, 2009. p. 290.

60 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Buckminster Fuller*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/buckminster-fuller/>>. Acesso em: 23 nov 2017. Ver imagem pág. 108.

61 SLOTERDIJK, Peter. *How big is "big"?* Collegium International, 2010. Disponível em: <<http://www.collegium-international.org/index.php/en/contributions/127-how-big-is-big>>. Acesso em: 04 abr 2018.

62 citando Peter Sloterdijk, 2010. HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. op. cit. 2015.

63 SLOTERDIJK, Peter. op. cit. 2010.

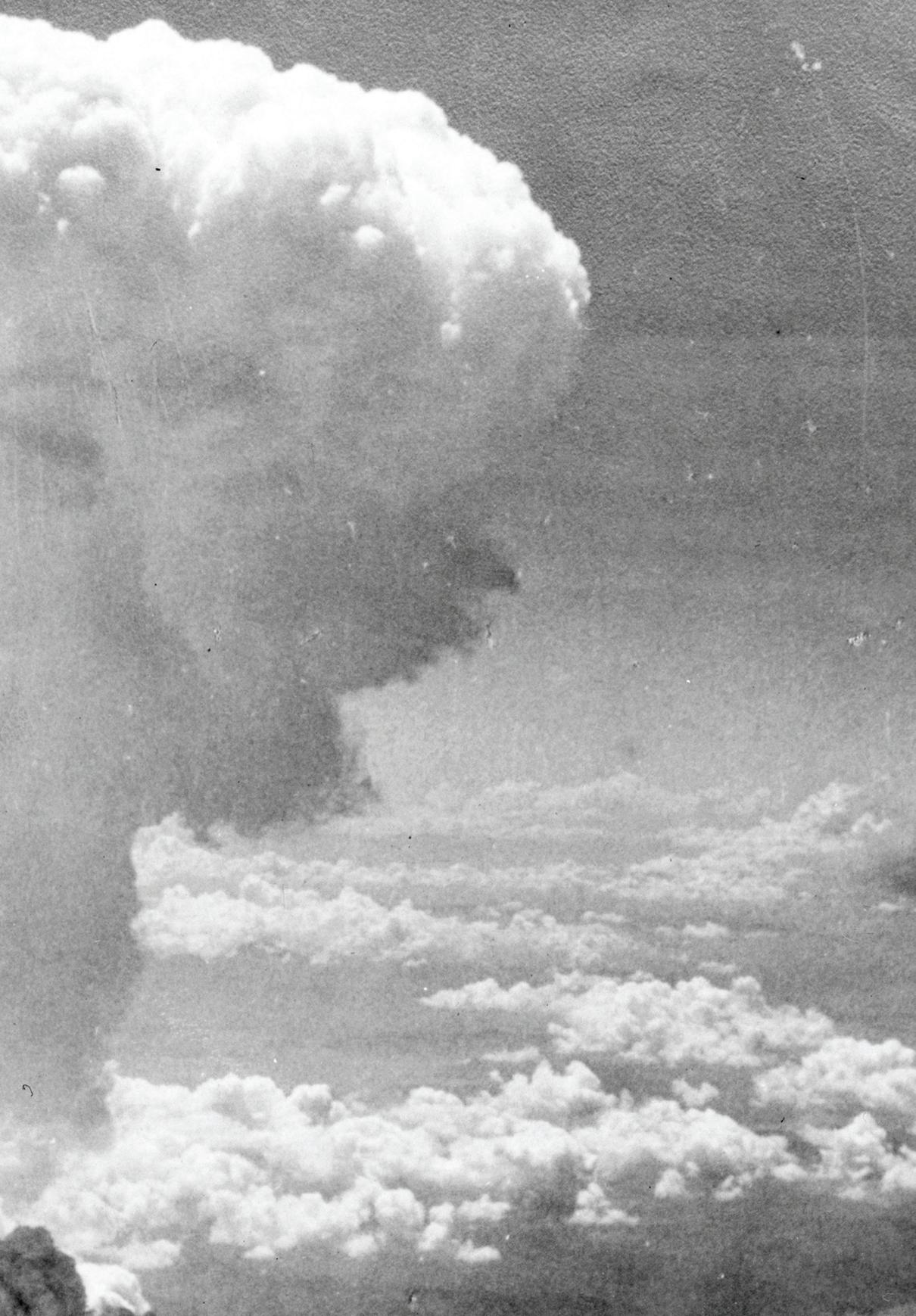
64 conforme define Wisnik, in: WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2012. Tese (Doutorado). p.148.

65 SMITHSON, Robert. *Entropy Made Visible* (1973) entrevista com Alison Sky. in: Robert Smithson: The Collected Writings. Edited by Jack Flam. Berkeley: University of California Press, 1996. p. 304. e WISNIK, Guilherme. op. cit. 2012. p. 148.

66 conforme aponta WISNIK, Guilherme. op. cit. 2012. p. 148. e SMITHSON, Robert. *Entropy And The New Monuments* (1966). op. cit. 1996. p. 21.

67 DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.





O início dos anos 1970 é marcado fortemente por dois acontecimentos que vão causar grande impacto no cenário econômico até então "progressista e estável".⁶⁸ Em 1971 ocorre a virtualização do sistema monetário norte-americano e, em 1973, a crise do petróleo. É o fim da 'era de ouro' do capitalismo. A partir daí entramos em uma grande crise energética que inicia um período de instabilidade, definido por Hobsbawm como a 'era do desmoronamento' e que vai até 1991 com o fim da União Soviética, dando fim ao breve século XX.

Na arquitetura, esse período corresponderá à transição do modernismo ao pós-modernismo.⁶⁹ Essa transição é marcada pela demolição do conjunto habitacional de Pruitt-Igoe, em Saint Louis, em 1972, o evento que é considerado como o fim da arquitetura moderna.

Para De Graaf, "após a demolição do Pruitt-Igoe, a confiança na profissão do arquiteto é severamente abalada. O clima torna-se pensativo, as principais obras seminais da arquitetura não são mais planos, mas livros, não mais visões, mas reflexões."⁷⁰ A data que determina, para Jencks, a 'morte do modernismo' e consequentemente o início do pós-modernismo, será marcada no mesmo ano pela publicação do livro *Learning from Las Vegas*, de Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour.⁷¹

A década de 1970, nesse sentido, revelou um mundo em crise e um colapso da ilusão de prosperidade e crescimento contínuos. Esse período de transformação viria a coincidir, com as últimas visões utópicas urbanas modernas e com o "fim de uma crença irrestrita na arquitetura moderna."⁷²

Esse período coincide também com o declínio do fordismo como método produtivo. que, para Wisnik, "correspondia ao modernismo do ponto de vista da lógica produtiva e estética."⁷³ No pós-modernismo, as propostas de estandardização, de industrialização e de abstração características do modernismo e do fordismo são substituídas, conforme coloca David Harvey, por um sistema de "acumulação flexível no interior do capitalismo, voltada para produtos específicos e nichos de mercado."⁷⁴ Ainda de acordo com Wisnik, é essencial levar em conta o panorama de inovações técnicas e tecnológicas que impactaram a época, "como a transmissão de sinais via satélite para a televisão ou a invenção do microchip, a fabricação do circuito integrado, que passa a proporcionar a existência do computador doméstico"⁷⁵ como reflexos de uma realidade mais dinâmica.

Nesse cenário, as políticas de Reagan e Margaret Thatcher atuaram como agentes transformadores do sistema econômico através de políticas de desregulamentação neoliberalistas. Essas transformações, de reciclagem do capitalismo, romperam com "as conquistas sociais que foram conseguidas desde Roosevelt e o New Deal, desde a quebra da bolsa de 1929 e a segunda guerra mundial, e toda a evolução que ao longo da era de ouro [...] vão abaixo e constrõem o mundo em que a gente está hoje."⁷⁶ O conservadorismo se instala nos Estados Unidos e na Europa e, com ele, uma agenda de liberalização econômica. A economia é, então, oferecida ao mercado financeiro, e políticas de austeridade e de cortes de gastos são implementadas. Através de privatizações, o setor público vai sendo reduzido, e os grandes projetos de habitação são abandonados.⁷⁷

68 WISNIK, Guilherme. op. cit. 2012. p. 148.

69 WISNIK, Guilherme. op. cit. 2012. p. 200.

70 DE GRAAF, Renier. op. cit. 2015.

71 WISNIK, Guilherme. *Brasil - 1972 a 1989*, 1:05:13 minutos, 2016. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s2Q_MvLOfk4>. Acesso em: 11 jul 2017.

72 DE GRAAF, Renier. op. cit. 2015.

73 WISNIK, Guilherme. op. cit. 2016.

74 WISNIK, Guilherme. op. cit. 2012. p. 200.

75 WISNIK, Guilherme. op. cit. 2016.

76 Ibid.

77 DE GRAAF, Renier. op. cit. 2015.

Outro símbolo importante desta transição, conforme aponta Wisnik, é o incêndio, em 1976, da Biosfera de Montreal, a geodésica ambientalista que Buckminster Fuller havia projetado como pavilhão dos Estados Unidos para a Expo 1967. Uma imagem plasmada de que a utopia de pureza técnica havia falhado.⁷⁸

O clima efervescente e as crises repercutiram fortemente na disciplina, provocando a descrença no projeto moderno e o surgimento de uma série de manifestos e 'arquiteturas de papel'. Neste período, ocorrem fortes questionamentos sobre o sentido final da modernidade.⁷⁹ Se o grande dilema da geração anterior era impedir que o mundo acabasse em uma guerra nuclear,⁸⁰ essa geração se confronta com as reflexões e dilemas sobre o fim da modernidade. Uma visão comum vai se diluir, o pluralismo será celebrado. E uma visão apolítica da arquitetura emergirá.⁸¹

78 Guilherme Wisnik: Brasil 1972 a 1989 <https://www.youtube.com/watch?v=s2Q_MvLOfk4>
79 BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo. Cia das Letras, 2008. p. 41
80 EARLE, Joe; MORAN, Cahal; WARD-PERKINS, Zach. *The Econocracy: The Perils of Leaving Economics to the Experts*. Manchester University Press, 2016. p. 17

81 BERGDOLL, Barry in: LEPIK, Andrés; BERGDOLL, Barry. *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2010. p. 09.







um projeto incompleto

Se o recente ataque às Torres Gêmeas (Nova Iorque, 11 09 2001) impôs o medo em relação ao terrorismo estimulado por ideologias radicais e baseado na insegurança e na imprevisibilidade, ignorando fronteiras e até mesmo transpondo complexos sistemas de proteção,⁸² como aponta Restrepo, a demolição de outra obra do arquiteto norte-americano Minoru Yamasaki teve um significado ainda mais profundo no campo disciplinar: a implosão do Conjunto Habitacional Pruitt-Igoe, construído conforme as diretrizes modernas e de acordo com os ideais mais progressistas dos CIAM (St Louis, 15 07 1972).⁸³

"A Arquitetura Moderna morreu em St. Louis, Missouri, no dia 15 de julho de 1972, às 15h e 32min (aproximadamente), quando vários blocos do infame conjunto Pruitt-Igoe receberam o *coup de grâce* com dinamite" afirma Jencks em seu manifesto pós-moderno, e prossegue: "Previvamente havia sido vandalizado, mutilado e desfigurado pelos cidadãos negros, e mesmo tendo milhões de dólares sido aplicados tentando mantê-lo vivo (reparando os elevadores e janelas quebradas, repintando), o conjunto foi finalmente posto abaix. Boom, boom, boom."⁸⁴

"Talvez nada tenha sido enterrado tantas vezes como a arte".⁸⁵ Jencks, ao escrever seu manifesto, em 1973, não contava com o necessário distanciamento histórico-temporal, e sua afirmação era "arriscada demais"⁸⁶, conforme aponta Hernández Gálvez. O fim da arte, assim como o da arquitetura, tem sido anunciado por praticamente todas as vanguardas, nunca deixando de acontecer.⁸⁷

Para Hernández Gálvez,⁸⁸ contudo, o desmantelamento do Pruitt-Igoe representa não apenas a queda de um estilo ou forma de projetar, nem mesmo de uma ideologia, mas sim do compromisso social da arquitetura. Representando o esgotamento da confiança no papel transformador da disciplina e a perda da esperança de que os ideais sociais da modernidade pudessem de alguma forma serem cumpridos. O modernismo "parece ter desaparecido junto com as promessas de progresso e equidade do estado de bem-estar social."⁸⁹ Mais do que o Pruitt-Igoe, o alcance social e transformador da arquitetura através de sua ativa participação nas políticas de interesse público e social é que estava, literalmente, ruindo.

Jeremy Till, em seu *Architecture Depends*, faz a seguinte provocação: "Quando Marx diz que 'os homens fazem história, mas não em circunstâncias de sua própria escolha', tenho certeza de que ele não queria excluir arquitetos", e segue "e, no entanto, muitos dos textos padrão da história arquitetônica permanecem dentro das linhas de trânsito de um autoreferencial mundo arquitetônico, ignorando as outras circunstâncias que enquadram a produção arquitetônica."⁹⁰ O desabamento do Pruitt-Igoe contribuiria para a ideia de que os grandes arquitetos modernistas não eram, como imaginavam, "protagonistas do modernismo" mas sim "sintomas da modernidade".⁹¹

82 Ver REFERENTE 1. p. 13.

83 citando Charles Jencks. HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *El día que murió la arquitectura moderna*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/el-dia-que-murió-la-arquitectura-moderna/>>. Acesso em: 22 ago 2017.

84 JENCKS, Charles. *El lenguaje de la arquitectura posmoderna*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1981, p. 09.

85 GARCIA CANCLINI, Néstor. *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Minneapolis: Minnesota Press, 2005. p. 275.

86 HERNANDEZ GALVEZ, Alejandro. op. cit. 2015.

87 GARCIA CANCLINI, Néstor. op. cit. 2005. p. 275.

88 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. op. cit. 2015.

89 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *La arquitectura del capital en el siglo XXI*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/la-arquitectura-del-capital-en-el-siglo-xxi/>>. Acesso em: 07 nov 2018.

90 TILL, Jeremy. *Architecture Depends*. MIT Press, 2009. p. 33

91 TILL, Jeremy. *Architecture Depends*. MIT Press, 2009. p. 33

Em 1980 Jürgen Habermas viria a classificar a modernidade como 'um projeto incompleto'.⁹²

Apartadas dos grandes projetos estatais que deixavam de existir, podemos dizer hoje, que, a partir da década de 1970, "as pretensões sociais do movimento moderno da arquitetura começaram a diluir-se diante da pressão do estilo."⁹³ Naquele momento, o modernismo parecia estar sendo abandonado por questões estilísticas ou estéticas. O espírito moderno havia sido caracterizado por uma luta "contra as forças normalizadoras da tradição", a tradição já em muitos casos havia desaparecido, e agora as novas formas modernistas pareciam esgotadas.⁹⁴

É possível que existisse algum tipo de esgotamento formal, mas os motivos para a 'morte do modernismo' eram mais profundos. De certa forma, Habermas evidenciava o processo de modernização social como um todo, não apenas seu aspecto estético e formal. Uma modernidade que, a partir daquele momento, parecia andar em direção oposta ao que se esperava.⁹⁵

A relação entre o desenvolvimento da arquitetura moderna e o estado de bem-estar social era evidente na priorização, por parte dos governantes, dos projetos de interesses coltivos, como equipamentos públicos, educacionais e conjuntos habitacionais. Os governos haviam sido decisivos para a diminuição da desigualdade, construindo obras públicas de grande porte que visavam principalmente o desenvolvimento da sociedade e o bem-estar social. Essa condição, a partir dos anos 1970 gradativamente desapareceria. A partir desse momento de inserção de políticas do neoliberalismo, o Estado passou a diminuir drasticamente seus investimentos e sua atuação.⁹⁶

Este é o momento em que se estabelece o chamado capitalismo "tardio", 'neoliberal', 'pós-fordista', ou 'pós-industrial', como aponta Wisnik.⁹⁷ Essa nova forma do capitalismo terá como principais características a desregulamentação da economia e o crescimento dos mercados financeiros e das corporações multinacionais, vinculados a um determinante processo de flexibilização trabalhista, ocasionando um aumento importante no desemprego, a desvalorização da mão-de-obra e determinado uma forte ruptura em relação às conquistas sociais obtidas anteriormente.⁹⁸

Ao contrário do capitalismo industrial, que se instala a partir da crise de 1929 em contraposição a um sistema anterior fortemente baseado nos interesses particulares e privados - promovendo valores modernos como a igualdade social -, o capitalismo pós-industrial, por sua vez, revelava a mecanização do mundo: "inerente àquela forma produtiva, em favor da liberação das forças criativas individuais".⁹⁹

92 Ver: HABERMAS, Jürgen. *La modernidad: un proyecto incompleto*. VVAA La posmodernidad. Barcelona: Kairós, 1986.

93 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Sin revolución y sin arquitectura*. Arquine, 2017. Disponível em: <<https://www.arquine.com/sin-revolucion-y-sin-arquitectura/>>. Acesso em: 27 maio 2018.

94 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *La arquitectura del capital en el siglo XXI*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/la-arquitectura-del-capital-en-el-siglo-xxi/>>. Acesso em: 07 nov 2018.

95 Ibid.

96 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. El problema de la desigualdad. Conversación con Gerardo Esquivel, 2015. Entrevista originalmente vinculada no programa La Hora Arquine em 6 de julho de 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/el-problema-de-la-desigualdad-conversacion-con-gerardo-esquivel/>>. Acesso em: 09 jun 2017.

97 WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Universidade de São Paulo, 2012. Tese (Doutorado). p. 118.

98 Ibid. p. 118. e WISNIK, Guilherme. *Brasil - 1972 a 1989, 1:05:13 minutos*, 2016. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s2Q_MvLOfk4>. Acesso em: 11 jul 2017.

99 Ibid. p. 118.

A partir da década de 1970, ocorreria uma profunda mudança nas bases produtivas mundiais. Inicia-se uma revolução tecnológica da informação com a difusão de novos sistemas de comunicação e, conforme coloca Wisnik, a consequente transição de sociedades baseadas "na produção industrial a sociedades baseadas nos serviços (pós-industriais)".¹⁰⁰ Assim como ocorre com a virtualização da moeda, viria a ocorrer uma valorização do capital fictício dos bens de consumo e a grande competitividade do mercado como elementos significativos na formação de um panorama marcado pelo deslocamentos das produções para países periféricos e menos 'desenvolvidos', visando minimizar os custos da produção com a migração das forças de trabalho.¹⁰¹

Essas novas dinâmicas provocam, em nível global, um forte abalo no âmbito dos direitos sociais e trabalhistas, principalmente em países subdesenvolvidos. Nas grandes cidades, surge a necessidade de revitalização de infraestruturas, edifícios e extensas áreas industriais, agora obsoletos. É preciso ainda criar espaços para os novos usos, direcionados ao setor terciário. Surgem as revitalizações, em que predominam a destinação para o uso cultural e turístico, influenciando nas dinâmicas das cidades.¹⁰²

No campo da arquitetura, o período imediatamente anterior a essa transição havia sido marcado por uma produção com grande enfoque no problema da habitação social. Na Europa, primeiramente com Le Corbusier e depois com Alison e Peter Smithson, mas principalmente na América Latina, onde o desafio era em uma escala muito maior.¹⁰³

Esse é um período de grandes mudanças de paradigma, com a convergência de fatos de distintas naturezas, conforme coloca Wisnik: uma crise econômica mundial, a crise do petróleo em 1973; o livro *Learning from Las Vegas*, um manifesto que olha para uma cidade comercial americana exaltando uma paisagem populista do consumo; e a demolição do Pruitt-Igoe, que é colocada como rito funerário e marco do fim do movimento moderno por Charles Jencks.¹⁰⁴

Outro fator importante, é que nesse momento as taxas de urbanização apresentam forte crescimento em escala global. Enquanto houve uma redução do crescimento na América Latina, no Ocidente o processo de urbanização acelerou.¹⁰⁵ *Learning from Las Vegas*, nesse sentido, é um dos últimos livros de reflexão sobre o urbanismo, quando terminam as grandes urbanizações na América e na Europa, se reduzem drasticamente também as publicações e o pensamento arquitetônico, que a partir daí se limitará à divulgação de "tratados reacionários contra a cidade e contra a arquitetura moderna"¹⁰⁶ conforme aponta Koolhaas.

A habitação também é abandonada. A partir dos anos 1970, uma série de governos transferiu a questão da habitação para o mercado, seguindo as políticas neoliberais incentivadas pelo Fundo Monetário Internacional.¹⁰⁷ E meio século depois, é como se o Estado já não fosse capaz de construir mais do que uma pequena proporção da sempre crescente demanda por habitação.¹⁰⁸

¹⁰⁰ WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Universidade de São Paulo, 2012. Tese (Doutorado). p. 200.

¹⁰¹ Ibid. p. 203.

¹⁰² Ibid. p. 203.

¹⁰³ MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 14.

¹⁰⁴ WISNIK, Guilherme. *Brasil - 1972 a 1989*, 1:05:13 minutos, 2016. Aula. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s2Q_MvLOfk4>. Acesso em: 11 set 2017.

¹⁰⁵ KOOLHAAS, Rem. *Recent work*. Graduate School of Architecture, Planning and Preservation at Columbia University GSAPP. Nova Iorque, 2009. Disponível em: <<https://www.arch.columbia.edu/books/reader/6-preservation-is-overtaking-us#reader-anchor-2>>. Acesso em: 05 abr 2017.

¹⁰⁶ Ibid.

¹⁰⁷ MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 12.

¹⁰⁸ Ibid.

E, com a ausência da habitação social como prioridade nas políticas públicas, a arquitetura perde sua finalidade social.¹⁰⁹ Assim, os blocos habitacionais que acompanharam o modernismo e a industrialização foram gradativamente sendo substituídos por torres de escritórios envidraçadas características das novas formas de produção globais, de uma economia voltada ao serviço e do pós-modernismo na arquitetura, transformando a indústria da construção e simbolizado, conforme cita McGuirk, pelo vdro: "o espelho impenetrável de uma nova cultura corporativa."¹¹⁰

"Se antes dos anos 1970 os edifícios eram considerados principalmente como despesas públicas, após os anos 1970 os edifícios tornaram-se principalmente um meio de receita", explica De Graaf, que se questiona se, de fato, existiu uma arquitetura pós-moderna ou apenas uma sequência de "estilos arquitetônicos em um estado de polêmica mútua" como resultado de uma mudança fundamental em relação ao papel dos edifícios e da disciplina.

A partir desse período, emergiram com grande potência os assentamentos informais em toda a América Latina: "no final da década de 1980, o resultado de tais políticas de *laissez-faire* era claro: uma explosão absoluta de favelas."¹¹¹

A tentativa desesperada de suprir a demanda habitacional e de oferecer infraestruturas básicas, gerou na região políticas de "*sitios y servicios*" que estendiam à população alguns serviços públicos mínimos ao mesmo tempo que deixavam a habitação para a autoconstrução. A época de pretensões modernas na qual os arquitetos projetaram e construíram cidades inteiras havia acabado.¹¹² No seu lugar, como protagonistas, entraram em cena economistas e políticos preocupados unicamente com o devastador problema social e suas possíveis repercuções políticas e econômicas.

De Graaf declara: "Se o clima igualitário das décadas de 1960 e 1970 tornou a arquitetura moderna geralmente impopular, as políticas neoliberais dos anos 80 e 90 a tornaram obsoleta", e segue: "nesse sentido, em última análise, pode não haver uma arquitetura moderna ou pós-moderna, mas simplesmente arquitetura antes e depois de sua anexação pelo capital."¹¹³

A partir desse momento, a construção das cidades passa definitivamente do setor público para o privado. Inclusive a escala em que a cidade é construída muda. A indústria da construção passa a operar estritamente conforme a lógica do capital, as grandes intervenções deixam de existir, a 'produção do pensamento' disciplinar e profissional do arquiteto através da prática, aos poucos chega a um impasse.¹¹⁴

A disciplina não foi capaz de acompanhar o crescimento exponencial das novas tecnologias, a alta mobilidade e liquidez do capital, e os novos processos econômicos globalizados que abrangem: "permanentes fluxos de mão de obra, matérias-primas, mercadorias, pessoas e capitais."¹¹⁵ Nesse momento se deram as formações de 'cidades globais' decorrentes de um mercado multinacionalizado que pode ser analisado, em uma escala local, pelo impacto do liberalismo na economia e processos de privatização de empresas públicas.¹¹⁶

¹⁰⁹ MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 13-14.

¹¹⁰ Ibid. p. 13.

¹¹¹ MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazeera, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/activist-architects>>. Acesso em: 28 ago 2017.

¹¹² MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 12

¹¹³ DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.

¹¹⁴ Ibid.

¹¹⁵ WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. Tese (Doutorado). p. 200.

¹¹⁶ Ibid.

"Impõe-se, então, uma nova lógica de criação de centralidades no território mundial, na qual as cidades se tornam importantes atores econômicos e geopolíticos."¹¹⁷ Esse processo de expansão urbana com influência direta da globalização instituiu novas dinâmicas de mobilidade e consumo que impactaram diretamente na formulação das cidades, na concepção de propriedade privada e nas práticas imobiliárias. Conforme coloca De Graaf:

"O ambiente construído e particularmente a habitação adquiriram um papel fundamentalmente novo. De um meio para fornecer abrigo, torna-se um meio de gerar retornos financeiros. [...] um prédio não é mais algo para usar, mas para possuir (com a esperança de aumentar o valor dos ativos, em vez do valor de uso, ao longo do tempo). Através da implantação geral do termo 'imóveis', a definição do arquiteto é substituída pela do economista. Esse é também o momento em que a arquitetura se torna definitivamente inexplicável (pelo menos de acordo com os critérios segundo os quais os arquitetos geralmente explicam a arquitetura)." ¹¹⁸

A qualidade dos edifícios passa a ser julgada quase que exclusivamente pelo mercado. Os edifícios deixam de ter valores ideológicos e passam a ter valores estritamente comerciais. A arquitetura, como qualquer outra mercadoria, passa a valer somente "o que os outros estão dispostos a pagar por ela". Nesse contexto, a arquitetura e o marketing tornam-se indistinguíveis e inseparáveis. Processos tradicionais se invertem: as renderizações e imagens comerciais passam a preceder os desenhos técnicos e construtivos, a venda de apartamentos precedem o processo de projeto e o papel do corretor precede o papel do arquiteto.¹¹⁹ Esse é também o momento em que nasce a figura do assim chamado arquiteto-estrela, o '*starchitect*'.

A partir dos anos 1990, simultaneamente à afirmação e à disseminação da globalização econômica, das tecnologias digitais e da informação, do sistema financeiro, e de "um estado de vazio ideológico" fortemente associado e orientado à prosperidade da economia, "a arquitetura atinge um grau de visibilidade midiático inédito",¹²⁰ aponta Wisnik. A repercussão e o sucesso mundial de uma única obra como o Guggenheim Bilbao (1991-97) de Frank Gehry - que, para Wisnik, atualizava para o período aquilo que o Beaubourg em Paris (1971-77) e a Ópera de Sydney (1959-73) já haviam alcançado, representava esse novo momento histórico, relacionado às novas e dinâmicas formas de comunicação, que colocam a arquitetura como agente da transformação urbana e promoção econômica de toda uma região.¹²¹

O assim chamado "efeito Bilbao" representou uma potencialização das cidades tanto como destino turístico como na atração de novos investimentos financeiros. E, embora possa-se afirmar, como coloca Lewis, que sempre houve celebridades arquitetônicas, como personalidades históricas, muito antes de Gehry¹²² ele contudo, vai se tornar "o primeiro - e até agora o maior - '*starchitect*' do mundo global."¹²³ Uma série de arquitetos como Rem Koolhaas, Herzog & de Meuron, Sejima e Nishizawa, Steven Holl, Hadid e Chipperfield seguem este protagonismo, atuando em um mercado globalizado e expandindo seus escritórios para sedes nas principais metrópoles globais, como Hong Kong, Paris, Singapura, Xangai, Tóquio, Pequim, Berlim, Londres, Nova York, Doha e Dubai.¹²⁴

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ DE GRAAF, Renier. op. cit. 2015.

¹¹⁹ Ibid.

¹²⁰ WISNIK, Guilherme. op. cit. p. 179.

¹²¹ Ibid.

¹²² LEWIS, Michael J. *The Rise of the "Starchitect"*. The New Criterion, 2007. Disponível em: <<https://www.newcriterion.com/issues/the-rise-of-the-aoestarchitecta>>. Acesso em: 30 ago 2019.

¹²³ WISNIK, Guilherme. op. cit. p. 179.

¹²⁴ MASSAD, Fredy. *Entrevista a Rafael Moneo: La arquitectura se piensa siempre desde el dibujo*.

A atuação dos 'starchitects' impactou no cenário da arquitetura da mesma forma como a globalização impactou no contexto das cidades globais. Este período, o dos 'starchitects', é fortemente influenciado pelas novas dinâmicas da globalização¹²⁵ com a definição de um nicho de mercado relacionado ao sistema e aos interesses financeiros e que expressava a pluralidade e a diversidade da sociedade que, conforme coloca Moneo, tem como característica a rejeição de consensos estéticos: "hoje, seria impossível pensar em termos de uma linguagem comum pela qual os arquitetos lutavam no entre-guerras", ressaltando que, desse modo, o 'star system' teria que ser explicado não pelas regras disciplinares, mas a partir do uso que o mercado faz dele.¹²⁶

E na lógica dos mercados, os edifícios são vistos como oportunidades de lucro, então criar 'escassez' ou um certo grau de exclusividade proporciona maior valor ao investimento.¹²⁷ É, de certa forma, a confirmação do que Debord afirmava: "A vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos."¹²⁸

A parte dos poucos nomes que tomaram conta do cenário da arquitetura, todo o mercado imobiliário é envolvido em um complexo sistema mercadológico, em um redirecionamento da utopia modernista da arquitetura como meio de qualificação social para a criação de monumentos ao consumo com a predominância de uma lógica da rentabilidade máxima do solo urbano e dos empreendimentos.¹²⁹

Assim, a era dos 'starchitects' tem como seu grande símbolo o chamado 'efeito Bilbao' que descrevia o processo de acelerada regeneração urbana que a cidade vivenciou a partir da inauguração do icônico museu e se tornou foco dos debates sobre a disciplina, simbolizando uma ideia de poder da arquitetura como um instrumento civilizatório.¹³⁰ Para McGuirk, o processo de regeneração que ocorreu em Bilbao, forçado pela "marca" do museu, já demonstrava indícios de uma atitude neoliberal, que tinha como propósito final o aumento dos valores dos terrenos e um maior lucro.¹³¹

É o espetáculo que vai constituir o modelo presente da vida socialmente dominante.¹³² As formas exageradas e esculturais, recorrentes a partir dos anos 1980, demonstravam uma ênfase no papel 'experimental' da arquitetura propiciado por inovações tecnológicas relacionadas tanto às ferramentas de projeto como de construção e produziram uma série de movimentos formalistas.¹³³ Nesse momento, a arquitetura passou a procurar não mais ser duradoura, ou relevante a longo prazo, mas sim ter impacto imediato e midiático.¹³⁴

Nesse sentido, algumas idealizações modernistas de integração da indústria com a construção foram alimentadas pelos novos softwares e ferramentas paramétricas, que trouxeram a possibilidade de executar praticamente qualquer forma que o orçamento permitisse e, em alguns casos, essa postura formalista era estimulada por orçamentos ilimitados,¹³⁵ com o projeto sendo utilizado para a produção da escassez econômica

ABC Cultural, 2017. Disponível em: <https://www.abc.es/cultura/cultural/abci-rafael-moneo-arquitectura-piensa-siempre-desde-dibujo-201704020050_noticia.html>. Acesso em: 09 fev 2018.

125 Ibid.

126 Ibid.

127 LANDRY, Charles. *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*. Earthscan, 2003. p.33.

128 DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 06.

129 ROLNIK, Raquel in: BERNARDO, Kaluan. *Prêmio reacende o debate sobre papel social da arquitetura*. Nexo Jornal Ltda, 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/premio-reacende-o-debate-sobre-papel-social-da-arquitetura>>. Acesso em: 02 dez 2018.

130 MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 14.

131 Ibid.

132 DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 17.

133 BUCHANAN, Peter. *Empty gestures: Starchitecture's Swan Song*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/>>. Acesso em 25 out 2018.

134 Ibid.

135 Ibid.

através da criação de desejos, no sentido de gerar desejos de compra, exclusividade, movimentar os mercados. "Finalmente, a arquitetura também contribui para a produção de escassez, na medida em que faz parte do mecanismo de produção de desejos do qual os mercados dependem. A arquitetura aumenta a natureza fetichista da mercadoria e, com ela, o desejo associado."¹³⁶

A crise dos anos 1970 e a nova crise, como veremos a seguir, tem mostrado que o arquiteto como figura isolada e a arquitetura como disciplina independente não são reais. A pureza é um mito.¹³⁷

¹³⁶ GOODBUN, Jon; et al. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 09.

¹³⁷ Em 1967, Helio Oiticica expunha "Tropicália" na mostra "Nova Objetividade Brasileira". Composta, entre outros elementos, por uma série de cabines, uma delas – a Penetrável PN2 – guardava uma frase icônica no seu interior: a pureza é um mito.

"É notável como o tom da arquitetura mudou em apenas alguns anos. Nos dias inebriantes da década de 2000, os arquitetos estavam em franca competição para produzir edifícios 'íconicos' para um mercado global. Virtuosos como Frank Gehry, Zaha Hadid e Norman Foster mantinham a mídia alimentada com imagens fabulosas de museus e sedes corporativas, ganhando o apelido de 'starchitects'. Mas depois do *crash* financeiro de 2008, ficou claro que o valor social de tantas arquiteturas era nulo. E houve uma correção, para emprestar um termo de mercado de ações, na imagem do arquiteto.

Escolas de arquitetura, como o Angewandte em Viena - outrora foco de modelagem 'paramétrica' - de repente começaram a abrir departamentos de 'projetos sociais'. Essa reviravolta foi refletida na mídia, que agora está muito mais sintonizada com a arquitetura social. A série *Rebel Architects* da Al Jazeera, por exemplo, analisa o trabalho de seis profissionais que podem ser chamados de 'arquitetos ativistas'. Os arquitetos ativistas geralmente trabalham em favelas ou comunidades carentes, com orçamentos mínimos e em condições de necessidade desesperadora. Uma dialética óbvia se apresenta, mas não se trata de um conto de arquitetos-estrelas contra arquitetos ativistas. Pois em um mundo ideal, nenhum desses personagens existiria.

Ambos são produtos do neoliberalismo. Só que operam em diferentes extremos do espectro social: um servindo o capital e o outro ajudando aqueles que não são beneficiados por ele. Ativistas intervêm quando o Estado abdica de sua responsabilidade e onde o mercado vê pouco lucro. Mas dada a escala dos problemas que as cidades enfrentam enquanto falamos, eles têm seu trabalho diminuído.

A desigualdade urbana é um dos grandes desafios do século. A maior parte do crescimento urbano está ocorrendo no mundo em desenvolvimento e, na maioria das vezes, não é apoiada por governos ou facilitada por arquitetos. Habitantes de favelas constroem mais habitações a cada ano do que todos os governos e incorporadores juntos. A ONU Habitat estima que até 2030 dois bilhões de pessoas estarão vivendo em comunidades "informais" e autoconstruídas. Sem a infraestrutura necessária - transporte, água corrente e saneamento decente - estamos olhando para a proliferação de guetos em grande escala." ¹⁵



o novo 'zeitgeist'

A arquitetura, nos últimos anos, parece ter perdido sua capacidade crítica.¹³⁸

"[...] hoje sabemos que a ideia de que essa arquitetura - ou simplesmente a arquitetura - era capaz de transformar o mundo era certamente um sonho, algo simples demais, alimentado tanto pela ingenuidade quanto pela criatividade como pela egolatria de muitos arquitetos. Mas também sabemos que muito do que aconteceu durante os 43 anos que se seguiram à morte da arquitetura moderna - o classicismo de papelão, os ressurgimentos estilísticos, as bizarras piruetas formais dos arquitetos do final do século XX e do início do século XXI - serviram ainda menos para aqueles fins que podem considerar demasiado alheios às suas possibilidades. Arquitetura moderna morta, o que restou, talvez, foi um jogo agradável e fútil, semelhante ao desenho de frascos de perfume, mas muito mais caro."¹³⁹

É inegável que a arquitetura tem enfrentado, nos dias de hoje, uma crise. O mais significativo nesse processo de crise, segundo Bergdoll, "é a erosão constante do poder real dos arquitetos como formadores do meio ambiente."¹⁴⁰ O processo de globalização, acabou por moldar a desigualdade e trouxe uma série de desafios urbanos e sociais a quase todos os cantos do planeta. Acabou por modificar também o papel do arquiteto, agora à margem dos processos constitutivos dos ambientes construídos, gerando impactos profundos no ambiente urbano e também na disciplina.

Para D'Aprile, a crise atual não se dá pelo esgotamento ou pela falta de repertório formal, mas sim porque a arquitetura, ou os processos de produção da arquitetura, se encontram afastados das necessidades dos mercados capitalistas. Nas arquiteturas contemporâneas já "não há valor, no sentido marxista da palavra".¹⁴¹ Nesse sentido, o principal motivo pelo qual a arquitetura, agora fundamentada em processos altamente tecnológicos, tem se manifestado em estruturas icônicas é a busca pela inserção em um contexto que tem como único propósito o lucro. Dessa forma, no início deste século, era comum o investimento em marcas arquitetônicas capazes de aumentar o valor agregado, dissimulado entre discursos de publicidade e credibilidade, restringindo a atuação a um grupo seletivo de arquitetos capaz de proporcionar formas suficientemente audaciosas para atrair investimentos.¹⁴²

Por um lado, a academia, principalmente nos grandes centros norte-americanos e europeus, tem voltado boa parte de seus esforços para a introdução de novas tecnologias no processo projetual. Os principais nomes do período, ligados a uma produção voltada à tecnologia de parametrização, ensimesmaram-se, colocando-se à parte dos principais acontecimentos globais. Ao contrário do que propunha Fuller, muitos desses projetos ressaltam o uso das novas tecnologia e dos avanços científicos mesmo que os edifícios não demonstrem uma real eficiência de recursos ou de desempenho ambiental.

¹³⁸IGLESIA, Rafael in: Entrevista AD *Entrevistas: Rafael Iglesia*, 6:49 minutos, 2015. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/766850/entrevista-rafael-iglesia>>. Acesso em: 23 out 2017.

¹³⁹ HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *El día que murió la arquitectura moderna*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/el-dia-que-murio-la-arquitectura-moderna/>>. Acesso em: 22 ago 2017.

¹⁴⁰ BERGDOLL, Barry in: LEPIK, Andrés; BERGDOLL, Barry. *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2010. p. 08.

¹⁴¹ D'APRILE, Marianela. *Odeia a arquitetura contemporânea? Culpe a economia, não os arquitetos*. ArchDaily Brasil, 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/884310/odeia-a-arquitetura-contemporanea-culpe-a-economia-nao-os-arquitetos>>. Acesso em 25 jan 2019.

¹⁴² Ibid.

"A arquitetura foi abandonando o compromisso com a sociedade, que caracterizara a prática profissional na primeira metade do século XX, quando esta estava mobilizada ante os desafios da urbanização e desempenhando um papel de liderança nos movimentos de reforma social. Com o tempo, caiu o número de edificações projetadas por arquitetos, paralelamente ao maciço crescimento urbano sujeito a pouca ou nenhuma regulamentação. Diante de uma crise habitacional em uma escala também quase sem precedentes quanto às dimensões das cidades do terceiro milênio, cada vez maiores, os profissionais já não parecem capazes de oferecer soluções para o problema da moradia econômica, que a urbanização galopante torna cada vez mais urgente. Como o mercado raramente solicita tais soluções, o limitado número de edifícios projetados por arquitetos tende a se restringir a produções espetaculares e de orçamento elevado, ao invés de serem respostas às necessidades da maioria das pessoas. O que ainda merece ser chamado de 'arquitetura' parece ser pouco mais do que um punhado de diamantes em meio aos escombros do planeta. Nessa perspectiva, as experiências do século XX e seu engajamento social correm o risco de ter sido nada mais do que um feliz e efêmero interlúdio no drama da história." ^{F16}

Ao passo que as novas espacialidades, conduzidas pelos novos *softwares* paramétricos e pelas ideias de fluidez e flexibilidade espacial, não representam "nada que Aalto e Niemeyer, por exemplo, não faziam com maior precisão e economia".¹⁴³

Interessantemente, neste mesmo período, em contrapartida às arquiteturas do espetáculo, aparecem também uma espécie de novo modernismo, proposto não pelos arquitetos, mas pelos incorporadores, e já não em seu sentido idealista, mas sim, em seu sentido estético. Um modernismo, porém, que não tem o intuito utópico de buscar uma estandardização racional das formas de vida através de avanços tecnológicos, visando uma melhor sociedade, mas sim se utiliza de alguns preceitos modernos como a economia de meios já não como importante instrumento para a construção em larga escala, mas sim como uma forma eficiente de maximizar lucros.¹⁴⁴

"A mesma arquitetura que antes incorporava a mobilidade social em concreto aparente agora ajuda a evitá-la",¹⁴⁵ provoca De Graaf. E, mesmo que o problema habitacional não tenha sido resolvido, muitas das conjuntos habitacionais, que hoje se encontram bem localizados nas grandes metrópoles, estão sendo demolidos.

O maior exemplo dessa nova realidade é o processo de demolição do mais famoso projeto de habitação social dos Smithsons em Londres. Inaugurado em 1972, mesmo ano em que o Pruitt-Igoe foi demolido, o Robin Hood Gardens teve sua demolição confirmada em 2012 e, apesar de inúmeras tentativas de preservação, em 2017 começaram as demolições.¹⁴⁶ Se existe nostalgia dos arquitetos nesse momento ao Robin Hood Gardens é porque o conjunto possuia um valor simbólico muito grande, representando uma visão utópica de moradia. Nesse sentido, sua demolição é apenas mais um passo na alarmante substituição dos grandes conjuntos habitacionais, simbólicos de um estado preocupado com o bem-estar social, por produtos de mercado, unicamente orientados para o lucro.¹⁴⁷

Uma nova lógica se estabelece. As habitações deixam de ser responsabilidade dos estados e passam a ser iniciativas privadas. Dessa forma, o aluguel é desestimulado e a compra de imóveis tende a aumentar consideravelmente. Uma parte considerável da sociedade, assim, muda de condição: os que antes eram inquilinos agora passam a ser proprietários. Esses novos proprietários, que adquirem seus imóveis através de hipotecas e financiamentos alimentando o sistema financeiro, esperam a contínua valorização financeira de seus imóveis.

A habitação, desta forma, deixa de ser apenas uma função ou parte importante do tecido urbano e passa a ser, prioritariamente, mercadoria. A partir de agora, torna-se ainda mais importante para os, agora proprietários, a estabilidade econômica. Está assim formado um eleitorado conservador, que tende a simpatizar com a agenda econômica da direita.¹⁴⁸ Essa condição, contudo, a longo prazo, é pouco sustentável. Os novos proprietários necessitam de aumentos de salário para pagarem suas hipotecas mas os governos liberais tendem a eliminar esses aumentos. Está armado um grande dilema, e a arquitetura, mesmo que indiretamente, é parte importante dele.

¹⁴³ BUCHANAN, Peter. *Empty gestures: Starchitecture's Swan Song*. *Architectural Review*. 2015. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/essays/viewpoints/empty-gestures-starchitecture-swan-song/8679010.article>>. Acesso em 25 out 2018.

¹⁴⁴ DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. *Architectural Review*. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ GALLANTI, Fabrizio. *A brutal end for Robin Hood Gardens*"Examining the demise of a modernist housing estate. *Interwoven: the fabric of things*. Kvadrat Interwoven. Disponível em: <<http://kvadratinterwoven.com/a-brutal-end-for-robin-hood-gardens>>. Acesso em 15 abr 2019.

¹⁴⁷ MCGUIRK, Justin. *Robin Hood Gardens*. SQM, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/robin-hood-gardens>>. Acesso em: 3 dez 2017.

¹⁴⁸ DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. *Architectural Review*. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.

"O século XX nos ensinou que o pensamento utópico pode ter consequências precárias, mas, se o curso da história é dialético, o que se segue? O século 21 assinala a ausência de utopias? E, se sim, quais são os perigos disso? O enquadramento de Piketty do século XX ecoa a noção familiar de "o curto século XX": o período histórico marcado por uma disputa global entre duas ideologias concorrentes, desde o início da Primeira Guerra Mundial até o fim do comunismo na Europa Oriental; começando em Sarajevo, terminando em Berlim [...] Se acreditarmos em Piketty, poderemos estar no caminho de volta a uma forma patrimonial do capitalismo. Com isso, a missão social da arquitetura moderna - o esforço para estabelecer um padrão de vida decente para todos - parece uma coisa do passado."¹⁴⁹

¹⁴⁹ DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.

"Talvez nenhuma imagem seja mais clara para ilustrar o que aconteceu com a arquitetura do que o Partenon. É uma representação da arquitetura de uma forma que todos nós sabemos reconhecer, e presumivelmente, uma que todos apreciamos e respeitamos. O regime dos últimos 20 a 25 anos, o regime de economia de mercado, que se infiltrou em cada recanto com alguma autonomia, transformou a arquitetura em uma arte diferente. Trinta anos atrás, a arquitetura era um esforço muito sério, empregava trabalhadores e, presumivelmente, produzia edifícios que não eram itens de luxo, mas necessidades. E, portanto, não era necessariamente comprometida com a beleza imediata ou óbvia, mas genuinamente, muito mais interessada em fazer o que era necessário. Eu acho que aquela arquitetura acabou. É uma questão muito interessante: se ela se foi para sempre ou se, em determinadas circunstâncias, podemos imaginar que ela voltará. De qualquer maneira, ela se foi por enquanto." ^{F17}

FRAGMENTO 17 | *Maybe no image is clearer in terms of what happened to architecture than the Parthenon. It is a representation of architecture in a way that we all can recognize, and presumably, one that we all like and respect. The regime of the last 20 to 25 years, the US Regime, the regime of the market economy, which has infiltrated every single pocket of autonomy, has turned architecture into a different art. Thirty years ago architecture was a very serious effort, using workers and presumably producing buildings that were not luxury items, but necessary. And therefore, not necessarily committed to immediate or obvious beauty but, in a genuine way, much more interested in doing what was necessary. I think that architecture is gone. It's a very interesting question whether it is gone forever or whether under certain circumstances, we can imagine that it will come back. In any case, it is gone for now.* KOOHLHAAS, Rem. *Paul S. Byard Memorial Lecture*. Graduate School of Architecture, Planning and Preservation at Columbia University GSAPP. Nova Iorque, 2009. Disponível em: <<https://www.arch.columbia.edu/books/reader/6-preservation-is-overtaking-us#reader-anchor-2>>. Acesso em: 05 abr 2017.

"Quinze anos no novo milênio, e é como se o século anterior nunca tivesse acontecido."¹⁵⁰

Os atuais tempos de crise parecem levantar suspeitas de que o século XX foi uma anomalia na curta história da humanidade: "Um período inteiro caracterizado por uma crença iluminada no progresso, emancipação social e direitos civis pode ser retroativamente descartada como um momento fugaz de autoilusão."¹⁵¹

Ainda é cedo para afirmar, mas já se fala em um século de escassez,¹⁵² em uma clara imposição do capital e da economia sobre o mundo contemporâneo e da crise financeira sobre a economia. E, nesse mundo, a arquitetura parece ser nada mais do que uma ferramenta do capital, como afirma De Graaf.¹⁵³

Assim como as crises das décadas de 1960 e 1970 repercutiram fortemente na disciplina, a crise de 2008 também teve seu impacto. A arquitetura do espetáculo evaporou após a crise, no que McGuirk define como "o ponto culminante de um processo que começa com o abandono da habitação social como um projeto utópico."¹⁵⁴

São evidentes as mudanças no cenário da arquitetura após o período de abundância e desperdício dos anos 2000. No início do século, em um período de grande crescimento econômico, os processos de globalização ocasionaram, entre outras coisas, a produção de incontáveis museus, teatros, arranha-céus e outros ícones tecnológicos. Edifícios que tinham, em última instância, como principal função, criar desejos e assim atrair investidores. Entusiasmados com as novas tecnologias, os arquitetos geravam edifícios que se resolviam primeiro em sua forma e posteriormente em suas funções internas. Imagens cada vez mais realistas abasteciam a mídia, apresentando um mundo de abundância, que permitia esquecer "a natureza produtora de escassez" ocasionada por estes empreendimentos.¹⁵⁵

É possível afirmar que, longe de possuírem a afluência que seus pares modernos possuíam, muitos arquitetos contemporâneos se interessaram pelas novas formas possíveis através das recentes tecnologias computacionais. Estas, em última análise, são as únicas áreas de produção da arquitetura que permitem um quase absoluto controle já que todos os outros processos deixaram de estar sob supervisão do arquiteto. As novas tecnologias, contudo, trazem suas consequências: "silenciam o usuário, congelam o objeto e despolitizam o projeto."¹⁵⁶

As repercussões da crise são tão fortes que Rem Koolhaas, o arquiteto mais influente neste início de século, chegou a afirmar que a arquitetura havia desaparecido. E que as novas formas já não são mais relevantes.¹⁵⁷ Nesse contexto, podemos argumentar que essas formas perderam sua relevância justamente por estarem inseridas em um sistema dependente de uma excessiva novidade formal, com intuito de gerar exclusividade, mas que acabaram justamente por não contribuirem com nenhum novo significado cultural.¹⁵⁸

150 DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architecturalreview.com>>.

151 Ibid.

152 "se o paradigma do século 20 foi o crescimento, então seu corolário no século 21 é a escassez". Ver citação original na pág. 09. MCGUIRK, Justin. *Walter Benjamin puts activists to shame?*. Here, 2013. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/walter-benjamin-puts-activists-shame>>. Acesso em: 15 dez 2018 citando Pier Vittorio Aureli. Ver também: Conferência *Pier Vittorio Aureli: Less is enough*. 1:23:05 minutos, 2013. Strelka Institute. Moscou, Rússia. Disponível em: <<https://strelka.com/en/videos/event/2013/09/03/less-is-enough>>. Acesso em: 06 out 2019.

153 DE GRAAF, Renier. op. cit. 2015.

154 MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 15.

155 GOODBUN, Jon; et al. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 09.

156 Ibid. p. 09.

157 Ver Fragmento 17. p. 131.

158 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Architecture is gone*. Arquine, 2016.

Para Otero-Pailos, "se reunirmos edifícios feitos pelos maiores arquitetos dos últimos dez anos, sejam quais forem as suas qualidades individuais, é evidente que, juntos, não têm efeito cumulativo e, de alguma forma, se autocancelam misteriosamente e, portanto, não são produtivos" e, complementa, "o problema continua a ser produzir uma arquitetura culturalmente importante, mas a solução não é mais a produção de formas."¹⁵⁹

Nesses sentido, conforme aponta Otero-Pailos, Robert Smithson antecipou a análise de Koolhaas quando afirmou haver uma relação entre arquitetura e economia. Assim como os economistas, os arquitetos produziriam de forma "isolada, auto-suficiente, ahística" minimizando ao máximo as relações externas à disciplina.¹⁶⁰

Robert Smithson criticava o descompromisso tanto dos economistas quanto dos arquitetos que, ao se dedicarem a uma produção entrópica, desconsideravam as externalidades e as consequências não imediatas de suas ações. Hoje, há a sensação de uma crise na arquitetura, muito dependente das demandas do capital. Da mesma forma que a arquitetura distanciou-se de seu lado social, ao menos no assim chamado primeiro mundo, parece que esse distanciamento se deu ao mesmo tempo em que desapareceram os ideais progressistas dos estados de bem-estar social.¹⁶¹

Ao afirmar que "a arquitetura desapareceu, e a questão interessante é se para sempre ou se, sob alguma circunstância, podemos imaginar que voltará",¹⁶² Koolhaas coloca uma série de impasses e discussões possíveis tanto no campo teórico como no que se refere ao ensino e prática profissional. Neste sentido, ao menos em parte do globo, parece surgir um campo disciplinar que pretende retomar um maior contato com o contexto social e com as desigualdades provocadas pelo ciclos econômicos.

Neste novo século, a desigualdade urbana parece ser, ao menos para os arquitetos, o grande desafio a ser enfrentado.¹⁶³ Até 2030, estima-se que cinco bilhões de pessoas estarão vivendo em áreas urbanas,¹⁶⁴ quase metade delas em assentamentos informais. A quase totalidade desses assentamentos se dará em países em desenvolvimento, onde uma urbanização igualitária não tem sido propiciada pelo Estado, o que torna um desafio ainda maior. À parte da aparente incontrolável expansão urbana, a arquitetura se mostra com poucos recursos para atuar. Com os estados ausentes - já que estes sequer conseguem resolver os problemas relacionados à infraestrutura básica - os próprios habitantes têm "construído mais do que governos e incorporadores juntos". Essa situação, para McGuirk, nos coloca diante "da proliferação de guetos em escala global".¹⁶⁵

Esta porém, não é uma novidade para a América Latina.

¹⁵⁹ citando Otero-Pailos. HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. op. cit. 2016.

¹⁶⁰ OTERO-PAILOS, Jorge. *Supplement to OMA's Preservation Manifesto*. Disponível em: <<https://www.arch.columbia.edu/books/reader/6-preservation-is-overtaking-us#reader-anchor-3>>.

¹⁶¹ HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *La arquitectura del capital en el siglo XXI*. Arquine, 2015.

¹⁶² citando Rem Koolhaas. HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. op. cit. 2016.

¹⁶³ MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazeera, 2014.

¹⁶⁴ ONU - relatório das Nações Unidas: *17 Goals to Transform Our World. Goal 11: Make cities inclusive, safe, resilient and sustainable*. Disponível em: <<https://www.un.org/sustainabledevelopment/>>.

¹⁶⁵ MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazeera, 2014.

"Em um cenário em que a falta de recursos pode se tornar crítica, é de se esperar que aqueles que sempre trabalharam em condições de escassez possam oferecer soluções mais criativas e sustentáveis para os novos problemas do cotidiano.

Quando o petróleo é objeto de guerras, a escassez de água ameaça, as temperaturas se elevam e a energia precisa ser repensada para desenvolver fontes alternativas, somos levados a refletir mais seriamente sobre o desperdício e o luxo. Provavelmente, em poucas décadas, os valores e estratégias que guiaram a construção de nossos ambientes terão de ser fundamentalmente alterados.

Embora o sistema de consumo sempre servirá para a distinção visível de uma pequena minoria, chegará o dia em que o espaço designado aos espetáculos desiguais de alta tecnologia, os materiais custosos e a arquitetura lustrosa das estrelas serão cada vez mais restritos.

Mesmo que as justificadas reivindicações de progresso geralmente se apoiem nestas demonstrações de força, chegará um dia em que as evidências terão de ser concebidas e promulgadas de outras formas.

O chamado 'sul' já enfrenta esse tipo de dilema."¹⁸

FRAGMENTO 18 | Citação original: *"In a scenario which lack of resources may become critical, it is to be expected that those who always worked within a condition of necessary resourcefulness can offer more sustainable and creative solutions to new everyday problems. When oil is the object of war, water shortages threaten, temperatures rise and energy has to be rethought in terms of alternative sources, one is led to reflect more seriously upon waste and luxurious expenditure. And one may imagine that in a few decades the values and strategies according to which we build our environment will have to be fundamentally changed. Although the system of consumption will always serve the conspicuous distinction of a small minority, there may come a time where the space for inequitable shows of high technology, expensive materials and glossy 'starchitecture' is increasingly restricted. Even if justified claims for progress generally lie behind such shows of strength, there may come a time when effective evidence has to be devised and enacted in other ways. The so-called South is already facing this kind of dilemma."* GADANHO, Pedro. *Resurgirá de nuevo el sur? (Sobre la emergencia de la emergencia)*. 2G Dossier: Iberoamerica, Arquitetura Emergente. Gustavo Gili, Madrid, 2008. p.114. tradução do autor.







"É impossível descrever a geografia da América Latina sem superlativos. Sua superfície cobre uma área de 21.069.501,48 quilômetros quadrados e se estende da latitude 32° Norte a 56° Sul, e da longitude 117° oeste à 36° leste - nenhum continente possui uma variação maior em latitude. Ao longo desta extensão, o clima muda de árido para tropical (com quase 70% de sua massa terrestre nesta última categoria) para temperado e sub-antártico. Ao longo de sua borda ocidental estão um dos lugares mais úmidos do mundo (Tutunendó, na Colômbia, com 11785,6 mm de precipitação anualmente) e o mais seco (o Deserto de Atacama do Chile, onde em partes nunca houve chuva). Duas figuras primárias articulam o interior do continente: a floresta amazônica (a floresta mais biologicamente diversa do mundo) e a cordilheira dos Andes (a maior cadeia de montanhas do mundo), que se estende em uma linha quase reta de mais de 7000 km. Extensas savanas, florestas tropicais e rios caracterizam as regiões a leste dos Andes até o Oceano Atlântico, enquanto a borda oeste do continente é caracterizada pela extrema topografia da cadeia montanhosa em frente ao Oceano Pacífico. As cidades se localizam predominantemente próximas às costas, enquanto o interior é principalmente dominado pela natureza, repleto de panoramas maravilhosos e até mesmo desconhecidos e recursos abundantes. A imagem da Terra durante a noite, tirada do espaço em 2000, permanece fundamentalmente a mesma do mapa desenhado quatro séculos e meio antes pelo cartógrafo francês Pierre Desceliers: ambos mostram um assentamento praticamente contínuo na costa, em contraste com um centro pouco habitado.

Embora tenham sido colonizados pela mesma potência imperial, a Espanha, e compartilhando uma religião e uma língua (com exceção do Brasil, originalmente colônia portuguesa, e Haiti, onde o crioulo haitiano impera), as formidáveis barreiras geográficas da América Latina impediram que os cerca de 590 milhões de habitantes da região se unificassem política, econômica e culturalmente. O território original evoluiu para vinte países, cada um com suas próprias trajetórias históricas e políticas e distintas identidades culturais. Existem também diferenças etnográficas claras. O cone sul (Chile, Argentina, Uruguai e parte sul do Brasil) é caracterizado por uma população de origem europeia em sua maioria, com uma minoria muito pequena de grupos nativos. Os países andinos (Colômbia, Equador, Peru e Bolívia) ocupam a região noroeste e têm uma distribuição mais ou menos uniforme da população mestiça, branca e indígena. A região tropical (Venezuela e Brasil) tem uma maioria de mestiços e afro-americanos, e uma minoria branca. A América Central (do Panamá à fronteira dos EUA) e o Caribe incluem a maioria dos ameríndios, afro-americanos e mulatos, resultado das práticas de comércio e escravidão nessas áreas." ¹⁹

FRAGMENTO 19 | BERRIZBEITIA, Anita; HECHT MARCHANT, Romy. *Latin American Geographies: A Glance over an Immense Landscape*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011. p. 04 e 07. tradução do autor.

notas sobre uma américa latina ¹⁶⁶

O território está para a América assim como os monumentos estão para a Europa.¹⁶⁷ Nossa território, ao longo dos últimos cinco séculos, tem sido constituído por pelo menos três processos muito distintos, porém intrinsecamente relacionados. O primeiro é configurado por essa condição geográfica única que aponta Berrizbeitia, e que tem sido fundamental para a organização territorial e a diversidade cultural, servindo como principal fonte de *commodities* como minerais, metais e hidrocarbonetos para os mercados globais. O segundo, um processo histórico que promoveu a consolidação de uma extensa rede de cidades, existentes e operativas ainda hoje, através de uma hibridização cultural. Por último, um processo sócio-econômico muito particular.¹⁶⁸

Devido a estes processos formativos, as cidades latino-americanas hoje são muito distintas das antigas cidades europeias. Nossas cidades foram geometricamente marcadas por uma matriz orgânica portuguesa ou por uma matriz geométrica espanhola e pela inserção pontual algumas obras monumentais, muitas delas promovidas pelas instituições religiosas, alicerçadas por tradições construtivas de extraordinária qualidade técnica. E, ao contrário do que ocorreu em outras regiões, uma certa mestiçagem cultural.¹⁶⁹

Nosso território, contudo, não tem sido marcado, somente por suas específicas condições geográficas e posteriores adições de inúmeros dispositivos criados pelo homem, mas também por sua população. Os países latino-americanos são, nesse sentido, o resultado dos processos de sedimentação, juxtaposição e entrelaçamento de tradições indígenas, sobretudo daquelas existentes em território meso-americano e nos Andes, do colonialismo ibérico católico e das posteriores ações políticas, educacionais e comunicacionais modernas, conforme escalrece Canclini.¹⁷⁰

Após um período inicial que devastou grande parte dos povos pré-colombianos, a América Latina adotou uma série de processos colonizadores que foram gradativamente implementados em todo o território de distintas formas: culturalmente, através da inserção de línguas latinas - português, espanhol e francês - e da religião católica - suas normas, tradições, valores, modos de comportamento e organização social; politicamente, através da promoção de novas formas de governo, administração e propriedade com raízes aristocráticas; e economicamente, através de uma postura primeiramente orientada para a economia extrativista, por meio da exploração das riquezas minerais, e, posteriormente, pela inserção de regimes escravistas em suas plantações.¹⁷¹

Durante o século XIX, a grande expansão capitalista trouxe novas dinâmicas, ao introduzir novas potências europeias ao complexo cenário histórico da civilização latino-americana.

166 Embora possam existir diferentes formas de delimitar o que seria a América Latina, aqui a entendemos como o conjunto de terras que se estende da Terra do Fogo, no extremo sul do continente americano, até o Rio Bravo - fronteira norte do México.

167 Esta é uma das frases que mais se repete entre os arquitetos contemporâneos, entre eles Cazú Zegers (conferência Cazú Zegers: *El encanto de lo cercano*, 34:27 minutos, 2013. TEDxUDDSalon, Chile), Paulo Mendes da Rocha, Rafael Iglesia (entrevista *Rafael Iglesia en la gira Americano del Sud 2013*, 6:42 minutos, 2014. ARQClarín) e Solano Benítez.

168 Ver: BERRIZBEITIA, Anita; HECHT MARCHANT, Romy. *Latin American Geographies: A Glance over an Immense Landscape*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011. p. 04.

169 LIERNUR, Jorge Francisco. 21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past. in: Revista A+U N° 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 08.

170 GARCIA CANCLINI, Néstor. *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Minneapolis: Minnesota Press, 2005. p. 46.

171 LIERNUR, Jorge Francisco. op. cit. 2015. p. 08.

França, Inglaterra, Holanda e Alemanha começaram a ter grande influência interna, acrescentando novos sistemas políticos e econômicos, assim como novos componentes sociais e étnicos à matriz já muito mestiça. Nesse período ocorreram inúmeros processos migratórios, dos quais participaram ainda italianos, suíços, libaneses, japoneses, espanhóis, portugueses, e muitos outros.¹⁷²

Essas novas interações foram determinantes para o processo de industrialização, com o surgimento de indústrias locais, como a do café no Brasil, a de metalurgia no México e a de construção civil na Argentina. Além disso, as novas dinâmicas proporcionaram injeções de capital, acelerando a expansão de infraestruturas territoriais e avalancando um processo de modernização que acabaria por influenciar ativamente nas novas subdivisões do território colonial, determinantes para a criação das recém-independentes repúblicas.¹⁷³

O processo de independência dos Estados Unidos é outro fator importante nessa evolução, acrescentando uma nova fonte de tensão que acabou por ter grande influência cultural nos países da região, principalmente nos centro-americanos e no México.¹⁷⁴ Porém, apesar de que estes processos viriam a trazer mudanças sociais e políticas significativas, as circunstâncias econômicas anteriores continuariam inalteradas, e a região permaneceria extremamente vinculada e seguiria dependente de investimentos externos para o seu desenvolvimento econômico.¹⁷⁵

Apesar desse longo e complexo processo de modernização, as antigas tradições ainda continuam presentes na América Latina contemporânea, e a modernidade nunca foi atingida completamente.¹⁷⁶ A falta de uma industrialização consistente, de investimentos em tecnologia agrícola, de uma ordem socio-política estabelecida e fundamentada na racionalidade formal e material, comuns em todo oeste, e de uma arena pública onde os cidadãos possam viver democraticamente, participando e colaborando ativamente no desenvolvimento da sociedade seguem repercutindo negativamente no desenvolvimento social e econômico dos países até os dias de hoje.¹⁷⁷

O processo de modernização, nesse sentido, tem sido extremamente desigual, econômica e culturalmente, não conseguindo atingir a sociedade como um todo. Tampouco tem sido um processo contínuo, tendo em vista que as condições econômicas internas, por estarem intrinsecamente inseridas em um mundo globalizado, acabam por absorver as consequências das dinâmicas econômicas externas, e seus ciclos de crescimento e estagnação, foram impactados por diversas crises internacionais. Nesse sentido, ao contrário de outras civilizações ocidentais, nos encontramos hoje em um período no qual "as tradições não necessariamente passaram e a modernidade ainda não está totalmente presente".¹⁷⁸

É inegável, porém, que a América Latina tenha se modernizado como sociedade e como cultura, embora o problema esteja na forma como a modernização foi atingida. A modernização não foi promovida, como tradicionalmente ocorreu em outras nações, pelos estados, mas sim por empresas privadas.¹⁷⁹

¹⁷² LIERNUR, Jorge Francisco. *21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 08.

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ Ibid.

¹⁷⁵ BERRIZBEITIA, Anita; HECHT MARCHANT, Romy. *Latin American Geographies: A Glance over an Immense Landscape*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011. p. 12.

¹⁷⁶ GARCIA CANCLINI, Néstor. *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Minneapolis: Minnesota Press, 2005. p. 01.

¹⁷⁷ Ibid. p. 06-07.

¹⁷⁸ Ibid. página de rosto/prefácio de Renato Rosaldo. citação original: "traditions not quite past and modernity not yet wholly present make a curious hybrid of Latin American culture".

¹⁷⁹ Ibid. p. 64.

Atualmente a região possui uma articulação ambígua e complexa entre tradição e modernidade, que se mostram muito diversas e desiguais. A América Latina é hoje, um território heterogêneo, formado por países que apresentam cada uma das múltiplas lógicas do desenvolvimento,¹⁸⁰ existindo um modernismo completamente desenvolvido, culturalmente; não existindo, porém, uma plena modernização econômica e social.¹⁸¹

A América Latina atinge o século XXI como a região mais urbanizada do planeta, com mais de 3/4 de sua população vivendo em cidades,¹⁸² e suas cidades se apresentam como uma sobreposição ou justaposição de muitas formas e processos de urbanismo que gradativamente tem "mudado sua morfologia e fisionomia dependendo de quem ou o que estava estimulando sua economia."¹⁸³ A explosiva expansão urbana ocorrida no último século, resultado das profundas mudanças nos modos de produção, trouxe consigo uma industrialização incompleta e um expressivo crescimento da desigualdade social.¹⁸⁴

Atualmente quase 1/4 dos latino-americanos vive em bairros informais - como as *villas* argentinas, as *barreadas* peruanas e as favelas brasileiras - grande parte delas localizadas nas grandes metrópoles. As metrópoles latino-americanas concentram 14% da população - aproximadamente 65 milhões de pessoas. Ao mesmo tempo, a condição de vida em situação de extrema pobreza, no interior do continente e nas zonas rurais, atinge mais de 200 milhões de pessoas.¹⁸⁵

O processo de urbanização cresceu constantemente desde o início do século, e mais marcadamente a partir dos os anos cinqüenta, apresentando crescimento vertiginoso em países como Brasil, México, Venezuela e Argentina nas décadas de 1950 e 1960.¹⁸⁶ Na década de 1950, cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Caracas e Cidade do México, principalmente através de correntes migratórias internas, cresceram em um ritmo muito acelerado transformando-se em enormes metrópoles. São Paulo, nesta época, teve um crescimento populacional maior que qualquer outra cidade no globo impulsionada principalmente pela grande expansão do setor industrial.

"A espetacular urbanização da América Latina depois de 1945 transformou a cultura arquitetônica na vasta região e tornou-se o catalisador de alguns dos debates mais acalorados e produtivos de meados do século XX. Pela primeira vez, a arquitetura e o planejamento urbano na América Latina - em particular no México, no Brasil e na Venezuela - não pareciam o reflexo tardio de exemplos estabelecidos na Europa ou nas Américas, ao norte do Rio Grande, mas as previsões de uma modernização por vir no mundo: aulas do mundo 'subdesenvolvido' (como a região foi classificada depois de 1945 nos debates sobre os modelos de desenvolvimento), úteis até mesmo para o 'mundo desenvolvido' durante as décadas de 1950 e 60."¹⁸⁷

¹⁸⁰ GARCIA CANCLINI, Néstor. *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Minneapolis: Minnesota Press, 2005. p. 09.

¹⁸¹ BERRIZBEITIA, Anita; HECHT MARCHANT, Romy. *Latin American Geographies: A Glance over an Immense Landscape*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011. p. 04.

¹⁸² GORELIK, Adrian Gustavo. *The metropolitan demand*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 24-27.

¹⁸³ BERRIZBEITIA, Anita; HECHT MARCHANT, Romy. *Latin American Geographies: A Glance over an Immense Landscape*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011. p. 12.

¹⁸⁴ LIERNUR, Jorge Francisco. *21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 08.

¹⁸⁵ LIERNUR, Jorge Francisco. *Metropolis*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 23.

¹⁸⁶ GORELIK, Adrian Gustavo. op. cit. p. 24-27.

¹⁸⁷ BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patrício. *Latin America in Construction: Architecture 1955-1980*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 17.

Os países latino-americanos foram, nesse período, territórios para algumas das maiores experiências urbanas do último século.¹⁸⁸ A nova e efervescente condição metropolitana, com todas suas ambiguidades e contradições, foi, nesse período, protagonista para a prática de arquitetura e um grande estímulo para reflexão tanto para a disciplina como em relação à políticas públicas.¹⁸⁹ "O futuro da América Latina foi urbano, e o futuro do urbano foi melhor observado na América Latina", aponta Bergdoll.¹⁹⁰

Durante o último século, as migrações campo-cidade e o consequente processo de urbanização tomaram proporções inéditas, e os governos recorreram ao planejamento modernista e aos exemplos europeus de habitação social, aqui experimentados em larga escala, produzindo alguns dos mais importantes referentes de uma arquitetura preocupada com a qualidade da habitação, dos serviços e dos espaços públicos.

Entretanto, os estados mostraram-se insuficientes para atender às enormes demandas, e os governos simplesmente não conseguiram construir as enormes quantidades de conjuntos habitacionais necessários para suprir o grande aumento populacional nas grandes cidades com a rapidez necessária.

No final da década de 1970, uma nova conjuntura mundial provocou uma grande mudança na postura dos estados latino-americanos, que passaram a adotar as ideologias neoliberais provenientes dos Estados Unidos e do Reino Unido, obtendo poucas conquistas além de deixar o mercado fazer o que queria e, evidentemente, de reduzir os investimentos públicos.¹⁹¹

Apesar de ter experimentado o maior crescimento econômico do mundo no período, a renda per capita regional praticamente não mudou, e a desigualdade aumentou drasticamente.¹⁹² Nem mesmo os recursos naturais abundantes ou uma renda per capita significativa conseguiram proporcionar uma melhor realidade e, desde a década de 1970, a América Latina tem enfrentado a maior desigualdade do mundo.¹⁹³ Esse hoje é um território em que 20% da população mais rica tem uma renda média per capita equivalente a quase 20 vezes a renda dos 20% mais pobres,¹⁹⁴ e onde a prática da arquitetura tem sido desenvolvida sempre em meio às diversas tensões provocadas por esse contexto extremamente contraditório.¹⁹⁵

Neste sentido, "as vastas extensões da urbanização espontânea - 'informal' - em torno de áreas metropolitanas apresentam a geografia mais recente a emergir na América Latina contemporânea",¹⁹⁶ conforme aponta Berrizbeitia.

¹⁸⁸ GORELIK, Adrian Gustavo. *The metropolitan demand*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 24-27.

¹⁸⁹ LIERNUR, Jorge Francisco. *21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 08.

¹⁹⁰ BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patricio. *Latin America in Construction: Architecture 1955-1980*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 19-20.

¹⁹¹ HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *El problema de la desigualdad*. Conversación con Gerardo Esquivel, 2015. Entrevista originalmente vinculada no programa La Hora Arquine em 6 de julho de 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/el-problema-de-la-desigualdad-conversacion-con-gerardo-esquivel/>>. Acesso em: 09 jun 2017. e MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 12.

¹⁹² LIERNUR, Jorge Francisco. op. cit. 2015. p. 08.

¹⁹³ *Inequality in Latin America. A stubborn curse*. The Economist, 2003. Disponível em: <<http://www.economist.com/World>>. Acesso em: 14 mar 2018.

¹⁹⁴ LIERNUR, Jorge Francisco. *Society*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 69. e *Desigualdade persistente*. O Estadão, 2012. Disponível em: <<https://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral/desigualdade-persistente-imp-922175>>.

¹⁹⁵ LIERNUR, Jorge Francisco. *Society*. op.cit. 2015. p. 69.

¹⁹⁶ BERRIZBEITIA, Anita; HECHT MARCHANT, Romy. *Latin American Geographies: A Glance over an Immense Landscape*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011. p. 13.



Muitas das tensões sociais e políticas que presenciamos ultimamente são procedentes não da pobreza, mas das desigualdades. Nesse sentido, é evidente a representatividade nas áreas metropolitanas de uma realidade cada vez mais contrastante. As cidades expressam de forma concreta e tangível as grandes diferenças de padrões que separam as imensas áreas de periferias pobres dos bairros ricos.¹⁹⁷ Para Lara, parece importante questionar se não estaria na cidade, na relação entre o indivíduo e o espaço construído, a demonstração mais contundente da nossa ultrajante desigualdade.¹⁹⁸ E para o aumento dessa desigualdade, a ausência do estado tem sido determinante.

o fim de um ideal

Se Charles Jenks identificou a demolição de Pruitt-Igoe, em 1972, como o fim do modernismo na arquitetura, McGuirk acredita que esse não foi o caso na América Latina. Embora os principais conjuntos habitacionais tenham sido desenvolvidos nas décadas de 1950 e 1960, importantes projetos continuaram a ser construídos no continente até o final da década de 1970, muitas vezes como forma das ditaduras militares manterem suas bases de apoio. De acordo com McGuirk, foi outro evento o principal sintoma do fim da habitação social como um ideal público, e, com ele, o fim da influência do arquiteto como a figura mais poderosa na construção de cidades.¹⁹⁹

Iniciado em 1968 pelo arquiteto e presidente peruano Fernando Belaúnde com o apoio das Nações Unidas, o PREVI - *Proyecto Experimental de Vivienda* - se propunha a solucionar o crescente problema das *barriadas* de Lima.²⁰⁰ Era, no entanto, um tipo diferente de proposta. Ao contrário dos grandes blocos de habitação, propunha um esquema flexível composto por casas individuais que poderiam ser expandidas por seus próprios habitantes, à medida que as famílias crescam. O projeto era fortemente influenciado pelas ideias do arquiteto inglês John Turner, que via as *barriadas* não como assentamentos que precisavam ser reconfigurados ou eliminados, mas como soluções legítimas, criativas e eficientes aos problemas de urbanização e moradia.

Turner via como enorme vantagem o fato de os próprios moradores construirem suas habitações. Para ele, os assentamentos informais não deveriam ser entendidos como um problema, mas sim como solução.²⁰¹ O PREVI, nesse sentido, propunha uma solução híbrida. O governo proporcionaria uma base infraestrutural de boa qualidade arquitetônica e próprios moradores se encarregariam de adaptá-la a suas necessidades. Era o modernismo combinado às favelas.²⁰²

O programa, liderado pelo britânico Peter Land, se iniciou como uma espécie de protótipo ou plano piloto e os projetos seriam formulados através da organização de um concurso internacional bastante complexo envolvendo arquitetos nacionais e internacionais. Foram várias rodadas de competições e, finalmente, a concepção de um novo bairro composto por habitações muito distintas entre si.²⁰³

¹⁹⁷ ARAVENA, Alejandro. *The Work of LAN (Local Architecture Network) in France Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition*. Guide. Veneza: Marsilio. 2016. p. 34.

¹⁹⁸ LARA, Fernando. *Porque as américa são campeãs de desigualdade?*. Revista Fórum, 2015. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/porque-americanas-sao-campeas-de-desigualdade/>>. Acesso em: 16 fev 2019.

¹⁹⁹ MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 11-12.

²⁰⁰ Ibid. p. 12.

²⁰¹ LIERNUR, Jorge Francisco, in: BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patricio. *Latin America in Construction: Architecture 1955-1980*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 78-79.

²⁰² conforme define McGuirk. MCGUIRK, Justin. op. cit. 2015. p. 12.

²⁰³ MATEO, Josep Lluís. *PREVI Experience*. MONOGRAPH 01, 2016. Disponível em: <<https://>

Devido a circunstâncias políticas e econômicas, o PREVI foi apenas parcialmente executado, e em vez das 1500 habitações, a primeira etapa resultou na construção de cerca de 500 moradias. A segunda fase previa a construção da melhor proposta em larga escala. Essa etapa, porém, nunca aconteceu.

O projeto contou com a participação de arquitetos e escritórios de vanguarda na época, entre eles James Stirling, Kisho Kurokawa, Atelier 5, Kiyonori Kikutake, Charles Correa, Georges Candilis, Shadrach Woods, Aldo van Eyck, Fumihiko Maki e Germán Samper. Foi, para McGuirk, a última vez que os melhores arquitetos de sua geração estiveram ativamente envolvidos em torno de uma questão tão importante como a habitação social.²⁰⁴

A experiência porém, fracassou e o desmantelamento do PREVI em Lima, em conjunto com fatos tão variados como o massacre estudantil ocorrido no Conjunto Habitacional de Tlatelolco, na Cidade do México, e a profunda deteriorização da Urbanización 23 de Enero, em Caracas, provocou o que McGuirk considera ser 'o momento Pruitt-Igoe latino-americano'.²⁰⁵ Foram episódios que marcaram a ruptura com um período de massivos investimentos habitacionais e inauguraram uma época na qual os arquitetos latino-americanos já praticamente não estariam mais envolvidos no planejamento de habitações sociais.

Em meados da década de 1980 e na década de 1990, a adoção por grande parte dos países latino-americanos das políticas de livre mercado, baseadas nos modelos neoliberais aplicados nas grandes potências econômicas por Reagan e Thatcher, converteu o papel do Estado a uma condição extremamente limitada.²⁰⁶ Os grandes conjuntos habitacionais promovidos pelos governos na décadas anteriores aos poucos foram desaparecendo, e iniciativas como a do PREVI nunca mais foram vistas.

Nesse novo século, o maior programa habitacional latino-americano, com mais de 5 milhões de unidades habitacionais construídas até o fim de 2018, o 'Minha Casa Minha Vida', é uma iniciativa completamente diferente daquelas de meados do século passado. Com abrangência nacional, o programa, criado a partir das lógicas de mercado, teve como principal objetivo não a construção de habitações sociais, mas a movimentação da economia frente à crise de 2008 e a geração de empregos.²⁰⁷

Carente de qualquer tipo de planejamento global, pelo menos no que se refere a proporcionar projetos de arquitetura ou espaços urbanos de qualidade, o programa habitacional não possuía a qualidade de seus equivalentes do último século, com os arquitetos apartados dos processos, o projeto tem sido inteiramente comandado por prefeituras, incorporadoras e empreiteiras, e por seus interesses específicos. As habitações, nesse sentido, são tratadas como ativo financeiro. O governo, por sua vez, se restringe a mero incentivador da iniciativa privada, se eximindo de sua função na criação de cidades inclusivas e o tecido urbano se mostra como simples território para especulação e acumulação dos lucros. A habitação se consolida como sinônimo de mercadoria.²⁰⁸ Uma mercadoria tão especial que, ao contrário das teorias de oferta e demanda, quanto mais se constrói, mais sobem os preços.²⁰⁹

www.transfer-arch.com/reference/previ-lima-1969/. Acesso em: 15 maio 2019.

²⁰⁴ MCGUIRK, Justin. op.cit. 2015. p. 12.

²⁰⁵ MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 15.

²⁰⁶ Ibid. p. 22.

²⁰⁷ BERTOLOTTO, Rodrigo; et al. *A casa caiu: como fica o direito à moradia em uma época que o doce lar virou ativo financeiro*. TAB, 2018. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/casa-cidade>>. Acesso em: 09 fev 2019.

²⁰⁸ ROLNIK, Raquel in: BERTOLOTTO, Rodrigo; et al. *A casa caiu: como fica o direito à moradia em uma época que o doce lar virou ativo financeiro*. TAB, 2018. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/casa-cidade>>. Acesso em: 09 fev 2019.

²⁰⁹ MARICATO, Ermínia in: BERTOLOTTO, Rodrigo; et al. op. cit. 2018.

Para David Harvey, porém, uma cidade construída com a habitações de qualidade, em meio a ambientes urbanos agradáveis e inclusivos, dificilmente poderá ser produzida através de ações exclusivamente realizadas pelo mercado.²¹⁰ Com a habitação entendida como algo a ser valorizado economicamente, vendido e deixado para trás, deixam de existir conceitos básicos como os de vizinhança e de solidariedade.²¹¹

Em final instância, o que o Minha Casa Minha Vida produziu nestes últimos anos foi uma suburbanização em massa, promovida para tentar adiar os efeitos da crise mundial de 2008.²¹² Esse tipo de iniciativa, além de não conseguir resolver os déficits habitacionais, traz um efeito extremamente negativo para os tecidos urbanos. As cidades acabam por se espalhar horizontalmente, onerando o poder público responsável pelas infraestruturas básicas, como água, esgoto, luz e transporte, agora necessários em áreas cada vez mais distantes.²¹³

A realidade do programa demonstrou uma total falta de controle da qualidade de habitações e construções, menor controle ainda no que se refere à qualidade urbana dos empreendimentos. A repetição de blocos residenciais sem qualquer estudo de impacto urbano e de paisagem demonstram o atual menosprezo pelo papel da arquitetura nestes processos e a moradia apenas como empreendimento econômico e sem finalidade social provoca o que pode ser chamado de um paradoxo perverso: a existência de um enorme estoque de imóveis vazios ou subutilizados, normalmente localizados em áreas privilegiadas das grandes cidades, ao mesmo tempo em que muitas pessoas não possuem lugar para morar e populações se vêm obrigadas a residir cada vez mais longe das infraestruturas urbanas e de seus locais de trabalho.

Recentemente o PREVI foi redescoberto. A experiência frustada do PREVI, serviu de ensinamento para a formulação de projetos implantados por Alejandro Aravena no Chile e no México, que têm como principal característica promover habitações sociais capazes de se expandir conforme as mudanças de necessidade de seus habitantes. Para McGuirk, esta foi a grande qualidade do PREVI, ter sido projetado como uma plataforma para mudanças. Nesse sentido, as casas não eram um fim, mas um início.²¹⁴ Em Lima, as habitações originais encontram-se praticamente imperceptíveis, assim como os próprios limites da urbanização, engolida pela enorme expansão urbana metropolitana. A qualidade dos espaços públicos porém, como atesta Bergdoll, permanece.²¹⁵

Como vimos, o contexto sócio-econômico atual é muito distinto do período de desenvolvimento de meados do século passado. O entendimento de nosso complexo histórico é porém, como nos mostra o projeto Elemental, um requisito fundamental para atuar na tentativa de responder aos grandes desafios que as cidades globalizadas enfrentam, uma realidade na qual as abordagens do mercado substituíram as tentativa de desenvolvimento antes promovidas pelos estados.²¹⁶

²¹⁰ HARVEY, David. in: BERTOLOTTO, Rodrigo; et al. op. cit. 2018. Ver: HARVEY, David. *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2018. e HARVEY, David. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005.

²¹¹ HARVEY, David. in: BERTOLOTTO, Rodrigo; et al. op. cit. 2018.

²¹² BERTOLOTTO, Rodrigo; et al. op. cit. 2018.

²¹³ MARICATO, Ermínia in: BERTOLOTTO, Rodrigo; et al. op. cit. 2018.

²¹⁴ MCGUIRK, Justin. *Previ, Lima*. Domus, 2011. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/previ>>. Acesso em: 29 jul 2018.

²¹⁵ BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patrício. *Latin America in Construction: Architecture 1955-1980*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 38.

²¹⁶ Ibid.

ressurgirá de novo o sul ?

O processo de globalização parece, hoje, irreversível, se manifestando nas relações entre os países e o mundo. Relações nas quais existe um grande grau de interdependência entre a história geral da humanidade e as histórias particulares de cada região e onde está refletida a importância dada às relações entre países centrais e periféricos. Tradicionalmente a história é estabelecida a partir dos acontecimentos das grandes potências, às quais, de certa forma, "o presente estado das coisas interessa."²¹⁷

Sob o impacto da globalização, as grandes metrópoles latino-americanas tornaram-se ainda mais contraditórias, tendo incorporado, especialmente em seus estratos mais ricos, características presentes em outros contextos urbanos contemporâneos,²¹⁸ principalmente no que se refere aos hábitos de consumo, aos equipamentos urbanos, aos serviços, à setorização das áreas residenciais e aos investimentos em infraestruturas e meios de locomoção que privilegiam as camadas mais altas da sociedade. O resultado tem sido a conformação de um contexto urbano extremamente contraditório, no qual se somam concomitantemente dinâmicas muito distintas, como os assentamentos informais, os bairros formais de baixa renda, os condomínios fechados de alto padrão e ainda a gentrificação de antigas zonas centrais ou equipamentos industriais, permeados por áreas de abandono, moldando uma extremamente conflitante e desigual realidade urbana.²¹⁹

No século passado, apesar de América Latina ter experimentado um significativo período de crescimento, as desigualdades econômicas e sociais aumentaram. E, até agora, neste início de século, mesmo tendo existido um período inicial de grande crescimento, muito decorrente das dinâmicas da globalização, essa desigualdade continua aumentando.²²⁰

Como resultado das alterações dos modos de produção, de uma industrialização incompleta e do crescimento da desigualdade social, a região presenciou, nos últimos cem anos, uma expansão urbana explosiva,²²¹ porém nenhum dos planos econômicos aplicados conseguiu promover resultados satisfatórios no sentido de diminuir as desigualdades e, no final da década de 1970, a realidade do subdesenvolvimento se tornou endêmica. A partir da segunda metade do último século, a situação política começou a demonstrar dificuldades similares, tendo muitos dos países da região sucumbido às ditaduras. Com a gradativa volta das democracias, os ideais de futuro e progresso que haviam motivado importantes projetos sociais foram gradativamente sendo substituídos pelo pragmatismo do neoliberalismo, e pela utópica tarefa modernista de projetar realidades diferentes e melhores foi consumida "pela ideologia do fim da história e pela efêmera, mas devastadora, onda pós-modernista no estilo arquitetônico"²²² como aponta Liernur.

O enorme processo de urbanização em massa que vem acontecendo no assim chamado sul global é hoje um dos grandes desafios deste novo século. Uma das consequências deverá ser a reconcepção dos modelos de cidade vigentes, não mais como espaços inteiramente planejados, mas como espaços mais orgânicos e, em parte, espontâneos.

²¹⁷ SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 73.

²¹⁸ LIERNUR, Jorge Francisco. *21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 08.

²¹⁹ Ibid. p. 10.

²²⁰ LIERNUR, Jorge Francisco. op. cit. 2015. p. 08.

²²¹ Ibid.

²²² LIERNUR, Jorge Francisco. in: BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patricio. *Latin America in Construction: Architecture 1955-1980*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 89.

A América Latina tem experimentado esse processo de urbanização há mais de um século e pode servir de exemplo para o que vem acontecendo recentemente na China ou na África.

Se décadas de urbanismo *laissez-faire* têm provocado um efeito desastroso em nosso território, dando origem a cidades profundamente segregadas, onde milhões de pessoas vivem sem acesso a infraestruturas básicas de serviços, ao mesmo tempo, mesmo que precários, os assentamentos espontâneos têm sido eficazes dispositivos no sentido de incorporar milhões de pessoas às cidades fornecendo um mínimo acesso às oportunidades proporcionadas pela vida urbana. A espontaneidade urbana em larga escala, porém, pode ter implicações inimagináveis. O enorme custo e a complexidade das infraestruturas urbanas, e até mesmo a ineficiência dos governos, têm definido seus limites.²²³

A arquitetura, por sua vez, vem, gradativamente assumindo um papel relevante e, até então, sem precedentes em relação à atuação em contextos informais como uma espécie de compensação ou retomada de parte de seus ideais utópicos.

No sul global, principalmente na América Latina, arquitetos têm trabalhado no sentido de conectar impulsos '*bottom-up*' - de baixo para cima - com recursos '*top-down*' - de cima para baixo, atuando principalmente na proposição e coordenação de planos estratégicos, de forma a canalizar as vozes das comunidades, transformá-las em estratégias de trabalho e, em muitos casos, pressionar governos para torná-las realidade.²²⁴ A visão global e tática dos arquitetos passa a ser essencial nesse processo, e as experiências recentes com equipamentos públicos e estruturais têm gerado influência educacional e regenerativa às comunidades de certa forma surpreendente.

Talvez, o melhor exemplo seja o de Medellín, que adotou um projeto amplamente comemorado por transformar uma cidade extremamente segregada e violenta através de um 'urbanismo social'.²²⁵ O programa, que iniciou principalmente com a criação de novos equipamentos e espaços públicos, foi desenvolvido através da colaboração de diferentes agentes, como políticos, arquitetos, empresários e da comunidade local. Seus parques, bibliotecas, teleféricos, escolas e uma série de outros equipamentos construídos nos bairros mais pobres têm sido alvos de um enorme interesse internacional, atingindo o status de exemplos de um novo papel da disciplina. Surgem também exemplos de intervenções nos morros do Rio de Janeiro, em Caracas e em outras cidades latino-americanas, que se utilizam do urbanismo para integrar os assentamentos informais com a cidade formal, seguindo o exemplo nascido em Curitiba nos anos 1970.²²⁶

Nesse sentido, este trabalho passa a analisar os últimos e recente anos, nos quais uma nova e atuante geração de arquitetos surgiu na América Latina, trazendo de volta uma esperança para a ideia de que a arquitetura é um instrumento capaz de fazer uma diferença significativa nas cidades do mundo em desenvolvimento.

Ressurgirá de novo o sul?²²⁷ se perguntava Pedro Gadanho, em 2007. As arquiteturas produzidas nesses últimos anos parecem nos mostrar que o sul pode estar ressurgindo.

²²³ MCGUIRK, Justin. *DIY Cities (the limitations)*. Uncube, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/diy-cities-limitations>>. Acesso em: 07 abr 2017.

²²⁴ Ibid.

²²⁵ Ibid.

²²⁶ LIERNUR, Jorge Francisco. 21st Century Latin America: *Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 10.

²²⁷ FRAGMENTO 18. p. 135.

"A arquitetura sul-americana voltou a ter destaque nas revistas de arquitetura e, mais uma vez, se tornou um dos focos de debates sobre arquitetura contemporânea. Isso não quer dizer que a arquitetura dessa região tivesse desaparecido das páginas de livros, revistas e periódicos arquitetônicos, mas sua presença havia se limitado aos edifícios modernistas e planos urbanísticos produzidos em meados do século XX. Desde o início dos anos 1930, o modernismo sul-americano tem sido o aspecto mais representativo da tradição arquitetônica do continente.

Tal confiança no Modernismo teve múltiplas repercuções. Uma delas foi o declínio do interesse acadêmico pela arquitetura sul-americana. Como Valerie Fraser argumenta em *New World: Studies in the Modern Architecture of Latin America 1930-60*, na época em que Brasília foi inaugurada, em 1960, o establishment acadêmico na Europa e nos Estados Unidos já havia se mostrado cético sobre a retórica que sustentava muitos dos projetos construídos na América do Sul, incluindo Brasília. A produção arquitetônica modernista não era mais recebida com o mesmo entusiasmo. O legado do modernismo também desviou a atenção das periferias das cidades, onde grandes concentrações de pobreza começaram a dominar o tecido e a imagem das grandes conurbações da América do Sul.

De fato, a mudança de imagem das cidades sul-americanas durante a segunda metade do século XX exige atenção, porque levanta questões sobre a visibilidade da pobreza, questões que nunca foram totalmente respondidas. Por 'visibilidade' quero dizer sua presença sentida no contexto urbano e o efeito dessa presença nas narrativas de progresso nacional que dominavam as agendas políticas da época. É possível argumentar que uma das principais diferenças entre as respostas arquitetônicas à pobreza no século XX e aquelas de hoje é que no período inicial havia o desejo de tornar a pobreza invisível, enquanto hoje os arquitetos e governantes tendem a querer fazê-la mais visível, como parte inerente das cidades da América do Sul - chamando a política atual de inclusão e a antiga política de exclusão.

Sob exclusão, os pobres ficaram invisíveis por meio do deslocamento deliberado do centro da cidade - uma prática geralmente apoiada pelos governos - ou por submersão no sistema social dominante e suas manifestações construídas. O primeiro foi alcançado através de políticas de 'erradicação', realocando assentamentos informais para a periferia, onde eles se tornam invisíveis.

[...]

A segunda maneira de tornar o pobre invisível era imergí-los no sistema social dominante e em seu tecido construído. Neste caso, os arquitetos desempenharam um papel fundamental por meio do desenho de grandes blocos de habitação social nos quais os pobres foram realocados. Projetos desse tipo foram construídos no Brasil e na Venezuela, bem como em outros países do continente.

[...]

Grandes projetos de habitação social como esses eram sustentados por ideias promovidas pelas elites - arquitetos, políticos e ricos - sobre como as cidades deveriam parecer e funcionar e como as pessoas deveriam viver nelas. A aparência desses projetos derivava de uma estética relativamente nova para a maioria das populações no Brasil e na Venezuela. Desse modo, os pobres foram submetidos a valores e desejos das elites: Se os pobres devem viver nas cidades, devem se conformar com os modos de vida das classes média e alta e em edifícios semelhantes aos deles. A invisibilidade é conseguida através da absorção.

Apesar da diferença radical entre as duas posturas, a erradicação e a relocalização nos esquemas modernistas de habitação social no centro da cidade, ambos diminuem a presença visual da pobreza nas cidades. Ambos tentam suprimir a diversidade sociocultural e arquitetônica que resulta do aumento da migração de pessoas do campo para as grandes cidades.

Processos de migração interna (não a migração internacional, como frequentemente se argumenta) tiveram a maior influência na formação das metrópoles sul-americanas contemporâneas durante meados do século XX. Em todos os países, grupos de migrantes das áreas rurais trouxeram com eles diversos modos de vida que entraram em choque com os das elites. Mais comumente, os migrantes rurais tentaram replicar as tipologias de moradias e as estratégias de ocupação territorial usadas no campo - até mesmo tentando manter animais em suas pequenas propriedades (como muitos ainda fazem hoje). Desde que os migrantes rurais não puderam replicar totalmente suas condições de vida na cidade, e não cumpriam totalmente a ordem social dominante - ou a ordem social dominante foi incapaz de forçar os migrantes rurais a se adaptarem às normas urbanas favorecidas - diferenças arquitetônicas, culturais e sociais proliferaram e escaparam do controle das elites.

Sistemas econômicos alternativos - como a falsificação e o tráfico de drogas - desenvolveram-se juntamente com novas formas de expressão cultural, incluindo diferentes formas de habitação urbana, de construção e de ocupação do território da cidade. Esta última levou ao surgimento de arquiteturas alternativas como as favelas, que ainda permanecem à margem do discurso arquitetônico. Essas arquiteturas alternativas foram o resultado de práticas espaciais, para usar a expressão de Henri Lefebvre, que não correspondiam à agenda modernista nem reproduziam ambientes pré-modernos/pré-colombianos, rurais ou coloniais. A escala e a velocidade de tal proliferação de formas culturais, arquitetônicas e urbanas superaram a capacidade da abordagem modernista holística de manter um senso de ordem desejado. Foi precisamente essa proliferação de diferenças que perturbou a imagem de cidades cujo tecido até então era relativamente homogêneo, dominado pela arquitetura colonial e os princípios de uma elite social claramente definida. Entre 1930 e 1950, a pobreza tornou-se claramente visível nas cidades. Foi o aparecimento inesperado da diferença, gerada por migrações do campo para as cidades, que causou as reações que expliquei acima: o desejo de tornar a pobreza e seus efeitos na cidade novamente invisíveis. No entanto, a remoção dos efeitos da pobreza da paisagem urbana mostrou-se difícil, se não impossível. Em vez disso, os assentamentos informais continuaram a crescer e se tornaram parte inerente da imagem da maioria das cidades sul-americanas. Como resultado, arquitetos e governantes tiveram que apresentar respostas alternativas às múltiplas realidades das megacidades heterogêneas, que se tornaram não apenas incontroláveis, mas também insustentáveis.

A percepção da necessidade de alternativas corresponde a um declínio na credibilidade e no prestígio do modernismo arquitetônico no ocidente e globalmente durante os anos 60 e 70. Tanto os arquitetos quanto as autoridades de planejamento se tornaram desconfiados sobre a capacidade do planejamento e da arquitetura modernos em resolver os problemas de crescimento das cidades sul-americanas. É por isso que a recente arquitetura pensada nas favelas sul-americanas revela uma atitude diferente em relação à informalidade urbana. Em vez de ocultar a existência de favelas, essas intervenções trazem sua presença para o primeiro plano. Assentamentos informais são integrados fisicamente e simbolicamente no tecido urbano - fisicamente por meio de infraestrutura urbana e simbolicamente porque a imagem da informalidade é alterada para incluir progresso e melhoria social.^{F 20}





hacer mucho con poco
" "

al borde

"A América Latina é berço de esperanças. Reiteradamente, ao longo do último século, foram feitas tentativas de identificar novas veias criativas que entrelaçam culturas, traços pan-americanos ou signos de identidade entre países desconexos, mesmo que irmanados por línguas comuns. De longe, a confiança em novas tecnologias vai desaparecendo. Agora se abre outra possibilidade onde a arquitetura não só sobrevive mas se expande com o mais básico. Arquiteturas de urgência, que atendem a comunidades ignoradas por seus governos, com um forte compromisso social e que recorrem à imediatez dos materiais e a técnicas construtivas locais são cada vez mais visíveis no contexto latino-americano contemporâneo. Alejandro Aravena conta o quanto valoriza o fato de ter sido educado em um entorno de escassez, tendo um filtro muito eficaz contra o que não é estritamente necessário. Eliminando o prescindível, os recursos básicos se conformam com a mão-de-obra pouco especializada do lugar e materiais como a madeira, o bambu, taipas, adobes ou os blocos de concreto e, excepcionalmente, estruturas simples de aço ou boas paredes de concreto aparente. Aqui o arquiteto, despojado de sofisticados recursos tecnológicos, equipes globalizadas de especialistas e de novos materiais, com os quais se construíram as obras mais icônicas da primeira década do século, enfrenta uma realidade urgente de soluções e respostas imediatas. Aqui, o arquiteto conta unicamente com o seu ingênio. Às vezes, fazendo da síntese virtude e em alguns casos no limite de fazer passar despercebida a ação do autor, convertido em um mero ativista social que gestiona processos e facilita informação construtiva à comunidade." ^{F21}

FRAGMENTO 21 | Citação original: *"Latinoamérica es cuna de esperanzas. Reiteradamente, a lo largo del siglo pasado, se trataron de identificar nuevas vetas creativas que entrelazan culturas, hilvanan rasgos panamericanos o signos de identidad entre países desconexos, aunque hermanados por lenguas comunes. Desde lo lejos, el vínculo de confianza en las nuevas tecnologías se desvanece. Entonces, como ahora, se abre otra posibilidad, pausada, donde la arquitectura no solo sobrevive sino que se explaya con lo más básico. Arquitecturas de urgencia, que atienden a comunidades ignoradas por sus gobiernos, con un fuerte compromiso social y que recurren a la inmediatez de los materiales y las técnicas locales son cada vez más visibles en el contexto latinoamericano contemporáneo. Alejandro Aravena cuenta cuánto valora haberse educado en un entorno de escasez, ya que es un filtro muy eficaz contra lo que no es estrictamente necesario. Eliminando lo prescindible, los recursos básicos se conforman con la mano de obra poco especializada del lugar y materiales como la madera, el bambú, el tabique de arcilla, el adobe o el block de concreto y, excepcionalmente, sencillas estructuras de acero o gruesos muros de concreto aparente. Ahí el arquitecto despojado de sofisticados recursos tecnológicos, de equipos globalizados de especialistas y de nuevos materiales, con los que se llevaron a cabo las obras más icónicas de la primera década del siglo, se enfrenta solo ante una realidad urgida de soluciones y respuestas inmediatas. Ahí, el arquitecto cuenta únicamente con su ingenio. A veces, haciendo de la síntesis virtud y en algunos casos al límite de pasar desapercibida la acción del autor, convertido en un mero activista social que gestiona procesos y facilita información constructiva a la comunidad."* ADRIÁ, Miquel; GRIBORIO, Andrea. *Radical, 50 Arquitecturas Latinoamericanas*. Cidade do México: Editorial Arquine; 1^a edição, 2016, p. 7-8. tradução do autor.





arquiteturas

Em seu texto Ambiguidade e Paradoxo, Camilo Restrepo afirma que este início de século implantou a instabilidade e a ambiguidade como fenômenos dominantes no campo disciplinar. Enquanto nos países economicamente desenvolvidos os tradicionais modelos de produzir arquitetura têm-se tornado pouco relevantes, seja por esgotamento formal ou pelos grandes cortes orçamentários impostos pela crise econômica, alguns arquitetos latino-americanos - a partir de características muito particulares de seu contexto - têm gradativamente atraído atenção mundial.¹

A América Latina é, agora, berço de esperanças.² A arquitetura aqui produzida voltou a ter destaque em exposições, premiações e revistas de arquitetura, tornando-se um dos mais importantes objetos de debates sobre a produção contemporânea global.³

De tempos em tempos, a Europa olha para a América, justamente em momentos em que necessita de reinvenção. Aqui a arquitetura ainda não foi totalmente dominada pela técnica ou pelo capital. Ainda é possível acreditar em uma arquitetura construída com poucos recursos, inventividade e consciência social. A confiança em novas tecnologias tampouco foi determinante como em outras partes do globo. É possível construir arquiteturas de boa qualidade a partir de poucos recursos, com a escassez funcionando como uma espécie de filtro contra o prescindível, a partir de práticas muito próprias e não da importação de modelos estrangeiros. Aqui, a arquitetura não apenas sobrevive, mas se expande e se constrói através do mais básico e do essencial,⁴ como aponta Adriá.

Acostumados às constantes incertezas, aos orçamentos reduzidos, aos contextos de crises e aos conflitos sociais, os arquitetos latino-americanos, ou uma parte importante deles, têm apresentado uma enorme capacidade de dar respostas eficientes e possíveis de serem postas em prática. Elaboraram projetos concretos e específicos, respostas a problemas anteriormente exclusivos do terceiro mundo e que hoje tem se tornado globais.⁵ São arquiteturas inventivas e engenhosas que recorrem aos recursos mais básicos, aos materiais existentes e à técnicas construtivas muitas vezes rudimentares na tentativa de transformar realidades.⁶

Esse processo, no entanto, não é pacífico. Normalmente educados para trabalhar na cidade formal, onde os processos de planificação, desenho e construção antecedem o habitar, os arquitetos precisam confrontar o enorme desafio de atuar em 'cidades ao revés', primeiro habitadas e depois construídas,⁷ em metrópoles que têm sido constituídas de duas realidades muito distintas: de um lado, edifícios-objetos - arquiteturas que pouco colaboram efetivamente para uma urbanidade inclusiva; de outro, partes enormes da cidade que se constroem sem a participação dos profissionais habilitados a fazê-lo.

O que temos visto nos últimos anos, porém, através de textos, publicações e mostras, é um grande número de práticas interessadas em construir pontes entre estas duas realidades. Cada vez mais visíveis no contexto latino-americano contemporâneo, as arquiteturas de urgência atendem a comunidades ignoradas por seus governantes através de um forte compromisso social e do uso dos poucos recursos disponíveis.⁸

1 RESTREPO, Camilo. *Ambiguidade e paradoxo*. Revista Plot 24, América Latina Hoje. Buenos Aires, 2015. p. 175.

2 Ver FRAGMENTO 21, pag. 157.

3 HERNÁNDEZ, Felipe. *(In)visibility, poverty and cultural change in South American Cities*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011. p. 66.

4 ADRIÁ, Miquel; GRIBORIO, Andrea. op. cit. 2016. p. 07

5 RESTREPO, Camilo. op. cit. 2015. p. 172.

6 ADRIÁ, Miquel; GRIBORIO, Andrea. op. cit. 2016. p. 07-09.

7 VERA, Javier. *Contra la participación como espectáculo*. Revista Arkinka nº 247. Peru, 2016. Disponível em: <<http://arkinka.net/blog/item/386-contra-la-participacion-como-espectaculo-javier-vera.html>>. Acesso em: 24 set 2018.

8 ADRIÁ, Miquel; GRIBORIO, Andrea. *Radical, 50 Arquitecturas Latinoamericanas*. Cidade do México: Editorial Arquine; 1^a edição, 2016. p. 07 e 15-20.

É possível ainda afirmar que nessa nova geração de arquitetos, existe um interesse no sentido de mudar paradigmas. "O arquiteto-estrela tem dado lugar ao profissional de rua, mais próximo da sociedade",⁹ aponta Cantis. São arquitetos propensos à experimentação e à investigação, que se utilizam de ferramentas multidisciplinares provindas da sociologia, da política, da antropologia, da economia e da ecologia. Ultrapassam fronteiras, ampliam e extrapolam os limites profissionais. Suas arquiteturas já não são feitas de objetos, mas sim de sistemas e estratégias. Estão acostumados a lidar com as necessidades básicas, possuem preocupações políticas e sociais e se interessam por temas como mobilidade, temporalidade e subversão conceitual.

Embora a arquitetura sempre tenha lidado com contextos de escassez, as crises têm potencializado as oportunidades de trabalho destas novas práticas contemporâneas. Nesse sentido, mesmo que a escassez seja um problema fundamentalmente político-econômico, a tarefa do arquiteto é fundamental.¹⁰

Nosso território tem sido habitado e construído concomitantemente. Suas construções se modificam constantemente, se reparam, se reduzem e se aumentam conforme os recursos disponíveis, as vontades e as necessidades de seus habitantes, que costumam ser também os que as constroem.¹¹ Um viver cotidiano eminente e marcante por aqui.

Uma realidade que é representada por cidades permanentemente em formação, "pulsantes, mestiças e imperfeitas",¹² complexidades de um cenário que a arquitetura é cada vez mais desafiada a enfrentar. De certa forma, quando afirmamos que na América Latina somos geográficos e não históricos, nos referimos a esta extremamente recente urbanidade e também à pouca reflexão sobre a mesma, que para ser pertinente, deve partir sempre dos caráteres social, econômico e territoriais e não propriamente de um contexto histórico consolidado.¹³

Com a escassez extremamente enredada em todos os aspectos da vida cotidiana, inclusive nos profissionais, torna-se cada vez mais necessária uma aproximação que possa auxiliar a compreender melhor como projetar nestas complexas condições. Isso não significa acreditar que, de alguma forma, a arquitetura acabará definitivamente com a escassez ou que irá superá-la, mas sim que, a partir de um correto entendimento do contexto em que estamos inseridos e da aceitação das condições existentes, suas restrições e limitações, é possível fortalecer valores coletivos e sociais a partir da dela.¹⁴

E daí a crescente importância de uma tentativa de entendimento das práticas de arquitetos que trabalham em condições econômicas restritas, acostumados a trabalhar em territórios onde a carência e a precariedade sempre foram condições marcantes.

⁹ CANTIS, Ariadna. *Emergencias Iberoamericanas. 2G Dossier: Iberoamerica, Arquitetura Emergente*. Gustavo Gili, Madrid, 2008. p. 06.

¹⁰ BO BARDI, Lina. *Planejamento ambiental: "desenho" no impasse*. Rio de Janeiro: Malasartes, 1976. in: *Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 138.

¹¹ FRANCO, Arturo; ROMÁN, Ana. *Sobre la XI Bienal Iberoamericana de Arquitectura y Urbanismo BIAU 2019*. Disponível em: <<http://www.redfundamentos.com/blog/contacto/noticias/detalle-32/blog/es/noticias/detalle-641/>>. Acesso em: 20 jan 2019.

¹² Ibid.

¹³ CALDERÓN, Andrés Felipe. *Architectural Zeitgeist in Latin America and its architecture of gravity*. arquitectos 196.08 critíc. ano 17, set. 2016. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/17.196/5848>> Acesso em: 7 fev 2018. e IGLESIAS, Rafael in: *Entrevista AD Entrevistas: Rafael Iglesia*, 6:49 minutos, 2015. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/766850/entrevista-rafael-iglesia>> e IGLESIAS, Rafael. *Entrevista Rafael Iglesia en la gira Americano del Sud 2013*, 6:42 minutos, 2014. ARQClarín. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=loUWOWyDEX4>>. Acesso em: 15 out 2018.

¹⁴ GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 10.

"Hoje, a Europa continua a fantasiar sobre a América, e esta vem reinventando o velho continente há cinco séculos.

Por outro lado, as contínuas crises econômicas e políticas da América Latina refletem-se em sua produção arquitetônica; nesta altura, é muito evidente a clara interação entre política e criatividade, economia e construção da cidade.

Países tipo e tipos de arquiteto

É necessário fazer a distinção entre a produção arquitetônica por países e tipos de arquiteto. Vamos definir os países tipo de acordo com a realidade socioeconômica que eles atravessam. Por exemplo, Chile e México desfrutam de uma boa situação econômica que oferece oportunidades para os mais jovens, dispõem também de muitas publicações de qualidade e têm a possibilidade de chegar às comissões por meio de concursos.

Há também países como Peru, Bolívia, Paraguai, Colômbia e Venezuela, com problemas econômicos e sociais onde é quase impossível conseguir trabalho, e as oportunidades para comissões ou competições são restritas a poucos. Apresentam uma cena cultural indisciplinada, dramática, mas ao mesmo tempo atraente: tudo é instável e mutável, contraditório e extremo. A arquitetura tem expressões insuspeitas - que atingem a inexistência do projeto ou do arquiteto -, são reduzidas à simples construção dirigida e executada com grandes deficiências materiais, tecnológicas ou profissionais. Os arquitetos são sobreviventes frente a realidades incomuns em um ambiente extremo; trabalham com improvisação e a ilegalidade, impunidade e anonimato, informalidade e imprecisão, irregularidade e falta de coordenação, falta de sentido comum ou planejamento.

O Brasil merece menção especial; seu grande tamanho e suas dificuldades intrínsecas definem uma paisagem arquitetônica muito complexa, difícil de se entender até que as diferenças sejam aceitas. As novas gerações de arquitetos brasileiros estão muito próximas de seus mestres, que ainda vivem em sua maioria e fazem parte do júri de todas as competições. Além disso, eles têm muita dificuldade em acessar informações e as escolas se disseminam, massificadas, em todo o país. Seu projeto estético é baseado em fundações consolidadas, mas acompanha o isolamento geográfico. Talvez isso possa explicar uma certa autossuficiência em seus códigos estéticos e os tópicos de debate que compõem o discurso disciplinar. Nas palavras de Ruth Verde Zein, "a arquitetura moderna brasileira é um mito, a arquitetura contemporânea no Brasil, um mistério, o que aconteceu depois de Brasília, é uma questão latente que ninguém fala ou escreve sobre".

A Argentina adota modelos que funcionaram na Europa ou nos Estados Unidos, mas com anos, às vezes décadas, de atraso; com um mercado muito conservador, os arquitetos locais não assumem riscos, há poucas competições interessantes e pouco apoio é dado à inovação e à pesquisa.

Em relação aos tipos de arquiteto, por um lado, há aqueles que trabalham em pequenas construções, ou aqueles que ultrapassam os limites entre arte e arquitetura, e, finalmente, aqueles que propõem uma nova maneira de abordar a cidade.

No entanto, uma característica comum em todos os casos é que, entre as novas gerações, o arquiteto-estrela tem dado lugar a o profissional de rua, mais próximo da sociedade, pesquisador e experimental. Entre esses tipos de arquitetos, a novidade é identificada com a incorporação ao repertório de ferramentas oriundas da sociologia, política, antropologia, economia ou ecologia. Os novos arquitetos estendem e transcendem os limites da multidisciplinaridade profissional propostos na agenda moderna dos arquitetos ibero-americanos. Para eles, a arquitetura não é sobre objetos, mas sistemas de trabalho, e lida com questões como baixo orçamento, necessidades básicas, preocupações políticas e sociais, mobilidade, temporalidade e subversão conceitual.²²







arquiteturas latino-americanas

Trabalhar nesses contextos não é novidade para os arquitetos latino-americanos. Muitos dos projetos contemporâneos têm seguido os caminhos apontados no século passado. Seria difícil entender a obra de Rafael Iglesia, sem os avanços estruturais alcançados por Clorindo Testa, os projetos dos Adamo-Faiden sem lembrar do trabalho de Mario Roberto Álvarez, ou o trabalho de Angelo Bucci sem colocá-lo como parte de um contínuo processo que o liga às obras de Paulo Mendes da Rocha e Vilanova Artigas, conforme aponta Liernur.¹⁵

Torrent classifica os anos 1950 e 1960 como os da melhor arquitetura produzida neste território no último século.¹⁶ Se nas décadas anteriores a arquitetura aqui produzida estava amplamente articulada com os processos de modernização global, este período contribuiu para uma produção rica e única, por arquitetos como os brasileiros Oscar Niemeyer e João Vilanova Artigas, o mexicano Juan O'Gorman, o colombiano Rogelio Salmona, o chileno Emilio Duhart, os argentinos Clorindo Testa e Mario Roberto Alvarez, os porto-riquenhos Osvaldo Toro e Miguel Ferrer, o uruguai Eladio Dieste, e alguns estrangeiros como Lina Bo Bardi, Carlos Raúl Villanueva e Félix Candela, além de muitos outros. Arquitetos que deixaram um extenso legado de ideias e realizações que seguem muito vivas no imaginário das gerações atuais.¹⁷

15 LIERNUR, Jorge Francisco. 21st Century Latin America: *Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U N° 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 14.

16 TORRENT, Horacio. *Al Sur de América: Antes y ahora*. Revista ARQ n° 51. Santiago: Ediciones ARQ, 2002. p. 10.

17 LIERNUR, Jorge Francisco. 21st Century Latin America: *Presence of the future and debts from the*

Neste novo século, Eladio Dieste continua sendo uma referência muito importante. Conforme cita Liernur, suas estruturas em cerâmica armada têm sido base para uma série de experimentações contemporâneas que vão do singelo Condomínio Rue Grécia [17] de Joan Villà e Sílvia Chile, em Cotia, ao inventivo Fundación Teletón [82] de Solano Benítez, em Assunção. Os experimentos industriais de Lelé ecoam na utilização de materiais e sistemas industrializados dos Centros Educacionais Unificados [13] paulistas, enquanto as poéticas obras de Smiljan Radic e Eduardo Castillo no interior do Chile trazem consigo muitas das ideias propostas pela Escola de Valparaíso.¹⁸

Na América Latina a formação da modernidade na arquitetura, como em outras partes do mundo, foi determinada pela aproximação entre a disciplina e as novas formas de produção decorrentes dos processos de modernização e industrialização.¹⁹ Paradoxalmente, a construção desta modernidade em alguns casos, como no brasileiro, esteve aliada a uma tentativa de entendimento do passado que, ao invés de um momento de ruptura, como havia ocorrido na Europa, transformou o momento moderno em um período de criação de identidades nacionais.²⁰

A partir da segunda metade do século passado, porém, torna-se muito perceptível a existência de uma "lacuna estrutural separando os países latino-americanos das grandes potências mundiais".²¹ Seria necessário diminuir esta distância para que qualquer cultura moderna pudesse existir.

A celebração do momento moderno, característica da primeira metade do século, é substituída por uma intensa ambição de construir um novo futuro. Neste período surge uma série de posições compostas tanto por práticas alternativas quanto por aquelas que promoviam a agenda do desenvolvimentismo estatal, e o experimentalismo, como forma de pensar um novo futuro seria capaz de reunir uma série de atitudes, pensamentos e convicções.²²

Neste período surgem novas formas de fazer arquitetura que, entre outros objetivos, atuam na tentativa de construção de uma identidade comum latino-americana.²³ Arquitetos que "resistiram sutilmente às demandas de uma ditadura [...] ou aqueles que encontraram um modernismo capaz de casar trabalhos manuais com novas tecnologias," conforme coloca Bergdoll, e que atuam de formas muito distintas, "como na arquitetura de tijolos de Eladio Dieste no Uruguai; ou o envolvimento de Lina Bo Bardi nas culturas nativas e afro-brasileiras de Salvador da Bahia; [...] como a Ciudad Abierta da Escuela de Arquitectura em Valparaíso e na arquitetura utópica oficial da radical nova Cuba de Castro em sua fase inicial."²⁴

Arquiteturas experimentais e monumentais davam significado a um novo estado cultural e civilizatório, propunham utopias, alguns dos melhores projetos produzidos no último século. Um período histórico, conformado por obras autorais, nas quais o estilo moderno se mesclava a ideais latino-americanos na busca por mudanças nas precárias condições econômicas e sociais. A arquitetura se colocava como ferramenta na busca por uma identidade comum, de uma América Latina em progresso.²⁵

past. in: Revista A+U N° 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 12.

¹⁸ Ibid. p. 14.

¹⁹ LIERNUR, Jorge Francisco. *Architectures for Progress: Latin America 1955-1980*. in: BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patrício. Latin America in Construction: Architecture 1955-1980. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 69.

²⁰ Trecho da aula de Guilherme Wisnik: *Brasil - 1922 a 1960*, 2016. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j1domKvQoI>>.

²¹ LIERNUR, Jorge Francisco, 2015. op. cit. p. 69.

²² BERGDOLL, Barry. *Learning from Latin America: Public Space, Housing and Landscape*. in: BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patrício. op. cit. 2015. p. 23.

²³ Ibid.

²⁴ Ibid.

²⁵ TORRENT, Horacio. *Al Sur de América: Antes y ahora*. Revista ARQ n° 51. Santiago: Ediciones ARQ, 2002. p. 10.





Nesse sentido, os anos 1960 mostrariam a essência do que hoje conhecemos como a arquitetura moderna latino-americana.

As políticas desenvolvimentistas e o estado de bem-estar social confeririam à arquitetura um importante papel nas ações que promoviam a conformação de cidades e territórios. As obras racionalistas seriam acrescidas de texturas e espessuras conceituais locais fortemente relacionadas às questões climáticas, geográficas, mas também culturais, demonstrando um afastamento em relação aos modelos ortodoxos que a arquitetura moderna havia proposto anteriormente.²⁶

Ocorre também o deslocamento de alguns arquitetos dos grandes centros para o interior do continente. Severiano Porto vai à Manaus adaptando-se às técnicas construtivas locais,²⁷ Acácio Gil Borsoi propõe, em Jaboatão dos Guararapes, habitações sociais que combinam técnicas construtivas vernaculares e industrializadas, através do uso de materiais como terra e palha, a serem montadas pelos próprios moradores.²⁸

Sérgio Bernardes e João Filgueiras Lima começam a se distanciar do modernismo. Bernardes, muito inspirado em Fuller, prova novas tecnologias e extrapola escalas, enquanto Lelé trabalha firmemente na implementação de uma pré-fabricação que pudesse estar aliada à mão-de-obra pouco qualificada em busca de avanços nos aspectos técnicos e sociais da arquitetura.²⁹ Lina, em Salvador, se aproxima da arquitetura popular brasileira trabalhando com materiais acessíveis e recursos extremamente escassos, transformando-se em uma importante referência e um modelo muito significativo para este novo século.³⁰ Na Colômbia, os trabalhos de Salmoda, e, no Uruguai, os de Dieste, apontavam no sentido de uma miscigenação transcultural.³¹

Como aponta Torrent, estava articulado o 'paradigma da concepção centro-periferia' na relação entre o purismo moderno e as interpretações que se seguiriam, colocando essas arquiteturas dentro dos importantes questionamentos da dependência cultural que surgiam na época.³²

A América Latina, então, caracterizava-se por um fenômeno de implicações complexas e ambíguas para o campo disciplinar, em um momento em que atravessava um período de significativa explosão populacional, crescimento urbano e uma série de migrações internas. Enriquecidas pelas novas tecnologias, as cidades informais cresceram extensamente, definindo um novo e complexo tecido urbano³³ que seria base para as segregadas metrópoles contemporâneas. Paralelamente ao imenso crescimento dos tecidos informais, o cenário da década de 1980 foi constituído de discursos externos que influenciaram uma série de projetos ecléticos.³⁴ Em grande parte como consequência da globalização econômica, da economia de serviços, ou até mesmo por uma descrença na arquitetura local, as cidades viram uma aglomeração de torres envidraçadas, uma tipologia raramente construída por aqui anteriormente.³⁵

26 Ibid. p.11.

27 CARRANZA, Luis E.; LARA, Fernando Luiz. *Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia*. Austin: The University of Texas Press, 2015.

28 SERAPIÃO, Fernando; WISNIK, Guilherme; SAMPAIO, Nuno (organização). *Catálogo da exposição Infinito Vôo: 90 anos de Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Editora Monolito, 2019.

29 CARRANZA, Luis E.; LARA, Fernando Luiz. *Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia*. Austin: The University of Texas Press, 2015.

30 MONTANER, Josep Maria. *A condição contemporânea da arquitetura*. Gustavo Gili, São Paulo; 1^a edição, 2016. p.57.

31 PLAUT, Jeannette; SAROVIC, Marcelo. *Entre a resistência e a adaptação: novos caminhos da arquitetura na América Latina*. Revista Plot 24, América Latina Hoje. Buenos Aires, 2015. p. 169.

32 TORRENT, Horacio. 2002. op. cit. p. 11.

33 LIERNUR, Jorge Francisco. in BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patrício. *Latin America in Construction: Architecture 1955–1980*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 71.

34 TORRENT, Horacio. 2002. op. cit. p. 11.

35 LIERNUR, Jorge Francisco. 2015. op. cit. p. 72.

aproximações

Nos anos 1990 começam a aparecer alguns projetos que parecem ditar o ritmo do que veríamos a seguir. A década de 1990 representa uma maior abertura econômica para a região. Os mercados globais indicavam o novo caminho para o crescimento econômico, e muitos países latino-americanos começaram a participar ativamente das novas dinâmicas globais. Surgem os grandes blocos comerciais, como o Mercosul, contribuindo para o desenvolvimento econômico das nações latino-americanas, possibilitando trocas de produtos e processos entre países vizinhos e facilitando também os intercâmbios intelectuais.³⁶

As obras construídas nesta década, contudo, não teriam a potência daquelas realizadas no período heroico. Os Estados já não eram os grandes promotores na construção de grandes infraestruturas, equipamentos públicos ou habitações sociais, agora e cada vez mais estas ficariam a cargo das instâncias civis.³⁷

Atualmente, porém, encontramos práticas que nos apontam para novos caminhos. Caminhos que representam uma nova etapa, talvez desta vez, sem figuras heroicas, conforme coloca Torrent, "são agora pragmáticos que propõem uma resposta arquitetônica completa às circunstâncias de fazer arquitetura na América do Sul".³⁸ Já não existe um discurso único e coerente, mas sim arquiteturas sem estilo definido, propostas por arquitetos que produzem arquiteturas significativas, cada um à sua maneira, buscando atuar de forma livre, inclusive no que diz respeito a qualquer tipo de discurso latino-americano.

Aparecem "obras-primas de jovens arquitetos",³⁹ arquiteturas genuínas, que procuram relacionar-se com o cotidiano, apelam para a experiência do tempo, para uma relação abstrata com a paisagem e, sobretudo, para a ausência de um sentido direto e evidente. Em alguns casos, buscam valores que se opostos ao racionalismo modernista, explorando o campo imagético. Tornam-se 'dispositivos para a impressão e surpresa' muitas vezes se associando a 'imagens como memórias' como forma de diálogo com os contextos culturais imediatos, como no caso das obras do chileno Eduardo Castillo e da Escola de Talca.⁴⁰

A utilização de técnicas construtivas tradicionais torna-se uma questão importante a ser experimentada e examinada.⁴¹ Sua utilização é contudo, muitas vezes ambígua e até contraditória, com Rafael Iglesia transpondo a lógica da madeira para a estrutura em concreto do Edifício Altamira ou Solano Benítez explorando novas e complexas configurações geométricas e espaciais com estruturas em tijolos.

Por não se encaixarem em estilos pré-determinados, afastam-se dos problemas inerentes às questões de linguagem, proporcionando que a própria ação do projeto surpreenda.⁴² "Apelam à sensibilidade, através de mecanismos frágeis na concepção de fatos concretos, mas muito fortes em suas habilidades provocativas, devido a ausências ou significados difusos."⁴³

36 *What Zeitgeist?* in: CALDERÓN, Andrés Felipe. *Architectural Zeitgeist in Latin America and its architecture of gravity*. arquitectos 196.08 critíc. ano 17, set. 2016. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/17.196/5848>> Acesso em: 7 fev 2018.

37 TORRENT, Horacio. *Al Sur de América: Antes y ahora*. Revista ARQ nº 51. Santiago: Ediciones ARQ, 2002. p. 12.

38 Ibid. p. 12.

39 Ibid. p. 12.

40 Ibid. p. 13.

41 Ibid. p. 13.

42 Ibid. p. 13.

43 Ibid. p. 13.

O desejo de uma arquitetura social aliado ao intrínseco talento para o projeto, independentemente das condições econômicas ou técnicas, são características marcantes desta nova geração. Existe um crescente respeito e aproximação à ideia de paisagem; um grande interesse em relação ao trabalho colaborativo, que em muitos casos extrapola fronteiras geográficas e disciplinares, e uma apropriação cada vez mais forte dos meios de comunicação, principalmente das plataformas digitais, no sentido de constituir a América Latina como um novo e importante centro nos debates globais.

Aparecem projetos que, a partir de estratégias e respostas muito diretas às condições locais, buscam seu lugar de pertencimento nos diálogos disciplinares, buscando se colocar não mais como periferia à espera de auxílio, mas como um importante ator, disposto a enfrentar as batalhas e debates correspondentes à atividade arquitetônica, respondendo ativamente aos desafios contemporâneos.⁴⁴ Obras que comunicam as realidades em que estão constituídas e se comunicam com a realidade em que se inserem.⁴⁵

Desta forma, é possível afirmar que a arquitetura latino-americana tem experimentado um de seus momentos mais prolíficos, tanto no aspecto teórico como em suas formas construídas. Um momento impulsionado por um arranjo entre as condições tecnológicas, sociais, filosóficas e econômicas que envolvem as práticas atuais e que caracterizam um cenário de discussão coletiva e de fertilização cruzada de ideias.⁴⁶ Sobretudo já não persiste uma única forma dominante de se produzir arquitetura, mas várias.⁴⁷ Não se trata de um pensamento homogeneizado, totalizador - que surge em forma de manifesto - mas sim de "uma plataforma coletiva, comparativa e crítica para a troca de ideias provenientes de variadas vozes teóricas influenciados por culturas particulares de construção e interesses intelectuais".⁴⁸

Nesse sentido, a maior virtude existente em nosso território parece ser a multiplicidade de instrumentos e práticas que têm coincidido em uma abordagem do fundamental, levando assim à construção de práticas e de uma disciplina robusta e necessária. Hoje, torna-se impossível não reconhecer que fazemos parte de um mundo extremamente globalizado, mas torna-se também imprescindível perceber que operamos dentro de um sistema muito específico: "um contexto frágil, artesanal, de autoconstrução e de escassez, que nos obriga a agir com inteligência."⁴⁹

A produção arquitetônica deste território tem se caracterizado principalmente por dois fatores determinantes: a estratégia de se utilizar de recursos mínimos tradicionais e a escassez tecnológica em que está inserida.⁵⁰

Nesse sentido, a América Latina tem algo a contribuir, aposta em uma arquitetura *low-tech*, de baixa tecnologia, que devido à impossibilidade de contar com tecnologias de ponta, foi capaz de manter-se muito do artesanal.⁵¹ Além disso, são inúmeras as relações entre paisagem e tradição, que aparecem neste território e podem ser observadas claramente nas obras de arquitetura.⁵²

44 RESTREPO, Camilo. *Ambigüidade e paroxo*. Revista Plot 24, América Latina Hoje. Buenos Aires, 2015. p. 175.

45 TORRENT, Horacio. *Al Sur de América: Antes y ahora*. Revista ARQ nº 51. Santiago: Ediciones ARQ, 2002. p. 13.

46 CALDERÓN, Andrés Felipe. *Architectural Zeitgeist in Latin America and its architecture of gravity*. arquitectos 196.08 crític. ano 17, set. 2016. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/17.196/5848>> Acesso em: 7 fev 2018.

47 PELLI, Cesar. in: DE BREA, Ana. *Total Latin American Architecture: Libretto of Modern Reflections & Contemporary Works*. Actar, 2016. p. 08.

48 CALDERÓN, Andrés Felipe. 2016. op. cit.

49 AXL VALDÉS, Cristian. in: URIBE ORTIZ, José Luis. *O estado das coisas*. Revista Plot 35. Buenos Aires, 2017, p. 13.

50 GADANHO, Pedro. *Resurgiré de nuevo el sur? (Sobre la emergencia de la emergencia)*. 2G Dossier: Iberoamerica, Arquitetura Emergente. Gustavo Gili, Madrid, 2008. p. 115.

51 Trecho da conferência de Cazú Zegers: *El encanto de lo cercano*, 34:27 minutos, 2013. TEDxUDDSalon, Chile. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pIcsTERqfYo>>.

52 CALDERÓN, Andrés Felipe. *Architectural Zeitgeist in Latin America and its architecture of*

Solano Benitez e os arquitetos paraguaios vão projetar em meio a uma cultura de construção muito específica, baseada no conhecimento artesanal e das técnicas construtivas locais, respondendo de forma inovadora às condições sociais e econômicas de seu país a partir do uso de materiais econômicos, como o tijolo e o cimento, além de materiais reciclados e de uma abordagem ao mesmo tempo inventiva e pragmática.⁵³

Já as arquiteturas de Angelo Bucci e outros tantos importantes arquitetos paulistas têm nas condições metropolitanas, e na ampla tradição brasileira da utilização das grandes estruturas uma manifestação fundamental, fortemente enraizada na aproximação aos pensamentos de Paulo Mendes da Rocha e Artigas. Propõem, através de uma linguagem estrutural e de um lógica de sistematização, projetos de diferentes escalas e programas. Rafael Iglesia, em um contexto completamente distinto, isolado no interior argentino, se conecta fortemente às lógicas estruturais da madeira produzindo uma interessante arquitetura, mas de menor escala.

Neste período de crise, enquanto nos países desenvolvidos os arquitetos tem um papel cada vez mais restrito e uma voz cada vez menor na definição das formas arquitetônicas, os latino-americanos têm conseguido realizar uma série de projetos de grande qualidade.⁵⁴

O crescente interesse mundial por uma arquitetura socialmente engajada pode ser identificado como uma reação à arquitetura dos *starchitects*. Neste sentido, o nome de Alejandro Aravena aparece como precursor não apenas por sua obra construída mas, principalmente, pela fundamentação teórica, política e social de que ela é acompanhada. Para Bergdoll, Aravena estava ligado a este fenômeno e o divulgou mundialmente, de uma maneira muito precoce e profundamente realista, que o difere das outras práticas que emergiram recentemente.⁵⁵

E se, por um lado, existem demandas por projetos sofisticados, com recursos e alto padrão de construção, por outro lado os arquitetos latino-americanos são exigidos a confrontar e encontrar formas de responder a uma realidade urbana marcada pela segregação e pela falta de infraestruturas que demonstram deficiências dilacerantes vivenciadas diariamente, e que dificultam muito a superação de uma posição moral que condiga com uma realidade de tantas e múltiplas variantes.⁵⁶ Se os governos se omitem em relação à habitação social o que a América Latina tem mostrado é que há outros problemas tão urgentes quanto a habitação propriamente dita. A mobilidade ou os sistemas de transporte público têm sido, neste sentido, eficazes ferramentas na tentativa de reduzir as drásticas distâncias - sejam elas sociais, físicas ou psicológicas - entre as realidades presentes na cidade formal e informal.⁵⁷

Neste sentido, os projetos aqui apresentados representam variados tipos de respostas. Respostas que vão desde níveis estruturais à consciente adoção de uma escassez material; da afirmação de uma linguagem austera à inventivas soluções espaciais e projetuais. Há uma infinidade de formas de aproximar-se arquitetônica e a esta condição, dentre as obras analisadas, delimitamos aqui sete, que parecem as mais significativas, aproximações à escassez.

53 gravity. arquitextos 196.08 critic. ano 17, set. 2016. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.196/5848>> Acesso em: 7 fev 2018.

54 Ibid.

55 BELOGOLOVSKY, Vladimir. *Manifesto. Exposição Colombia: Transformed/Architecture=Politics* Disponível em: <<http://curatorialproject.com/exhibitions/colombiatransformed.html>>. Acesso em: 03 maio 2018.

56 ENTREVISTA AD *Entrevistas: Barry Bergdoll*. 6:08 minutos, 2016. Diponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2VYzgpcJ978e>>.

57 LIERNUR, Jorge Francisco. *Society*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 69.

58 MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazera, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/activist-architects>>. Acesso em: 28 ago 2017.







diminuindo distâncias: rio, bogotá, medellín e caracas

Esta primeira aproximação propõe a arquitetura como um importante mecanismo de inclusão social.⁵⁸

Como vimos anteriormente, as condições econômicas e sociais parecem, nos dias de hoje, muito distantes das que tornaram possível o grande período moderno de meados do século passado. Em alguns casos, porém, o papel dos governos municipais ainda tem se manifestado de forma ativa. Os exemplos latino-americanos mais difundidos nesse sentido são o do arquiteto, ex-prefeito e ex-governador do Paraná, Jaime Lerner, em Curitiba (1971-75, 1979-84, 1989-93), e, mais recentemente, de Sergio Fajardo em Medellín.

Fajardo implementou uma série de equipamentos públicos, os parques-biblioteca, conectados ao sistema de transporte por redes de teleféricos, que têm servido de modelo para estratégias semelhantes aplicadas nas favelas do Rio de Janeiro por Jorge Mario Jáuregui e de Caracas pelo Urban Think Tank. São projetos pontuais que propõem uma 'acupuntura urbana'⁵⁹ alternativas que têm se mostrado minimamente viáveis em um período em que as abordagens do mercado têm gradativamente substituído as iniciativas públicas enquanto promotoras urbanas.⁶⁰

58 MAZZANTI, Giancarlo. Conferência Giancarlo Mazzanti: *The Power of Architecture as Social Builder*, 1:08:32 minutos, 2013. The Stockholm Association of Architects. Estocolmo, Suécia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W2jpzu6sheo>>. Acesso em: 07 jun 2018.

59 "acupuntura urbana" é um termo que se refere a pequenas intervenções capazes de gerar melhoria das cidades. Foi primeiramente abordada na década de 70 pelo arquiteto Manuel de Sola-Morales, posteriormente pelo arquiteto Jaime Lerner, que aplicou os princípios da acupuntura urbana em seus projetos na cidade de Curitiba e pelo arquiteto finlandês Marco Casagrande. Ver: HOOGLUYN, Rick. *Urban Acupuncture, Revitalizing urban areas by small scale interventions*. Estocolmo: Dissertação, 2014.

60 BERGDOLL, Barry. *Learning from Latin America: Public Space, Housing, And Landscape in Latin*

É possível afirmar que o projeto precursor dessa forma de intervenção é o Programa de Urbanização e Assentamentos Populares do Rio de Janeiro, o Favela Bairro [5] idealizado por Luiz Paulo Conde e coordenado por Jorge Mario Jáuregui na cidade do Rio de Janeiro a partir de 1994, o programa tem sofrido uma série de interrupções e reformulações durante o período, porém seu objetivo principal tem sido mantido: integrar as favelas à cidade.

O programa consiste em uma série articulada de políticas urbanas para o fornecimento de infraestrutura e serviços básicos, como redes de esgoto, água potável, pavimentação de ruas e de equipamentos públicos como escolas, centros de saúde, centros culturais, saneamento ambiental, além de políticas sociais inclusivas e habitacionais; com o intuito de diminuir as enormes segregações espaciais e sociais existentes entre a cidade formal e os cada vez maiores assentamentos informais. Com base na experiência carioca, vários programas têm sido elaborados e implementados nos países latino-americanos neste início de século.⁶¹

Os exemplos mais marcantes vêm da Colômbia. A crise social e administrativa vivenciada pelo país, entre as décadas 1970 e 1990 teve como principais cenários Bogotá e Medellín, suas maiores e mais populosas cidades. No caso de Bogotá, uma série de problemas relacionados a tráfico de drogas, crime organizado, ataques terroristas por grupos guerrilheiros, sequestros, assassinatos, altas taxas de homicídios, além de questões mais comuns às outras grandes metrópoles da região, como congestionamento intenso, poluição - agravada pelo efeito estufa -, grande crescimento informal das periferias, marginalização e enormes problemas sociais formaram um retrato caótico de uma cidade hostil.

A partir da década de 1990, surgiram governos dispostos a reveter este cenário através de uma série de políticas urbanas baseadas na gestão racional e participativa, programas educativos, inventivas estratégias de comunicação e um importante reforço da consciência da degradação como chave para a recuperação urbana, social, administrativa, política e psicológica, além de uma reconstrução institucional e física em busca de cidades menos segregadas e mais seguras.

Nesse sentido, as proposta relacionavam arquitetura e planejamento estratégico de acordo com as peculiaridades locais. No caso de Bogotá, preocupações ambientais com recuperação e criação de espaços públicos, valorização do centro histórico, melhoria e transformação dos bairros pobres em comunidades, novos edifícios públicos como escolas e o sistema de bibliotecas BiblioRed - com projetos de importantes arquitetos como Rogelio Salmona e Daniel Bermúdez - e o sistema de mobilidade Transmilenio [12] - baseado no sistema implantado em Curitiba, nos anos 1970 - estão entre as criativas e engenhosas respostas da cidade na busca por superar muitos desafios e restaurar seu orgulho.⁶² Foram determinantes nesse sentido as consecutivas administrações de Antanas Mockus (1995-1997), Enrique Peñalosa (1998-2000) e novamente Antanas Mockus (2001-2004). [7]

No caso de Medellín, desde a década de 1990, a cidade encontrava-se em uma situação ainda mais caótica, resultado principalmente da guerra entre os seus famosos cartéis. Neste período, Medellín era considerada a capital mundial do assassinato. Com base nas experiências do Rio e de Bogotá, a administração do prefeito Sergio Fajardo (2004-2007) passou a se utilizar dos espaços públicos, da arquitetura e de seus inovadores sistemas de transporte público como ferramentas para transformar a cidade.

America in Construction: Architecture 1955-1980. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 22.

61 TELLA, Guillermo. *Qué hacer con las villas: Estrategias para transformar asentamientos en barrios*. Plataforma Urbana, 2014. Disponível em: <<http://www.plataformaurbana.cl/archive/2014/02/07/que-hacer-con-las-villas-estrategias-para-transformar-asentamientos-en-barrios/>>. Acesso em: 09 nov 2018.

62 LIERNUR, Jorge Francisco. *21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U N° 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 10.

Os bairros informais, antes transformados em zonas proibidas da cidade pelo narcotráfico, foram eficientemente conectados à cidade formal por um sistema de teleféricos associados a importantes equipamentos públicos, como escolas, bibliotecas e parques.⁶³ A iniciativa, realizada em menos de uma década, envolveu esforços concentrados do poder público, de arquitetos e de empresários, investindo prioritariamente em transporte e educação. Assim, foi possível implantar em áreas degradadas uma série de equipamentos esportivos, parques-biblioteca, escolas e centros culturais, instalados sempre de forma próxima e conectada ao sistema de transporte, que incluía metrô e o serviço de ônibus rápido, facilitando o acesso à população e formando uma rede conectada de equipamentos por toda a cidade.

Neste novo milênio, as duas maiores cidades colombianas aos poucos têm conseguido transformar suas imagens de cidades extremamente violentas em inovadores laboratórios urbanos, tornando-se modelos a serem seguidos em países subsdesenvolvidos.

Os parques-biblioteca foram construídos para promover práticas educativas, culturais e sociais em seus bairros, atuando como importantes pontos de referência, visando a transformação e o fortalecimento das comunidades, culturas e identidades locais. Ao todo foram projetados e construídos nove parques-biblioteca espalhados por Medellín, sendo a mais conhecida a Biblioteca Espanha, de Giancarlo Mazzanti.

A função dos parques-biblioteca está muito além dos seus programas educativos. São uma forma coletiva de extensão do espaço público urbano proposta, em muitos casos pela primeira vez, às zonas mais carentes da cidade. O próprio nome do projeto ressalta a concepção urbana a partir da ideia de que esses edifícios são em primeiro lugar parques, espaços públicos e depois bibliotecas, espaços educativos. O caráter social da arquitetura desses equipamentos tem sido orientado através de duas estratégias principais: o uso da arquitetura para representar uma sociedade modernizada e contemporânea, diminuindo a contratante desigualdade social evidente na paisagem urbana, e o uso da arquitetura como produtora de um novo senso de comunidade e cidadania através da integração social dos membros da comunidade entre si e com a cidade em geral.⁶⁴

Uma geração de arquitetos, entre eles Giancarlo Mazzanti, Felipe Mesa e Camilo Restrepo, tem contribuído ativamente para a estrutura do chamado 'urbanismo social', iniciando a aproximação aos sérios desafios que envolvem a batalha contra o crime, as drogas e os problemas sociais.⁶⁵

São inúmeras as intervenções em Medellín notáveis de destaque, entre elas: os Parques Biblioteca, ^[33] desenvolvidos por diferentes de arquitetos; o Orquideorama, ^[38] de JPRCR + Planb; o Jardín Infantil Carpinelo ^[120] do Ctrl G arquitectura; e os mais recentes Tanques de Agua. ^[166] É possível citar ainda as instalações esportivas construídas para os Jogos Sul-Americanos de 2010: os Escenarios Deportivos, ^[73] de Giancarlo Mazzanti e Plan:b arquitectos, e o Complexo Acuático ^[75] do Paisajes Emergentes.

Inspirados em Medellín, os projetos do Metro Cable ^[56] de Caracas e do Teleférico Complexo Alemão, ^[85] no Rio - este já fora de funcionamento - se colocam como infraestruturas de mobilidade que passaram a ter um impacto extremamente positivo nas realidades sociais de suas comunidades sendo, pela primeira vez, implantados em uma escala urbana na América Latina. A popularidade do sistema de *metrocable* se justifica não só pelo impacto social positivo, mas pelo reduzido custo de implantação, manutenção e operação, assim como uma rápida viabilidade construtiva. Podem ser construídos sem deslocar grandes grupos de pessoas - e são compatíveis com as intenções políticas dos mandatários em busca de reeleição.

63 MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazeera, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/activist-architects>>. Acesso em: 28 ago 2017.

64 Ibid.

65 LIERNUR, Jorge Francisco. 21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past. in: Revista A+U N° 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 12-14.



espaços de paz e a arquitetura coletiva na américa latina

Uma segunda aproximação refere-se aos projetos e intervenções dos inúmeros coletivos de arquitetura na América Latina. De acordo com Montaner, um dos fenômenos característicos desse período é a manifestação de grupos de jovens arquitetos que questionam uma prática profissional hierárquica e convencional buscando novas formas de atuar, novos métodos e processos de trabalho.⁶⁶ São coletivos comprometidos em unir forças em busca de uma prática que lhes permita enfrentar a injustiça social, muitas vezes trabalhando em meio a espaços conflituosos e tensionados, questionando o caráter monotematico e autorreferencial da arquitetura e propondo uma abordagem prática e social.⁶⁷

Procuram, por meio de intervenções em diferentes realidades e contextos, produzir projetos capazes de incorporar as forças das comunidades através do uso de instrumentos próprios da disciplina como forma de interlocução, buscando, a partir da arquitetura, o estabelecimento de novos protocolos, redes de cooperação e métodos de transformação das estruturas sociais existentes.⁶⁸

Distinguem-se principalmente por duas características: a dissolução da figura do autor - ou do conceito de autoria -, trabalhando em equipes multidisciplinares; e a busca por novas formas de se fazer arquitetura. Formas que vão além da práticas tradicionais de projeto e construção e se aproximam, por vezes, do ativismo social, através de pequenas intervenções ou de arquiteturas temporárias, por vezes da arte, através de instalações, eventos, vídeos, intervenções digitais e midiáticas.⁶⁹

Embora em muitos casos contem com apoio e financiamento governamental, caracterizam-se principalmente pelas iniciativas *bottom-up*, de baixo para cima. Visam principalmente a ativação de espaços urbanos através da inserção de pequenos equipamentos em espaços públicos e bairros informais. O projeto *Espacios de Paz*, na Venezuela, tem se mostrado como o exemplo mais relevante neste sentido.

Coordenado pelo PICO Estudio em conjunto com a Comissão Presidencial do Movimento de Paz e Vida, o *Espacios de Paz* é um ambicioso exercício de acupuntura urbana e desenho participativo que, desde 2014, vem intervindo em diferentes cidades venezuelanas. O projeto é implantado através de workshops nos quais, ao longo de poucas semanas, coletivos locais em conjunto com escritórios de arquitetura latino-americanos projetam e constroem instalações públicas em bairros com altos índices de pobreza, violência e desemprego.⁷⁰

Os *Espacios de Paz* têm, assim, sido um exercício de projeto que, através da colaboração e do desenho participativo, busca produzir processos de transformação física e social a partir da autoconstrução de pequenos equipamentos e espaços públicos em contextos urbanos conflitantes de forma a trazer esperança às comunidades.⁷¹

66 MONTANER, Josep Maria. *A condição contemporânea da arquitetura*. Gustavo Gili, São Paulo; 1^a edição, 2016. p. 106.

67 VALENCIA, Nicolás. *Venezuelan urban acupuncture: Spaces of Peace by PICO Estudio*. 09 set 2015. The Architectural Review. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/8686647.article>>. Acesso em: 15 out 2018.

68 VALENCIA, Nicolás. *Fuerzas Urbanas, la participación venezolana en la Bienal de Venecia 2016*. 06 abr 2016. ArchDaily México. Disponível em: <<https://www.archdaily.mx/mx/785073/fuerzas-urbanas-la-participacion-venezolana-en-la-bienal-de-venecia-2016>> Acesso em: 17 set 2018.

69 MONTANER, Josep Maria. *A condição contemporânea da arquitetura*. Gustavo Gili, São Paulo; 1^a edição, 2016. p. 106.

70 FRANCO, José. *Cómo el proyecto "Espaces de Paz" está transformando los espacios comunitarios en Venezuela*. 17 out 2014. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/755609/como-el-proyecto-espacios-de-paz-esta-transformando-los-espacios-comunitarios-en-venezuela>>. Acesso em: 02 nov 2018.

71 Ibid.

Esse tipo de trabalho em escala reduzida e muito pontual se ajusta facilmente às necessidades imediatas dos moradores, garantindo um compromisso genuíno entre os arquitetos e coletivos e as comunidades.

Os projetos se desenvolvem a partir de uma aproximação inicial, uma espécie de estágio conceitual, em que ocorrem as primeiras análises e, muitas vezes, a formulação do próprio objeto de projeto, passando por uma etapa de viabilidade e a posterior materialização da intervenção.⁷²

Esta participação em vários níveis, aplicada através de mecanismos de autogestão do projeto, envolve ativamente os cidadãos na construção dos espaço públicos, fortalecendo a coesão da vizinhança e o empoderamento coletivo e trazendo consigo um caráter educativo, de capacitação profissional dos participantes. Esta participação tem como objetivo principal funcionar como uma escola de trabalho, capacitando a comunidade, e também estabelecer vínculos entre os moradores e os edifícios e espaços construídos, minimizando as chances destes espaços serem deteriorados no futuro.

O processo contrasta em muito com o modelo já estabelecido de projetos de renovação urbana que tem como característica principal a imposição ou abstração em relação ao território, normalmente, exigindo um investimento de capital intensivo e dependente de dinâmicas e interesses do setor público, envolvendo processos burocráticos, com longos prazos tanto de projeto como de implantação, vontade política e difícil aplicação. Ao contrário, estas pequenas iniciativas, em menor escala, trabalham com soluções coletivas e locais criando um ambiente favorável que permite conhecer e transformar as necessidades imediatas, atender às expectativas e utilizar-se favoravelmente das dinâmicas do cotidiano das comunidades.

São, desta forma, espaços construídos não apenas para as comunidades, mas pelas comunidades, onde o arquiteto figura como mais um trabalhador, agente de projeto e de processos, que não procura se distinguir, mas sim se camuflar como uma parte a mais do processo.⁷³

O Espacios de Paz teve, até agora duas edições (2014 e 2016) e contou com a participação de vários coletivos latino-americanos. Além dos 'Espacios de Paz', é possível citar um grande número de iniciativas semelhantes, com maior ou menor nível de participação popular, que têm se tornado visíveis nos últimos anos.

Os Conectores Peatonais ^[16], de Mateo Pintó e Matías Pintó em Caracas, e outras várias experiências ao longo do continente, como Amnésias Topográficas ^[19] do Vazio S/A em Belo Horizonte; o Bosque de la Esperanza ^[101] de Giancarlo Mazzanti em Bogotá; o Eco Petreto ^[190] do PLUG architecture no México; a instalação temporária Qorikallanka ^[189] em Madre de Deus, Peru; o Tapis Rouge ^[203] em Porto Príncipe; o The Ship Wall of Animas, ^[204] desenvolvido pelo Pico Estudio em Havana; e a instalação Juegos! ^[202] do Surco Arquitectos, em Santiago do Chile.

É possível citar ainda pequenos centros comunitários e educacionais desenvolvidos por grupos e associações, tal como as Casa del Viento ^[114] e Casa de la Lluvia ^[141] do coletivo Arquitectura Expandida, em Bogotá; a Biblioteca Casa de las Ideas ^[139] do CRO studio em Tijuana, México; as escolas em Chuquibambilla ^[153] e Aula Mazaronkiari ^[173] na selva peruana projetos de Marta Maccaglia; a Escuela S Helena de Piedritas ^[154] do Taller Cotidiano, também no Peru; o Centro de Desarrollo Infantil ^[66] do Zita e o Saberes Ancestrales ^[160] do Taller Síntesis na Colômbia; a Galeria Babilônia 1500 ^[172] do Rua arquitetos, no Rio de Janeiro; e a Cueva de Luz SIFAIS ^[209] do Entre Nos Taller na Costa Rica.

72 FRANCO, José. 2014. op. cit.

73 Ibid.



Iquique e o esquema elemental

Em relação a habitação social, é interessante pensar que a experiência de fracasso do PREVI tornou-se uma valiosa referência para a concepção de habitações expansíveis, capazes de atender às mais variadas necessidades de seus habitantes.⁷⁴

Aravena, à frente do Elemental Chile, tem investido grande parte de seus esforços na mobilização dos mais diferentes agentes na tentativa de viabilizar a construção de seu sistema elemental. Sua contribuição para a disciplina deu-se principalmente a partir do projeto de Iquique, em 2003: uma questão quase impossível de ser solucionada.⁷⁵ Aravena foi contratado pelo governo chileno para projetar um conjunto habitacional que acolhesse cem famílias, contando com uma quantia de US\$ 7.500 por moradia. O valor deveria abranger não só a construção das casas como também a compra do terreno. O baixo orçamento viabilizava a compra de uma área próxima ao centro da cidade ou a construção de boas casas, mas não as duas coisas. A resposta padrão seria construir habitações pouco eficientes a pelo menos duas horas de distância do centro urbano. Esse tem sido o drama da América Latina, convertido por Aravena em uma questão econômica.

É então proposta uma abordagem racionalista, que busca enfrentar a questão em todas suas particularidades, não somente as referentes ao campo disciplinar da arquitetura. Primeiramente está a localização, uma valia fundamental quando se trata do suprimento da demanda habitacional de baixa renda. Assim, o investimento essencial leva em conta o terreno e a localização, uma vez que esta não poderá mais ser mudada. A investigação continua no sentido de utilizar todos os recursos disponíveis para a solução dos problemas mais relevantes - a estrutura e as infraestruturas - e as funções imprescindíveis para a habitação, possibilitando, assim, um ambiente seguro,

⁷⁴ BERGDOLL, Barry. *Learning from Latin America: Public Space, Housing, And Landscape in Latin America in Construction: Architecture 1955–1980*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015. p. 38.

⁷⁵ MCGUIRK, Justin. *Alejandro Aravena*. Icon, 2009. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/alejandro-aravena>>. Acesso em: 19 dez 2017.

com condições mínimas, e com uma 'base' planejada para a futura e prevista expansão. A estratégia é não fazer a casa toda. Se não há dinheiro para construir uma casa com ao menos 80 m², se propõe uma versão menor, de 50 m², com a possibilidade de ser expandida pelos próprios moradores no futuro.

As casas são ordenadas dentro de um sistema de cheios e vazios, que prevê lacunas nas quais as famílias podem expandí-las. Os vazios são pensados como espaço de extensão e aprimoramento da própria moradia. Trata-se de um sistema aberto, que ao mesmo tempo em que funciona em conjunto, permite a individualização de cada residência. A ampliação a ser construída pelos próprios moradores, permitirá que as habitações atinjam um patamar comum à classe média.⁷⁶

A grande virtude de Aravena parece ser ver nas inevitáveis futuras modificações e ampliações não algo com o qual lutar, mas algo a ser tomado como um grande aliado. Se não é possível construir boas casas, bem localizadas, investe-se no terreno, garantindo uma boa localização e construindo apenas os espaços essenciais à habitação. Os futuros moradores serão encarregados por todo o resto, aproveitando suas grandes capacidades constitutivas.

Acostumados a construir suas próprias habitações, e "sem nenhuma ajuda financeira do Estado, eles são capazes de conquistar uma geografia difícil e fazer suas próprias habitações, mostrando uma enorme capacidade para construir. Eu gostaria de canalizar essa força",⁷⁷ afirma Araveba. O papel do arquiteto neste caso é o de garantir que essas expansões sejam possíveis, seguras e minimamente ordenadas. Para isso propõe um conjunto de casas, com não mais de três pavimentos. Nesse sentido, o posicionamento de Aravena transcende as práticas consolidadas da disciplina e coloca o arquiteto em consonância com um pensar econômico, político e social.

O Estado, nessa situação entra como suporte do processo, provendo o que não é possível de ser realizado individualmente: acesso ao transporte e à infraestruturas urbanas como esgoto, água tratada e eletricidade. A principal função do arquiteto, nesse caso, é a da coordenação.⁷⁸

O caso Elemental pode ser entendido como a habitação social a partir das novas lógicas de mercado. Em pouco tempo, as estruturas austeras têm evoluído, se transformando em vizinhanças cheias de matizes, compostas por janelas e portas de todos os tipos e fechamentos de diferentes cores e materiais. Por sua excelente localização, as casas tendem a ter seu valor de mercado valorizado, contrariando o que ocorre usualmente nos projetos habitacionais, e, neste caso, a habitação social passa a ser vista como investimento, não mais como despesa. O protótipo de Iquique se mostrou eficiente e passou a ser implementado com uma série de evoluções e variações em outras cidades e países, chegando às duas mil habitações.⁷⁹

Além dos projetos desenvolvidos pelo Elemental, são poucas as obras de habitação social que obtiveram destaque neste período. Um outro exemplo chileno são as **Habitações Ruca**, para a comunidade mapuche, na periferia de Santiago. É possível destacar o Projeto Usina^[1] várias habitações sociais que vêm sendo desenvolvidas em sistema de mutirão há quase trinta anos no estado de São Paulo. Outros dois projetos muito difundidos são o **Condomínio da Rua Grécia**^[17] de Villà e Chile, em Cotia, e mais recentemente, o **Residencial Novo Sto Amaro V**^[87] de Viglieca & Associados, o **Conjunto Habitacional do Jardim Edite**^[68] do MMBB e H+F Arquitetos e o **SEHAB Heliópolis**^[107] do Biselli Katchborian, todos em São Paulo.

76 Ibid.

77 ARAVENA, Alejandro. Folha de São Paulo, São Paulo, 03 ago. 2015. Entrevista para Gabriel Kogan: *Transformar pobreza em poesia é um desastre, diz novo curador da Bienal de Arquitetura de Veneza*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/08/1663597-transformar-pobreza-em-poesia-e-um-desastre-diz-novo-curador-da-bienal-de-arquitetura-de-venezuela.shtml>>. Acesso em 03 ago. 2015.

78 Ibid.

79 MCGUIRK, Justin. 2009. op. cit.







26 . Edificio Once . Adamo-Faiden . Buenos Aires, 2011 / Cristobal Palma
180 ^ 27 . Casa Vila Matilde . Terra e Tuma . São Paulo, 2011-2015 / Pedro Kok

as arquiteturas de um discreto cotidiano

Arquiteturas sem retórica. Austeridade, rigor, pragmatismo, racionalidade, clareza formal e economia de meios. O modernismo continua sendo o principal ponto de partida para estes projetos, que nos mostram uma outra forma de aproximação.

Marcelo Faiden,⁸⁰ ao analisar o trabalho de toda uma geração de arquitetos modernos e contemporâneos argentinos, os cita como um grupo de arquitetos que se caracteriza por uma produção objetiva e consistente, evitando diferenciações, produzindo conhecimento em conjunto, em uma espécie de projeto comum, o que, de certa forma, pode ser associado a uma parte considerável das arquiteturas recentemente realizadas no território latino-americano. Sem acesso a comissões transcendentes, estes arquitetos possuem uma ampla vocação de prestadores de serviço, um profundo conhecimento da técnica, um opção pela racionalidade que tem resultado em arquiteturas corretas, sem grandes necessidades de inventividade - "uma opção pelo correto e não pelo novo"⁸¹ - como forma de viabilizar os projetos.

São projetos que, por sua discrição e suas qualidades funcionais e formais, interagem positivamente com seus contextos. Arquiteturas que funcionam no sentido de consolidar os tecidos urbanos e constituir cidade. A Casa da Vila Matilde^[122], do Terra e Tuma, em São Paulo, é talvez o projeto de maior repercussão nesse cenário. É possível, ainda, citar a Casa de Bloques^[91], dos Gualano + Gualano, em La Pedrera, Uruguai; a Casa Chilena^[40] de Radic, em Rancagua; o Refugio Urbano^[199] de Berzero Jaros, em Córdoba; e a Casa Pentimento^[46], de Saez e Barragán, no Equador. Todas pequenas habitações que buscam aproveitar ao máximo os recursos existentes, proporcionando arquiteturas sutis, de boa qualidade, resistentes ao tempo e conectadas formalmente e culturalmente com o entorno em que estão inseridas.

As experiências de habitação social do escritório mexicano S-AR, Casa Cubierta^[89] e Casa Caja^[147] na Comunidad Vivex, em Monterrey no México; a proposta, ainda que esquemática, das Casas MuReRe, dos Adamo-Faiden,^[33] em Buenos Aires, são exemplos que apresentam arquiteturas com desenho simples e de fácil execução.⁸² É comum, nestas práticas, uma aborgagem que luta contra "o pior inimigo da arquitetura: o mercado",⁸³ atuando a partir dele próprio. Arquitetos por muitas vezes passam a desempenhar o papel de empreendedores ou incorporadores. Nesse sentido podemos citar o fideicomisso Edifício Once,^[46] entre tantos outros que a dupla Adamo-Faiden vem produzindo em Buenos Aires. Incorporação com a participação direta dos arquitetos e dos usuários, espaços indeterminados, flexíveis e racionais.

Em programas mais públicos, é possível citar o Refettorio^[95] do Metro Arquitetos, no Rio de Janeiro; o CREA-PB,^[103] do MAPA Arquitetos, em Campina Grande; o centro cívico e comunitário Pabellón Pueblo Bolívar,^[44] dos Gualano + Gualano, em Pueblo Bolívar, Uruguai; a Escuela Modular,^[98] de Sebastián Irarrázaval, em Retiro, Chile; e a Escola Estadual Telêmaco Melges, em Campinas,^[38] do Una arquitetos. São edifícios construídos racionalmente, com materiais industrializados de baixo custo e lógicas sistemáticas da modernização, materiais de catálogo, facilmente disponíveis nas grandes metrópoles latino-americanas.

80 FAIDEN, Marcelo. Conferência *Arquitetura Contemporânea Argentina HD*, 31:41 minutos, 2014. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fg3rZksipql>>. Acesso em: 03 fev 2018.

81 Ibid.

82 CREIXELL, Paula Font. *Casa de bloques, la belleza de lo práctico*. 16 out 2016. Disponível em: <<https://morewithlessdesign.com/casa-de-bloques/>>. Acesso em 20 dez 2017.

83 ADAMO, Sebastian; FAIDEN, Marcelo. Conferência *Adamo-FaidenxAbalos-Herreros; The Difficult Double*, 54:36 minutos, 2016. FORM Laboratory for architecture da EPFL École Polytechnique Fédérale de Lausanne, 23 maio 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HulpHm44Krg>>. Acesso em 15 mar 2017.







o gabinete de arquitetura de solano benitez e uma nova geração de arquitetos paraguaios

O Paraguai é o local de outra importante forma de aproximação. Sendo, ainda hoje, um país predominantemente agrícola e com uma topografia caracterizada por sua vasta planície muito rica em água, é o único país neste território com duas línguas oficiais, o espanhol e o indígena guarani. É também um território isolado, sem acesso direto ao mar. Uma ilha rodeada de terra⁸⁴ no meio da América do Sul. Isolados, os arquitetos paraguaios têm feito da inventividade uma importante característica na sua recente produção, rompendo com práticas comuns até o final do último século.

Um importante marco de origem para esta nova forma de pensar a arquitetura no Paraguai pode ser encontrado na construção do Gabinete de Arquitectura, ^[4] de Solano Benítez e Alberto Marinoni, em Assunção, realizada em 1994. Com o valor que permitiria comprar dois computadores na época, Solano e Marinoni construíram, a partir de alguns poucos tijolos utilizados de forma inventiva e engenhosa, este pequeno escritório, que viria a se tornar um potente exemplo de como se projetar e construir através da exploração máxima dos poucos recursos acessíveis.

Atualmente, arquitetos como Solano Benítez e Javier Corvalán têm formado todo um grupo de jovens ao seu redor, criando importantes espaços para a experimentação e a troca coletiva. Suas pesquisas e invenções propõem uma abordagem contemporânea que se opõe, consistentemente, a uma ideia de perfeição na arquitetura.⁸⁵

84 Luis Elgue citando o escritor paraguaio Augusto Roa Bastos. Conferência *Luis Elgue e José Cubilla: Evolución de la arquitectura Paraguaya*, 1:56:51 minutos, 2015. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4Pjy9SEj40>>. Acesso em: 05 jan 2018.

85 JUAÇABA, Carla. *Conversa com Fig Projects sobre a Capela San Miguel Arcángel projeto de Javier Corvalán no Paraguai*. Disponível em: <<http://kvadratinterwoven.com/fan-club-elegant-rawness>>. Acesso em: 03 abr 2017.

Utilizam-se de técnicas constitutivas muito simples, à escala da mão, que respondem ao lugar, com os poucos recursos existentes, buscando uma aproximação positiva em relação ao habitante e fortemente determinada na criação de um caminho mais sustentável de se produzir arquitetura.

O tijolo tem sido o material padrão e será a base para elementos que se transformam em pisos, paredes, fechamentos e coberturas através da mão dos artesão locais.⁸⁶ Sua utilização, na maioria dos casos, está ligada à busca por uma síntese estrutural baseada na ideia de peso na arquitetura fortemente aliada a experiências de subversão da gravidade, que traz ecos de obras de figuras tão diferentes quanto Félix Candela, Paulo Mendes da Rocha e Eladio Dieste.

Os dois principais recursos, embora não únicos, podem ser definidos como a utilização de tijolos e de uma mão de obra pouco qualificada,⁸⁷ que aparecem sempre somados criativamente, transformando escassez em abundância. Nesse sentido, o uso inventivo do tijolo representa uma interpretação da tradição artesanal da arquitetura desde o local.⁸⁸ O tijolo é amplamente utilizado por ser um material muito econômico e disponível praticamente em todo o país. É de fácil manuseio e conta com ampla mão de obra minimamente qualificada. É abundante, principalmente por não necessitar de processos de industrialização muito avançados, podendo ser fabricado artesanalmente inclusive nos próprios sítios de construção, facilitando o emprego de mão de obra local e promovendo a socialização e a inclusão social.

Outro ponto interessante é a forte influência da cultura guarani. Os projetos, sempre com orçamento muito reduzido, buscam referências e estratégias nas construções ancestrais e no entendimento de que é necessário um uso mínimo de recursos e que estes devem ser empregados prioritariamente para satisfazer às necessidades básicas e essenciais, como propiciar sombra e proteção dos ventos e da chuva. Relacionam-se, dessa forma, à cabana primitiva, origem da arquitetura. A cabana aqui, porém, é guarani. São as construções indígenas, o lugar e as tradições, as bases para a construção de arquiteturas que buscam, assim como as primitivas, ser "potentes em sua cor, em sua textura, em sua honestidade no uso de materiais e em seu processo de construção."⁸⁹ As referências às construções guaranis vão, nesse caso, além de questões como a tipologia ou a imagem das edificações e estão fortemente relacionadas aos processos construtivos e sociais através da utilização de sistemas coletivos e do uso de materiais imediatamente disponíveis.

Entre as obras mais recentes, é possível citar a Capilla Cerrito ^[24] de Javier Corvalán, projetada e construída na periferia de Assunção, a Casa Obscura, ^[119] também de Corvalán, e o Teletón de Solano Benítez ^[82] e seu Gabinete de Arquitectura, além de obras de jovens arquitetos, como La Plaza de Nuestros Sueños, ^[161] de Lukas Fúster, e o Catenarius, ^[176] de Ramiro Meyer em Lambaré. São importantes ainda as práticas desenvolvidas por Luis Elgue, Sergio Fanego, José Cubilla e, mais recentemente, coletivos como o Grupo Culata Jovai, o Equipo de Arquitectura, o Mínimo Común e o coletivo menosesmaspormenos arquitectura.

A lição que a arquitetura atual do Paraguai nos coloca tem grande relevância em seu amplo sentido de transformar, de projetar a partir de um orçamento e não contra ele, de procurar respostas aos problemas ou, conforme conclui Cubilla, desenvencilhar-se de uma resposta 'normal' usando a inteligência para resolver o problema e transformar as dificuldades em oportunidades.

⁸⁶ CUBILLA, José; ELGUE, Luis. Conferência *Proyectos en Paraguay*, 1:43:47 minutos, 2015. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fg3rZksipqI>>. Acesso em: 25 jun 2017.

⁸⁷ ARAVENA, Alejandro. *The Work of Solano Benítez in Paraguay, Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia*. Guide. Marsilio; 2016. p. 28-29.

⁸⁸ MONTANER, Josep Maria. *A condição contemporânea da arquitetura*. Gustavo Gili, São Paulo; 1^a edição, 2016. p. 52.

⁸⁹ CUBILLA, José; ELGUE, Luis. 2015. op. cit.



186 ^ 30 . Capilla Cerrito . Javier Corvalán e Violeta Pérez . Asunción, 2002-2011 / Leonardo Finotti





nova esperança e a arquitetura contemporânea no equador

Outra aproximação potente vem do Equador. 'Fazer muito com pouco'⁹⁰ é o lema de uma nova geração de arquitetos liderados pelo coletivo Al Borde que, nos últimos anos, tem surpreendido com uma produção de grande interesse e qualidade que pressupõe não só o uso consciente dos recursos disponíveis, como uma prática colaborativa que coloca o trabalho coletivo e os valores sociais acima de interesses individuais.⁹¹

A arquitetura contemporânea equatoriana tem sido formada por uma série de equipes com interesses e princípios comuns. Entre eles, a utilização de materiais reciclados, o consciente consumo de energia nas construções e um grande interesse pelos processos construtivos vernaculares.⁹² Seus projetos têm como princípio a economia de meios, a utilização de recursos locais e a valorização das culturas populares. Buscam eficiência e desempenho a partir da necessidade e se interessam por processos que buscam revelar o potencial do existente, do comum e do trivial.

São práticas baseadas em uma aproximação com as comunidades e seus principais agentes, formando, assim, um processo contínuo de trabalho que inclui distintos personagens de diferentes formações e posições sociais, e que variam dependendo das necessidades de cada situação. É determinante, para eles, o entendimento do contexto e das possibilidades que se colocam a cada projeto.

90 'Hacer mucho con poco' é o título de um documentário idealizado pelo coletivo equatoriano Al Borde em conjunto com a jornalista chilena Katerina Kliwadenko e o arquiteto espanhol Mario Novas. Documentário *Hacer Mucho con Poco*, 86 minutos, Equador, 2017.

91 MORA, Pola. *Al Borde e KliwadenkoNovas lançam teaser do documentário "Hacer Mucho con Poco"* sobre a arquitetura do Equador. 30 ago 2017. ArchDaily Brasil (Trad. Romullo Baratto). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/878521/al-borde-e-kliwadenkonovas-lancam-teaser-do-documentario-hacer-mucho-con-poco-sobre-a-arquitetura-do-equador>>. Acesso em: 01 set 2018.

92 DURÁN CALISTO, Ana María. *Arquitectura contemporánea de Ecuador (1999-2015): el florecimiento de una crisis (Parte I)*. 01 out 2015. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/773742/arquitectura-contemporanea-de-ecuador-1999-2015-el-florecimiento-de-una-crisis-parte-i>>. Acesso em 29 jan 2019.

Nesse sentido, são características importantes a flexibilidade e a capacidade de adaptação a diferentes realidades.⁹³ Outro fator que interessa para essas práticas é a aproximação às comunidades e suas formas de construir, adotando o que chamam de uma “sustentabilidade de senso comum.”⁹⁴ Frequentemente trabalham com obras de reabilitação e ampliação, buscando sempre projetar ‘com o que há’.⁹⁵ Mesmo em obras novas, evitam ao máximo o desperdício, partindo em busca do máximo aproveitamento dos recursos disponíveis à mão, sejam eles naturais, culturais ou mesmo humanos.

Suas arquiteturas são construídas com materiais tradicionais, como terra, bambu, palha, madeira e tijolo, e são altamente dependentes de participação comunitária. Nesse sentido, a motivação e a autosuficiência demonstradas pelas comunidades têm inspirado esses coletivos a repensar completamente o seu envolvimento nos projetos: “quando trabalhamos com as comunidades, tentamos fazer todas as coisas que temos que fazer para que, em algum momento, nos tornemos desnecessários.”⁹⁶ Interessam, neste caso, o aspecto pedagógico e social das intervenções e a constante busca por capacitar e dar autonomia aos membros das comunidades.

O envolvimento dos futuros usuários, como no caso na construção das três fases da Escola Nova Esperança, se dá não somente pelos processos em meio à extrema falta de recursos em que estão acostumados a trabalhar, mas também com um sentido mais amplo de adaptar o projeto a seu contexto, aproveitando os conhecimentos existentes e as experiências inerentes às tradições locais. No caso da escola, a comunidade se envolveu na construção porque não era possível construir sem ela. Os materiais utilizados eram provenientes da área circundante e, portanto sem custos e, mais importante, já conhecidos pela comunidade, que os vinha utilizando durante anos em suas pequenas construções. O trabalho dos arquitetos, nesse caso, concentrou-se principalmente na concepção e conceituação dos espaços, deixando todo o resto a cargo da comunidade.⁹⁷

As obras de maior repercussão parecem ser a pequena Escuela Nueva Esperanza,^[152] construída em 2009, em uma comunidade de pescadores, na costa do Equador com um orçamento de apenas 200 dólares, e suas posteriores ampliações; e a casa en construcción,^[179] o restauro de um edifício abandonado no Centro Histórico de Quito, pelos próprios inquilinos, em troca do valor que seria pago de aluguel; ambas promovidas pelo coletivo Al Borde.

Ainda podemos relacionar as práticas de jovens arquitetos como Daniel Moreno Flores e seu inventivo atelier;^[154] a Casa Convento^[158] constituída em bambu no interior do país, de Enrique Mora Alvarado; a arquitetura contemporânea com inspiração vernácula do El Camarote^[198] de Sebastián Calero Larrea; ou ainda a Casa para alguien como yo,^[197] construída utilizando-se dos créditos para moradia urbana social, do Natura Futura Arquitectura, em Babahoyo. Pode-se citar ainda o efêmero e poético Espacio Experimentación Teatral,^[99] na Amazônia Equatoriana, também dos Al Borde, e o Centro Comunitário Renacer de Chamanga,^[207] realizado através de processos de desenho e construção participativos, com o uso de bambu pelo Actuamos Ecuador.

93 DURÁN CALISTO, Ana María. *Arquitectura contemporánea de Ecuador (1999-2015): el florecimiento de una crisis (Parte I)*. 01 out 2015. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/773742/arquitectura-contemporanea-de-ecuador-1999-2015-el-florecimiento-de-una-crisis-parte-i>>. Acesso em 29 jan 2019.

94 BARRAGÁN, David; BENAVIDES, Esteban in: KLOPPENBURG, Joanna. *Al Borde Arquitectos on Practicing Life Through Architecture*. Architizer. 2016. Disponível em: <<https://architizer.com/blog/practice/tools/al-borde-life-through-architecture/>>. Acesso em: 03 maio 2018.

95 *Con lo que hay* é o nome de um atelier de desenho participativo com enfoque comunitário da Pontifícia Universidad Católica de Ecuador (PUCE) e Universidad Tecnológica Indoamérica (UTI), que tem trabalhado com alguns dos princípios citados acima.

96 BARRAGÁN, David; BENAVIDES, Esteban. in: KLOPPENBURG, Joanna. 2016. op. cit.

97 KLOPPENBURG, Joanna. 2016. op. cit.







33 . Casa Poli . Pezo von Ellrichshausen . Coliumo, 2002-2005 / Cristobal Palma
192 ^ 34 . Tradicional animita e a Capilla L'animita . Eduardo Castillo . Florida, 2002

as arquiteturas de eduardo castillo, smiljan radic, pezo von ellrichsausen e uma nova geração no interior do chile

Uma última forma de aproximação pode ser encontrada em um série de pequenos projetos realizados nos últimos anos no interior chileno.

A remota localização territorial do Chile, isolado em uma franja estreita de terras entre o Pacífico e a Cordilheira dos Andes, é um dos fatores que contribui para sua distinta voz arquitetônica.⁹⁸ A periferia rural chilena, com toda a sua aparente precariedade, é objeto de trabalho para uma série de arquitetos que produzem obras que se aproximam da escassez de uma diferente forma.

Essas obras buscam, segundo seus autores, consolidar alguns modos e formas inseridos dentro da própria tradição, utilizando os mesmos recursos e técnicas tradicionais responsáveis pela construção, ao longo dos anos, desta paisagem característica do interior do país. São, assim: "arquiteturas de madeira, pregos, tecidos e chapas de metal, levantadas por mestres; assim como a maioria do que é construído no Chile."⁹⁹

Tratam-se de narrativas da paisagem rural,¹⁰⁰ construções que, na maioria dos casos, não têm a pretensão de durar, nem mesmo como ruínas, mas sim de serem constantemente transformadas em algo novo, aproximando-se das construções informais que estão em constante modificação. Ampliam-se ou se reduzem de acordo com os acontecimentos, recursos disponíveis ou necessidades de seus ocupantes.

Em geral, são projetos que se associam à paisagem da mesma forma com que se associam aos ofícios comuns aos seus habitantes, ofícios desenvolvidos gradativamente, e profundamente relacionados com esse entorno em que habitam.¹⁰¹ Procuram, mesmo que a partir de imagens e técnicas construtivas contemporâneas, aproximar-se às linguagens culturais existentes e fortalecê-las. Nesse sentido, a arquitetura deixa de ser uma invenção e passa a ser um descobrimento,¹⁰² e a precariedade se coloca como ponto de partida para a construção de projetos que, apesar de seu pequeno porte, são capazes, ao atuarem em conjunto, de reescrever a memória e a identidade de um passado, que, por sua vez, permanece presente no imaginário coletivo dos moradores daquele território.¹⁰³

Práticas que tomam o arquétipo como importante ponto de contato com a cultura local. Nesse caso, o arquétipo funciona como referência cultural, ícone capaz de transmitir mútua confiança e estabelecer um forte vínculo entre os novos projetos e os contextos em que estão inseridos. O contexto, nesse caso, não é entendido como o terreno ou sítio, mas sim como a cultura local, suas heranças materiais, construtivas, programáticas e imagéticas. E é nesse sentido que esses projetos - de formas e linguagens muito contemporâneas - buscam uma aproximação à memória local.¹⁰⁴

Tratam-se de objetos ou programas que fazem parte do imaginário coletivo dos habitantes rurais. Galpões, galinheiros, adegas, ramadas. Construções vernáculas onde a complexidade passa a existir na relação com a precariedade de recursos.

98 MIRANDA, Carolina. *Rough, yet poetic: Chilean architecture has its moment.* 17 maio 2015. Los Angeles Times. Disponível em: <<http://www.latimes.com/entertainment/arts/miranda/la-et-cam-chilean-architecture-goes-international-20150515-column.html#page=1>>. Acesso em 06 fev 2018.

99 CASTILLO, Eduardo. *Desde una memoria hecha de material.* ARQ Nº 51, El sur de América.

Santiago: Ediciones ARQ, julho de 2002, p. 38.

100 URIBE ORTIZ, José Luis. *La Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca: un modelo de educación.* DEARQ - Revista de Arquitectura / Journal of Architecture, nº 9, 2011. p. 69.

101 URIBE ORTIZ, José Luis. 2011. op cit. p. 69-70.

102 CASTILLO, Eduardo. Entrevista *Eduardo Castillo Ramírez*, 23:55 minutos, 2014. Dostercios.

Concepción, Chile. Disponível em: <<https://vimeo.com/93069924>>. Acesso em: 24 nov 2017.

103 URIBE ORTIZ, José Luis. 2011. op cit. p. 73.

104 CASTILLO, Eduardo, 2014. op. cit.

Complexidade que orienta as criativas explorações sobre uma ampla variedade de propriedades dos materiais existentes, a apropriação às tecnologias de baixo custo e iconografias afetivas presentes na memória dos arquitetos e dos moradores locais, e formadoras de uma identidade cultural.¹⁰⁵

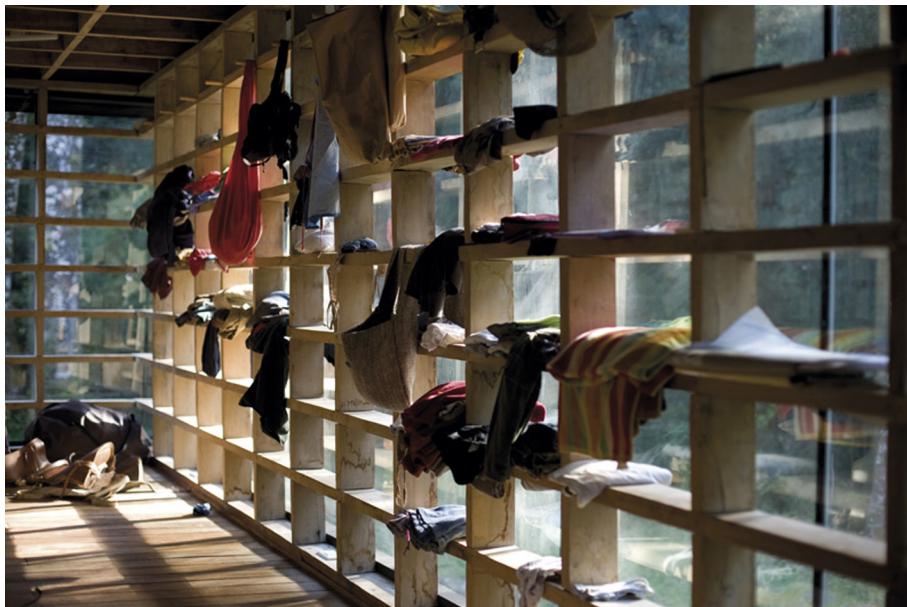
É possível citar uma série de obras que fazem parte de uma narrativa em comum, como a Casa Chica,^[6] construída para o próprio arquiteto com reusos de outras obras, ou a Casa A, ^[58] a reforma de uma cabana existente, no mesmo terreno, ambas de Smiljan Radic, em Vilches. Ainda de Radic é possível citar a casa chamada de Habitación,^[7] na qual se utiliza das tradicionais técnicas de construção em madeira de Chiloé, ou ainda a Casa de Cobre 2, ^[32] cuja forma é inspirada nos tradicionais galpões rurais de Talca.

A Capela L'Animita, ^[9] a Casa Gallinero ^[21] e a Casa Pantalón, ^[22] todas de Eduardo Castillo; a Casa Poli ^[14] de Pezo von Ellrichshausen, em Coliumo; e os experimentos do Grupo Talca, como o Casetón-mirador Pinohuacho ^[42] e o Quincho Gorro Capucha ^[67] em Villarica, também são interessantes exemplos dessa forma de atuar.

São de grande importância, ainda, as obras de titulação da Escola de Arquitetura da Universidade de Talca. Trabalhos de acupuntura, com escala muito reduzida, e programas triviais como abrigos, mirantes ou pequenos edifícios infraestruturais que demonstram, ao mesmo tempo, uma enorme complexidade e um impressionante poder de síntese, e que acabam por gerar um impacto tanto local como territorial, retomando o exercício da arquitetura como instrumento de proposição e intervenção social e urbana, ou rural.¹⁰⁶ Destes, podemos destacar o projeto Desconstrucción de una vivienda ^[157] de Albert Avila, em Talca, o Mirador Comedor Emergente ^[109] de Javier Rodríguez Acevedo, em Curico, o Cierre Perimetral ^[45] de Dafne Aríztia, em Talca, e o projeto Cuatro Esquinas ^[129] de Carla Tapia González, em San Javier.

105 Uribe Ortiz, José Luis. 2011. op cit. p. 63.

106 Ibid. p. 69.





^ 36 . Casa Pantalón . Eduardo Castillo . San Felipe, 2002-2005 / Cristobal Palma

*against scarcity: inventiveness
against abundance: pertinence
”*

Alejandro Aravena

apontamentos

No século passado, o homem, ao ir ao espaço, acabou por descobrir a Terra.¹ De forma semelhante, alguns séculos antes, o europeu, ao deparar-se com a América, redescobriu a Europa. "Foi o encontro com tal alteridade que forçou os europeus a repensar toda a sua ontologia, desencadeando as forças da modernização," sugere Lara, ecoando O'Gorman.² Desde então, de tempos em tempos, a Europa tem olhado para a América em busca de reinvenção.

O norte tem olhado para a América Latina³ e as arquiteturas latino-americanas têm servido de referência para a reformulação de certas práticas que vêm se mostrando desgastadas neste início de milênio. São arquiteturas que, neste mundo contemporâneo, tem sido modelos de como intervir em contextos de escassez. Projetos que se aproximam da falta de recursos, da informalidade e da precariedade das mais variadas formas. Produções relevantes e com características únicas em um contexto global, mesmo que muito diversas entre si.

Ainda que muitas das arquiteturas produzidas hoje se aproximem da escassez no sentido da produção de objetos únicos e exclusivos, parece ser recorrente aqui a busca por uma arquitetura oportuna,⁴ feita não de objetos isolados, mas sim de edifícios que tragam significado positivo para os contextos em que estão inseridos.

Se as crises têm o potencial de trazer consigo questionamentos sobre o modo como as coisas são feitas, a arquitetura como disciplina carrega consigo o potencial de causar um enorme impacto social, e esse impacto parece ser determinante. As obras arquitetônicas têm o poder de transformar nosso ambiente, marcando, incisivamente, paisagem e território, marcas que muitas vezes perduram e se perpetuam com o tempo. Arquiteturas bem projetadas podem, assim, atuar positivamente em nossos territórios, cidades e espaços públicos, afetando direta e positivamente a qualidade de vida das pessoas.⁵

Como vimos anteriormente, a sociedade de consumo tem produzido um interessante paradoxo: "o crescimento da escassez como resultado da abundância econômica",⁶ mostrando que abundância e escassez não necessariamente são conceitos excluidentes. Diante desta perspectiva, "a forte desigualdade territorial que nossas cidades enfrentam hoje [...] torna urgente a necessidade de abordar nosso território, não só do ponto de vista do acesso à habitação, mas de forma global buscando que seu desenvolvimento seja socialmente integrado, ambientalmente equilibrado e economicamente competitivo."⁷

Mesmo que não possamos simplesmente exigir que a arquitetura resolva de alguma forma os problemas ocasionados pela escassez,⁸ essas limitações devem funcionar para os arquitetos como importantes condicionantes para toda e qualquer ação. É necessário, nesse sentido, entender a escassez não apenas como uma condição de adversidade, mas como uma eficiente ferramenta de apoio ao projeto.⁹ As obras apresentadas anteriormente e outras que fazem parte desse trabalho se aproximam de uma forma ou de outra dessas questões.

Interessa aqui verificar o que elas têm em comum e o que podemos aprender com elas.

¹ JOWIT, Juliette. *How astronauts went to the Moon and ended up discovering planet Earth*, 2008.

² Edmundo O'Gorman in: LARA, Fernando Luiz . *Teorizando o espaço das Américas: possíveis saídas para séculos de exclusão e de esquecimento*. Dossiê. América (São Paulo), v. 1, 2018.

³ Entrevista Marta Maccaglia. UCAL Universidad, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iQNngOK6cCc>>.

⁴ Paulo Mendes da Rocha in: BELOGOLOVSKY, Vladimir. Paulo Mendes da Rocha: Arquitetura não quer ser funcional; quer ser oportuna. ArchDaily, 2016.

⁵ DE LA PIEDRA, Gabriela. in: Catálogo XIX Bienal Arquitectura y Urbanismo Chile, 2015. p. 89.

⁶ TURNER, Bryan S.; et al. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*, 2001. p. 32.

⁷ SABALL, Paulina. La mirada integral que esperan nuestras ciudades. in: Catálogo XIX Bienal Arquitectura y Urbanismo Chile, 2015. p. 07.

⁸ GOODBUN, Jon; et al. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 10.

⁹ BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert; LEPIK, Andres; KALAGAS, Alexis. *SI/NO: The Architecture of Urban-Think Tank*. SLUM lab TU München Architekturmuseum, 2015. p. 165.

É preciso ressaltar que muitos dos projetos aqui apresentados não são os mais radicais, sequer seus contextos os mais escassos em nível global. São, na maioria dos casos, pequenas tentativas, realizadas por arquitetos, de aproximar-se de algumas situações nas quais, via de regra, a figura do arquiteto sequer está presente. As obras aqui presentes, cada uma a seu modo, mostram possíveis encontros de mundos e realidades muito diferentes: o formal e o informal; o dos possuidores e o dos não-possuidores; o do norte rico e desenvolvido e o do sul economicamente subdesenvolvido.

Ao falarmos de arquitetura, devemos pensar na escassez em território latino-americano, principalmente em contraposição à abundância dos países economicamente mais desenvolvidos, como os norte-americanos e os europeus, mesmo que mais marcantes ainda sejam as contradições e segregações sociais internas. Além disso, a escassez aparece aqui no contexto da assim chamada 'civilização ocidental', não existindo, neste caso, comparação, devido às grandes diferenças históricas, sociais e culturais, com a parte oriental do globo terrestre.

A América Latina, neste mundo globalizado, encontra-se em uma posição cultural, histórica e econômica minimamente próxima à Europa, e neste início de milênio se mostra como um possível modelo para um mundo em crise. A escassez, nesse sentido, tem surgido como atributo para as sociedades menos desenvolvidas tecnológica e economicamente. Hoje, ao menos dentro da disciplina, nos encontramos em um ciclo de aproximação entre essas duas realidades.

Assim como muitos dos arquitetos modernos europeus que, devido à Segunda Guerra Mundial, migraram e atuaram na América, boa parte dos arquitetos responsáveis pelas obras aqui representadas seguem sendo educados, ou tendo parte de sua formação, na Europa ou Estados Unidos. Quando retornam às suas realidades desenvolvem linguagem própria,¹⁰ produzindo arquiteturas com uma dimensão local, porém fortemente conectadas com questões universais. É o caso, por exemplo de Jean Pierre Crousse e Sandra Barclay, trabalhando entre o Peru e a França, do projeto Elemental, inicialmente desenvolvido em Harvard, ou ainda da jovem arquiteta Marta Maccaglia, uma italiana trabalhando na selva peruana.

Nesse sentido, os projetos aqui analisados são, ao mesmo tempo, locais e globais, fazendo parte de contínuos processos de aproximação e distanciamento entre culturas, continentes, países e práticas profissionais. São frutos de práticas diversas, complexas e contraditórias, tornando-se, assim, impossível generalizar as práticas unicamente através da inserção em contextos históricos, políticos e culturais semelhantes.

Apesar de existirem grandes aproximações entre distintos arquitetos, não existem, hoje, procedimentos padrão, nem mesmo concordância no sentido de construção de um movimento comum, como existiu no movimento moderno. "Os projetos são tão singulares quanto os arquitetos - cada um falando sobre diferentes questões de história e forma, e cada um trazendo influências diferentes," considera Miranda, sobre os projetos contemporâneos chilenos,¹¹ em uma consideração que poderia muito bem ser levada para os demais projetos produzidos neste território. Existem vários tipos de arquitetos e, inclusive, um mesmo profissional pode apresentar obras e práticas muito diversas e até mesmo antagônicas entre si.

É preciso destacar, ainda, que os projetos apresentam muitos outros valores além dos demonstrados aqui. Uma forte visão ideológica e política contudo tem aproximado nomes como Rafael Iglesia, Solano Benítez, Javier Corvalán, Paulo Mendes da Rocha e Angelo Bucci. O interesse pelas lógicas estruturais também encontra ideias comuns nos nomes citados acima. E, enquanto projetos em países como Brasil, México, Argentina, Paraguai e Uruguai apontam para um prosseguimento das ideias modernas, em países como Colômbia, Equador e Venezuela parece haver um rompimento com os principais dogmas modernistas.

¹⁰ MCGUIRK, Justin. *Latin America in Construction at MOMA*. *Architectural Record*, 2015.

¹¹ MIRANDA, Carolina A. *Rough, yet poetic: Chilean architecture has its moment*. *LA Times*, 2015.

"Acredito que a maior virtude que existe em nosso território é a diversidade de instrumentos e práticas que coincidem no fundamental para construir uma prática e uma disciplina mais robustas e necessárias: o desejo de uma arquitetura para o bem-estar público, a virtuosidade e o talento para o projeto, independentemente das condições econômicas ou técnicas; um crescente respeito, compreensão e aproximação à ideia de paisagem; uma disposição ao trabalho colaborativo, seja entre arquitetos do mesmo país ou da região; uma apropriação cada vez mais forte dos meios de comunicação, os quais impactam nos centros tradicionais de poder, fazendo com que posições próprias estruturadas e contundentes sejam assumidas; o interesse por se construir como outro centro mais no debate global, a partir de projetos; estratégias e respostas próprias às condições locais com transcendência global, já não como uma periferia à espera de ajudas ou reconhecimento dos centros tradicionais, senão como um agente dinâmico e preparado para enfrentar as batalhas e debates correspondentes à atividade arquitetônica e respondendo aos desafios de nossa era." ^{F23}

Se existe uma diversidade de práticas, existe também uma enorme variedade de níveis de respostas, desde o que se refere aos materiais e técnicas construtivas ao que se refere às formas de atuação nas cidades e territórios. "A produção de países como Chile, Argentina, Brasil ou México continua sendo bastante diversa e muito rica. Se a gente olhar para um cenário como o do centro da Europa, os projetos estão muito mais próximos e operam sobre temas similares",¹² afirma Guillermo Hevia García.

Um ponto em comum, porém, parece circundar a maioria dos projetos e chama a atenção: "baixa tecnologia e alta experiência,"¹³ conforme propõe Cazú Zegers. A confiança em novas tecnologias tem desaparecido,¹⁴ pelo menos no sentido que se tinha antes, com os edifícios envolvidos e o pós-modernismo. Surge uma estética *lo-fi*¹⁵ - inventiva, baseada no cotidiano -, própria do terceiro mundo, em oposição ao *hi-fi* - parametrizado e tecnológico - do primeiro mundo.

Nos anos 1990, a América Latina viu o interesse em projetos de conjuntos habitacionais que acompanharam o período de industrialização se transladar às torres de escritórios que anunciam a expansão da economia de serviços. "O modernismo dando lugar ao pós-modernismo, e o vidro transparente do racionalismo se tornando o espelho impenetrável de uma nova cultura corporativa",¹⁶ como pontua McGuirk. Se as gerações anteriores, interessadas em um pós-modernismo, refletiram arquiteturas importadas e tecnológicas, que resultaram, muitas vezes, em edifícios estranhos e desajeitados, hoje os arquitetos têm a oportunidade de digerir e se apropriar das tecnologias possíveis e, assim, abordar a contemporaneidade não apenas através de imagens, mas também através de tecnologias locais, materiais próximos, com novos significados, sentidos e formas.¹⁷

Se as tecnologias definem a modernidade, "a América Latina tem algo a dizer ao mundo, a postura *low-tech*, de baixa tecnologia, não de alta tecnologia porque, na realidade, não há nenhuma possibilidade de competir com os países desenvolvidos,"¹⁸ conforme continua Zegers. O *low-tech*, nesse sentido, tem aparecido como condição *si ne qua non* para a prática de arquitetura nestes contextos, mas também como uma forte vontade estética.¹⁹

Esta estética *lo-fi* vai estar presente em construções muito simples e ligeiras como a Casa del Viento,²⁰ construída basicamente a partir de uma estrutura de bambu, ripas de madeira e fechamentos de policarbonato sobre uma base existente; ou em construções em constante processo de reparo, como a Casa en construcción²¹ dos Al Borde, em Quito, ou o Vila Flores,²² do Goma Oficina, em Porto Alegre. Aparece de forma muito crua em obras como a Capilla Cerrito,²³ de Javier Corvalán, na periferia de Assunção, e na La Casa del Abuelo,²⁴ no interior do México.

São obras que descendem de experiências como o Gabinete de Arquitectura²⁵ de Solano Benítez e o uso bruto e inventivo de tijolos, madeiras e elementos construtivos reciclados. Em uma última instância, o *lo-fi* chega ao uso quase primitivo de toras de madeira por Rafael Iglesia, em Rosario, e à utilização de grandes pedras em obras de Smiljan Radic, da Escola de Talca - como no Mirador Comedor Emergente²⁶ de Javier Rodriguez Acevedo -, ou ainda em algumas obras de Aravena.²⁷ Chegando à uma exploração muito contemporânea de uma estética arcaica e primitiva, agora já não necessariamente de baixo custo, na Casa Ocho Quebradas,²⁸ também de Aravena, na Vaulted House,²⁹ de Cecilia Puga e na Casa Poli,³⁰ de Pezo von Ellrichshausen.

12 HEVIA GARCÍA, Guillermo. in: Plot 48. Buenos Aires, 2019. p 63.

13 ZEGERS, Cazú. Conferência *El encanto de lo cercano*, 34:27 minutos, 2013.

14 ADRIÁ, Miquel; et al. *Radical, 50 Arquitecturas Latinoamericanas*. Arquine, 2016. p. 07.

15 Ver: FERREIRA, Guilherme. *Lo-fi: Aproximações e Processos Criativos*. (Mestrado), 2017.

16 MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America Search of a New Architecture*, 2015. p. 13.

17 ZABALBEASCOA, Anaxtú. *Mauricio Rocha: La arquitectura es política*. El País, 2016.

18 ZEGERS, Cazú. op. cit. 2013.

19 DEJTIAR, Fabian. A77: *Si quieres cambiar algo, debes juntarte con otros que también quieren eso y no esperar tantas operaciones institucionales*. Plataforma Arquitectura, 2016.



novas práticas

Em relação às práticas profissionais, na América Latina, os escritórios corporativos, com encargos de maior escala e que produzem arquiteturas com alguma relevância, são poucos e relativamente pequenos se comparados com seus pares europeus ou norte-americanos. Além disso, suas dimensões variam muito, dependendo do momento econômico em que seus países se encontram. Como aponta Liernur:

"[...] casos como o ELEMENTAL, comandado por Alejandro Aravena no Chile, e que incorpora em sua diretoria representantes de uma companhia de petróleo, uma revista e um grande atacadista de materiais de construção são excepcionais. Ao contrário, a maioria dos arquitetos tem escritórios muito pequenos e atendem a demandas igualmente pequenas. Paulo Mendes da Rocha, o arquiteto da região com maior reconhecimento internacional, trabalha em um espaço modesto e, dependendo da exigência de cada projeto, se associa com colegas mais jovens."²⁰

Aqui os arquitetos começam a construir jovens, muitas vezes se envolvem intensamente nos processos de construção e, em alguns casos, fazem suas próprias casas com as próprias mãos,²¹ como no caso da Casa/Taller Las Mercedes^[133] de Lukas Fúster. Essa condição simultânea de projetista e construtor possibilita que as ideias, estudos e experimentos sejam testados e executados diretamente por quem as propõe.²² "Eu gosto de dizer que faço construção, não arquitetura," afirma Radic.²³ Uma abordagem à disciplina a partir da construção parece, nesse sentido, a mais válida, por se afastar de especulações meramente formalistas, da intelectualização excessiva ou mesmo da virtualidade das aqui inviáveis morfologias digitais.²⁴

Pode-se, ainda, afirmar que a virada do novo milênio trouxe, junto com as novas tecnologias, questionamentos. Entre eles, uma vontade disciplinar de redefinir a figura do arquiteto. Manuel Gausa afirmava em seu Dicionário Metápolis que: "são outro tipo de apostas, mais inquietas que prudentes, mais transversais que unívocas, mais transdisciplinares que disciplinares, as que devem ser estimuladas hoje."²⁵ Em cenários de crise, porém, essas mudanças costumam não ser apenas voluntárias, mas impostas, e por isso mais radicais.

Hoje vemos práticas interessadas na colaboração mais do que no trabalho individual, com pouco apego à figura tradicional do arquiteto. Práticas que deixam de propor "uma única verdade universal na arquitetura."²⁶ Ao contrário, investem em ações. Arquitetos com "pouco tempo para manifestos, preferindo canalizar as energias na realização de pequenos projetos com impacto imediato."²⁷ A impossibilidade de atuar em mercados saturados, a dificuldade de se construir com recursos limitados e o interesse pelo social guiaram muitos destes novos profissionais. São práticas pontuadas por um otimismo, mas também impulsionadas por uma situação de insegurança relativa ao *status* tradicional da profissão.

20 LIERNUR, Jorge Francisco. 21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past. in: Revista A+U N° 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 10.

21 RADIC, Smiljan. in: MIRANDA, Carolina A. *Rough, yet poetic*, 2015.

22 JUAÇABA, Carla. *Carla Juaçaba in conversation with Fig Projects bout the San Miguel Arcángel chapel, designed by Javier Corvalán in Paraguay*. Interwoven: the fabric of things.

23 RADIC, Smiljan. in: MIRANDA, Carolina A. op. cit. 2015.

24 RICARDO SARGIOTTI, citando Alejandro Aravena. *América(no) del Sud*. in: VASCONCELLOS, Juliano; et al. (organização.). *Bloco (11): a arquitetura da América Latina em reflexão*. 2015. p. 34.

25 GAUSA, Manuel; GUALLART, Vicente; MÜLLER, Willy; SORIANO, Federico; MORALES, José; PORRAS, Fernando. *Dicionário Metápolis Arquitectura Avanzada*. Barcelona: Actar, 2001. p 23

26 BERGDOLL, Barry. in: LEPIK, Andrés; et al. *Small Scale, Big Change*. Nova Iorque, 2010. p. 11.

27 Ibid.

Se, por um lado, existe um certo fascínio pela retomada da figura do arquiteto como um importante agente social, por outro, esse interesse é também motivado por uma certa impossibilidade de pensar na profissão, com relevância, de outra forma.

O arquiteto, desde Brunelleschi,²⁸ tem se distanciado dos canteiros de obra, tornando-se projetista. Para boa parte desta nova geração, o papel de projetista já não parece ser eficiente. Hoje, a figura do arquiteto como um profissional que apenas concebe e desenha objetos já pouco interessa. Nesse sentido, o trabalho em pequena escala, muitas vezes imposto, tem permitido e exigido um maior envolvimento em toda a sequência do trabalho e etapas do projeto, reaproximando o arquiteto do processo construtivo.

Perde força, assim, o 'arquiteto-artista incompreendido', isolado do mundo real. São reforçadas as figuras do arquiteto gestor, do arquiteto desenvolvedor de novas tecnologias, do arquiteto estrategista de processos, do arquiteto mediador, instrutor, capacitor, do arquiteto mobilizador, do arquiteto ativista. O dinheiro deixa de ser o único recurso, deixa, inclusive, de ser o mais importante, e passa-se a valorizar outras forças como a motivação, a sensibilidade, a organização e, principalmente, a vontade de mudar as coisas.²⁹

Projetar, gestionar, angariar, mobilizar, combater, viabilizar, reunir, discutir, mediar, construir, motivar, ativar são suas novas funções. Para Axl Valdés, "a capacidade de mediação é a verdadeira competência do arquiteto, trata-se de responder com a arquitetura aos fatos que não são propriamente arquitetônicos, mas de interesse comum".³⁰ Já não basta pensar ou provocar, é preciso agir.

Parece ser característica desta geração, cansada de produzir papel, a vontade crescente de não se conformar com projetos não construídos. Para isso, empreendem, negociam, mobilizam, constroem, agem. Ao perceberem que construir é mais importante que desenhar, descobrem novos horizontes de atuação.³¹

Em contraposição aos *think tanks*, surgem os *do tanks*, grupos de profissionais que acreditam que o valor da arquitetura está naquilo que ela concretamente produz. E, nisso, os arquitetos latino-americanos se distanciam consideravelmente dos europeus e norte-americanos, muito restringidos à atuação profissional normatizada e formal, e a uma produção muito centrada nas investigações formais e no desenho.

Como alternativa ao arquiteto projetista, aparece o arquiteto ativista. "Se, para o primeiro, o objetivo é a estética, para o outro o que importa é o efeito," aponta Adriá, que afirma: "um cria formas e o outro provoca ações, otimizando recursos".³² São profissionais que não contam com recursos tecnológicos de última geração, nem mesmo com o auxílio de equipes técnicas de especialistas internacionais ou materiais inovadores, características recorrentes na disciplina na construção das icônicas obras da primeira década deste século. Ao contrário, atuam em um constante enfrentamento das realidades emergentes que exigem soluções inventivas e respostas imediatas.³³

Arquitetos ativistas, porém, não são novidade. Momentos de crise são extremamente oportunos para a propulsão de práticas mais criativas e inovadoras, capazes de transpor os limites tradicionalmente estabelecidos pela disciplina. Nesses contextos, "questões outrora tratadas como externas aos limites da arquitetura passam a ser efetivamente centrais à conquista de um novo espaço e relevância para a prática desta profissão."³⁴

28 Ver: LANCINI, Giulia Carvalho. *Brunelleschi e o Desenho de arquitetura*. USP São Carlos, 2014 e DURAN, Sandrina. Entre o projeto e a execução. Reportagem. Escola da Cidade, 2017.

29 ARAVENA, Alejandro. *The work of Al Borde Arquitectos in Ecuador*. in: *Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia*. Guide. 2016. p. 90.

30 AXL VALDÉS, Cristian. in: URIBE ORTIZ, José Luis. *O estado das coisas*. Plot 35, 2017. p. 13.

31 GRUNOW, Evelise; et al. *Terra e Tuma encanta plateia do MCB*. ARCOweb, 2017.

32 ADRIÁ, Miquel; et al. *Radical, 50 Arquitecturas Latinoamericanas*. Arquine, 2016. p. 08.

33 Ibid.

34 FAGUNDES, Diego. *Crises e a Expansão do Campo da Arquitetura*. ArchDaily, 2016.

Historicamente, novas práticas tendem a coincidir justamente com os períodos de crise. Foi assim no início do movimento moderno e é possível assumir que os últimos movimentos relevantes de vanguarda arquitetônica se deram entre os anos 1960 e 1970, quando o cenário econômico e sociopolítico se mostrava semelhante ao atual. De certa forma, "o fascínio com um processo de 'reconstrução' da figura do arquiteto e de sua função social surge como uma resposta direta ao cenário de crise,"³⁵ seja esta uma crise ocasionada pelo encerramento de um ciclo - a virada do milênio, no caso de Gausa; seja por uma crise econômica, como vemos atualmente.

Cenários de instabilidade geram dúvidas e indagações e levam muitos profissionais a questionarem as motivações e as fundamentações da estrutura da disciplina e suas correntes implicações na prática profissional. São ultrapassadas as fronteiras que delimitam o papel tradicional do arquiteto-projetista, abrindo um extenso campo que, ao mesmo tempo que gera novas possibilidades de trabalho, atribui uma maior interdisciplinaridade e complexidade à figura do arquiteto. Aparece, assim, uma arquitetura mais difusa, sem contornos precisos, que passa a extrapolar seus limites em uma "busca incessante do arquiteto por sua relevância no mundo."³⁶

Com a crise, os arquitetos passam a perceber que aqueles encargos transcendentes praticamente inexistem. Ao contrário, nossas cidades são construídas por "espaços onde a arquitetura simplesmente não chega,"³⁷ como os *barrios* da Venezuela, as *barriadas* peruanas, as favelas do Brasil, as *villas* da Argentina e as *poblaciones* chilenas. Contextos que demonstram uma enorme necessidade real, mas não necessariamente uma demanda economicamente viável de trabalho.

A visível desigualdade presenciada diariamente em nossas cidades, tem voltado o olhar de muitos arquitetos para esses contextos. "Não nos interessa um exercício disciplinar arraigado a uma tradição ou uma maneira muito particular ou profissionalizada de fazer, mas sim o contrário, porque sabemos que isso não alcança a todos",³⁸ afirma Solano Benítez. Aparecem, assim, outros tipos de arquitetos, distanciados do *status quo* profissional. São profissionais que não esperam o encargo ou a oportunidade de intervir, mas a procuram e a criam.³⁹

Desaparece aos poucos o arquiteto como figura individual. Os novos 'tempos' de projeto, cada vez menores, assim como as novas complexidades, deixam pouco espaço para o trabalho individual. A coletividade e a multidisciplinaridade tornam-se desejáveis e, muitas vezes, necessárias. Em lugar do profissional solitário surgem os coletivos. Equipes que passam a procurar e aproveitar oportunidades que lhes permitem atuar em campos mais dinâmicos e de maior interesse pessoal. São, em muitos casos, práticas coletivas que vão buscar novos projetos a partir do local, do terreno, do lugar, das pessoas e dos contextos. Buscando respeitar as tradições os usuários e as comunidades e "com respeito pelo material e sua escassez."⁴⁰

Isso não quer dizer que coletivos são novos. Também não significa que este seja um fenômeno exclusivamente latino-americano. Coletivos de arquitetura são uma realidade em todo o mundo.⁴¹ O Assemble Studio,^[230] baseado em Londres, por exemplo, tem apresentado características muito semelhantes a algumas práticas desenvolvidas por aqui, e é possível citar uma infinidade de práticas e iniciativas semelhantes ao redor do globo.

35 Ibid.

36 Ibid.

37 Ibid.

38 BENÍTEZ, Solano. Entrevista AD Gabinete de Arquitectura: Arquitetos não são operários de uma disciplina, são construtores da sociedade. 8:22 minutos, 2016.

39 HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Un inglés en Latinoamérica*. Arquine No. 76. Otros Frentes. Editorial Arquine. Cidade do México, 2016. p. 29.

40 FRANCO, José Tomás. op. cit. 2016.

41 DURÁN CALISTO, Ana María. *From paradigm to paradox: on the architecture collectives of Latin America*. Harvard Design Magazine No. 34. Latin America. Cambridge, 2011. p. 26.

Outro ponto a ser destacado é que, no nosso caso, os coletivos não parecem ser apenas uma resposta direta à crise - já que cenários de crise são comuns em nosso território. Também não aparecem unicamente em decorrência direta das novas tecnologias e plataformas de comunicações digitais, apesar de as utilizarem amplamente delas.

Aqui, em muitos casos, sua principal característica é a vontade de atuar como agentes de transformação. Nesse sentido, não veem a crise econômica como algo exatamente negativo, mas como algo comum, ou até mesmo uma oportunidade. Procuram envolver pessoas e suas realidades e, por não aceitarem as condições impostas de desigualdade, passam a "acreditar no poder transformador da educação, da política, da pesquisa e do envolvimento com a comunidade"⁴² através do projeto.

Cada prática aparece contudo, com características muito próprias e interesses muito variados - oscilando desde a intervenção em contextos informais com auxílio da comunidade à criação de linhas de produção de tecnológicos módulos pré-fabricados.

Aparecem uma série de coletivos que vão desde o Pico Estudio e o LAB.PRO.FAB com suas intervenções urbanas em zonas informais de Caracas, ao Arquitectura Expandida e seus pequenos edifícios na Colômbia; do Al Borde e suas práticas com reciclagem no Equador, ao metropolitano Goma Oficina com sua aproximação às artes e política; do coletivo Acqua Alta e seu estudo sobre a relação entre áreas informais e os alagamentos em Asunción ao grupo Semillas e seus edifícios educacionais na selva peruana; do escritório mexicano Productora e seu ciclo de mostras sobre a arquitetura contemporânea latino-americana na Cidade do México aos Arquitetos Associados e sua infraestrutura constantemente cambiante; do bi-nacional MAPA (BR-UY) ao continental Supersudaca, baseado em Buenos Aires, Santiago, Montevidéu, Lima, Curaçao, Bruxelas e Rotterdam.

⁴² Ibid.

traços comuns

Embora exista uma infinidade de formas de responder à escassez, algumas características parecem se repetir nos projetos analisados: a desconfiança com as novas tecnologias, uma forte aproximação à informalidade, o fortalecimento do compromisso social. São projetos nos quais elimina-se o prescindível, recorre-se à imediatez dos materiais e das técnicas construtivas locais e onde "os recursos básicos se conformam com a mão de obra pouco especializada e materiais como a madeira, o bambu, taipas, adobes ou blocos de concreto".⁴³

Se, nos países desenvolvidos, o uso extremado das técnicas e a predominância do pensamento técnico são importantes características de sua modernidade⁴⁴ e a atuação do arquiteto acaba extremamente restringida pelas legislações e fortemente dependente dos catálogos de produtos, na América Latina o trabalho do arquiteto, até por necessidade, acaba por ser muito mais livre, existindo uma ideia geral de que - devido à pouca legislação e modernização - os arquitetos têm mais liberdade e, já que os recursos disponíveis são escassos, a inventividade é ainda mais necessária.

"Aqui, o arquiteto conta unicamente com o seu ingênuo,"⁴⁵ aponta Adriá, e o engenho ou a inventividade parecem ser características importantes de boa parte dos projetos desta geração. "Nossa crise atual é uma crise de imaginação,"⁴⁶ afirma Solano, "uma crise na qual, dado que temos o que temos e que conhecemos o que conhecemos, não somos capazes de imaginar um mundo diferente" já que "quando se está em situação de privilégio, tenta-se, por viciante que é a vida, de continuar na mesma situação. Quando se está em problemas, provavelmente não é inteligente repetir a mesma fórmula".⁴⁷ Solano, neste sentido, tem buscado a superação do *status quo* através de uma arquitetura que, não deixando de ser erudita, se aproxima fortemente do cotidiano local, suas precariedades e carências.

São projetos que, de certa forma, subvertem aquilo que na maioria dos casos tem se ensinado hoje em dia, "um conjunto de regras disciplinares segundo as quais se julgam os objetos produzidos",⁴⁸ como aponta Aravena. Regras normalmente voltadas a questões artístico-formais e a leis de composição, ligadas a uma tradição disciplinar proveniente das Belas-Artes.

A dura realidade desigual de nosso território, contudo, não deveria deixar espaço para uma disciplina tão fechada em si mesma. "O risco é de que tanto as regras como o tipo de problemas não sejam compartilhados pelo resto da sociedade e ao final só importem a outros arquitetos," continua Aravena, "então a discussão arquitetônica se converte em uma crítica especializada ou análise estilística formal que pouco importa ao resto da sociedade".⁴⁹ As condições externas - que, em muitos dos casos, se relacionam com a precariedade e a escassez - porém, não possibilitam soluções bem elaboradas, de acordo com as normas cultas da disciplina. Simplesmente porque não é possível. "Nesses casos não há outra opção além de ser eficiente em utilizar de maneira correta os recursos disponíveis, reduzir o orçamento ao máximo, pensar duas vezes antes de 'fazer' uma linha sobre o papel".⁵⁰

43 Ver FRAGMENTO 21. p. 157.

44 SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 18.

45 ADRIÁ, Miquel; GRIBORIO, Andrea. op. cit. 2016, p. 7-8.

46 BENÍTEZ, Solano. Entrevista AD Gabinete de Arquitectura: *Arquitetos não são operários de uma disciplina, são construtores da sociedade*. 8:22 minutos, 2016.

47 Ibid.

48 YUNIS, Natalia. *Alejandro Aravena: El desafío de la arquitectura es salir de la especificidad del problema a la inespecificidad de la pregunta*. Plataforma Arquitectura, 2016 Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/>>. Acesso em: 07 jul 2018.

49 Ibid.

50 FRANCO, José Tomás. *Arquitetos que fazem ver uma esperança (para a comunidade e para a*

Volta a aparecer e ser valorizado, então, o senso comum. Se, por um lado, a disciplina da arquitetura e seu ensino encontram-se afastados da realidade cotidiana e baseiam-se em uma série de paradigmas e restrições que distanciam o arquiteto da realidade, por outro, o ato de construir em condições de escassez só se torna possível através da quebra de algumas destas regras, sejam elas normativas legais, sociais ou disciplinares. A construção em contextos de informalidade, nesse sentido, tem sido extremamente comum na América Latina. Nessas condições não há regras, e "quando não há regras, acabas por construir as tuas próprias".⁵¹

À diferença de outros profissionais, muitos arquitetos latino-americanos são capacitados para trabalhar em contextos formais, com tecnologia relativamente avançada, comum em países industrializados, mas também têm sido capazes de construir com excelente qualidade e pouca tecnologia,⁵² em contextos de informalidade. Existindo aqui, como aponta DeBrea, uma intensa relação entre a "órbita das ideias", o mundo acadêmico, e o verdadeiro domínio da construção dessas ideias: "a arena empírica".⁵³ Os arquitetos, desta forma, têm atuado como representantes dessa órbita das ideias, introduzindo inovações, criando espaços agradáveis, com dimensões adequadas, corretamente iluminados e ventilados, produzindo edifícios mais funcionais e contemporâneos, porém somente atingindo uma atuação efetiva nesses contextos através da aproximação e compreensão das muitas vezes duras realidades locais. Arquitetos que buscam soluções unicamente dentro de sua própria disciplina, descontextualizados e insensíveis ao seu ambiente cultural e social, ao contrário, acabam por produzir projetos autistas que, por trás de um aparente refinamento, ocultam uma enorme insensibilidade.⁵⁴

Se pensarmos nas implicações práticas destas precariedades na atuação profissional, é possível afirmar que o impacto mais imediato da escassez na arquitetura parece ser a insuficiência no fornecimento de materiais de construção.⁵⁵ Nesse sentido, o uso de materiais e técnicas construtivas simples vai se dar, na América Latina, de várias formas, através da utilização de materiais facilmente acessíveis, de baixo ou nenhum custo, da utilização de mão de obra local, de técnicas construtivas tradicionais ou de soluções projetuais voltadas ao senso comum.

Um primeiro ponto a se destacar é que o tijolo continua sendo o material mais comumente encontrado hoje no território. Pode-se assim dizer que a América Latina tem sido constuída, no último século, com *ladrillos* e tijolos, que vão produzir as mais diversas obras, que vão das igrejas de Dieste às habitações informais nas *villas* e favelas - estas normalmente acompanhadas das estruturas simples em concreto armado *in loco*.

Neste novo século o tijolo segue tendo lugar importante, assumindo as mais variadas formas e funções. Aparece fortemente na Argentina, com características muito tectônicas e opacas, que desafiam a gravidade na Casa de la Cruz^[49] de Rafael Iglesia; e de forma leve e permeável no Refúgio Urbano^[199] de Valeria Jaros e Augustin Berzero, em Córdoba; nas Casas de Ladrillos de Ventura Virzi,^[106] em Buenos Aires, e de Diego Arraigada,^[168] em Rosario; e também no México, nas fachadas permeáveis do Iturbide

profissão). ArchDaily, 2016. (Trad. Souza, Eduardo). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/780209/arquitetos-que-fazem-visivel-uma-esperanca-para-a-comunidade-e-a-profissao>>.

51 citando Renzo Piano. URIBE, Begoña. "Frases: Renzo Piano y la libertad". Plataforma Arquitectura, 2015. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/776769/frases-renzo-piano-y-la-libertad>>. Acesso em: 01 ago 2018.

52 CORONA MARTINEZ, Alfonso. *Disparos de aproximación*. in: DE BREA, Ana (editora). *Total Latin American Architecture: Libretto of Modern Reflections & Contemporary Works*. Barcelona: Actar, 2016. Prefácio.

53 DE BREA, Ana (editora). op. cit 2016. p. 21.

54 GAUSA, Manuel; GUALLART, Vicente; MÜLLER, Willy; SORIANO, Federico; MORALES, José; PORRAS, Fernando. *Diccionario Metapolis Arquitectura Avanzada*. Barcelona: Actar, 2001. p. 168.

55 GOODBUN, Jon; JASCHKE, Karin. *Architecture and Relational Resources: Towards a New Materialist Practice*. in: GOODBUN, Jon; et al. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc. Architectural Design, 2012. p. 28.

Studio [144] de Mauricio Rocha e Gabriela Carillo ou na pele exterior do refúgio na Ruta del Peregrino [96] de Luis Aldrete.

Aparecem pintados de branco nas habitações sociais Lo Barnechea, [170] do Elemental, em Santiago, e de forma muito tectônica - gerando segurança e proteção térmica - no Pabellón Pueblo Bolívar, [44] dos Gualano + Gualano, no interior do Uruguai. Podem ser encontrados ainda com força tectônica e estereotómica na Galeria Maxita Yano, [143] dos Arquitetos Associados em Inhotim e de forma muito racional, buscando o sublime, na Capilla San Bernardo, [182] de Nicolás Campodonico, na zona rural de Córdoba.

O caso mais notório, porém, é o do Paraguai, onde uma série de arquitetos vêm trabalhando com essa simples matéria-prima de formas extremamente inovadoras. Desde o Gabinete de Arquitectura, [4] uma espécie de protótipo para o que viria a seguir, até obras mais complexas como a Unilever Paraguay, [11] o Quincho Tia Coral [181] e a cobertura do Teletón [82] - todos de Solano Benítez, a arquitetura contemporânea paraguaia tem sido construída principalmente com tijolos. São abóbadas como o Catenarius, [176] de Ramiro Meyer, em Lambaré; painéis pré-fabricados, fixos e móveis, opacos e permeáveis, que caracterizam obras de distintas escalas e usos como a pequena Casa del Pescador [92] e o Edifício San Francisco, [148] de José Cubilla, o estúdio Vivienda Boceto, [132] de Elgue, e suas engenhosas janelas.

Em alguns casos, o tijolo tem sido substituído pelas paredes de terra, produzidas através de técnicas rudimentares ou de modernos sistemas de encoframento deslizante. É o caso da Escuela de Artes Plásticas de Oaxaca [62] e da Industria Palenque Milagrito, [177] ambas no México, e dos mais recentes Vivienda Takuru, [200] de José Cubilla e da Caja de Tierra, [219] do Equipo de Arquitectura no Paraguai, além de muitos outros exemplos espalhados pelo continente.

Vemos, ainda, a difusão das estruturas em bambu, "o aço vegetal, econômico, renovável, extremamente resiliente, material facilmente disponível, capaz de ser usado por pessoas com habilidades de construção muito diferentes".⁵⁶ Aparecendo predominantemente na Colômbia como decorrência dos estudos de Simón Vélez, surge em projetos como o Museo Nómada del Zócalo, [65] do próprio Vélez, no México; na estrutura da pequena Casa del Viento, [114] em Bogotá; nos projetos experimentais das Inteligencias Colectivas Palomino, [146] às vezes como estrutura, às vezes como fechamentos; nas coberturas, pilares - amparados por sutis pontaletes metálicos -, fechamentos e cercamentos do Centro de Desarrollo Infantil El Guadual Cauca, [152] em Villa Rica; ou, ainda, nas leves estruturas do centro comunitário Renacer de Chamanga [207] e das Escuela Nueva Esperanza, [76] ambos no Equador.

Especialmente no Chile, a madeira tem assumido um papel de protagonismo. Aparece em obras mais bem acabadas como na estrutura do BIP computers, [52] de Alberto Mozó, em Santiago, e na Biblioteca Municipal de Constitución, [184] de Sebastian Irarrázaval; assim como nas obras de Alejandro Aravena na mesma cidade - sede de uma importante fabricante madeireira -, como o Centro Cultural Constitución, o Teatro de Constitución, os Miradores e as habitações sociais Vila Verde, [94] os três últimos integrantes do PRES Constitución [123] decorrente da grande destruição provocada por um terremoto seguido de tsunami em fevereiro de 2010.

É possível, ainda, citar o Colegio Alianza Francesa Jean Mermoz, [131] de Guillermo Hevia García e Nicolás Urzúa Soler; algumas casas de Pezo von Ellrichshausen, como a Casa Gago, [117] a Habitación [3] de Smiljan Radic, que utiliza técnicas tradicionais de construção em madeira na ilha de Chiloé; e uma série de equipamentos rurais como o Quincho Gorro Capucha, [67] do Grupo Talca, em Villarica; o Casetón-mirador Pinohuacho, [42] também do Grupo Talca; a Capilla L'Animita [9] de Eduardo Castillo; e os mais recentes Dos Torres y un Sendero [205] da jovem dupla Azócar Catrón. A

56 ARAVENA, Alejandro. *Simón Vélez's Battles and Strategies to be able to use bamboo*. in: *Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia*. Guide. Veneza: Marsilio, 2016. p. 52.

madeira aparece, ainda, pintada de vermelho nas expressivas intervenções paisagísticas de Germán del Sol, em suas *Termas Geometricas*. [74]

É preciso, ainda, destacar a grande diferença de formas de utilização do material. Enquanto segue sendo utilizada de sua forma muito tradicional em uma infinidade de projetos, aparece também de forma muito tecnológica nos experimentos em CLT dos MAPA arquitetos e seu *Sistema Minimod*. [165] A madeira vai aparecer, ainda, de forma muito bruta em uma série de projetos de titulação, no interior do continente, como nos gravetos do *Hito Territorial Cuatro Esquinas* [129] de Carla Tapia, em Talca, e em muitas obras sociais na Colômbia e Equador, e de forma ainda mais potente nos pilares formados por toras brutas, nas mesas e escadas suspensas de Rafael Iglesia, em seu pequeno *Quincho Gallo* [15] e nas infraestruturas para o *Parque Independencia*, [27] em Rosário.

Embora em muito menor quantidade do que em meados do século passado, seguem existindo importantes obras em concreto armado, variando do bom acabamento do *Centro de Innovación UC*, [171] do *Elemental S.A.*, em Santiago, à extremamente crua *Capilla Cerrito* [24] de Javier Corvalán e Violeta Perez, em Asunción. O concreto segue aparecendo em obras públicas como o *Lugar de la Memoria*, [191] em Lima e em casas particulares como a *Casa Bahía Azul* de Cecilia Puga; em formas pesadas e regulares como na *Casa Poli*, [23] de Pezo von Ellrichshausen, e leves e curvas como na *Vaulted House*, [178] também de Puga.

Aparecem também o refinado concreto branco da *Fundação Iberê Camargo*, as obras em concreto pigmentado, que vão da tonalidade ocre utilizada na *Praça da Artes*, [48] em São Paulo, e no *Archivo Histórico de Oaxaca*, [150] no México, ao cimento pozolânico que dá tonalidade avermelhada ao *Museo Paracas de la Cultura*, [69] o mimetizando o deserto. O concreto ainda vai cumprir um interessante papel no jogo estético-estrutural do *Edifício Altamira*, [14] desta vez revestido com um fina camada de tinta branca; e poético, desta vez por trás de uma fina camada de tinta preta, na *Casa para el Poema del Ángulo Recto*, [118] de Smiljan Radic.

É forte também a presença de elementos pré-fabricados, seja nas grandes infraestruturas urbanas, nas estruturas de edifícios públicos como nos CEUs [13] paulistas, ou ainda nos brises do *CREA-PB*. [103] Aparece abundantemente na forma de blocos, muito usados em habitações sociais, como na *Quinta Monroy*, [18] em Iquique, ou no mexicano *projecto VIVEX*; [89] em habitações como a *Casa Vila Matilde*, [122] do Terra e Tuma, e uma série de outras residências paulistanas; ou ainda em pequenos prédios como o *Edifício Alfonso Reyes*, [125] de Gabriela Etchegaray e Jorge Ambrosi, no México. Estão muito presentes, ainda, os blocos vazados, utilizados em fachadas potentes como as da *Casa 9 x 20*, [195] do S-AR arquitectos, da *Casa de Bloques*, [91] dos Gualano + Gualano; e também nas fachadas do pequeno edifício *Central de Transmisiones*, [164] do *UMWELT*, em Santiago.

A pré-fabricação, industrialização e utilização de materiais de catálogo vai ter seu grande momento na obra de Lelé, que seguiu trabalhando no período, com obras como o *Hospital Sarah-Río*; [20] aparece em obras de grande escala, como a *Sede do Sebrae Nacional*, [66] do grupoSP e Luciano Margotto, em Brasília; e ecoa em distintos pequenos projetos como as investigações do MAPA no *Sistema Minimod*; [165] o *Refetório Gastromotiva*, [212] do Metro, no Rio de Janeiro; uma série de obras do Andrade Morettin, entre elas a *Residência RR*, [43] no litoral de São Paulo; e a *Casa Varanda* [51] de Carla Juaçaba, no Rio. Aparece fortemente também na Argentina, em obras como a *Casa Martos* [116] e muitas outras dos Adamo-Faiden; o *Edifício Sucre 4444*, [149] de Esteban Tannenbaum; o *Pabellón-Puente*, [159] de Alarcia Ferrer e a *Cabaña Delta*, [167] entre outras experiências no Delta do Tigre, dos AToT.

No Brasil também estão muito presentes as estruturas metálicas. Aparecem na *Praça do Patriarca*, [2] de Paulo Mendes da Rocha; na cobertura da *Arena do Morro* [121] dos Herzog & De Meuron; nas passarelas metálicas da *Escola FDE* em São Paulo, [30]





de Álvaro Puntoni e Ângelo Bucci; e na singela Casa Varanda, [51] de Carla Juaçaba. Revelam-se ainda como conformadoras dos núcleos de escadas no projeto Usina, [1] e ecoando Sérgio Bernardes na cobertura da recente Capela Ingá-mirim, [221] de messina | rivais.

No México, vão aparecer de forma sutil nas obras de Rosana Montiel, como a Cancha [193] e a Común-unidad; [194] e gerando uma grande espacialidade interna nas *estantes colgantes* de Alberto Kalach, na Biblioteca Jose Vasconcelos. [53] Assumem ainda papel de protagonismo nas coberturas do Orquideorama, [58] nos Escenarios Desportivos, [73] ambos em Medellín, no Bosque de la Esperanza, [101] em Bogotá, e nas treliças coloridas do Gimnasio Vertical, [54] do Urban-Think Tank, em Caracas.

O uso de materiais industrializados, em última instância, se estende às estruturas temporárias construídas com andaimes, como o Pavilhão da Humanidade, [135] de Carla Juaçaba, no Rio, ou a pequena cobertura Qorikallanka, [189] de Bauer e Román, no interior do Peru; nos projetos dos argentinos a77, como o We can Xalant, [81] e em uma fronteira com a arte nas obras dos cariocas do gru.a, entre elas a instalação Cota 10. [188] É ainda importante a utilização de containers nos projetos de Sebastian Irarrázaval em território chileno, das quais pode-se destacar algumas casas e, principalmente, a Escuela Modular, [98] em Retiro. Os containers aparecem ainda nas investigações de Alejandro Haiek Coll e seu Lab.Pro.Fab nas periferias de Caracas. [100]

Apesar de existirem muitas obras no continente executadas com mão de obra extremamente qualificada, como a Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, o uso de equipes pouco qualificadas ainda é muito presente. A mão de obra de baixo ou nenhum custo tem sido determinante para a viabilização de muitos desses edifícios e está presente em projetos de auto-construção, como a Capilla Cerrito [24] e nos mutirões do Projeto Usina, [1] passando pelas ampliações das casas do Quinta Monroy [18] e outros projetos habitacionais do Elemental. Em muitos casos, conta com a participação ativa dos próprios arquitetos, como nas obras de titulação de Talca e nas intervenções do Arquitetura Expandida em Bogotá [114] [141] ou nas intervenções dos Aparatos Contingentes e outros coletivos nos bairros informais de Caracas. [112]

É possível afirmar que existe ainda um forte interesse pelos materiais, estratégias e programas comuns, o corrente e ordinário, que varia da singeleza de algumas obras de Angelo Bucci na grande metrópole paulista a pequenas obras desenvolvidas pelo enorme território rural do continente. São obras que ressoam a expressão de Iglesia, quando dizia que "o não acadêmico é que me forma, a gente que me rodeia [...]"⁵⁷

Este interesse nas arquiteturas do cotidiano vai aparecer em projetos com programas muito simples como a Casa para alguien como yo, [197] do Natura Futura Arquitectura, a Casa Martos, [116] dos Adamo-Faiden, em Buenos Aires, e a Casa Vila Matilde, [122] do Terra e Tuma em São Paulo. Aparecem ainda na Casa Chilena, [40] de Smiljan Radic, ou em pequenos edifícios que têm como principal objetivo a consolidação do tecido urbano, como o Edifício Once [115] e vários outros projetos argentinos.

O interesse por programas muito básicos aparece também em território rural. Para o também chileno Axl Valdés, o interior de seu país é a maior fonte de recursos para a aprendizagem e construção de seus projetos. "O território em que trabalhamos está repleto dessas infraestruturas, construções anônimas das quais é necessário saber como foram construídas, porém, o mais importante é entender a razão de sua existência," afirma ele. "Por detrás dessa aparente fragilidade há um método próprio, produto do conhecimento local - sabedoria acumulada no tempo -, que reconhece essa realidade

57 IGLESIAS, Rafael. Entrevista *Rafael Iglesia en la gira Americano del Sud 2013*, 6:42 minutos, 2014. ARQClarín. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=loUWOWyDEX4>>.

em todas as suas dimensões. São construídas desta forma não porque esta seja a melhor maneira de construir, mas porque é a única maneira de serem feitas."⁵⁸

São temas que anteriormente seriam considerados irrelevantes, mas que hoje apresentam grande interesse de jovens arquitetos que acabam por produzir obras de grande qualidade como o Establo,^[187] de Maurizio Angelini e Benjamín Oportot em Coelemu, o Centro de Producción Acuícola^[31] de Martín Alonso e Daniel Rosenberg em El Panul, ou o Mirador Comedor Emergente de Javier Rodríguez Acevedo em Curicó. Algumas destas obras como a minúscula Capilla L'Animita^[9] de Eduardo Castillo e o pequeno Casetón-mirador Pinohuacho,^[42] do GrupoTalca inclusive têm recebido grande atenção internacional.

Em relação às técnicas construtivas, aparece um conjunto de práticas que propõem uma espécie de volta ao básico. O uso de técnicas antigas e tradicionais na busca por uma prática "ambiental, social e culturalmente sustentável".⁵⁹ "O que é mais interessante sobre as arquiteturas vernáculas é a criação de cultura a partir dos materiais do ambiente imediato e a transmissão de um conhecimento comum que é compartilhado através da prática,"⁶⁰ explica Samuel Bravo. Nesse sentido, há muito o que extrair das arquiteturas tradicionais.

São arquiteturas que buscam "criar um diálogo entre as práticas contemporâneas e os conhecimentos, técnicas e ofícios tradicionais".⁶¹ Projetos que procuram absorver as variáveis culturais, as relações climáticas, as técnicas construtivas e as materialidades intrinsecamente vinculadas ao próprio território em que se encontram através do estudo das construções tradicionais. "Dessas construções, o que me interessa é sua lucidez formal, que é a expressão direta da sua estrutura e construção. O seu interior também é o reflexo disto, de uma tradução direta do exterior. São construções despidas, transparentes," aponta Axl Valdés.⁶²

Surgem, assim, novas formas construídas através de técnicas tradicionais e novos usos para materiais correntes. A reciclagem também é importante, seja ela de materiais ou mesmo de edificações, como lembra García Odiaga: "tendemos a pensar que a ideia de reciclar é um subproduto da cultura de consumo e da industrialização, mas na realidade ela tem uma origem ancestral. Em zonas de escassez, reutilizar é uma lei de vida."⁶³

Para Florêncio Rodriguez, "construir potencializando as preexistências enquanto se cria a ideia de um futuro diferente é uma das premissas fundamentais que definem esse modo de fazer."⁶⁴ E aqui, por preexistências, se entende as edificações, os materiais, a cultura, o conhecimento tradicional e a sabedoria local.

Podemos destacar projetos como a Vivienda Takuru,^[200] de José Cubilla, que busca inspiração nas colônias de cupins locais para produzir uma habitação de terra retirada do próprio terreno; a Casa Convento,^[158] de Enrique Mora Alvarado, na costa equatoriana, construída com o bambu local; os projetos desenvolvidos por Marta Maccaglia e Paulo Afonso em Satipo,^{[153] [173]} utilizando técnicas construtivas e materiais comuns da selva peruana; ou, ainda, a Habitación,^[3] de Smiljan Radic, que se baseia nas tradicionais técnicas construtivas em madeira da ilha de Chiloé, no Chile.

⁵⁸ AXL VALDÉS, Cristian. in: URIBE ORTIZ, José Luis. *O estado das coisas*. Revista Plot 35. Buenos Aires, 2017. p 13

⁵⁹ ARAVENA, Alejandro. *The work of Wang Shu and Lu Wenyu of Amateur Architecture in Fuyang*. in: *Reporting From The Front. 15th International Architecture Exhibition*. Guide. 2016. p. 95.

⁶⁰ BRAVO, Samuel. in: QUIRK, Vanessa. *Learning from Vernacular Architectures*. Metropolis, 2017. 61 Ibid.

⁶² AXL VALDÉS, Cristian. in: URIBE ORTIZ, José Luis. op. cit. 2017. p 13

⁶³ GARCÍA ODIAGA, Íñigo. *Smiljan Radic: La casa del fin del mundo*. Monu, 2017.

⁶⁴ RODRÍGUEZ, Florencia. *América Latina Hoje - A Modernidade é História*. Revista Plot 24, *América Latina Hoje*. Buenos Aires, 2015. p. 03.





No que se refere à sustentabilidade, as abordagens diferem significativamente dos modelos estrangeiros como o LEED e seu foco em uma lista de características ambientais. Aqui os orçamentos para a manutenção dos edifícios são sempre modestos ou até mesmo inexistentes, o que acaba por significar o afastamento dos arquitetos de uma série de sistemas e materiais de custo proibitivo, como painéis sintéticos ou peles de vidro que exigem sistemas complexos de climatização e funcionamento. Neste sentido, o concreto aparente segue sendo um material muito utilizado, pois além da ampla mão de obra existente, com experiência na sua execução, permite facilmente a criação de formas não convencionais, exigindo pouca manutenção.⁶⁵

Aparece a sustentabilidade como o uso rigoroso do senso comum.⁶⁶ Privilegiam-se as grandes coberturas, os mecanismos passivos e tradicionais, a correta orientação das edificações, as proteções solares, a ventilação cruzada, a elevação em relação ao terreno e a inércia térmica. Muitas dessas estratégias, como a elevação do solo, as proteções solares e a preocupação com estratégias passivas de iluminação e ventilação podem ser vistas no Espacio Cultural Comunitario, ^[138] de Juan Pedro Posani, na Venezuela, por exemplo.

Aqui a lógica climática é inversa à dos modelos importados; na maioria dos casos é preciso evitar ganhos de energia indesejáveis e não evitar a sua perda. "Em termos simples, é sobre usar o mínimo de ar-condicionado possível em vez de economizar em contas de aquecimento,"⁶⁷ afirma Aravena, que vai resolver este problema de formas muito distintas em seus projetos: através do efeito chaminé em suas envolvidas Torres Siamesas ^[35] e, posteriormente, pela inércia térmica no Centro de Innovación UC. ^[171]

As proteções solares, como os *brise-soleil*, ainda são muito comuns nas obras desenvolvidas por arquitetos e vão aparecer nas mais distintas formas. Sejam nos elementos venezianados em plástico da Escola em Campinas ^[28] ou nos elementos pré-fabricados horizontais em concreto do CREA-PB. ^[103] Nos brises metálicos manuais do Sucre 4444 ^[149] ou nos automatizados da Sede do Sebrae Nacional. ^[66] Aparecem também em cerâmica, com os tijolos de seis furos assentados de forma que os furos fiquem aparentes e permitam a ventilação no Refugio Urbano ^[199] ou nos tijolos espaçados do Iturbide Studio. ^[144] Aparecem, ainda, na racional fachada do Edifício San Francisco ^[148] ou nos zigue-zagues da fachada do Unilever Paraguay. ^[11]

Pode-se, ainda, destacar as criativas formas de ventilação e iluminação da Vivienda Boceto, ^[132] de Luis Alberto Elgue Sandoval e Cynthia Solís Patrie, e as estratégias de ventilação de Mazzanti no Jardín Infantil Timayui, ^[102] e de Lelé no Hospital Sarah-Río, ^[20] ou, ainda, o afastamento do solo em projetos como da Escuela Nueva Esperanza ^[76] ou da Institución Educativa Emberá Atrato Medio. ^[162]

As grandes sombras vêm da estrutura metálica da Praça do Patriarca, ^[2] de Paulo Mendes da Rocha, e do Bosque de la Esperanza, ^[101] de Giancarlo Mazzanti, à lona de circo da NAVE, ^[192] de Smiljan Radic, passando pelas estruturas em palha e bambu do Inteligencias Colectivas Palomino, ^[146] de Carlos Hernández Correa.

É possível destacar ainda a preocupação com a inércia térmica em projetos como Archivo Historico de Oaxaca, ^[150] a Escuela de Artes Plásticas de Oaxaca, ^[62] o Pavilhão Pueblo Bolívar ^[44] ou a Casa entre muros. ^[59] Surgem casos como a Vivienda Takuru, ^[200] uma moradia quase que completamente de terra,⁶⁸ e, ainda, projetos muito experimentais como a Earthship School, ^[210] de Michael Reynolds, no interior do Uruguai.

65 MIRANDA, Carolina A. *Rough, yet poetic: Chilean architecture has its moment*. LA Times, 2015.
66 ARAVENA, Alejandro. *The Work of Transsolar and their contribution to sustainability*. in: *Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia*. Guide. Veneza: Marsilio, 2016. p. 126.

67 ARAVENA, Alejandro. *The work of Vo Trong Nghia in Vietnam*. op. cit. 2016. p. 58.

68 Ver: SANTIBAÑEZ, Daniela. Residência Takuru / José Cubilla. Archdaily Brasil, 2018.

Outro ponto comum é a progressiva diminuição de escala a partir da década de 1970. Os arquitetos que, no século passado, chegaram a ver o mundo como território para seus projetos, hoje se veem, restringidos a uma escala muito pequena, como aponta De Graaf:

"Se o clima igualitário das décadas de 1960 e 1970 tornou a arquitetura moderna geralmente impopular, as políticas neoliberais dos anos 80 e 90 a tornaram obsoleta. A iniciativa de construir a cidade passa a residir cada vez mais com o setor privado. A 'produção do pensamento' pela profissão de arquiteto, na forma de manifestos teóricos ou visões urbanas por atacado, gradualmente chega a um impasse. O próprio grão através do qual a cidade é construída muda. Grandes intervenções na cidade, usando projetos de habitação pública como a textura a partir da qual compõem um novo tecido urbano alternativo, tornam-se praticamente impossíveis."⁶⁹

Nesse sentido, o Casetón-mirador Pinohuacho,^[42] no Chile, a Biblioteca Casa del Viento,^[14] na Colômbia e a Quinta Monroy,^[18] também no Chile são alguns dos edifícios construídos em território latino-americano nos últimos anos mais difundidos mundialmente. Tratam-se de construções extremamente pequenas que sequer se comparam, em escala, com o que poderiam ser alguns de seus pares modernos, a CIESPAL (1972), a Biblioteca Virgilio Barco (2001) ou a Unidade Vecinal Portales (1966). O poder público como grande promotor da arquitetura já não existe, e atualmente as relações entre arquitetura e política não são tão claras e perceptíveis,⁷⁰ a arquitetura como representação de ideais e regimes tampouco se mostra forte como no passado. As grandes edificações se limitam a sedes de grandes empresas multinacionais, estruturas para grandes eventos e, em grande parte, especulação imobiliária. O estado como promotor da arquitetura - salvo raros casos, como o de Medellín - tem se mostrado mais ausente do que no período moderno.

O que resta é pensar pequeno. "Na sobrevivência não existe agenda, não há espaço para questionar a escala, o cliente ou o orçamento",⁷¹ propõe o SURco Studio. Surgem, assim, pequenos projetos sociais, pequenos conjuntos habitacionais, pequenos centros comunitários como arquiteturas de destaque em um panorama contemporâneo latino-americano. "Intervenções de pequena escala, mas de alto impacto para seus usuários e contextos em que se executam".⁷²

Dessa forma, iniciativas *bottom-up*, maior participação dos arquitetos nas tomadas de decisão, a vontade de que os projetos saiam do papel e o interesse em empreender esforços em construções que façam alguma diferença para a sociedade têm resultado em um grande número de projetos de diminuta escala e alta qualidade. Uma certa desilusão com o pensamento moderno de construir novas cidades e enormes equipamentos também influencia no sentido de acreditar que a solução mais efetiva para uma melhora da qualidade de vida, seja através da construção de um sem número de diferentes pequenas intervenções que, somadas, possam fazer a diferença.

Pensar pequeno - no sentido de escala, e não de intenções - parece ser uma estratégia extremamente eficiente de atuação nesses contextos. Porém, essas operações necessitam ser implementadas em uma quantidade relevante: "uma escola ou ginásio inserido em um bairro pode fazer a diferença para uma comunidade, mas é necessária uma rede inteira para elevar o caráter de uma cidade,"⁷³ aponta McGuirk.

69 DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015.

70 MONTANER, Josep Maria; MUXÍ MARTINEZ, Zaida. *Arquitetura e política. Ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 1^a edição, 2014. p. 15.

71 SURco Studio. Revista Plot 35. Buenos Aires, 2017.

72 BRUNEL, José Ángel. Arquitectura para los sin suelo: Inmigración haitiana en Chile. Plataforma Arquitectura, 2017. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/871933/arquitectura-para-los-sin-suelo-inmigracion-haitiana-en-chile>>. Acesso em: 03 abr 2019.

73 MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazeera, 2014.





Aparece também um fortalecimento do interesse social. Se, como propõe Restrepo, a crise financeira que teve início em 15 de setembro de 2008 produziu uma nova consciência moral sobre a construção de um compromisso com a responsabilidade social,⁷⁴ ao contrário da Economia que, no último século, se tornou uma disciplina neutra e afastada das questões éticas e morais; a Arquitetura, enquanto disciplina, tem buscado recuperar seu caráter social.

Neste sentido, "a arquitetura, ainda mais do que as outras artes, está ligada à ética, à justiça social, à tecnologia, à política e às finanças, juntamente com o desejo elevado de melhorar a condição humana",⁷⁵ como afirma Godbun. E, em um território marcado pelos profundos contrastes sociais, a disciplina tem como um de seus princípios a necessidade de um impacto positivo na sociedade. Desta forma, "muitas das investigações desenvolvidas pelos arquitetos latino-americanos - desde aspectos técnicos até a discussão da responsabilidade social da forma arquitetônica - são determinadas por esse contexto social", conforme afirma Liernur.⁷⁶

O interesse social, como vimos, não é algo novo. Pode-se dizer que foi, inclusive, uma das bases da fundação do movimento moderno, que começou com importantes tentativas de aproveitar o novo potencial da indústria para produzir edifícios de baixo custo, em particular, para habitação.⁷⁷ O ideal social se manteve nos anos do pós-guerra e, posteriormente, a década de 1970 reviveu a arquitetura como instrumento para a mudança social. A partir desse momento porém, principalmente neste início de século, ocorreu um período de diminuição desses interesses, culminando com o surgimento dos *starchitects*, mais preocupados com o lado artístico, corporativo e icônico da profissão.

Na América Latina, o discurso social, mesmo que não abrangendo todas as práticas profissionais, parece sempre ter estado presente. A realidade imperfeita e a contrastante desigualdade social tem se colocado como importantes condicionantes dos projetos e demandado uma colaboração na formação de condições particulares que sejam capazes de atender às demandas sociais.

Mesmo que "ninguém ainda acredite que a arquitetura pode, por si só, mudar o mundo," como afirma Ruth Verde Zein, "a maioria tenta fazer contribuições profissionais para melhorar as condições de margem dos novos bairros, trechos fragmentados e vagamente costurados de paisagens devastadas que talvez ofereçam o desafio arquitetônico mais estimulante deste século."⁷⁸

De certa forma, "a arquitetura ainda não nos deu tudo o que pode dar" e "temos que recuperar a arquitetura como rol social, não como forma," como afirmou Iglesia.⁷⁹ Nos últimos anos, porém, é possível notar um crescente interesse na projetação de espaços de relevância social. A volta da arquitetura como "a mais política das artes"⁸⁰ e de arquitetos não apenas como "operários de uma disciplina, mas sim construtores de uma sociedade"⁸¹ parece um aspecto importante neste novo século.

74 RESTREPO, Camilo. *Ambigüidade e paradoxo*. Plot 24, 2015. p. 175.

75 LOWRY, Glenn D. in: LEPIK, Andrés; BERGDOLL, Barry. *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2010. p. 06.

76 LIERNUR, Jorge Francisco. *21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U N° 532. *LATIN AMERICA, 25 PROJECTS*. 2015. p. 14.

77 SINCLAIR, Cameron; STOHR, Kate. *Design like you give a damn: architectural responses to humanitarian crisis*. Londres: Thames & Hudson, 2006. p. 35.

78 ZEIN, Ruth Verde. *O avesso do avesso: Recent Brazilian Architecture*. in: *Harvard Design Magazine* N°. 34. *Architectures of Latin America*. Cambridge, 2011. p. 160.

79 Entrevista AD *Entrevistas: Rafael Iglesia*, 6:49 minutos, 2015. Plataforma Arquitectura.

80 BARATA, Paolo. *Introduction*. in: ARAVENA, Alejandro. *Simón Vélez's Battles and Strategies to be able to use bamboo*. in: *Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia*. Guida. Veneza: Marsilio, 2016. p. 16.

81 BENÍTEZ, Solano. Entrevista AD *Gabinete de Arquitetura: Arquitetos não são operários de uma disciplina, são construtores da sociedade*. 8:22 minutos, 2016.

São arquitetos que, de certa forma, ecoam a afirmação de Berman, que dizia que "uma arte desprovida de sentimentos pessoais e de relações sociais está condenada a parecer árida e sem vida, em pouco tempo. A liberdade que ela permite é a liberdade belamente configurada e perfeitamente selada... da tumba."⁸² Este é um pouco do espírito dessas obras: a busca por relevância e significado em sociedades extremamente desiguais.

Se destacam nesse sentido obras como: a Casa del Viento [114] e a Casa de la Lluvia, [141] do Arquitectura Expandida, em Bogotá; o Bosque de la Esperanza, [101] de Giancarlo Mazzanti, também em Bogotá; uma série de projetos educacionais na Colômbia, entre eles o Centro de Desarrollo Infantil El Guadual Cauca, [152] o Jardín Infantil El Porvenir, [78] o Colegio Hontanares, [29] a Escuela Rural Alto del Mercado [155] e a Institución Educativa Emberá Atrato Medio; [162] a Cueva de Luz SIFAIS, [209] e o Centro de Capacitação Käpäclajui, [174] do Entre Nos Atelier, na Costa Rica; a Escuela Nueva Esperanza [76] e o Renacer de Chamanga, [207] no Equador; a Cancha [193] e a Biblioteca Casa de las Ideas [139] no México; a Escuela en Chuquibambilla, [153] a Escuela S Helena de Piedritas, [154] a Aula Mazaronkiari [173] e a Nueva escuela en la Comunidad Nativa, [215] no interior do Peru; o Parque Cultural Tiuna el Fuerte [37] e a Nave Multiprograma, [57] em Caracas; a Galeria Babilônia 1500 [172] e outras obras do Rua Arquitetos, no Rio de Janeiro; as iniciativas como o programa Jornada da Habitação, [134] de Stefano Boeri, e o Plan de mejoramiento de viviendas y espacios públicos, [79] do Equipo Técnico de Plan Misiones na Bolívia; e, ainda, o envolvimento em áreas de desastres como a Escuela Modular, [98] de Sebastián Irarrázaval no Chile.

Os espaços públicos vão cumprir um papel importante nessa aproximação com o interesse social. Nesse sentido, espaços degradados ou residuais têm sido alvo de intervenções no sentido de impulsionar processos de transformação urbana.⁸³ Projetos como o Eco Petreto, [190] que resgata um antigo poço artesiano e seu espaço público no México, ou ainda intervenções em espaços degradados ou bairros informais como o The Ship Wall of Animas, [204] do Pico Estudio, em Havana; o Tapis Rouge, [203] do EVA Studio, em Porto Príncipe; ou o 1100 - Sistema Integral E C, [183] e outras intervenções dos Aparatos Contingentes em Caracas.

Têm merecido destaque também alguns projetos destinados a pequenos espaços de jogos e recreação. Da obra de titulação Cierre Perimetral, [45] de Dafne Ariztí, em Talca, na qual propõe um fechamento para uma quadra esportiva, à instalação Juegos!, [202] do SURco Studio, em Santiago. É possível destacar ainda os lúdicos La Plaza de Nuestros Sueños, [161] de Lukas Fúster, desenhado e construído em conjunto com a comunidade, em especial os futuros usuários, as crianças, e o Parque Bicentenario de la Infancia, [128] do Elemental, que se utiliza das encostas do Cerro San Cristóbal para a construção de inventivos brinquedos infantis.

Em uma maior escala, a remodelação da cidade de Constitución, no Chile, através da renovação de praças, criação de parques e de uma nova orla, através do projeto PRES Constitución, [123] a criação dos Parques Biblioteca [33] e a transformação dos Tanques de Agua [166] em espaços públicos, em Medellín, além das ações propostas pelo projeto Favela Bairro, [5] no Rio de Janeiro.

É interessante ressaltar também os espaços públicos criados, provocados ou estruturados por equipamentos públicos. Como lembra Martin Corullon, há no Brasil - e podemos dizer, na América Latina em geral - uma tradição arquitetônica nesse sentido: "Projetos como o da marquise do Ibirapuera, o vão livre do Masp ou o salão central da escola de arquitetura da USP são grandes lugares sem função predeterminada, mas abertos a diferentes usos e atividades, permitindo uma transformação permanente."⁸⁴

82 BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo. Cia das Letras, 2008. p. 29.

83 SOUZA, Eduardo. *Como fazer cidades: "Guerrilheiros urbanos" e os Jardins Urbanos em Berlim*. ArchDaily, 2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/62376/como-fazer-cidades>>.

84 CORULLON, Martin. *Arquitetura pode ser política?* Esquina, 2017.

Podemos citar vários projetos contemporâneos que seguem atuando neste sentido: desde o Pabellón Pueblo Bolívar, ^[44] Gualano + Gualano, que estrutura singelos espaços esportivos, comunitários e cívicos na pequeníssima Pueblo Bolívar, interior do Uruguai, à Praça das Artes, ^[48] do Brasil Arquitetura, estruturando espaços públicos no centro da maior metrópole brasileira; dos térreos públicos e permeáveis da Sede do Sebrae Nacional, ^[66] de Alvaro Puntoni, Luciano Margotto, João Sodré e Jonathan Davies, em Brasília, à praça pública conformada pelas colunatas da Nueva Municipalidad de Nancagua, ^[142] dos Beals Lyon, no interior do Chile.

Por último, vale destacar alguns grandes equipamentos públicos que possuem um caráter quase urbano como o Vertical Gym, ^[34] do Urban-Think Tank e o Nave Multiprograma, ^[57] de Alejandro Hayek, ambos em Caracas e o Sesc 24 de Maio, ^[26] de Paulo Mendes da Rocha e MMBB Arquitetos no Centro de São Paulo. Aparecem interessantes projetos de espaços públicos que vão do minúsculo Cuatro Esquinas, ^[129] de Carla Tapia González que demarca o cruzamento de quatro caminhos históricos na localidade de Huerto del Maule, San Javier, Chile; as Común-unidad, ^[194] infraestruturas para os espaços públicos de um conjunto habitacional, de Rozana Montiel no México.

Apesar dessa vontade de mudar as realidades através da arquitetura, essa mudança parece só ser possível em pequena escala. Uma mudança maior é impraticável sem o trabalho conjunto com os órgãos públicos.

Embora a arquitetura sempre seja política⁸⁵ e os arquitetos tenham ampla capacidade de mediar e gerenciar os mais diversos processos, não é viável a largo prazo que operem como solitários ou "rebeldes" ou que atuem apenas como voluntários em trabalhos humanitários, sem remuneração adequada.⁸⁶ Como aponta McGuirk, "em um mundo ideal, os arquitetos ativistas não teriam que existir, mas, como o mundo está longe do ideal, precisamos deles seriamente."⁸⁷

Nesse sentido, arquitetos-urbanistas e arquitetos-políticos têm transformado as realidades de cidades como Medellín e Bogotá. A gestão de Jaime Lerner em Curitiba, quase uma década atrás, ainda serve de exemplo para novas ações, principalmente sua Rede Integrada de Transporte, que serviu de modelo para projetos recentes como o TransMilenio ^[12] de Bogotá, o Metrobus da Cidade do México e tantos outros pelo continente.⁸⁸ Podemos ainda citar os trabalhos de Luiz Paulo Conde e Jorge Mario Jáuregui, no Rio de Janeiro, ou a iniciativa do PREVI, de Fernando Belaúnde, no Peru, além das aproximações aos bairros informais através do desenho, mas também dos governos, pelo Urban-Think Tank, em Caracas, e de Aravena, em Calama e Constitución, no Chile.

Os maiores problemas das cidades latino-americanas contemporâneas parecem ser de infraestrutura básica e integração entre áreas formais e informais. As privações em relação à falta de condições mínimas de subsistência e as dificuldades provenientes do acesso restrito a saneamento, saúde, educação e meios de transporte são, de certa forma, mais definidoras de uma condição de pobreza do que a própria qualidade da habitação. Mesmo que os arquitetos possam aproveitar as forças de autoconstrução de uma comunidade, seria muito improvável que uma auto-organização tivesse condições de construir infraestruturas como uma rede de transporte. Nesse sentido, os impulsos de baixo para cima necessitam, inevitavelmente, dos investimentos e interesses de cima para baixo. De acordo com McGuirk, a lição que fica é de que "é preciso muita vontade política para lidar com a desigualdade urbana."⁸⁹

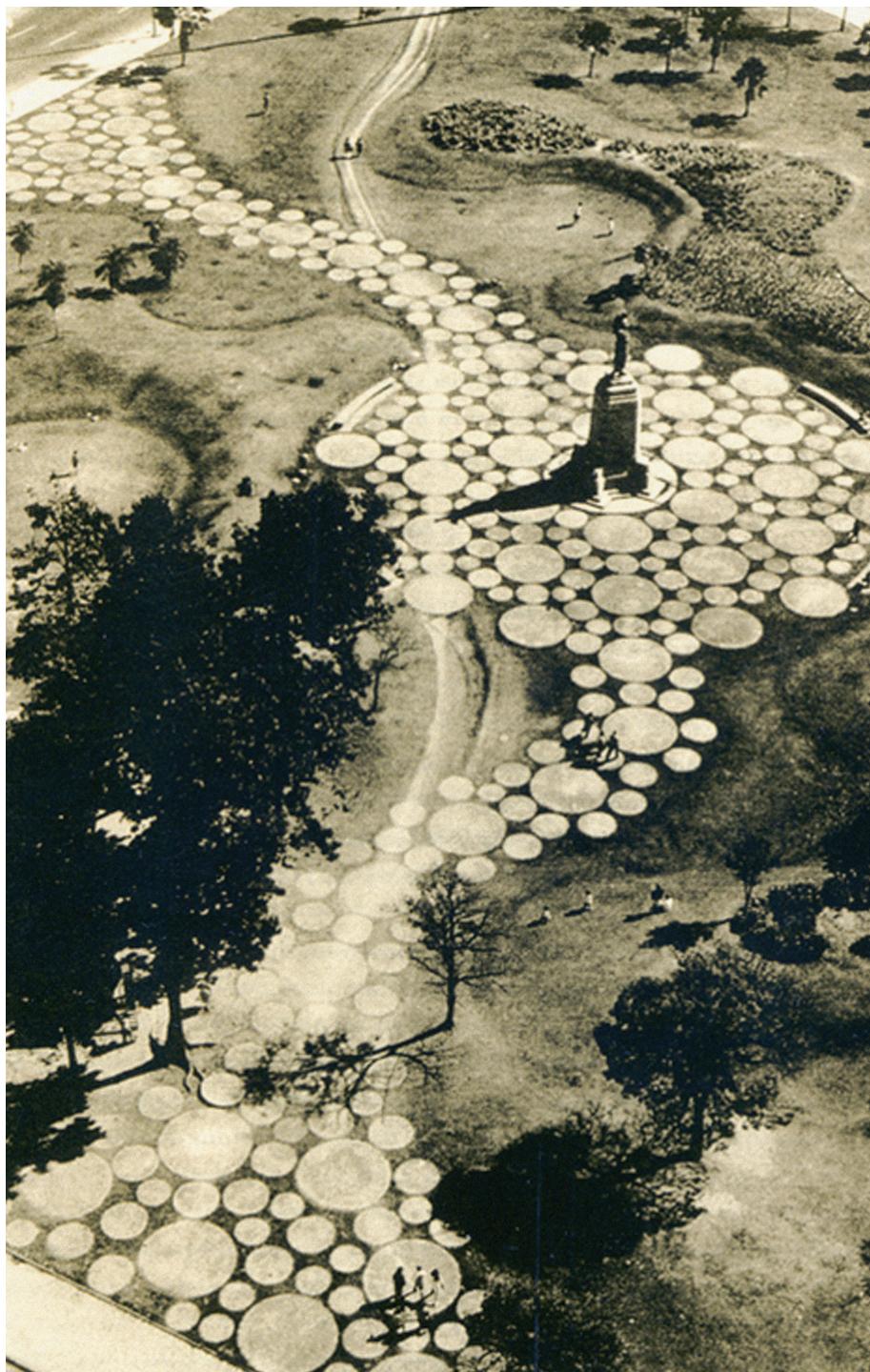
85 JAQUE, Andrés. Entrevista: *Bienal de Chile 2017*, 4:10 minutos, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wqL6FZ4qwL4>>. Acesso em: 30 jun 2019.

86 MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazeera, 2014.

87 Ibid.

88 PASTORELLI, Giuliano. *Expandir los límites de la profesión, por Eduardo Cadaval*, 2013.

89 MCGUIRK, Justin. op. cit. 2014.



^ 41 . Parque na Praia do Flamengo . Burle Marx

"Em sua viagem à América do Sul, Bruce Chatwin encontrou uma senhora caminhando pelo deserto, levando uma escada de alumínio ao ombro. Era a arqueóloga alemã Maria Reiche, que estudava as linhas de Nazca. Observadas do chão, as pedras não faziam sentido algum; eram apenas cascalhos. Mas, de cima da escada, aquelas pedras se tornavam pássaros, jaguares, árvores ou flores.

Maria Reiche não tinha recursos para alugar um avião para estudar as linhas de cima, nem havia tecnologia para ter um drone sobrevoando o deserto. Ela, no entanto, foi criativa o suficiente para encontrar uma maneira de alcançar seu objetivo. A modesta escada é a prova de que não devemos culpar as dificuldades das restrições pela nossa incapacidade de fazer o nosso trabalho. Contra a escassez: inventividade.

Por outro lado, é muito provável que ela tivesse tido condições de ter um carro ou um caminhão para dirigir pelo deserto, ficar de pé em cima dele e observar seu objeto de estudo a partir de uma certa altura. Ela realmente teria conseguido se movimentar mais rapidamente. Mas essa escolha teria destruído o que desejava observar. Havia, então, uma sagaz compreensão da realidade e os meios pelos quais se preocupar com ela. Contra a abundância: pertinência." ^{F24}

FRAGMENTO 24 | Citação original: *"In his trip to South America, Bruce Chatwin encountered an old lady walking in the desert carrying an aluminum ladder on her shoulder. It was German archeologist Maria Reiche, studying the Nazca lines. Standing on the ground, the stones did not make any sense; they were just random gravel. But from the height of the ladder those stones became a bird, a jaguar, a tree, or a flower. Maria Reiche did not have the resources to rent a plane to study the lines from above, nor was there the technology to have a drone flying over the desert. But she was creative enough to still find a way to achieve her goal. The modest ladder is the proof that we shouldn't blame the harshness of constraints for our incapacity to do our job. Against scarcity: inventiveness. On the other hand, it is very likely that she could have afforded a car or a truck to drive around the desert, stand on the roof, and look from a certain height; she would actually have been able to move around faster. But this choice would have destroyed the object she was trying to study. So, there was a canny understanding of the reality and the means through which to care for it. Against abundance: pertinence."* Retirado de: ARAVENA, Alejandro. *Rationale. Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia.* Guide. Veneza: Marsilio. 2016. p. 19. tradução do autor.

precisões

Contra a escassez: inventividade, contra a abundância: pertinência,⁹⁰ propõe Alejandro Aravena, baseado nas ideias de Angelo Bucci.⁹¹ Para Aravena, projetos não partem de formas, mas sim da resolução de problemas, traduzem ideias em fatos, devem responder à pergunta correta. Neste sentido, "não importa buscar a resposta certa, o principal é identificar com precisão qual é a pergunta certa."⁹² O desenho surge posteriormente, nunca antes.

É preciso, assim, conhecer as perguntas às quais devemos responder, ponderar as consequências que a arquitetura pode ter e, "a partir da realidade, projetar, enfrentando a maior quantidade de variáveis" e "abordando a maior quantidade de problemas".⁹³ Nesse sentido, a busca por arquiteturas que funcionem corretamente em seus contextos é, também, uma busca pela legitimização do papel do arquiteto na sociedade através da resolução de problemas, o que coloca os arquitetos como "parte de um esforço social global para superar a escassez, ou, ao menos, mitigá-la".⁹⁴ De certa forma, Aravena, com seu *rationalle*, ecoa Aristóteles, que afirmava que ações estão sujeitas a se tornar imperfeitas ou pela escassez ou pelo excesso,⁹⁵ e produz um postulado que engloba boa parte das arquiteturas produzidas por aqui, hoje.

São projetos pragmáticos, como aponta McGuirk, mas não escassos em idealismo, projetos que deixam o dogmatismo modernista de lado e buscam um idealismo pragmático que surge como um meio para fins idealistas: "isso significa que, quando necessário, os métodos devem se adaptar às condições prevalecentes, que flexibilidade e pensamento lateral são pré-requisitos, que não há resposta ortodoxa".⁹⁶

Nesse sentido, "as arquiteturas emergentes latino-americanas, longe de virtuosismos formais ou labirínticas investigações, se concentram em construir arquitetura de qualidade com compromisso social"⁹⁷ e efetivas respostas aos contextos em que estão inseridas. São arquiteturas que buscam uma positiva interação entre forma e vida. Nesse contexto, as arquiteturas mais significativas são pensadas não como objetos acabados,⁹⁸ mas como sistemas ou estruturas abertas ao imprevisível. Arquiteturas onde o efeito importa mais do que a estética,⁹⁹ alicerçadas na razão e na precisão, mas pragmaticamente poéticas.

90 ARAVENA, Alejandro. op. cit. 2016. p. 19.

91 Conferência Alejandro Aravena. *Elemental*. FAU UniRitter Porto Alegre, 2016.

92 Conferência de Alejandro Aravena. *My architectural philosophy? Bring the community into the process*, 15:49 minutos, TEDGlobal, 2014. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/alejandro_aravena_my_architectural_philosophy Bring_the_community_into_the_process transcript?language=es>. Acesso em: 16 fev 2019.

93 URIBE ORTIZ, José Luis. Arquitecturas de Autor. Primera Exposición de Arquitectura Emergente en el Maule. Maule, 2016.

94 GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 08.

95 ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Texto 2. Ética a Nicômacos. Tradução, introdução e comentários de Mário da Gama Kury. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1997.

96 MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*.

Londres; Nova Iorque: Verso, 2015. p. 22.

97 ADRIÁ, Miquel. *Premio Pritzker 2016 para Alejandro Aravena*. Arquine No. 76. Otros Frentes. Editorial Arquine. 2016. p. 32.

98 "nunca se constrói algo acabado" afirma Paulo Mendes da Rocha. em: WAINWRIGHT, Oliver. *'One never builds something finished': the brutal brilliance of architect Paulo Mendes da Rocha*. The Guardian, 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2017/feb/04/why-paulo-mendes-da-rocha-raises-architecture-to-a-new-level>>. Acesso em: 22 ago 2018.

99 MCGUIRK, Justin. op. cit. 2015. p. 22. e Adriá, Miquel; Griborio, Andrea. *Radical*, 50 Arquiteturas Latinoamericanas. Editorial Arquine, DF Mexico; 1^a edição, 2016. p. 08.

Aparecem projetos que buscam fortemente a precisão, a exatidão, os máximos resultados com o mínimo esforço,¹⁰⁰ através de uma abordagem que se utiliza de planejamento, construção racional, da busca pelo métodos mais eficazes e por uma certa austeridade que aparece principalmente em países ou cidades mais modernizadas, onde os arquitetos, amparados por uma cultura geral, seguem os ideais modernos na busca pela industrialização e pré-fabricação como resposta para os problemas da falta de recursos.

A racionalidade é característica importante de obras desenvolvidas no sul do continente, sendo encontrada na Argentina, em obras como a Cabaña Delta,^[167] de Lucia Hollman e Augustin Moscato, no Delta do Tigre; no pequeno Pabellón-Puente,^[159] de Alarcia-Ferrer, em Córdoba; nos edifícios *Sucre 4444*,^[149] de Esteban Tannenbaum, e Once,^[145] dos Adamo-Faiden, ambos em Buenos Aires; e no Edifício Maipú,^[47] de Nicolás Campodónico, em Rosário.

É característica importante, também, de obras desenvolvidas em São Paulo, que vão desde o Sesc 24 de Maio,^[26] de Paulo Mendes da Rocha e MMBB, ao Centro Universitário Maria Antonia,^[25] do Una Arquitetos, e aos Centros Educacionais Unificados,^[13] de Alexandre Delijaicov; a Escola em Campinas,^[38] também do Una arquitetos; a Escola FDE Jardim Ataliba Leonel,^[30] em São Paulo, de Álvaro Puntoni e Ângelo Bucci; e uma série de casas, como a Residência RR^[43] dos Andrade Morettin ou a Casa da Vila Matilde,^[122] dos Terra e Tuma.

Está presente, ainda, em obras como a Sede do Sebrae Nacional,^[66] de Alvaro Puntoni, Luciano Margotto, João Sodré e Jonathan Davies em Brasília; na Nueva Municipalidad de Nancagua^[142] do Beals Lyon Arquitectos, no Chile, e na Casa Pentimento^[46] de Jose María Sáez e David Barragán no Equador.

A busca pela austeridade vai ser característica marcante, além das obras de interesse social, de obras como a Casa Chilena^[40] de Smiljan Radic; a Casa del Pescador^[92] de José Cubilla; o CREA-PB^[103] dos MAPA; o Pavilhão Pueblo Bolívar^[44] e a Casa de Bloques^[91] dos Gualano + Gualano; a Casa AA2241^[71] de Guipponi, Solano e Maestro; e a Casa 9 x 20^[195] dos S-AR, no México.

O interesse em investigações estruturais também segue muito presente. Estruturas que configuram e definem espaços seguem existindo, principalmente nas obras de Paulo Mendes da Rocha, Angelo Bucci, Rafael Iglesia e Solano Benitez. Estes projetos estruturais notáveis são importantes demonstrações da técnica, mas também, formas precisas de garantir um melhor resultado construído, já que se possui maior controle na execução das estruturas do que nos acabamentos.

As grandes estruturas serão determinantes em obras como o Driving Range Público - APG,^[140] de Javier Corvalán, em Luque; a Casa Talavera,^[124] de Arnaldo Acosta e Adriana Valet, em Ciudad del Este; e o Quincho Tia Coral^[181] do Gabinete Arquitectura, em Asunción. E, ainda, no Edifício Altamira,^[14] de Rafael Iglesia; na Praça do Patriarca,^[2] de Paulo Mendes da Rocha; e em obras de Angelo Bucci, como a Casa de fim de semana^[104] e a proposta para Um novo MAM,^[151] em São Paulo.

É importante, também, o interesse nas infraestruturas. Apostava-se em concentrar os esforços na resolução dos problemas técnicos, permitindo que eles sirvam de apoio para todas as outras necessidades humanas. “Quando você tem dinheiro para metade de uma casa, a pergunta é: qual metade nós fazemos? Vamos fazer a metade que a família nunca seria capaz de fazer sozinha”, propõe Aravena.¹⁰¹

¹⁰⁰ GAUSA, Manuel; GUALLART, Vicente; MÜLLER, Willy; SORIANO, Federico; MORALES, José; PORRAS, Fernando. *Diccionario Metapolis Arquitectura Avanzada*. Barcelona: Actar, 2001. p. 475.

¹⁰¹ MCGUIRK, Justin. *Alejandro Aravena*. Icon, 2009. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/alejandro-aravena>>. Acesso em: 19 dez 2017.





O tema das infraestruturas tem sido recorrente na aproximação da arquitetura a esses contextos, sejam elas as infraestruturas de pequenas edificações ou mesmo as grandes infraestruturas urbanas. Podemos citar como exemplo de sistemas onde se priorizam as infraestruturas as habitações sociais da Quinta Monroy,^[18] em Iquique, ou as da Juta Nova Esperança,^[1] do Projeto Usina, em São Paulo. No primeiro caso, o esforço maior está na construção das infraestruturas residenciais, banheiros, cozinha e área de serviço, ficando a cargo dos moradores as divisórias internas e a ampliação das casas dentro de um sistema pré-definido. No segundo caso, o esforço está na instalação dos conjuntos de circulação vertical, formados por escadas pré-fabricadas metálicas que servem como gabarito para a autoconstrução dos blocos através de mutirões.¹⁰²

Aparecem, ainda, inúmeras minúsculas intervenções infraestruturais rurais, pequenos marcos no território como os Miradores y Paradores de la Región de Aysén,^[206] mirantes como o Observatorio Marino de la Punta San Juan,^[218] espaços para o ócio e experimentação acadêmica como o Walk the line^[136] e centros de atenção a turistas como o Quincho Gorro Capucha^[67] que funcionam como pequenos atratores em meio às paisagens. Normalmente construídos com poucos recursos, mão de obra local e técnicas tradicionais, se aproximam muito do trabalho artesanal. Destacam-se, nesse contexto, obras resultantes de projetos de conclusão de curso no Chile, Paraguai e Argentina.

São pequenas aproximações entre a vida simples do campo e pensamentos contemporâneos através da intervenção arquitetônica. Nesse sentido, servem como redutores de distâncias, aproximadores de mundos distintos. Funcionam como campos para a experimentação, transformando-se também em importantes agentes no resgate de técnicas construtivas tradicionais que gradualmente têm sido perdidas.

No caso da cidades latino-americanas, e principalmente das metrópoles, as intervenções mais assertivas parecem ser as que se dedicam às infraestruturas urbanas. Em um continente onde a falta de infraestrutura básica nas cidades é marcante, o investimento nestas obras e, principalmente, a criação de espaços públicos associados à resolução de problemas estruturais ou infraestruturais tem sido uma estratégia interessante no sentido de conectar pessoas e diminuir distâncias e desigualdades.

Nesse sentido, as infraestruturas têm um grande impacto na conformação dos espaços públicos.¹⁰³ Ao atrelarem a falta de espaços urbanos de qualidade, espaços cívicos, esportivos, educacionais e culturais, com a gritante necessidade de linhas de transporte mais efetivas e acessos zonas informais e saneamento básico, por exemplo, esses projetos têm se tornado referência mundial, sendo notórios os casos de Medellín, Bogotá, Rio de Janeiro e Curitiba.

Concentrar os esforços na resolução dos problemas técnicos e permitir que eles sirvam de apoio para todas as outras necessidades é o pensamento por trás destas grandes intervenções. Desta forma, "basta uma linha para costurar o mundo."¹⁰⁴

"O teleférico (do Morro do Alemão) representa, sob determinado ângulo, o que há de mais expressivo da arquitetura nos últimos anos, ele aproxima e reduz a distância entre os habitantes do Rio, opõe-se verticalmente às 'arquiteturas do distanciamento' que são praticadas na cidade, que em vez de se abrirem e de se prepararem para receber os outros, serem hospitaleiras, fecham-se cada vez mais em campos, em verdadeiros campos de reclusão promovendo a hostilidade."¹⁰⁵

¹⁰² Ver pág. 240

¹⁰³ ARAVENA, Alejandro. *The cablecar Project of Menos é Mais in Porto*. in: *Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia*. Guide. Veneza: Marsilio. 2016. p. 98

¹⁰⁴ FUÃO, Fernando. *O Teleférico do Morro do Alemão: arquitetura do acolhimento e hospitalidade*. Ensaio, 2012. Disponível em: <<https://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/05/o-teleferico-do-morro-do-alemao.html>>. Acesso em 11 out 2018.

¹⁰⁵ Ibid.

Podemos destacar projetos de mobilidade como o TransMilenio, [12] em Bogotá; o Metro Cable [56] de Caracas; o Teleférico Complexo Alemão [85] do Rio de Janeiro; as intervenções de Jorge Jauregui em Manguinhos; [86] o Expresso Tiradentes, [10] de Ruy Ohtake em São Paulo; o projeto MAPOCHO 42K, [83] uma ciclovia que conecta Santiago do Chile; e projetos de costura urbana como o Proyectos Urbano Integral Nororiental, [61] em Medellín, e as Escaleras Electricas Comuna 13, [111] em Caracas.

A preocupação com a arquitetura de edifícios infraestruturais, como a Central de Transmisiones, [164] do UMWELT, em Santiago, ou o EBE Cristal [88] do MooMAA, em Porto Alegre também tem recebido bastante atenção, assim como projetos que associam infraestruturas com espaços públicos como a reformulação dos Tanques de Agua [166] de Medellín ou o Projeto Urbano Correjo do Antonico, [60] dos MMBB Arquitetos, onde a resolução dos problemas de drenagem urbana serve como ponto de partida para a solução de espaços públicos.

As estruturas e infraestruturas em alguns casos, estão fortemente presentes, como partes indissociáveis de sistemas. Sejam nos projetos dos Parques Biblioteca [33] de Medellín, que funcionam em conjunto com os sistemas de transporte público, sejam no nível da própria construção. Aparecem, assim, "projetos abertos com ideias baseadas em disposição e inteligência adaptativa."¹⁰⁶ Edifícios que mesclam a rigidez estrutural e infraestrutural com áreas flexíveis na busca de espaços evolutivos, que não sejam fechados, mas possam crescer e se adaptar frequentemente segundo regras específicas, como as habitações do Elemental ou os projetos educativos de Giancarlo Mazzanti: Jardín Infantil Timayui, [102] Gerardo Molina School [63] e o Jardín Infantil El Porvenir. [78]

O projeto com potentes estruturas, infraestruturas e sistemas contudo, não necessariamente necessita partir do zero. Nesse sentido, o ato de reciclar aparece como um postulado de sustentabilidade e economia.¹⁰⁷ Se a reciclagem de materiais aparece fortemente em trabalhos dos argentinos a77, como o Plug out unit #1 [41] e o We can Xalant, [81] onde utilizam-se de antigos trailers e andaimes; ou nos containers de Irarrázaval [98] e Haiek; [196] e são características importantes também nas obras de Solano Benítez, dos Al borde ou nos projetos de Lukas Fúster, como a Casa/Taller Las Mercedes [133] e a La Plaza de Nuestros Sueños, [161] reciclar, em última instância, pode ter uma conotação arquitetônica ou mesmo urbana.

"E se, em vez de adicionarmos mais coisas ao mundo (que é o objetivo normal da arquitetura), o foco da arquitetura mudasse para a redistribuição do que já existe?"¹⁰⁸ Se pergunta Goodbun. Seguidamente ouvimos que há mais imóveis vazios do que famílias sem moradia na cidade de São Paulo,¹⁰⁹ uma lógica que se repete nas metrópoles latino-americanas. Surgem projetos que se utilizam das infraestruturas existentes e as potencializam com novos usos. "Enquanto a obsolescência acelera a escassez, um reinício, incluindo a reprogramação de espaços para iniciar uma nova vida, pode mitigá-la."¹¹⁰ A reutilização de estruturas, neste caso, entra no sentido do acesso e da luta contra a obsolescência.

¹⁰⁶ MAZZANTI, Giancarlo. *To operate and to act.* in: DE BREA, Ana (editora). *Total Latin American Architecture: Libretto of Modern Reflections & Contemporary Works.* Barcelona: Actar, 2016. p. 156.

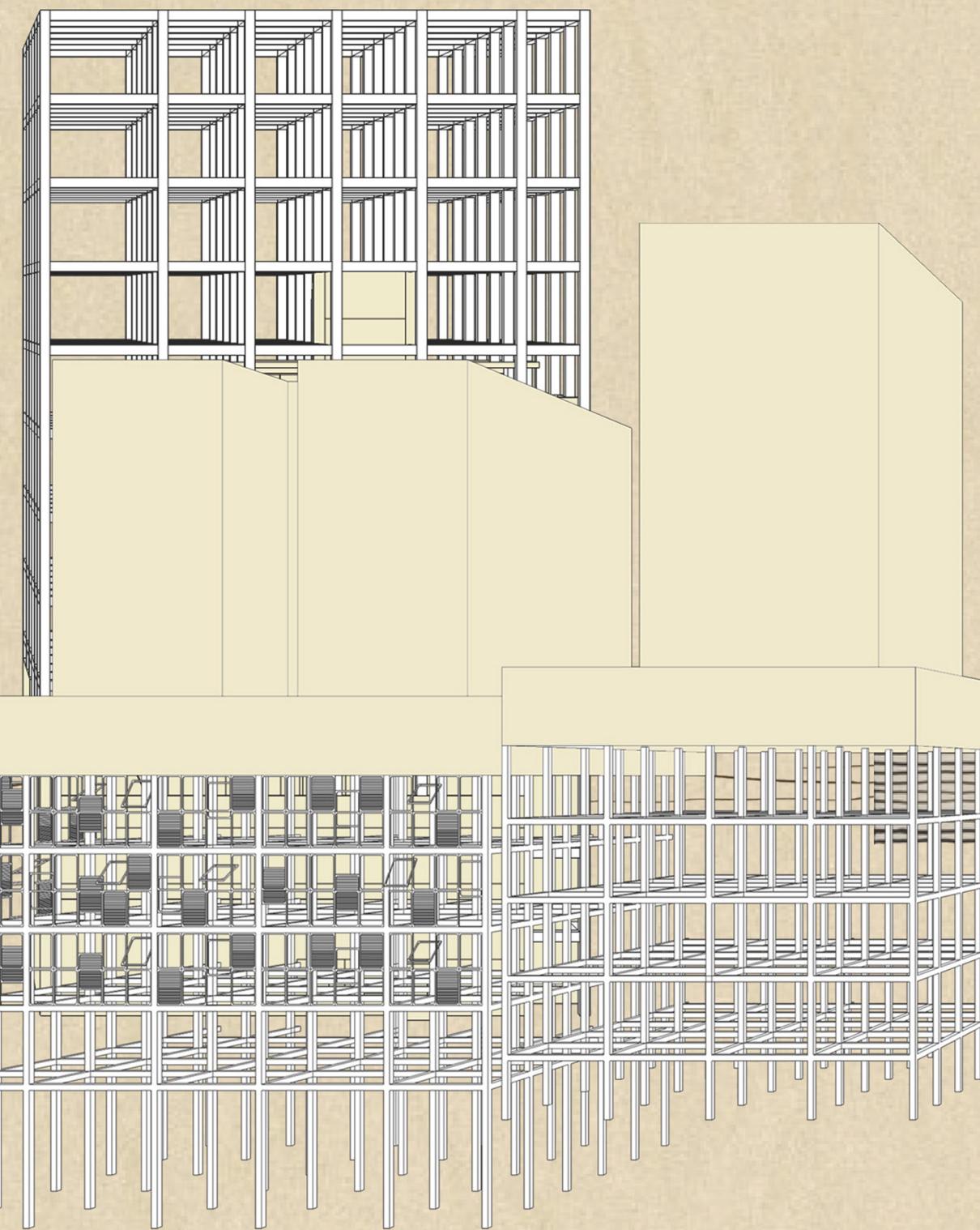
¹⁰⁷ AL BORDE: BARRAGÁN, David; GANGOTENA, Pascual; BORJA, Marialuisa; BENAVIDES, Esteban. *Ladrillos, bloques y otros elementos abandonados y parches.* Habitar-arg, 2012.

¹⁰⁸ GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity.* Moscou: Strelka Press, 2014. p. 32.

¹⁰⁹ ROLNIK, Raquel. *Por incrível que pareça, há mais imóveis vazios do que famílias sem moradia em São Paulo.* 2010. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/12/08/por-incrivel-que-pareca-ha-mais-imoveis-vazios-do-que-familias-sem-moradia-em-sao-paulo/>>.

¹¹⁰ GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity.* Moscou: Strelka Press, 2014. p. 31.





Na escala das cidades a reciclagem torna-se uma forma interessante de lutar contra a segregação dos espaços urbanos. Normalmente localizados na cidade formal, próximos a todos os tipos de infraestruturas, esses edifícios muitas vezes atendem à especulação imobiliária e não cumprem nenhum papel social. Neste sentido, a otimização, o reinício e a adaptação desses espaços tem sido prática bastante eficaz.

Esses projetos se utilizam de estruturas existentes como plataforma para novos usos e, através da combinação das infraestruturas e da adaptação dos espaços, criam uma nova dinâmica para edifícios e terrenos que, de outra forma, estariam abandonados ou subutilizados. Há, assim, um propósito no sentido de tornar sustentável o que já existe.¹¹¹

Aparecem propostas esquemáticas como as Casas MuReRe,^[72] dos Adamo-Faiden, que buscam habitar as ociosas coberturas de Buenos Aires, e vão se concretizar de forma muito potente em projetos como o PH Lavalleja,^[214] do CCPM Arquitectos, o Plug out unit #1,^[41] do a77 e a Casa Martos,^[116] dos próprios Adamo-Faiden.

Em São Paulo, três intervenções conseguem atingir resultados muito diferentes. O Restauro do Edifício do IAB-SP,^[90] de Silvio Oksman, busca retomar as grandes qualidades originais do edifício existente, sem grandes mudanças de uso ou volumetria. O Centro Universitário Maria Antonia,^[25] do Una Arquitetos, dá novo significado público ao edifício existente, enquanto o Sesc 24 de Maio,^[26] de Paulo Mendes da Rocha e MMBB arquitetos, cria um equipamento urbano completamente novo e emblemático a partir de inventivas formas de intervir nas préexistências.

Aparecem também as intervenções que, em diferentes escalas e contextos, lidam precisamente com o patrimônio histórico. São projetos como o Edifício Altamira,^[14] de Rafael Iglesia, e sua sutil relação com os edifícios lindeiros, e o projeto do Museu do Pão,^[39] do Brasil Arquitectura, que busca a recuperação dos históricos moinhos em madeira. A Casa San Juan,^[50] de José María Sáez Vaquero no Centro Histórico de Quito, ou ainda o Plan de mejoramiento de viviendas y espacios públicos,^[79] do Equipo Técnico de Plan Misiones e sua busca por manter tradições vivas. A intervenção que re-significa espaços degradados pelo abandono e pelos desastres naturais na NAVE^[192] de Smiljan Radic; o minúsculo Grand Salvo,^[220] de Federico Lagomarsino, que coroa o Palácio Salvo em Montevideu; ou o complexo Praça das Artes,^[48] do Brasil Arquitetura, e sua costura urbana no Vale do Anhangabaú.

Em escala urbana aparecem as precisas intervenções de Viglieca no Residencial N Sto Amaro V^[87] ou de Aravena no PRES Constitución,^[123] e ainda os diversos projetos de acupuntura urbana na Venezuela e Colômbia e, em escala ainda maior, o Favela Bairro,^[5] no Rio de Janeiro.

Surgem, ao mesmo tempo, intervenções imprecisas, exploratórias e poéticas, como Tiquatira em Construção,^[130] uma intervenção simples em um muro, gerando espaço público; a Casa en construcción^[129] dos Al Borde ou o Vila Flores^[145] do Goma Oficina, reabilitando aos poucos edificações abandonadas; o Pabellón 120/Valparaíso^[180] de Sebastian Irarrázaval; a extremamente poética Desconstrucción de una vivienda,^[157] de Albert Avila, que transforma uma ruína em um jardim de girassóis; o Amnésias Topográficas,^[19] o Structural Archeology, o Baixios dos Viadutos e várias outras explorações do Vazio S/A em Belo Horizonte, que ecoam as experiências de Van Eyck no pós-guerra de Amsterdam; ou, ainda, explorando as fronteiras da arquitetura, o documentário do Urban-Think Tank sobre a ocupação da Torre David^[126] em Caracas.

De certa forma, ser preciso, nesses contextos, muitas vezes significa aceitar a imprecisão e trabalhar com ela.

¹¹¹ Conferência Anne Lacaton and Jean-Philippe Vassal, "Freedom of Use", 1:31:28 minutos, 2015. Harvard GSD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zdgYGkQM9zc>>.

imprecisões

A imprecisão e a indefinição tornam-se, também, importantes ferramentas de projeto. "No final, a arquitetura é sobre dar forma aos lugares onde as pessoas vivem"¹¹² ou, mais precisamente, como Paulo Mendes da Rocha repetidamente afirma, "amparar a imprevisibilidade da vida."¹¹³ Baseados nas plantas livres modernas surgem espaços sem nome,¹¹⁴ aptos a acolher a desordem da vida.¹¹⁵ Projetos que se afastam do quantitativo e da eficiência e se interessam pela qualidade dos espaços¹¹⁶ e que, em muitos casos, pensam nos edifícios como organismos incompletos.¹¹⁷

Esses espaços indeterminados vão estar presentes nos edifícios dos Adamo-Faiden, projetados sem uso definido - podendo ser ocupados por residências ou escritórios - ou nos pequenos projetos de Eduardo Castillo no interior do continente. "Como fazer uma casa, quando se quer fazer um galpão?"¹¹⁸ se perguntava ele.

Aparece o ato de cobrir, como o preciso gesto mínimo da arquitetura. São projetos, de certa forma, descendentes dos abrigos e construções primitivas, das ocas, dos armazéns e galpões. O gesto primordial aqui, uma primeira abordagem constante parece ser a construção de grandes sombras, numa espécie de abrigo elemental. Proteger a partir do simples ato de construir uma cobertura. São projetos que constróem espaços abertos, claros e democráticos, livres para a interação humana.

A Praça do Patriarca ^[2] parece, nesse sentido, representar este gesto de gerar sombra e abrigo a partir de um elemento simples, porém marcante, que ao mesmo tempo protege e articula espaços. Esse gesto vai se repetir em uma série de outros projetos, das mais distintas formas.

Será também o gesto mínimo de Rafael Iglesia no seu Quincho Gallo; ^[15] de Solano na Fundación Teletón;¹⁸² de Camilo Restrepo no Orquideorama;¹⁸³ e de Mazzanti no seu Bosque da Esperanza. ^[101] Aparecerá, ainda, de forma muito precária na cobertura de lona do Qorikallanka, ^[189] no Peru, e como uma brincadeira exploratória no Replicant Surfaces, ^[100] de Alejandro Haiek Coll (Lab.Pro.Fab).

As coberturas cumprem importantes papéis também na Arena do Morro, ^[121] de Herzog & De Meuron, nas Moradias Infantis, ^[216] de Aleph Zero + Rosembaum, e são protagonistas nos Escenarios Desportivos Coliseo para los juegos suramericanos de Medellin 2010, ^[73] de Juan Mesa e Giancarlo Mazzanti. Aparecem na Cancha, ^[193] de Rozana Montiel; na Casa Cubierta ^[89] e no Condomínio da Rua Grécia. ^[17] São importantes no Centro Ejidal Margaritas, ^[156] do TOA Taller de Operaciones Ambientales + Dellekamp Arquitectos, e surgem de forma a proteger um sítio arqueológico na cobertura para o Museo Cao, ^[53] de Claudia Uccelli Romero.

¹¹² ARAVENA, Alejandro. *Risking Everything: Alejandro Aravena's Humble Revolt Against Starchitecture*. Entrevista para Architizer. Disponível em: <<https://architizer.com/blog/practice/materials/alejandro-aravenas-architecture-of-improvement/>>. Acesso em: 20 set 2018.

¹¹³ Paulo Mendes da Rocha em: SOLLITTO, André. *Entrevista Paulo Mendes da Rocha. A arquitetura deve permitir que as pessoas conversem*. Istoé, 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/a-arquitetura-deve-permitir-que-as-pessoas-conversem/>>. Acesso em: 19 jan 2019.

¹¹⁴ "unnamed spaces" nome da instalação do escritório gruposp de Álvaro Puntoni e João Sodré para a in 16th International Architecture Exhibition. *La Biennale di Venezia: FREESPACE*, 2018.

¹¹⁵ Apresentação do trabalho de Germán del Sol ao Diretório Nacional da Faculdade de Arquitetos por ocasião da eleição do Prêmio Nacional de Arquitetura, 2006. CASTILLO, Eduardo. *Una arquitectura sin pureza*. Santiago: Ediciones ARQ, 2013. p. 10.

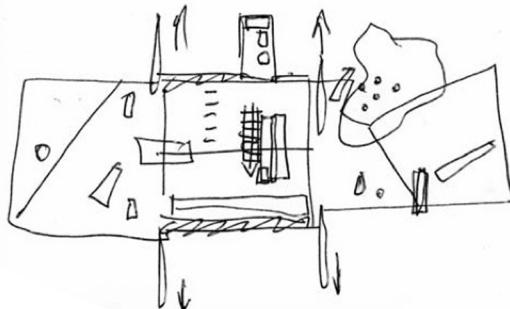
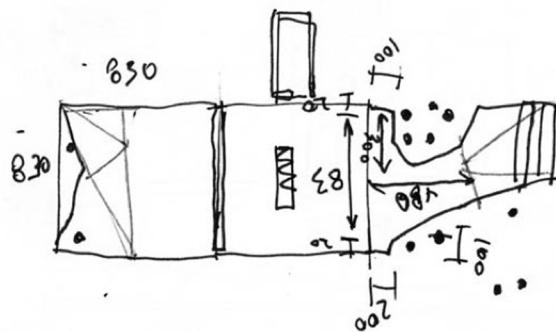
¹¹⁶ CORREA, Felipe in: Conferências SAP: South America Project, Harvard GSD, um programa de investigação trans-continental dirigidos por Felipe Correa. *Jean Pierre Crousse in conversation with Felipe Correa*, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a39Up9zWRBQ&t=194s>>.

¹¹⁷ Conferência Anne Lacaton and Jean-Philippe Vassal, "Freedom of Use", 1:31:28 minutos, 2015. Harvard GSD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zdgYGkQM92c>>.

¹¹⁸ CASTILLO, Eduardo. *Eduardo Castillo_arquitecto*. Disponível em: <<http://arqecastillo.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 abr 2019.







Surgem, ainda, de forma poética nas treliças na Capela Ingá-mirim, [221] de messina | rivais, na lona de circo do NAVE [192] e na lona suspensa por um balão de hélio das Escuelas Libres/ Pabellón de Helio, [224] de García de la Huerta e Gleixner. Por baixo dessas coberturas surgem, em muitos dos casos, planos livres, espaços cobertos sem grande definição programática e a imprecisão como importante estratégia de projeto.

A imprecisão, ou indeterminação como ferramenta ou estratégia de projeto também pode aparecer em diversos níveis de atuação. Desenhar menos, dialogar mais. Acreditar na importância da indefinição dos espaços. Apostar na relevância de intervenções efêmeras, frágeis e resilientes. Apoiar-se na arte, na identidade local e na memória. Produzir desenhos esquemáticos, plantas livres.

Se a arquitetura se pensa sempre a partir do desenho¹¹⁹ e o projeto é seu principal instrumento, grande parte da população mundial encontra-se distante desse paradigma disciplinar e acaba por construir seus habitats com base na experiência cotidiana e nos ensinamentos passados de geração em geração.¹²⁰ Aparecem projetos sem ou com poucos desenhos. "Não perdemos tempo na planimetria desta casa porque nosso construtor, Marcelino López, não sabia ler plantas, os detalhes são os melhores que conseguimos fazer para este projeto, visita a visita, os mais adequados",¹²¹ explica Radic. São arquiteturas que trabalham com a aceitação do erro. Acreditam em decisões mais do que em planificações.

Interessam, aqui, conversas mais do que projetos completos, desenhos esquemáticos mais do que detalhamentos. Espaços genéricos, polivalentes e versáteis, mais do que espaços específicos. O processo como condutor dos resultados e não as formas fechadas. Aparecem processos de tentativa e erro e a imperfeição como estratégia de trabalho, a utilização de baixa tecnologia, a aproximação às "coisas mundanas, leves, baratas, concentradas, pequenas, menores, que levem tempo para alcançar, e ao mesmo tempo, que possam ser alcançadas por todo mundo."¹²²

Até porque a tecnologia sempre se torna ultrapassada e obsoleta e os espaços, uma vez amparados por um contexto de paisagem e território, mostram-se resilientes, permanecem ou podem ser recuperados. Concentrando-se na conformação dos espaços, "a arquitetura se liberta da determinação", transcende a busca pela perfeição e pela precisão de um controle exaustivo e absoluto. Especialmente quando se leva em conta a mão de obra pouco especializada existente na região, os poucos recursos industriais e a a pouca coerência social, parece fazer sentido pensar em práticas mais inclusivas e humanas.¹²³

São edifícios nos quais as qualidades não estão nos acabamentos, mas nos espaços gerados. Edifícios que se comportam como seres vivos, que se modifiam com o tempo, apresentam cicatrizes, paredes imperfeitas, evidências do trabalho humano, importantes memórias do processo construtivo e das pessoas que participaram dele. Arquiteturas que permitem que o acaso ou o aleatório participe do processo. Beneficiam-se do erro através da aceitação das indeterminações e da liberdade de invenção. Edifícios que revelam o trabalho humano por trás deles.¹²⁴

119 MASSAD, Fredy. *Entrevista a Rafael Moneo: La arquitectura se piensa siempre desde el dibujo*. ABC Cultural, 2017. Disponível em: <https://www.abc.es/cultura/cultural/abci-rafael-moneo-arquitectura-piensa-siempre-desde-dibujo-201704020050_noticia.html>. Acesso em: 09 fev 2018.

120 QUIRK, Vanessa. Q&A: Samuel Bravo on Learning from the World's Vernacular Architectures. Metropolis, 2017. Disponível em: <<https://www.metropolismag.com/architecture/qa-samuel-bravo-learning-world-vernacular-architecture/>>. Acesso em: 11 dez 2018.

121 RADIC, Smiljan; CORREA, Marcela. *Casa A, Vilches, San Clemente, Chile*. Revista ARQ nº 70. Santiago: Ediciones ARQ, 2008. p. 69.

122 SELGAS, José; CANO, Lucía. Comentário sobre o filme de Les Blank, *Werner Herzog Eats His Shoe* (1979). In: Entrevista com Selgascano: *Os limites da natureza*. Revista Plot 41. Buenos Aires, 2019. p. 28.

123 Conferências SAP: *Jean Pierre Crousse in conversation with Felipe Correa*. op. cit. 2015.

124 Ibid.

Projetos como o **Lugar de la Memoria**,^[191] de Sandra Barclay e Jean Pierre Crousse, e muitos outros desenvolvidos na região, como a **Capilla Cerrito**^[24] no Paraguai, a **Cueva de Luz SIFAIS**^[209] na Costa Rica, as **Inteligencias Colectivas Palomino**^[146] na Colômbia ou a **Casa en construcción**^[179] no Equador. Arquiteturas sem pureza, arquiteturas da experiência, saturadas de vibrações em que o espaço é tão proeminente no processo de projeto que não importa se, ao final, a construção não for perfeita.

As imprecisões podem surgir também de outras formas. Em muitos casos, os projetos, até por seus poucos recursos, são frágeis, como a **Biblioteca España**,^[33] que teve todo o seu revestimento de fachada trocado; a pequena **Capilla L'Animita**,^[9] que se desfez com o tempo e os terremotos; ou mesmo a **La Plaza de Nuestros Sueños**^[161] e a **Casa del Viento**^[144] que foram depredadas por sofrerem forte resistência de alguns membros das comunidades em que estão inseridas; refletindo assim algo muito comum nas construções nestes contextos, o constante processo de construir.

Muitas vezes, não existem os recursos necessários para começar e terminar uma construção, ou o uso vai sendo modificado com o passar do tempo. Essa prática é recorrente nos refúgios que o arquiteto chileno Smiljan Radic projetou e construiu nos últimos anos. Um processo de resiliência, expresso em projetos como a **Casa Chica**,^[6] construída com portas, janelas e materiais reciclados, que com o passar do tempo se deteriorou, foi abandonada e transformada em piscina; a **Habitación**,^[3] que posteriormente recebeu uma cobertura de lona, ganhando mais um pavimento; ou a **Casa A**,^[58] uma antiga cabana pré-fabricada que foi reformada pelo arquiteto, mas depois de um terremoto caiu e já não existe mais.

Como resposta a este contexto de precariedade, surge também o interesse em uma estética que explora as estruturas frágeis, o equilíbrio não-estável das edificações, a precariedade dos materiais.

"Frágeis construções sem nenhuma ambição, sem esperanças, sem reparos, como se sua vida útil parecera terminar, quando são abandonadas por fadiga, quando não valem nada, quando só são o peso de sua memória esgotada," como descreve Castillo, que segue: "esta fragilidade, esta beleza; é tudo que ando buscando."^[125] Essa busca pela fragilidade vai ser traduzida para inúmeros projetos como a **Casa de Cobre 2**,^[32] a **Casa Pantalón**^[22] ou o **Mirador Comedor Emergente**^[109] e estará sintetizada na instalação **Frágil**^[95] de Smiljan Radic.

Surgem as narrativas, as abordagens poéticas, as pequenas histórias,^[126] as arquiteturas que exploram as iconografias de uma "memória cultural", imagens de referência e lembranças, em busca de projetos com sistemas construtivos "eficientes frente às condições econômicas nas quais se inserem e com as quais há que se construir."^[127] Obras que carregam consigo um forte sentido poético.

"Neste cenário, a abordagem poética assume um papel notável. É uma ferramenta que funciona em três campos: simbólico, normativo [ou formal] e técnico. Preenche os vazios, traz à luz todo o tipo de conhecimento silenciado pelos poderes hegemônicos."^[128] Poeticamente habita o homem^[29] e a arquitetura tem um grande poder poético para comunicar valores.^[30]

¹²⁵ CASTILLO, Eduardo. *Desde una memoria hecha de material*. ARQ N° 51, El sur de América. Santiago: Ediciones ARQ, 2002. p. 38.

¹²⁶ GRIMMER, Vera; et al. *Entrevista com Smiljan Radic*. Revista Oris, 63. Croácia, 2010. p. 150.

¹²⁷ Entrevista Eduardo Castillo Ramírez, 23:55 minutos, 2014. Dostercios. Concepción, Chile.

¹²⁸ BUCCI, Angelo. op. cit. 2013. p. 08.

¹²⁹ Ver: HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Poéticamente habita el hombre*. Arquine, 2015 e HEIDEGGER, Martin. *Poéticamente habita el hombre*. Tradução de Ruth Fischer de Walker. Revista de Filosofia Vol. VII, N.os 1-2, Santiago de Chile, 1960.

¹³⁰ ADRIÁ, Miquel. op. cit. 2016. p. 32.

Nesse sentido, mesmo que romantizar ou "transformar pobreza em poesia possa ser um desastre," conforme aponta Aravena,¹³¹ estas são obras que não confundem as intenções, não confundem o importante com o urgente. "É urgente fornecer a casa, mas o mais importante é que a casa tenha dignidade, a 'graça' não custa dinheiro, é fruto da poesia, que simplesmente significa estar aberto para receber o bem que sempre existe."¹³²

Essa poesia aparece de formas muito distintas. Na singela mecanicidade da **Casa Obscura**,^[149] de Javier Corvalán, uma casa feita para uma cineasta e que se transforma em cinema; no arcaísmo ou primitivismo chileno que se relaciona à aridez de sua geografia na **Casa para el Poema del Ángulo recto**,^[148] de Smiljan Radic, ou na **Casa Poli**,^[151] de Pezo von Ellrichshausen, nas pedras de Radic e nos concretos de Aravena e Puga, no comum e corrente da **NAVE**^[192] ou do **Mirador Comedor Emergente**,^[109] de Javier Rodríguez Acevedo. Ou mesmo em projetos quase que estritamente poéticos como o **Desconstrucción de una vivienda**,^[157] de Albert Avila; o **Campanario**^[223] dos TO; o **Pabellón 120/Valparaíso**^[180] de Sebastian Irarrázaval; as **Escuelas Libres/Pabellón de Helio**^[224] de García de la Huerta e Gleixner; a intervenção política **Cartas de Mujeres**,^[137] dos Al Borde; a intervenção artística de Tatiana Bilbao no **Refugio Ruta del Peregrino**;^[97] ou, ainda, as performances de Mauricio Pezo e Sofia von Ellrichshausen.

¹³¹ ARAVENA, Alejandro. Entrevista para Gabriel Kogan: *Transformar pobreza em poesia é um desastre, diz novo curador da Bienal de Arquitetura de Veneza*. Folha de São Paulo, 2015.

¹³² SOL, Germán del. *Fundamento*. Disponível em: <<http://www.germandelsol.cl/fundamentogermandelsol3.htm>>. Acesso em: 15 maio 2017.





um pragmatismo poético

Atuando em contextos de escassez é preciso ser pragmático, sem esquecer, porém de ser também, poético. "A abordagem poética recupera nossa integridade. Ao mesmo tempo, em um cenário desequilibrado, temos que dobrar nossa atenção e não sobrecarregar o papel da abordagem poética no processo de projeto, dando-lhe uma função pragmática," avalia Bucci.¹³³

Aparece, então, uma vontade de não ser 'estritamente tecnista' ou técnico, no que diz respeito à resolução dos problemas da arquitetura, de não fazer com que os projetos sejam "uma solução fria, mecânica, dos problemas, resolvidos do ponto de vista estritamente da técnica", e sim de colocar também a questão reflexiva, em um contínuo processo de reflexão e questionamento. Nesse sentido, a ética e a estética também são muito importantes e são justamente o que dão às construções "a dimensão daquilo que nós chamamos de arquitetura."¹³⁴

Surge a arquitetura como "pretesto para um discurso."¹³⁵ A arquitetura como algo a ser feito, realizado, no sentido de transformar, não como algo que precisa ser feito, como uma encomenda, um contrato e pode até ter "uma certa poesia, por que não?"¹³⁶

Aparecem obras como a *Vivienda Takuru*,¹³⁰ onde José Cubilla busca resignificar um local a partir dele mesmo; a *Casa Varanda*,¹³¹ de Carla Juçaba, que redesenha um dos mais importantes aspectos das casas brasileiras; a *Casa de fim de semana em São Paulo*,¹³⁴ de Angelo Bucci, com sua janelinha do caseiro; a poética *Casa Gallinero*,¹³¹ de Eduardo Castillo; a experimental *Casa de Cobre 2*,¹³² de Smiljan Radic; as intervenções paisagísticas precisas e poéticas de Teresa Moller na *Punta Pite*¹³⁶ e de Germán del Sol em suas *Termas Geometricas*.¹³⁴

"Se a arquitetura é dar forma aos lugares onde vivemos, e a vida varia de necessidades básicas a desejos artísticos, a tarefa da arquitetura e a dificuldade de produzir arquitetura é que não se trata de escolher um ou outro, mas integrar os dois. Se há algum poder na arquitetura, é o poder de síntese. Pelo menos é assim que gostamos de percebê-la. Não há um único projeto que fizemos, nem mesmo na habitação social, em que esquecemos que a vida não pode ser apenas uma mera satisfação das necessidades básicas. E, ao contrário, se você se concentrar apenas no aspecto artístico-cultural, mas não tiver satisfeito as necessidades básicas, não terá a possibilidade de ter uma vida além da mera sobrevivência."¹³⁷

Contra a abundância: pertinência, contra a escassez: inventividade. Precisão e imprecisão, pragmatismo e poesia tem andado juntos na arquitetura contemporânea latino-americana.

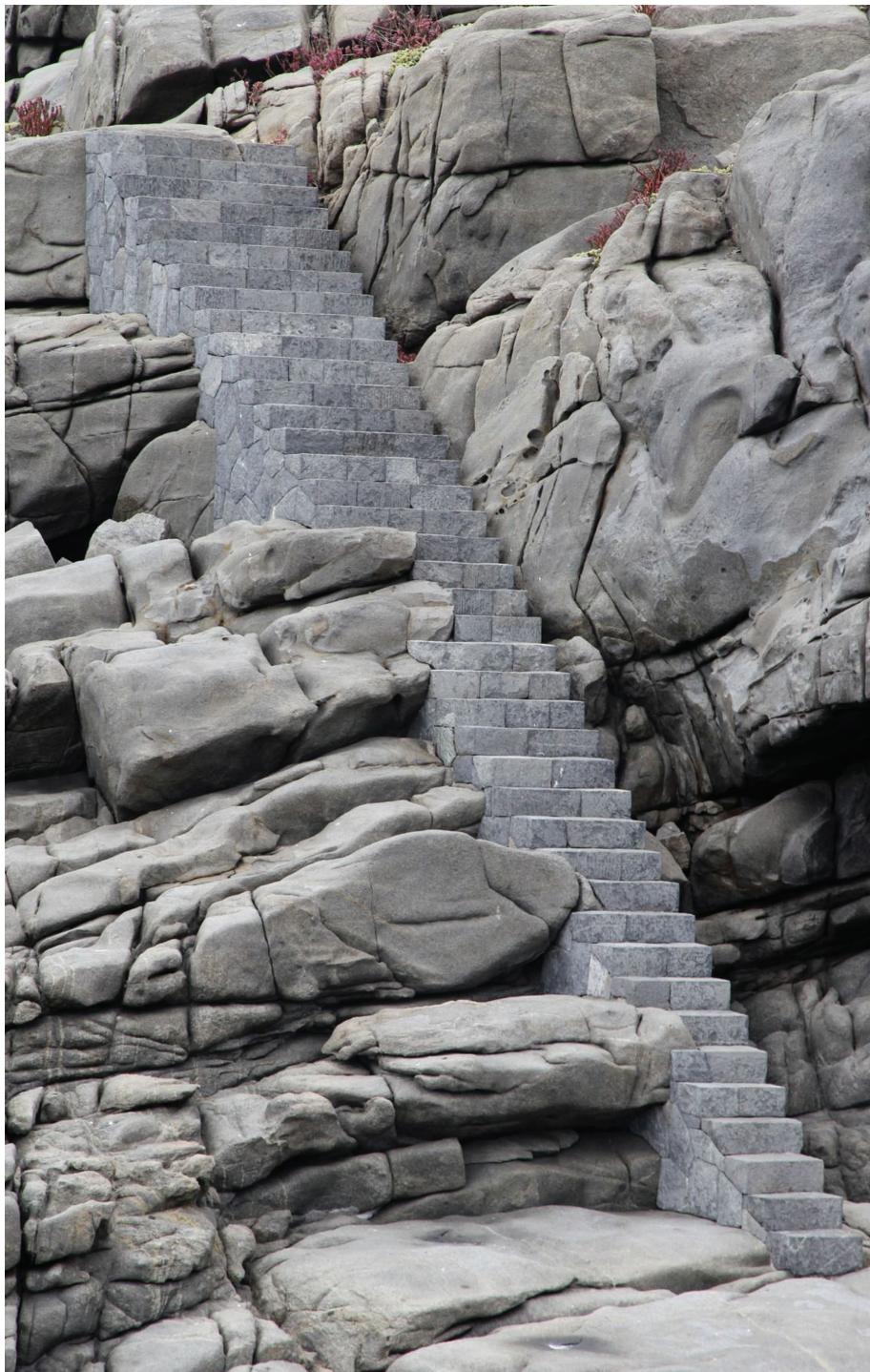
¹³³ BUCCI, Angelo. *Know how with no why, no more*. PLATFORM Poetics of Building. Austin: The University of Texas at Austin School of Architecture, 2013. p. 08.

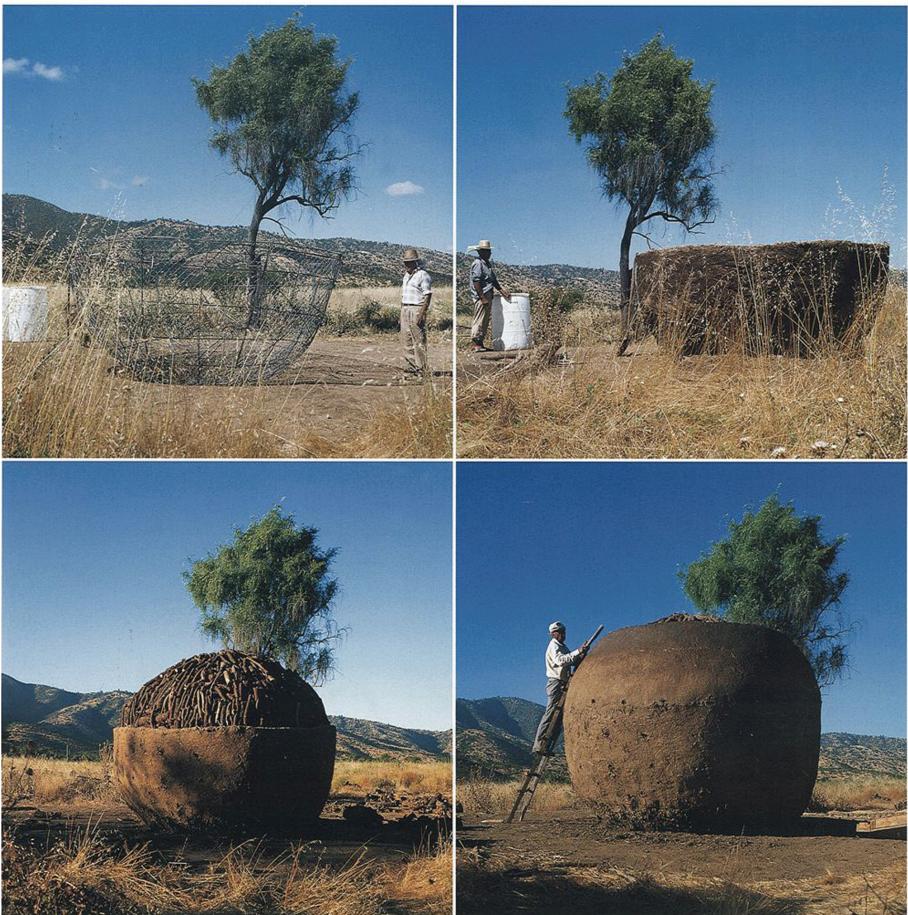
¹³⁴ Ver: Filme *PMR 29: vinte e nove minutos com Paulo Mendes da Rocha*, 29:59 minutos, São Paulo, 2017. direção de Carolina Gimenez, Catherine Ottono, João Sodré, José Paulo Gouvêa e Juliana Braga. Instituto De Arquitetos Do Brasil - Departamento De São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Up2u9qS38rE>>. Acesso em: 11 nov 2018.

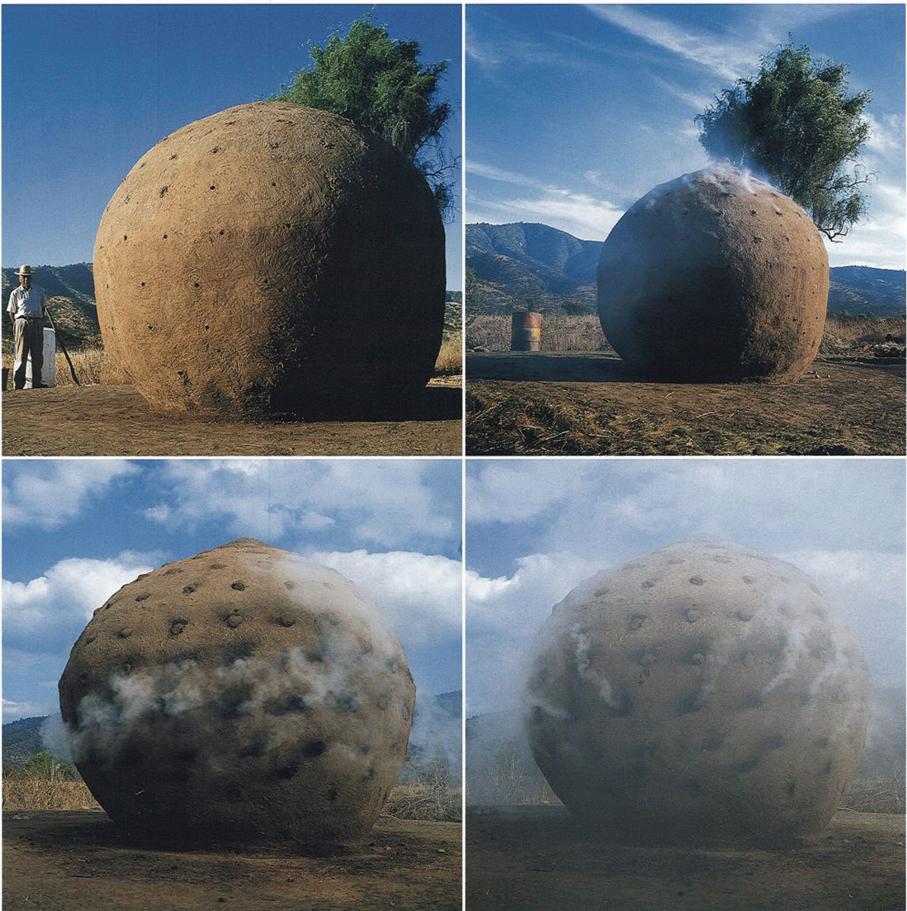
¹³⁵ ROCHA, Paulo Mendes da op. cit. 2017.

¹³⁶ ROCHA, Paulo Mendes da. op. cit. 2017.

¹³⁷ ARAVENA, Alejandro. *Risking Everything: Alejandro Aravena's Humble Revolt Against Starchitecture*. Entrevista para Architizer. Disponível em: <<https://architizer.com/blog/practice/materials/alejandro-aravenas-architecture-of-improvement/>>. Acesso em: 20 set 2018.







"Em vez de tentar eliminar a escassez, é melhor redefini-la não como um problema, mas como um condicionante a ser levado em conta. Realmente é necessário construir esse edifício? Os parâmetros que definem o projeto são os mais adequados? É possível resolver o problema de alguma outra forma? Que forças contextuais causaram tal escassez? Todas essas questões exigem que o conceito da escassez como verdade histórica a priori seja desafiado. Uma abordagem relacional baseada na ecologia também exige que o projetista esteja sempre atento ao fato de que diminuir a escassez em um contexto pode levar a outra forma de escassez, em outra parte do sistema ecológico e social. Isso sugere um conjunto de ações que o projetista pode implantar sob condições de escassez - não para sugerir que a escassez desaparecerá de alguma forma, ou deixará de ser um problema, mas sim para propor pensamentos e operações que permitam que os projetistas lidem de forma produtiva com a escassez." ¹²⁵

FRAGMENTO 25 | *"Instead of attempting to solve scarcity, it is better to redefine it not as a problem but as a constraint to make sense of. Is it necessary to build that building in the first instance? Are the parameters by which the project defined the most appropriate ones? Can one measure things in other ways? What contextual forces have brought forth the respective scarcity? All of these questions require one to challenge scarcity as an historic a priori truth. A relational approach based around ecology also demands that the designer is always aware of the fact that addressing scarcity in one context might lead to another form of scarcity in a different part of the ecological and social system. This suggests a set of actions that the designer might deploy under conditions of scarcity - not to suggest that scarcity will somehow disappear or no longer be a problem, but to propose thinking and operations that allow designers to engage productively with scarcity."* GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014. p. 29.

*toute l'aventure humaine - au moins
jusqu'ici - est une lutte acharnée contre la
rareté*

”

jean-paul sartre





considerações finais

"Que arquitetura posso aspirar construir a partir destes poucos recursos sem deixar de acreditar em sua possibilidade?",¹ se perguntava Eduardo Castillo. A pequena e singela nota do jovem arquiteto chileno, na qual se insere o questionamento, é um importante ponto de partida, mas também uma espécie de síntese da busca por trás desta pesquisa. O que é possível projetar em meio à escassez, o que faz sentido?

Mesmo em um mundo de rápida velocidade, escrever sobre um tema contemporâneo apresenta seus desafios e dificuldades. Se as redes nos propiciaram uma enorme quantidade de informação, há muito pouco de reflexão. Essas informações necessitam obrigatoriamente ser conectadas entre si e decantadas, e isso requer tempo. Além de tudo, fatos e fatos vão se somando, tornando a pesquisa ainda mais difícil.

Durante o período de elaboração do trabalho, infelizmente, alguns ciclos se encerraram, o Teleférico do Alemão, por exemplo, já não funciona mais. Eduardo Castillo faleceu em um trágico acidente, também se foi Rafael Iglesia. Mas muito aconteceu no sentido de dar mais clareza à busca. Alejandro Aravena elaborou, em Veneza, a 'bienal da escassez'² e foi condecorado com o Prêmio Pritzker (2016). Paulo Mendes da Rocha recebeu uma série de reconhecimentos ao redor do globo.³ Muitas publicações e exposições abordaram e continuam abordando o tema. No campo político, as condições norte-americana e brasileira mudaram drasticamente e os BRICS perderam força.

Como propunha Bauman, vivemos tempos de acontecimentos fugazes e relações líquidas. Se o capitalismo se move de crise em crise, uma nova crise pode estar a caminho,⁴ e um novo *crash* pode acontecer a qualquer momento. Os ciclos de crise de Marx parecem cada vez mais velozes. Se o último século foi o século do crescimento, este, pelo menos até agora, parece ser mesmo o da escassez.⁵

O grande destaque que seguem recebendo projetos como as *Moradias Infantis*,⁶ dos brasileiros Aleph Zero e Rosembaum, em Formoso do Araguaia, recentemente premiado com o *Riba International Prize* (2018);⁷ os Prêmios Mies van der Rohe para o *Gran Parc Bordeaux*, reabilitação de 530 habitações sociais, de Lacaton & Vassal, Frédéric Druot e Christophe Hutin Architecture (2019);⁸ e anteriormente, para a remodelação do edifício modernista *Bijlmermeer* (1968), agora denominado *DeFlat Kleiburg*⁹ [332] pelos escritórios NL architects e XVW architectuur, em Amsterdam (2017);¹⁰ os prêmios para Entre Nos Atelier, Daniel Feldman e Aparatos Contingentes

1 Ver FRAGMENTO 2, p. 21.

2 Ver: FERNÁNDEZ, Milena. *La Bienal de Arquitectura de Venecia pone los pies en la tierra*. El País, 2016. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2016/05/24/actualidad/1464078445_796364.html>. Acesso em: 01 dez 2018. e ARAVENA, Alejandro. *Rationale. Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition.La Biennale di Venezia*. Guide. Veneza: Marsilio. 2016. p. 19.

3 Leão de Ouro de Veneza (2016), Medalha de Ouro Real do Royal Institute of British Architects (2017) e o Prêmio Imperial do Japão (2017).

4 Ver: INMAN, Phillip. *Pessimists are predicting a global crash in 2020. You can see why*. The Guardian, 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2019/jan/05/global-economic-crash-2020-understand-why>>. acesso em: 09 jun 2019.

5 Pier Vittorio Aureli: "se o paradigma do século 20 foi o crescimento, então seu corolário no século 21 é a escassez". Ver citação original na pág. 09. MCGUIRK, Justin. *Walter Benjamin puts activists to shame?* Here, 2013. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/walter-benjamin-puts-activists-shame>>. citando Pier Vittorio Aureli. Ver também: Conferência Pier Vittorio Aureli: *Less is enough*. 1:23:05 minutos, 2013. Strelka Institute. Moscou, Rússia. Disponível em: <<https://strelka.com/en/videos/event/2013/09/03/less-is-enough>>.

6 Ver: RIBA Award, 2018. Disponível em: <<https://www.architecture.com/awards-and-competitions-landing-page/awards/riba-international-awards/riba-international-awards-2018/2018/childrens-village>> e ROSSI, Amanda. *Prédio de moradia estudantil no Tocantins recebe prêmio internacional de arquitetura*. BBC Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46288724>>.

7 Ver: EU Mies Award 2019. *Transformation of 530 dwellings - Grand Parc Bordeaux*. Disponível em: <<https://miesarch.com/work/3889>>.

8 Ver: EU Mies Award 2017. *DeFlat Kleiburg*. Disponível em: <<https://miesarch.com/work/3509>> e FERRER, Isabel. *La renovación de un viejo edificio de viviendas gana el Mies van der Rohe*. El País, 2017. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2017/05/12/actualidad/1494592_513320.html>.

(AGA estudio + Pico estudio) na exposição YALA, *Young Architects in Latin America*,⁹ no marco da 16ª Bienal de Veneza (2018); e o AR Emerging Architecture Award¹⁰ para Carla Juaçaba (2018); além das recentes XII Bienal Internacional de São Paulo, com o tema *todo dia / everyday* (2019) e a XXI Bienal de Arquitetura e Urbanismo do Chile, com o tema *lo común y lo corriente* (2019),¹¹ ambas voltadas às arquiteturas do cotidiano, apontam para o prosseguimento da valorização das práticas apresentadas aqui, pelo menos até o final da década.

É preciso ressaltar também, que a América Latina não tem sido o único lugar do globo onde projetos desse tipo têm acontecido. Desde a década de 1990, os projetos de Shigeru Ban, principalmente aqueles de resposta a situações de emergência, os Emergency Relief Projects,^[225] têm recebido bastante atenção internacional, levando-o, inclusive, a receber o prêmio Pritzker (2014). Outro arquiteto que recentemente recebeu o mesmo prêmio (2012), principalmente por seu trabalho de resgate das tradições construtivas milenares chinesas - presentes em construções que, neste novo século, vêm sendo demolidas para dar lugar a novas urbanizações - é Wang Shu e seu Amateur Studio, de quem pode-se destacar principalmente o Ningbo Historic Museum.^[229]

Os projetos de Lacaton & Vassal na França também têm recebido importante atenção, principalmente aqueles de reabilitação de conjuntos habitacionais, como a Tour Bois-le-Prêtre^[228] em Paris. Servem de referência ainda escolas e edifícios públicos desenvolvidos por Diébido Francis Kéré em Burkina Faso, dos quais é possível destacar a sua Primary School.^[226] Também na África, tem recebido atenção a escola flutuante Makoko Floating School^[234] de Kunlé Adeyemi em Lagos, Nigéria. Podemos ainda citar os projetos construídos em barro por Anna Heringer, como a Handmade School,^[227] em Bangladesh; os estudos de Julia King e suas redes de infraestrutura urbana, Decentralized sanitation system^[231] em Nova Dehli; e os projetos desenvolvidos por Cameron Sinclair ao redor do globo, primeiro através da rede Architecture for Humanity e posteriormente em trabalhos pessoais, como sua Re:Build School,^[233] uma escola para refugiados construída com andaimes e gabiões na Jordânia.

É preciso lembrar, ainda, que este trabalho, como uma primeira aproximação, atém-se principalmente às características gerais das obras, buscando relações entre projetos e práticas, não necessariamente aprofundando-se em questões muito específicas - este poderia ser um próximo passo. Além disso, como primeira aproximação, de certa forma, consegue ver com mais nitidez os contextos geográficamente mais imediatos, apresentando um pouco de dificuldade no sentido de examinar a produção de parte do continente - nominadamente a América Central -, cujas arquiteturas ainda são muito pouco divulgadas internacionalmente. O trabalho acaba acercando-se, então, mais ao contexto sul-americano e ao México. Uma maior inserção nestas arquiteturas poderia constituir outro prosseguimento.

É possível afirmar também que a importância que tem atingido a arquitetura produzida aqui, nestes últimos anos, se dá pela qualidade dos trabalhos produzidos, que parecem colaborar positivamente em diálogos locais e globais, mas também pelas dinâmicas históricas e econômicas mundiais nas quais estão inseridos. Durante o período estudado, é possível verificar uma maior integração entre os arquitetos latino-americanos, principalmente no que se refere às conexões entre os brasileiros e seus pares latino-americanos, que sempre sofreram com um apartamento imposto pela língua. Tem sido importante, neste sentido, forçar aproximações. Compartilhar problemas e soluções.

9 Ver: Y.A.L.A. Young Architects in Latin America Exhibition, 2018. Disponível em: <<http://www.ca-asi.com/index.php?langue=en>>.

10 Ver: AREA Emerging Architecture Award, 2018. Disponível em: <<https://emergingarchitecture.architectural-review.com/>>.

11 XXI Bienal de Arquitetura y Urbanismo Chile: *Lo común y lo corriente*. 2019. Disponível em: <<https://www.bienalarquitectura.cl>>.

uma escassez de sentido

Se, conforme afirmou Jean-Paul Sartre, "toda a aventura humana - ao menos até aqui - é uma luta contra a escassez",¹² todo e qualquer projeto acaba por se relacionar com a escassez de uma forma ou de outra, seja provocando escassez no sentido da exclusividade, do desejo, seja se inserindo em contextos de falta de recursos e lutando contra situações adversas. Dessa forma, o simples fato desses projetos estarem inseridos nesses contextos já os torna significantes. Bons projetos podem, mesmo que minimamente, transformar realidades. E, se podemos aprender algo, é a necessidade de uma disciplina menos fechada e autosuficiente. A necessidade de se produzir, como coloca Bucci, uma arquitetura que faça sentido:

"Vivemos numa época em que a arquitetura passa por uma abundância de recursos e uma falta de razões ou de sentidos. Nos países pobres como o Brasil, por exemplo, a carência de recursos, normalmente tida como desvantagem, nos ajuda a conhecer nitidamente quais são as demandas do projeto, o que, de certa forma, nos dá critérios e razões para selecionar recursos e descartar aquilo que é desnecessário. Da mesma maneira que essa falta de razões, ou carência de sentido, para fazer arquitetura é algo mais constante nos países ricos do que nos pobres."¹³

A escassez, assim, parece obrigar a uma abundância de significado.¹⁴ E, principalmente nesses contextos, "fazer sentido significa atender a demandas reais da sociedade como um todo."¹⁵ Dessa forma, a escassez pode ser usada como filtro contra arbitrariedades. No sentido de não apenas lutar contra a escassez, mas trabalhar com ela, de forma a produzir uma arquitetura coerente e pertinente.

"Uma arquitetura que tenha sentido humano: que envelheça com dignidade, que esteja em seu lugar, que melhore a vida de todos, não apenas dos poderosos,"¹⁶ como propõe Mauricio Rocha. Uma arquitetura construída com poucos recursos, mas com inventividade e consciência social, que faça sentido em relação ao seu contexto histórico-geográfico-político-econômico, que faça sentido em relação a seus usuários, ao clima, a sua inserção urbana, à cultura local, aos recursos humanos e materiais disponíveis. Nesse sentido, arquiteturas pertinentes são as que promovem acesso e não segregação, aproximação e não distanciamento.

É cedo, ainda, para respondermos ao singelo questionamento de Castillo. Mas, mais que acreditar em uma escassez econômica, parece fazer sentido uma escassez real, aquela que define o homem em relação ao seu ambiente e ao seu próximo.

O que os trabalhos e textos aqui apresentados parecem dizer, é que, no final, ao menos na arquitetura, em um mundo de abundância, a pior escassez é a escassez de sentido.

12 SARTRE, Jean-Paul. Ver citação p. 263.

13 Ibid.

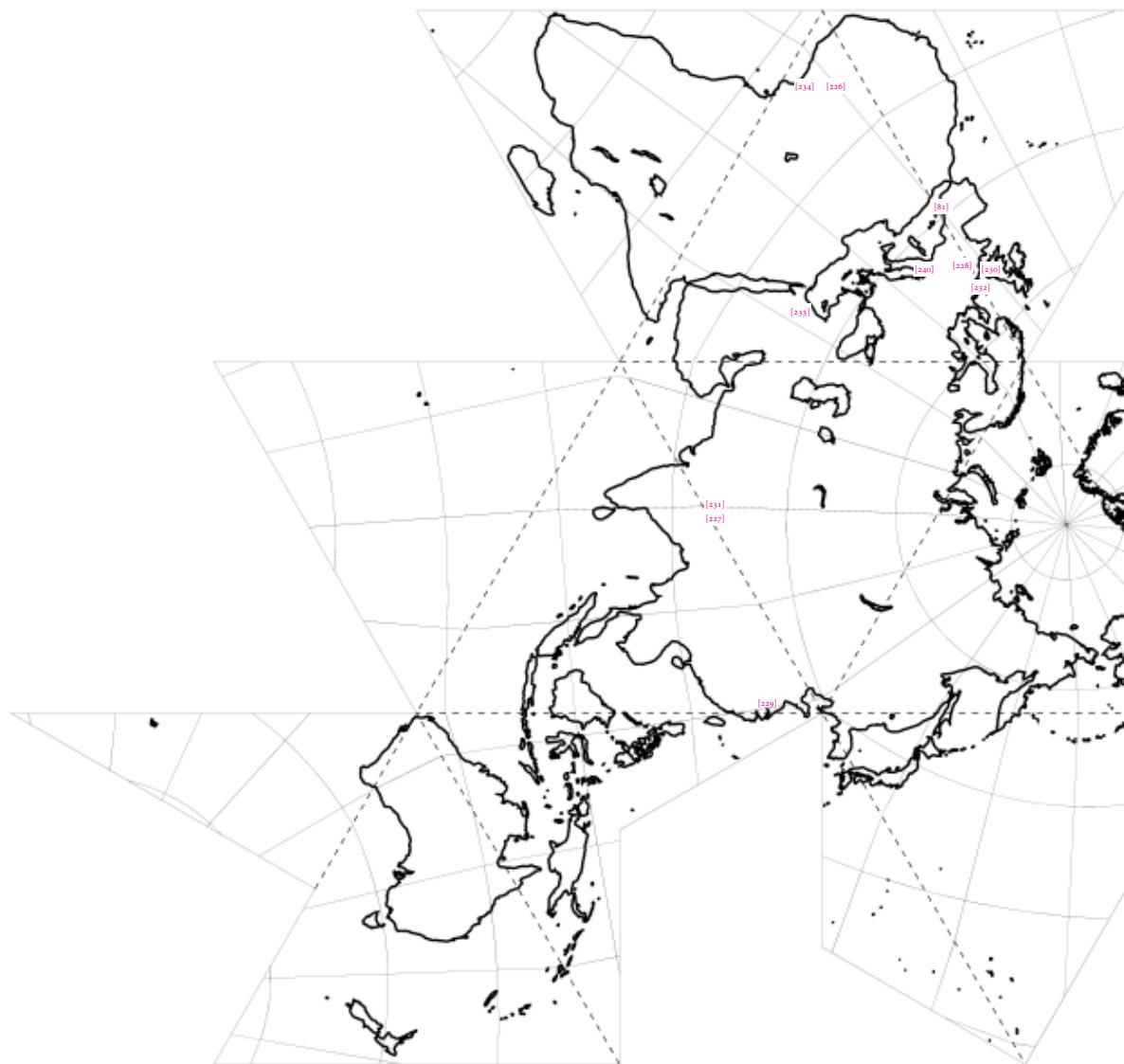
14 ARAVENA, Alejandro. *Risking Everything: Alejandro Aravena's Humble Revolt Against Starchitecture*. Entrevista para Architizer. Disponível em: <<https://architizer.com/blog/practice/materials/alejandro-aravena-architecture-of-improvement/>>.

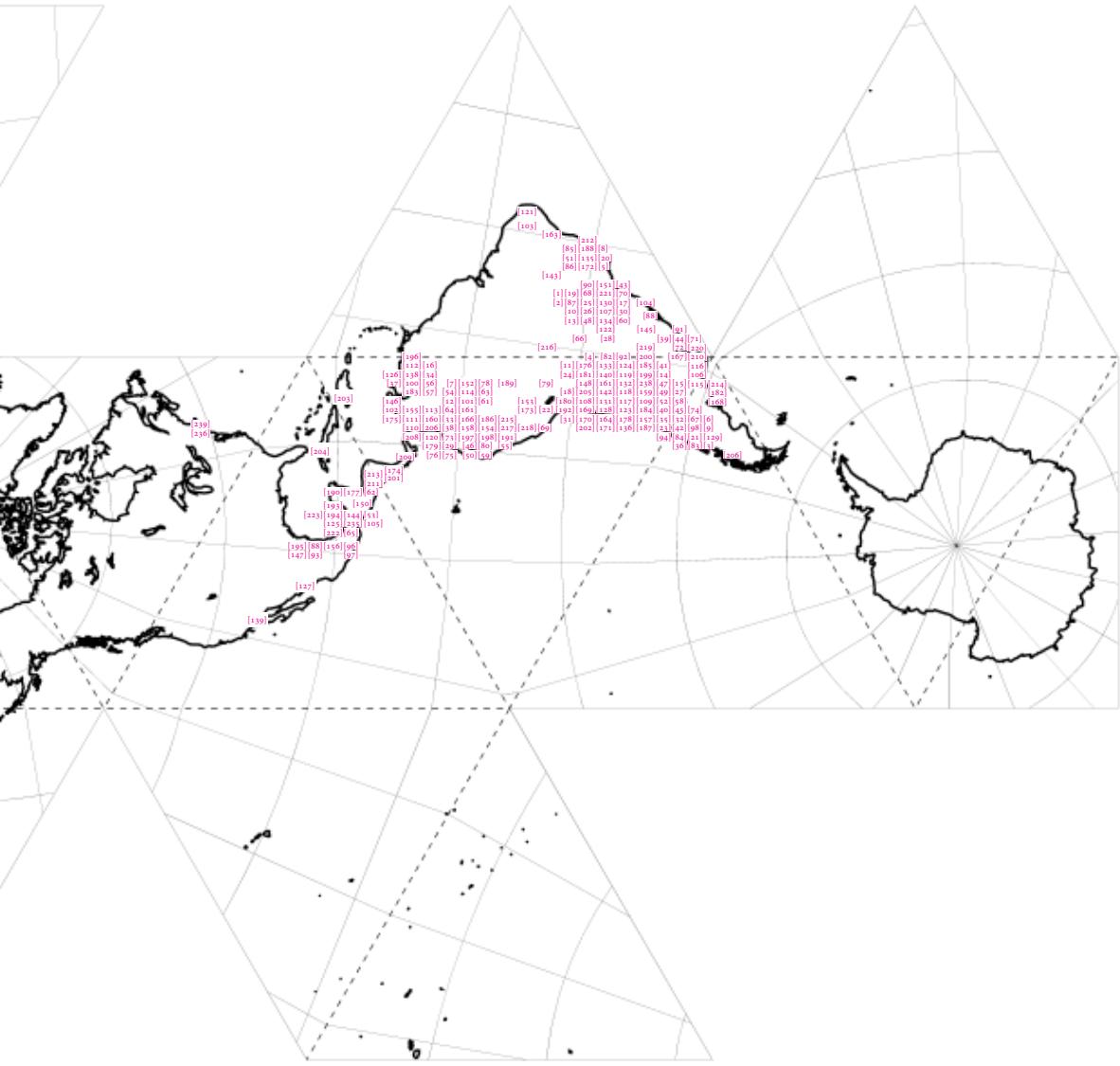
15 VADA, Pedro. *Brasil Arquitetura: trabalhar com reabilitações é atender às reais demandas da sociedade*. ArchDaily, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/890674/brasil-arquitetura-trabalhar-com-reabilitacoes-e-atender-as-reais-demandas-da-sociedade>>.

16 ROCHA, Mauricio. in: ZABALBEASCOA, Anatxu. *Mauricio Rocha: La arquitectura es política*. El País, 2016. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2016/05/06/babelia/1543_647615.html>.



anexos





PROJETOS REFERÊNCIA

01	▲	1990-	Projeto Usina (CTAH)	Acessoria Técnica Usina CTAH	-	-
02	□	1992-2002	Praça do Patriarca	Paulo Mendes da Rocha	São Paulo, BR	-
03	△	1992-2007	Habitación	Smiljan Radic	San Miguel, CL	150 m ²
04	■	1994	<u>Gabinete de Arquitectura</u>	Solano Benítez, A Marinoni	Asunción, PY	100 m ²
05	↔	1994-2003	Favela Bairro	Jorge Mario Jáuregui	Rio de Janeiro, BR	-
06	△	1995-1996	Casa Chica	Smiljan Radic	Vilches, CL	30 m ²
07	*	1995-2003	Políticas Públicas Bogotá	A. Mockus, E. Peñalosa	Bogotá, CO	-
08	⇄	1995-2003	Unid. Hab. Favela Macacos	Jorge Mario Jáuregui	Rio de Janeiro, BR	-
09	⊕	1997-2002	<u>Capilla L'Animita</u>	Eduardo Castillo	Florida, CL	55 m ²
10	↔	1997-2007	Expresso Tiradentes	Ruy Ohtake	São Paulo, BR	-

11	■	2000	Unilever Paraguay	Solano Benítez	Villa Elisa, PY	4314 m ²
12	↔	2000	TransMilenio BRT	Enrique Penalosa	Bogotá, CO	-
13	◆	2000-2004	Centros Educacionais Unificados	Edif-SP / Alexandre Delijaicov	São Paulo, BR	-
14	▲	2001	Edificio Altamira	Rafael Iglesia	Rosario, AR	1180 m ²
15	△	2001	<u>Quincho Gallo</u>	Rafael Iglesia	Rosario, AR	60 m ²
16	↔	2001	Conectores Peatonales	Mateo Pintó, Matias Pintó	Caracas, VZ	-
17	▲	2001-2002	Condominio Rua Grécia	Joan Villà, Silvia Chile	Cotia, BR	2.256 m ²
18	▲	2001-2004	<u>Quinta Monroy</u>	Elemental	Iquique, CL	3.620 m ²
19	●	2001-2004	<u>Amnésias Topográficas</u>	Vazio S/A	Belo Horizonte, BR	-
20	■	2001-2008	Hospital Sarah Kubitschek	João Filgueiras Lima (Lelé)	Rio de Janeiro, BR	52000 m ²
21	△	2001-2010	Casa Gallinero	Eduardo Castillo	Florida, CL	160 m ²
22	△	2002-2005	Casa Pantalón	Eduardo Castillo	San Felipe, CL	160 m ²
23	△	2002-2005	Casa Poli	Pezo von Ellrichshausen	Coliumo, CL	180 m ²
24	⊕	2002-2011	Capilla Cerrito	Javier Corvalán	Assunção, PY	180 m ²
25	■	2002-2017	C. Universitário Maria Antonia	Una Arquitetos	São Paulo, BR	6.199 m ²
26	▲	2002-2017	Sesc 24 de Maio	Paulo M. Rocha + MMBB	São Paulo, BR	27.865 m ²
27	□	2003	Pabellones Parque Independencia	Rafael Iglesia	Rosario, AR	585 m ²
28	◆	2003-2004	Escola em Campinas	Una Arquitetos	Campinas, BR	3.779 m ²
29	◆	2003-2006	Colegio Hontanares	Plan:b Arquitectos	El Retiro, CO	1.843 m ²
30	◆	2003-2006	Escola FDE Jardim Ataliba Leonel	Álvaro Puntoni + Angelo Bucci	São Paulo, BR	-
31	↔	2004	Centro de Producción Acuícola	Martín A., Daniel Rosenberg	Península el Panul, CL	2.550 m ²
32	△	2004-2005	Casa de Cobre 2	Smiljan Radic	Talca, CL	165 m ²
33	□	2004-2007	<u>Parques Biblioteca</u>	-	Medellín, CO	-
34	■	2004-	Vertical Gym	Urban Think Tank	Caracas, VZ	-
35	■	2005	Torres Siamesas	Alejandro Aravena	Santiago, CL	5.000 m ²
36	□	2005	Punta Pite	Teresa Moller	Papudo, CL	-
37	▲	2005	Parque Cultural Tiuna el Fuerte	LAB.PRO.FAB + Alejandro H.	Caracas, VZ	9.977 m ²
38	□	2005-2006	Orquideorama	JPRCR + Plan:b	Medellín, CO	4.200 m ²

▲	2005-2007	Museu do Pão	Brasil Arquitetura	Ilópolis, BR	660	m ²	39
△	2006	Casa Chilena	Smiljan Radic	Rancagua, CL	210	m ²	40
△	2006	Plug out unit #1	477	Buenos Aires, AR	17,5	m ²	41
□	2006	Casetón-mirador	GrupoTalca	Pinohuacho, CL	25	m ²	42
△	2006-2007	Residência RR	Andrade Morettin Arquitetos	Itamambuca, BR	220	m ²	43
■	2006-2007	Pabellón Pueblo Bolívar	gualano+gualano	Pueblo Bolívar, UY	490	m ²	44
□	2006-2007	Cierre Perimetral	Dafne Ariztía	Talca, CL	1.200	m ²	45
△	2006-2008	Casa Pentimento	Jose M ^o Sáez, David Barragán	Quinto Canton, EC	234	m ²	46
▲	2006-2011	Edificio Maipú	Nicolás Campodonico	Rosario, AR	2.078	m ²	47
□	2006-	Praça das Artes	Brasil Arquitetura	São Paulo, BR	28.500	m ²	48
△	2007	Casa de la Cruz	Rafael Iglesia	Rosario, AR	231	m ²	49
△	2007	Casa San Juan	José María Sáez Vaquero	Quito, EC	727	m ²	50
△	2007	Casa Varanda	Carla Juaçaba	Rio de Janeiro, BR	140	m ²	51
■	2007	Edificio BIP Computers	Alberto Mozó Leverington	Santiago, CL	289	m ²	52
◆	2007	Biblioteca Jose Vasconcelos	Taller Arq X / Alberto Kalach	Ciudad de México, MX	38.091	m ²	53
◆	2007	Biblioteca Pública de Villanueva	Alejandro Piñol	Villanueva, CO	1.500	m ²	54
▲	2007-2009	Museo Cao	Claudia Uccelli	Ascope, PE	1.420	m ²	55
↔	2007-2010	<u>Metro Cable</u>	Urban-Think Tank	Caracas, VZ	-	-	56
▲	2007-2014	Nave Multiprograma	LAB.PRO.FAB + Alejandro H.	Caracas, VZ	-	-	57
△	2008	Casa A	Smiljan Radic	San Clemente, CL	43	m ²	58
△	2008	Casa Entre Muros	Al Borde	Tumbaco, EC	180	m ²	59
□	2008	Projeto Urb. Corrego do Antonico	MMBB	São Paulo, BR	37.713	m ²	60
↔	2008	PUI Nororiental	EDU + Alejandro Echeverri	Medellin, CO	-	-	61
◆	2008	Escuela de Artes de Oaxaca	Mauricio Rocha	Oaxaca, MX	2.270	m ²	62
◆	2008	Colegio Gerardo Molina	Giancarlo Mazzanti	Bogotá, CO	8.000	m ²	63
◆	2008	Colegio Santo Domingo Savio	obranegra arquitectos	Medellin, CO	7.500	m ²	64
○	2008	Nomadic Museum	Simón Velez	Ciudad de Mexico, MX	5.130	m ²	65
■	2008-2010	Sede do SEBRAE	gruposp + Luciano Margotto	Brasília, BR	25.000	m ²	66
□	2008-2010	Quincho Gorro Capucha	GrupoTalca	Villarica, CL	106	m ²	67
▲	2008-2013	Conjunto Habitacional do Jd. Edite	MMBB e H+F Arquitetos	São Paulo, BR	25.714	m ²	68
▲	2008-2016	Museo Paracas	Barclay & Crouse	Paracas, PE	1.170	m ²	69
↔	2008-	Complejo Cantinho do Céu	Boldarini Arq.	São Paulo, BR	-	-	70
△	2009	Casa AA2241	Guiponi + Solano + Maestro	Montevideo, UY	133	m ²	71
△	2009	Casas MuReRe	adamo-faiden	Buenos Aires, AR	-	-	72
□	2009	Escenarios Desportivos	Equipo Mazzanti + Plan:b	Medellin, CO	30.694	m ²	73
□	2009	Termas Geométricas	Germán Del Sol	Coniaripe, CL	1.280	m ²	74
↔	2009	Complejo Acuático	Paisajes Emergentes	Medellin, CO	16.000	m ²	75
◆	2009	Escuela Nueva Esperanza	Al Borde	Puerto Cabuyal, EC	36	m ²	76
◆	2009	Biblioteca Pública de Licantén	E.Marin , Murua-Valenzuela	Licantén, CL	-	-	77
◆	2009	Jardín Infantil El Porvenir	Giancarlo Mazzanti	Bogotá, CO	1.600	m ²	78
⤒	2009	Plan de mejoramiento de viviendas	Eq. Técnico de Plan Misiones	Santa Cruz, BO	-	-	79
⤒	2009	El Taller	Daniel Moreno Flores	Quito, EC	78,5	m ²	80
▲	2009	We Can Xalant	477 + Pau Faus	Barcelona, ES	-	-	81
■	2009-2010	Fundación Teletón	Gabinete de Arquitectura	Lambare, PY	3.200	m ²	82
□	2009-2010	Mapocho 42K	Escuela de Arquitectura UCC	Santiago, CL	-	m ²	83
△	2009-2011	Casa Cien	Pezo Von Ellrichshausen	Concepción, CL	430	m ²	84
↔	2009-2011	Teleférico Complexo Alemão	Jorge Mario Jáuregui	Rio de Janeiro, BR	-	-	85
↔	2009-2012	Urbanização de Manguinhos	Jorge Mario Jáuregui	Rio de Janeiro, BR	-	-	86

87	▲	2009-2012	Residencial N Sto Amaro V	Viglieca & Associados	São Paulo, BR	14.674 m ²
88	leftrightarrow	2009-2013	EBE Cristal	MooMAA	Porto Alegre, BR	1.150 m ²
89	△	2009-2015	Casa Cubierta	Comunidad Vivex	Monterrey, MX	89 m ²
90	■	2009-2015	Restauro do Edifício do IAB-SP	Silvio Oksman	São Paulo, BR	-
91	△	2010	Casa de Bloques	gualano+gualano	La Pedrera, UY	96 m ²
92	△	2010	Casa del Pescador	José Cubilla & Asociados	Villa Florida, PY	-
93	▲	2010	Elemental Monterrey	Elemental	Santa Catarina, MX	6.591 m ²
94	▲	2010	Villa Verde	Elemental	Constitución, CL	5.688 m ²
95	●	2010	Frágil	Smiljan Radic	-	-
96	□	2010	Refugio Ruta del Peregrino	Luis Aldrete	Jalisco, MX	-
97	□	2010	Refugio Ruta del Peregrino	Tatiana Bilbao	Jalisco, MX	-
98	◆	2010	Escuela Modular	Sebastián Irarrázaval	Retiro, CL	210 m ²
99	○	2010	Espacio Experimentación Teatral	Al Borde	itinerante	95 m ²
100	○	2010	Replicant Surfaces	Alejandro Haiek Coll	Caracas, VZ	-
101	□	2010-2011	Bosque de la Esperanza	Giancarlo Mazzanti	Altos de Cazucá, CO	700 m ²
102	◆	2010-2011	Jardín Infantil Timayui	Giancarlo Mazzanti	Santa Marta, CO	1.500 m ²
103	■	2010-2012	CREA-PB	MAPA Arquitetos	Campina Grande, BR	780 m ²
104	△	2010-2014	Casa de fim de semana	Angelo Bucci (spbr)	São Paulo, BR	184 m ²
105	△	2011	Casa Alpes	PRODUCTORA	Ciudad de México, MX	950 m ²
106	△	2011	Casa de Ladrillos	Ventura Virzi	Buenos Aires, AR	90 m ²
107	▲	2011	SEHAB Heliópolis	Biselli Katchborian Arquitetos	São Paulo, BR	32.000 m ²
108	▲	2011	Vivienda Social Mapuche	Undurraga Devés Arquitectos	Santiago, CL	1.537 m ²
109	□	2011	Mirador Comedor Emergente	Javier Rodríguez Acevedo	Cúrico, CL	21 m ²
110	leftrightarrow	2011	CAI - Immediate Attention Center	Empresa de Desarrollo Urbano	Medellín, CO	-
111	leftrightarrow	2011	Escaleras Eléctricas Comuna 13	Empresa de Desarrollo Urbano	Medellín, CO	-
112	leftrightarrow	2011	Acupuntura Urbana	Enlace Arquitectura	Caracas, VZ	-
113	◆	2011	Jardín Infantil Sto Domingo Savio	Plan:b Arquitectos	Medellín, CO	1.500 m ²
114	◆	2011	La Casa del Viento	Arquitectura Expandida	Bogotá, CO	-
115	■	2011	Edificio Once	adamo-faiden	Buenos Aires, AR	940 m ²
116	△	2011-2012	Casa Martos	adamo-faiden	Villa Adelina, AR	-
117	△	2011-2012	Casa Gago	Pezo Von Ellrichshausen	San Pedro, CL	241 m ²
118	△	2011-2012	Casa p/ el Poema del Ángulo recto	Smiljan Radic	Vilches, CL	165 m ²
119	△	2011-2012	Casa Obscura	Javier Corvalán	Ma. Roque Alonso, PY	85 m ²
120	◆	2011-2013	Jardín Infantil Carpinelo	Ctrl G	Medellín, CO	1.400 m ²
121	◆	2011-2014	Arena do Morro	Herzog & de Meuron	Natal, BR	1.964 m ²
122	△	2011-2015	Casa Vila Matilde	Terra e Tuma	São Paulo, BR	95 m ²
123	leftrightarrow	2011-	PRES	Elemental	Constitución, CL	-
124	△	2012	Casa Talavera	A. Acosta y A. Valet	Ciudad del Este, PY	255 m ²
125	▲	2012	Edificio Alfonso Reyes	Ambrosi / Etchegaray	Ciudad de México, MX	880 m ²
126	●	2012	Torre David Documentário	Urban-Think Tank	Caracas, VZ	-
127	□	2012	Jardín Botánico de Culiacán	Tatiana Bilbao	Culiacán, MX	109 m ²
128	□	2012	Parque Bicentenario de la Infancia	Elemental	Santiago, CL	40.000 m ²
129	□	2012	Cuatro Esquinas	Carla Tapia González	San Javier, CL	30 m ²
130	□	2012	Tiquatira em Construção	Entre	Ponte Rasa, BR	-
131	◆	2012	Colegio Alianza Francesa Jean M.	Hevia García, Nicolás Urzúa	Curicó, CL	1.660 m ²
132	■	2012	Boceto	Estudio Elgue	Asunción, PY	140 m ²
133	■	2012	Casa/Taller Las Mercedes	Lukas Fúster	Asunción, PY	137 m ²
134	■	2012	Jornada da Habitação	Stefano Boeri + SEHAB-SP	São Paulo, BR	-
135	○	2012	Pavilhão da Humanidade	Carla Juaçaba	Rio de Janeiro, BR	-

○	2012	Walk the line	Scarcity and Creativity Studio	Ritoque, CL	-	136
○	2012	Cartas de Mujeres	Al Borde	Itinerante, EC	-	137
▲	2012	Espacio Cultural Comunitario	Juan Pedro Posani	San Sebastián de Reyes, VZ	-	138
■	2012-2013	Biblioteca Casa de las Ideas	CRO studio	Tijuana, MX	220 m ²	139
■	2012-2013	Driving Range Público - APG	Javier Corvalán	Luque, PY	1.500 m ²	140
▲	2012-2013	La Casa de la Lluvia	Arquitectura Expandida	Bogotá, CO	60 m ²	141
■	2012-2015	Nueva Municipalidad de Nancagua	Beals-Lyon Arquitectos	Nancagua, CL	2.700 m ²	142
▲	2012-2015	Galería Maxita Yano	Arquitectos Asociados	Brumadinho, BR	1.683 m ²	143
■	2012-2016	Iturbide Studio	Mauricio Rocha + G. Carillo	Ciudad de México, MX	162 m ²	144
■	2012-	Vila Flores	Goma Oficina	Porto Alegre, BR	2.330 m ²	145
■	2012-	Inteligencias Colectivas Palomino	Zoohaus, Zuloark, PEI	Palomino, CO	1.500 m ²	146
△	2013	Casa Caja	S-AR, Comunidad Vivex	Monterrey, MX	110 m ²	147
▲	2013	Edificio San Francisco	José Cubilla & Asociados	Asunción, PY	- m ²	148
▲	2013	Sucre 4444	esteban tannenbaum	Buenos Aires, AR	2.000 m ²	149
■	2013	Archivo Histórico de Oaxaca	Mendaro Arquitectos	Las Canteras, MX	11.815 m ²	150
❖	2013	Um novo MAM	Angelo Bucci	São Paulo, BR	-	151
◆	2013	C.D. Infantil El Guadual Cauca	Daniel M. + Ivan Sanchez	Villarrica, CO	1.823 m ²	152
◆	2013	Escuela en Chuquibambilla	Maccaglia, Afonso, Bosch	Satipo, PE	985 m ²	153
◆	2013	Escuela S Helena de Piedritas	Taller Cotidiano	Piura, PE	445 m ²	154
◆	2013	Escuela Rural Alto del Mercado	Ana E. Vélez + J Echeverri	Marinilla, CO	870 m ²	155
■	2013	Centro Ejidal Margaritas	toa + Dellekamp arquitectos	San Luis Potosí, MX	283 m ²	156
○	2013	Desconstrucción de una vivienda	Albert Avila	Talca, CL	-	157
△	2013-2014	Casa Convento	Enrique Mora Alvarado	Chone, EC	125 m ²	158
△	2013-2014	Pabellón-Puente	Alarcia Ferrer	Valle de Calamuchita, AR	85 m ²	159
■	2013-2014	Saberes Ancestrales	Talles Síntesis	Vigía del Fuerte, CO	894 m ²	160
□	2013-2014	La Plaza de Nuestros Sueños	Lukas Füster	Remansito, PY	-	161
◆	2013-2014	I. Educativo Emberá Atrato M.	Plamb Arquitectos	Villa del Fuerte, CO	1.305 m ²	162
□	2013-2015	Ladeira da Barroquinha	Metro Arquitectos	Salvador, BR	2.440 m ²	163
❖	2013-2015	Central de Transmisiones	UMWELT	Santiago, CL	190 m ²	164
■	2013-	Sistema Minimod	MAPA Arquitectos	-	-	165
❖	2013-	Tanques de Agua	EPM	Medellín, CO	-	166
△	2014	Cabaña Delta	AToT	Isla del Tigre, AR	36 m ²	167
△	2014	Casa de Ladrillos	Diego Arraigada	Rosario, AR	85 m ²	168
△	2014-2019	Casa Ocho Quebradas	Elemental	Los Vilos, CL	289 m ²	169
▲	2014	Lo Barnechea II	Elemental	Lo Barnechea, CL	-	170
■	2014	Centro de Innovación UC	Elemental	Santiago, CL	8.176 m ²	171
■	2014	Galería Babilónia 1500	Rua Arquitectos	Rio de Janeiro, BR	230 m ²	172
◆	2014	Aula Mazarónkiari	M. Maccaglia, P. Afonso	Satipo, PE	124 m ²	173
◆	2014	C. C. Indígena Käpäcläjui	Entre Nos Atelier	Grano de Oro, CR	470 m ²	174
◆	2014	Colegio Pies Descalzos	Giancarlo Mazzanti	Cartagena, CO	11.200 m ²	175
■	2014	Catenerius	Ramiro Meyer	Lambaré, PY	90 m ²	176
■	2014	Industria Palenque Milagrito	Ambrosi / Etchegaray	Santiago Matatlan, MX	360 m ²	177
△	2014-2015	Vaulted House	Cecilia Puga	Los Vilos, CL	-	178
■	2014-2015	Casa en construcción	Al Borde	Quito, EC	545 m ²	179
○	2014-2015	Pabellón 120/Valparaíso	Sebastián Irarrázaval	Valparaíso, CL	154 m ²	180
△	2015	Quinchao Tia Coral	Solano Benítez	Asunción, PY	160 m ²	181
❖	2015	Capilla San Bernardo	Nicolás Campodonico	La Playosa, AR	92 m ²	182
❖	2015	1100 - Sistema Integral E C	AGA + PICO	Caracas, VZ	-	183
◆	2015	Biblioteca Municipal Constitución	Sebastián Irarrázaval	Constitución, CL	350 m ²	184

185	◆	2015	CDC Cerro Cora	OCA	Luque, PY	55	m ²
186	◆	2015	Taller de Arquitectura en el desierto	Jorge Losada	Piura, PE	752	m ²
187	■	2015	Establo	57 Studio	Colemu, CL	140	m ²
188	○	2015	Cota 10	Gru.a arquitetos	Rio de Janeiro, BR	-	m ²
189	○	2015	Qorikallanka	J Bauer, A Román	Madre de Diós, PE	90	m ²
190	▲	2015	Eco Petreo	PLUG architecture	Espita, MX	-	
191	▲	2015	Lugar de la Memoria	Barclay & Crouse	Lima, PE	4,900	m ²
192	▲	2015	NAVE	Smiljan Radic	Santiago, CL	2,000	m ²
193	□	2015-2016	Cancha	Rozana Montiel	Veracruz, MX	788	m ²
194	□	2015-2016	Común-unidad	Rozana Montiel	Ciudad de México, MX	5,000	m ²
195	△	2016	Casa 9 x 20	S-AR	Monterrey, MX	227	m ²
196	△	2016	Casa Giroscópica	Alejandro Haiek Coll	Barquisimeto, VZ	-	
197	△	2016	Casa para alguien como yo	Natura Futura Arquitectura	Bahahoyo, EC	85	m ²
198	△	2016	El Camarote	Sebastián Calero Larrea	Quito, EC	165	m ²
199	△	2016	Refugio Urbano	Augustin Berzero, Valeria Jaros	Cordoba, AR	142	m ²
200	△	2016	Vivienda Takuru	José Cubilla & Asociados	Piribebuy, PY	310	m ²
201	△	2016	VOID opd	Tropik Works	Guanacaste, CR	215	m ²
202	□	2016	Juegos!	Surco Arquitectos	Santiago, CL	-	
203	□	2016	Tapis Rouge	EVA Studio	Port-au-Prince, HT	-	
204	□	2016	The Ship Wall of Animas	Pico Estudio	Havana, CU	-	
205	□	2016	Dos Torres y un Sendero	Azócar Catrón	Caleta Maule, CL	-	
206	□	2016	Miradores y Paradores R. Aysén	Nicolas Stutzin Donoso	Región Aysén, CL	-	
207	◆	2016	Casa Comunal Renacer Chamanga	Actuemos Ecuador	Chamanga, EC	180	m ²
208	◆	2016	Casa Ensamble Chacarrá	Ruta 4	Pereira, CO	120	m ²
209	◆	2016	Cueva de Luz SIFAS	Entre Nos Taller	La Carpio, CR	1,000	m ²
210	◆	2016	Earthship School	Michael Reynolds	Canelones, UY	270	m ²
211	◆	2016	La Casa del Abuelo	Universidad Autónoma	Chiapa de Corzo, MX	-	
212	◆	2016	Refettorio Gastromotiva	Metro Arquitetos	Rio de Janeiro, BR	425	m ²
213	■	2016	Casa de las Parteras	Velvet Echevarria	Kokil , MX	-	
214	△	2016-2017	PH Lavalleja	CCPM Arquitectos	Buenos Aires, AR	89	m ²
215	◆	2016-2017	Nueva Escuela en la C. Nativa	Semillas Peru	Pangoa, PE	1,269	m ²
216	◆	2016-2017	Moradias Infantil	Aleph Zero + Rosenbaum	Formoso do Araguaia, BR	23,344	m ²
217	□	2016-	Santuario de la Hoyada	Awaq + Estudio Shicras	La Hoyada, PE	-	

218	□	2017	Observatorio Marino	Jochamowitz Rivera	Punta San Juan, PE	-	
219	■	2017	Caja de Tierra	Equipo de Arquitectura	Asunción, PY	45	m ²
220	■	2017	Grand Salvo	Federico Lagomarsino	Montevideo, UY	-	
221	◊	2017-2018	Capela Ingá-Mirim	messina rivas	Itupeva, BR	545	m ²
222	△	2018	Casa Palmas	DOSA STUDIO	Texcoco, MX	160	m ²
223	○	2018	Campanario	To Arquitectos	Ciudad de Mexico, MX	-	
224	○	2018	Pabellón de Helio	Garcia de la Huerta & Gleixner	Itinerante	-	

REFERÊNCIAS GLOBAIS:

225	▲	1995-	<u>Emergency Relief Projects</u>	Shigeru Ban	-	-	
226	◆	1999-2001	<u>Primary School</u>	Diébedo Francis Kéré	Gando, BF	310	m ²
227	◆	2004-2006	<u>Handmade School</u>	Anna Heringer	Rudrapur, BD	325	m ²

▲	2006-2011	Tour Bois-le-Prêtre	Druot, Lacaton & Vassal	Paris, FR	12.460 m ²	228
■	2008	Ningbo Historic Museum	Amateur Studio	Ningbo, CN	30.000 m ²	229
○	2010	The Cineroleum	Assemble	Londres, UK	-	230
↔	2010	Decentralized sanitation system	Julia King	Nova Deli, IN	-	231
▲	2012-2016	DeFlat Kleiburg	NL Architects + XVW	Amsterdam, HL	6.000 m ²	232
⇄	2013	Re:build School	Cameron Sinclair	Zaatari, JR	- m ²	233
◆	2013	Makoko Floating School	NLÉ	Lagos, NG	220 m ²	234

EXPOSIÇÕES

●	2011-	Liga	-	Ciudad de Mexico, MX	235
●	2010-2011	Small Scale, Big Change	MoMA	New York, US	236
●	2013-	america[no] del sud	-	-	237
●	2014	IX BIAU	BIAU	Rosario, AR	238
●	2015	Latin America in Construction	MoMA	New York, US	239
●	2016	Reporting from the front	Biennale di Venezia	Venezia, IT	240

△ Habitação Unifamiliar
 ● Instalação Artística
 ◆ Educacional / Comunitário

▲ Habitação Multifamiliar
 □ Espaço Público Urbano
 ⇄ Sem uso determinado

◊ Religioso
 □ Espaço Público Rural
 ○ Efêmero

■ Institucional
 ↔ Infraestrutura
 ▲ Cultural





09



10



11



12



13



14



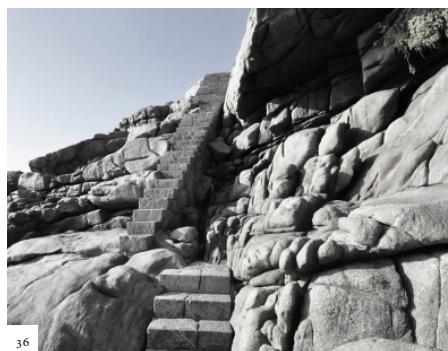
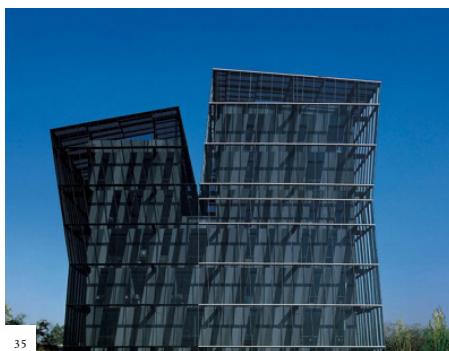
15



16











49



50



51



52



53



54



55





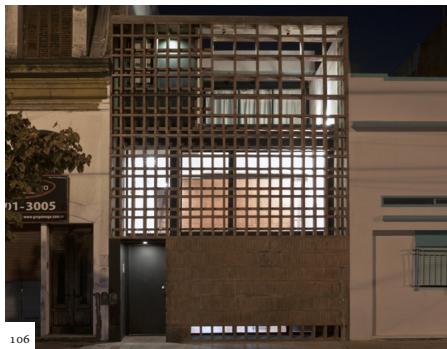


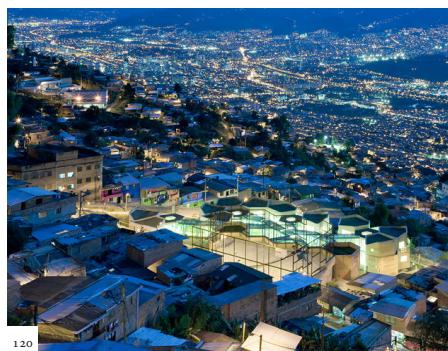


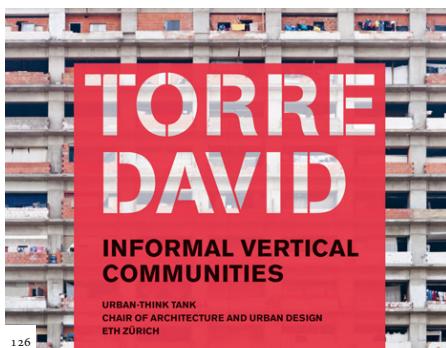




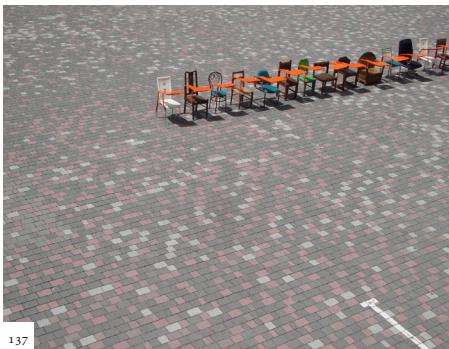


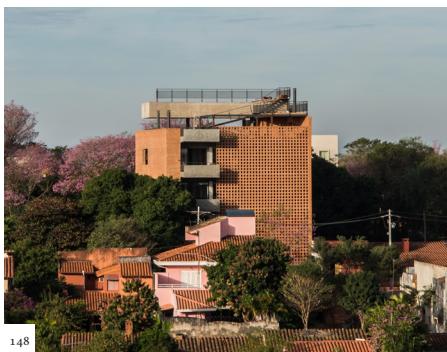
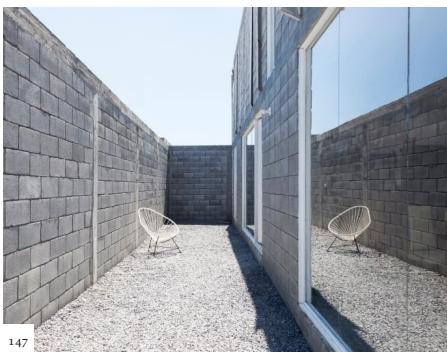










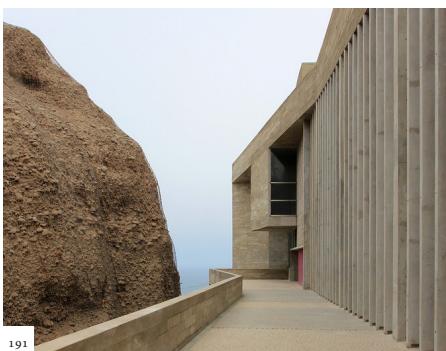


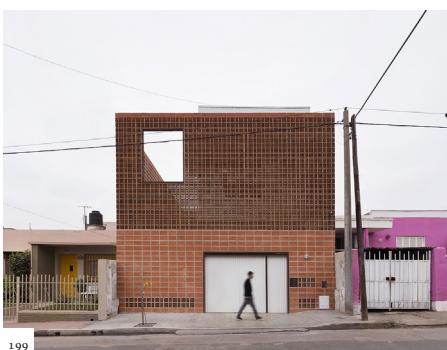


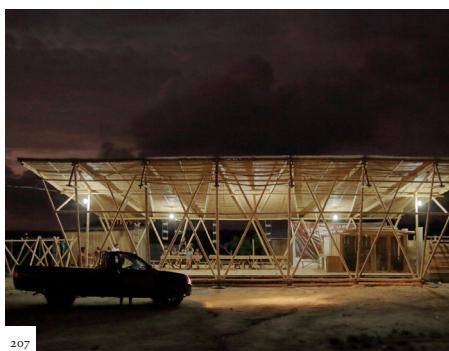
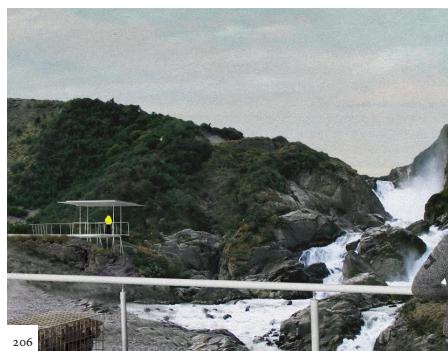








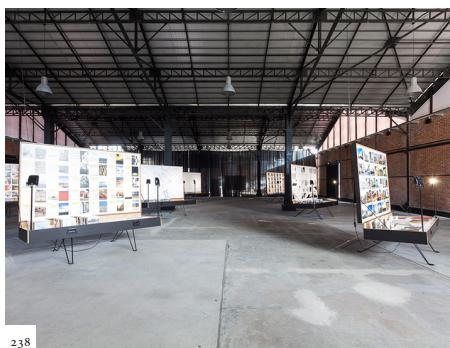












referências bibliográficas

A

ÁBALOS, Iñaki. *A boa-vida*. Editorial Gustavo Gili. Barcelona. 2012.

ABBOTT, Andrew. *The problem of excess*. *Sociological Theory* 32, no. 1, 2014.

ADRIÁ, Miquel (Editor). *Blanca Montana: Arquitectura en Chile*. Ediciones Puro Chile/ Hatje Cantz, 2013.

ADRIÁ, Miquel; GRIBORIO, Andrea. *Radical, 50 Arquitecturas Latinoamericanas*. Cidade do México: Editorial Arquine; 1^a edição, 2016.

ADRIÁ, Miquel; et al. ORTIZ, José Luis Uribe (Editor). *Talca, Cuestión de Educación*. Cidade do México: Editorial Arquine, 2013.

ARAVENA, Alejandro, IACOBELLI, Andrés. *Elemental: Incremental Housing and Participatory Design Manual*. Hatje Cantz Verlag, 2012.

ARAVENA, Alejandro. *Reporting From The Front: 15th International Architecture Exhibition. La Biennale di Venezia*. Guide. Veneza: Marsilio. 2016.

ARAVENA, Alejandro. *Risking Everything: Alejandro Aravena's Humble Revolt Against Starchitecture*. Entrevista para Architizer. Disponível em: <<https://architizer.com/blog/practice-materials/alejandro-aravenas-architecture-of-improvement/>>. Acesso em: 20 set 2018.

ARAVENA, Alejandro. *The Forces in Architecture*. Toto, Tokyo, 2011.

ARAVENA, Alejandro. Entrevista para Gabriel Kogan: *Transformar pobreza em poesia é um desastre, diz novo curador da Bienal de Arquitetura de Veneza*. Folha de São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/08/1663597-transformar-pobreza-em-poiesia-um-desastre-diz-novo-curador-da-bienal-de-arquitetura-de-venezia.shtml>>. Acesso em 03 ago. 2018.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Texto 2. *Ética a Nicômacos. Tradução, introdução e comentários de Mário da Gama Kury*. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 1997.

AURELI, Pier Vittorio. *Less is enough: on architecture and asceticism*. Moscou: Strelka Press, 2013.

B

BARRAGÁN, David; GANGOTENA, Pascual; BORJA, Marialuisa; BENAVIDES, Esteban. *Ladrillos, bloques y otros elementos abandonados y parches*. Habitar-arq, 2012. Disponível em: <<https://habitar-arq.blogspot.com/2012/11/ladrillos-bloques-y-otros-elementos.html>>.

BAUDRILLARD, Jean. *The consumer society: Myths and Structures*. Londres: Sage Publications, 1998.

BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. *Babel: entre a incerteza e a esperança*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo, Perspectiva, 1976.

BELOGOLOVSKY, Vladimir. *Paulo Mendes da Rocha: Arquitetura não quer ser funcional; quer ser oportuna*. ArchDaily Brasil. 2016. (Trad. Santiago Pedrotti, Gabriel) Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/797077/paulo-mendes-da-rocha-arquitetura-nao-quer-ser-funcional-quer-ser-oportuna>>. Acesso em: 15 ago 2018.

BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patricio. *Latin America in Construction: Architecture 1955–1980*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2015.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancia no ar*. São Paulo. Cia das Letras, 2008.

BERNARDO, Kaluan. *Prêmio reacende o debate sobre papel social da arquitetura*. Nexo Jornal Ltda, 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/01/13/Pr%C3%A3Amio-reacende-o-debate-sobre-papel-social-da-arquitetura>>. Acesso em: 02 dez 2018.

BERRIZBEITIA, Anita; HECHT MARCHANT, Romy. *Latin American Geographies: A Glance over an Immense Landscape*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011.

BERTOLOTTO, Rodrigo; et al. *A casa caiu: como fica o direito à moradia em uma época que o doce lar virou ativo financeiro*. TAB, 2018. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/edicao/casa-cidade>>. Acesso em: 09 fev 2019.

BRAND, Stewart. *Whole Earth Catalog*. 1968. Disponível em: <https://monoskop.org/images/0/09/Brand_Stewart_Whole_Earth_Catalog_Fall_1968.pdf>. Acesso em: 01 jun 2017.

BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert; LEPIK, Andres; KALAGAS, Alexis. *SI/NO: The Architecture of Urban-Think Tank*. SLUM lab No. 10. TU München Architekturmuseum, 2015.

BRUNEL, José Ángel. Arquitectura para los sin suelo: Inmigración haitiana en Chile. Plataforma Arquitectura, 2017. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/871933/arquitectura-para-los-sin-suelo-inmigracion-haitiana-en-chile>>. Acesso em: 03 abr 2019.

BO BARDI, Lina. *Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BOLDEMAN, Lee. *The Cult of the Market: Economic Fundamentalism and Its Discontents*. ANU E Press, 2007. p. 49.

BOULDING, Kenneth E. *The Economics of the Coming Spaceship Earth*. in: Jarrett, H. (ed.). *Environmental Quality in a Growing Economy, Resources for the Future*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1966.

BOULDING, Kenneth E. in: *Energy Reorganization Act of 1973: Hearings, Ninety-third Congress, First Session*, on H.R. 11510. Washington: U.S. Govt. Print. Off, 1973.

BUCCI, Angelo. *São Paulo, Razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes*. São Paulo: Romano Guerra, 1ª edição, 2010.

BUCCI, Angelo. *São Paulo, Razões de arquitetura: da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes*. Resumo Tese de Doutorado. Disponível em: <<http://www.spbr.arq.br/sp-razoes-de-arquitetura-da-dissolucao-dos-edificios-e-de-como-atravessar-paredes>> Acesso em: 15 dez 2018.

BUCCI, Angelo. *Know how with no why, no more*. PLATFORM Poetics of Building. Austin: The University of Texas at Austin School of Architecture, 2013. Disponível em: <<http://www.spbr.arq.br/know-how-with-no-why-no-more/>> Acesso em: 02 jun 2019.

BUCHANAN, Peter. *Empty gestures: Starchitecture's Swan Song*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/essays/viewpoints/empty-gestures-starchitectures-swan-song/8679010.article>>. Acesso em 25 out 2018.

BUCKMINSTER FULLER, Richard. *Nine Chains to the Moon*. Anchor Books, 1938, 1973.

BUCKMINSTER FULLER, Richard. *Ideas and Integrities. A Spontaneous Autobiographical Disclosure*. Ed. by Jaime Snyder. Baden, 2009.

BUTLER, Colin D. *Limits to growth, planetary boundaries, and planetary health. Current Opinion in Environmental Sustainability*. Volume 25, 2017. Disponível em: <<http://www.fennerfoundation.org.au/wp-content/uploads/2016/10/Limits-to-growth-planetary-boundaries-and-planetary-health-Colin-D-Butler.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

C

CALDERÓN, Andrés Felipe. *Architectural Zeitgeist in Latin America and its architecture of gravity*. arquitectos 196.08 crític. ano 17, set 2016. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/17.196/5848>> Acesso em: 7 fev 2018.

CAMERIN, Suelen. *O tijolo em Solano Benítez*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Dissertação (Mestrado).

CAMPOS, Alexandre; TEIXEIRA, Carlos M.; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington. *Espaços colaterais*. Cidades Criativas; 2008.

CANTIS, Ariadna. *Emergencias Iberoamericanas. 2G Dossier: Iberoamerica, Arquitetura Emergente*. Gustavo Gili, Madrid, 2008.

CARRANZA, Luis E.; LARA, Fernando Luiz. *Modern Architecture in Latin America: Art, Technology, and Utopia*. Austin: The University of Texas Press, 2015.

CASTILLO, Eduardo. *Eduardo Castillo_arquitecto*. Disponível em: <<http://arqecastillo.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 abr 2019.

CASTILLO, Eduardo. *Desde una memoria hecha de material*. ARQ N° 51, El sur de América. Santiago: Ediciones ARQ, 2002.

CASTILLO, Eduardo. *Una arquitectura sin pureza*. ARQ. Santiago: Ediciones ARQ, 2013.

CAZES, Leonardo. *Entrevista com Zygmunt Bauman*. Disponível em: <<http://www.fronteiras.com/entrevistas/zygmunt-bauman-estamos-entre-a-incerterza-e-a-esperanca>>. Acesso em: 13 jul 2018.

CLASSEN, Rutger. *Scarcity*. in: *Handbook of economics and ethics*. I. van Staveren & J. Peil (eds.) 2009. Disponível em: <http://www.rutgerclaassen.nl/wp-content/uploads/2011/02/Claassen_Scarcity_-def-versie_.pdf>. Acesso em: 04 abr 2018.

COHEN, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889: uma história mundial*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

COLQUHOUN, Alan. *Modern achitecure*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2002.

CONWAY, Hazel; ROENISCH, Rowan. *Understanding Architecture: An Introduction to Architecture and Architectural History*. Routledge, London, 2005.

CORULLON, Martin. *Arquitetura pode ser política?* Esquina, 2017. Disponível em: <<http://www.esquina.net.br/2017/10/15/arquitetura-pode-ser-politica/>>. Acesso em: 26 maio 2019.

CREIXELL, Paula Font. *Casa de bloques, la belleza de lo práctico*. 16 out 2016. Disponível em: <<https://morewithlessdesign.com/casa-de-bloques/>>. Acesso em 20 dez 2017.

CROCE, Miguel. *Projetar como viver uma história: a experiência de trabalho no spbr arquitetos*. ArchDaily, 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/875969/projetar-como-viver-uma-historia-a-experiencia-de-trabalho-no-spbr-arquitetos>>. Acesso em: 04 dez 2018.

D

D'APRILE, Marianela. *Odeia a arquitetura contemporânea? Culpe a economia, não os arquitetos*. ArchDaily Brasil, 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/884310/odeia-a-arquitetura-contemporanea-culpe-a-economia-nao-os-arquitetos>>. Acesso em: 25 jan 2019.

D'APRILE, Marianela. *What we talk about when we don't talk about buildings*. Artigo, Common Edge Collaborative, 2018. Disponível em: <<https://commonedge.org/what-we-talk-about-when-we-dont-talk-about-buildings>>. Acesso 14 fev 2019.

DALBY, Simon. *Ecology, security, and change in the Anthropocene*. The Brown. Journal of World Affairs, v. 13, ed. 2, 2007.

DAOUD, Adel. *Scarcity, Abundance, and Sufficiency – Contributions to social and economic theory*. Gothenburg: University of Gothenburg, 2011.

DE BREA, Ana (editora). *Total Latin American Architecture: Libretto of Modern Reflections & Contemporary Works*. Barcelona: Actar, 2016.

DE GRAAF, Renier. *Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission*. Architectural Review. 2015. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/essays/viewpoints/architecture-is-now-a-tool-of-capital-complicit-in-a-purpose-antithetical-to-its-social-mission/8681564.article>>. Acesso em: 25. fev. 2016.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJTIAR, Fabian. *A77: Si quieres cambiar algo, debes juntarte con otros que también quieren eso y no esperar tantas operaciones institucionales*. Plataforma Arquitectura, 2016. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/795526/a77-si-quieres-cambiar-algo-debes-juntarte-con-otros-que-tambien-quieren-eso-y-no Esperar-tantas-operaciones-institucionales>>. Acesso em: 5 jul 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.

DELLA GIUSTINA, Marcelo. *Distintas Moradas - Habitação coletiva em metrópoles da América Latina*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Dissertação (Mestrado).

DRUOT, Frédéric; LACATON, Anne; VASSAL, Jean-Philippe. *Plus: Les grands ensembles de logements - Territoires d'exception*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

DURAN, Sandrina. *Entre o projeto e a execução*. Reportagem. Escola da Cidade, 2017. Disponível em:<<http://www.ct-escoladacidade.org/contracondutas/reportagens/entre-o-projeto-e-a-execucao-o-papel-do-arquiteto-na-diminuicao-ou-aumento-da-violencia-no-canteiro-de-obras/>>. Acesso em 20 dez 2018.

DURÁN CALISTO, Ana María. *From paradigm to paradox: on the architecture collectives of Latin America*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011.

DURÁN CALISTO, Ana María. *Arquitectura contemporánea de Ecuador (1999-2015): el florecimiento de una crisis (Parte I)*. 01 out 2015. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/773742/arquitectura-contemporanea-de-ecuador-1999-2015-el-florecimiento-de-una-crisis-parte-i>>. Acesso em 29 jan 2019.

E

EARLE, Joe; MORAN, Cahal; WARD-PERKINS, Zach. *The Econocracy: The Perils of Leaving Economics to the Experts*. Manchester University Press, 2016.

Energy Reorganization Act of 1973: Hearings, Ninety-third Congress, First Session, On H.R. 11510. Washington: U.S. Govt. Print. Off., 1973. p. 248

F

FAGUNDES, Diego. *Crises e a Expansão do Campo da Arquitetura*. ArchDaily, 2016. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/792679/crises-e-a-expansao-do-campo-da-arquitetura-diego-fagundes>>. Acesso em: 09 nov 2018.

FELCHT, Frederike. *The Aesthetics and Politics of Scarcity*. in: "The Imagination of Limits: Exploring Scarcity and Abundance," edited by Frederike Felcht and Katie Ritson, RCC Perspectives, 2015.

FERNÁNDEZ, Milena. *La Bienal de Arquitectura de Venecia pone los pies en la tierra*. El País, 2016. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2016/05/24/actualidad/1464078445_796364.html>. Acesso em: 01 dez 2018.

FERREIRA, Guilherme. *Lo-fi: Aproximações e Processos Criativos; Da fonografia à arquitetura*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Dissertação (Mestrado).

FERRER, Isabel. *La renovación de un viejo edificio de viviendas gana el Mies van der Rohe*. El País, 2017. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2017/05/12/actualidad/1494592_513320.html>. Acesso em: 27 ago 2019.

FERRO, Sérgio. *Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

FIGUEROLA, Valentina. *Um arquiteto em busca de razões*. AU – Arquitetura e Urbanismo, n. 137, ago. 2005. Disponível em: <www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/137/artigo22207-1.aspx>.

FITZ, Leonardo. *A obra de Eladio Dieste*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Dissertação (Mestrado).

FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

FRANCO, José Tomás. *Arquitetos que fazem ver uma esperança (para a comunidade e para a profissão)*. ArchDaily Brasil, 2016. (Trad. Souza, Eduardo). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/780209/arquitetos-que-fazem-visivel-uma-esperanca-para-a-comunidade-e-a-profissao>>. Acesso em: 15 ago 107.

FREITAS, Anderson; HEREÑÚ, Pablo. *Solano Benítez*. São Paulo: Hedra – Editora da Cidade, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Security, Territory, Population: Lectures at the Collège de France 1977-78*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2007.

FRANCO, Arturo; ROMÁN, Ana. *Sobre la XI Bienal Iberoamericana de Arquitectura y Urbanismo BIAU 2019*. Disponível em: <<http://www.redfundamentos.com/blog/contacto/noticias/detalle-32/blog/es/noticias/detalle-641/>>. Acesso em: 20 jan 2019.

FRANCO, José. *Cómo el proyecto "Espacios de Paz" está transformando los espacios comunitarios en Venezuela*. 17 out 2014. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/755609/como-el-proyecto-espacios-de-paz-esta-transformando-los-espacios-comunitarios-en-venezuela>>. Acesso em: 02 nov 2018.

FRASER, Ian. *Hegel and Marx: The concept of Need*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.

FUÃO, Fernando. *O Teleférico do Morro do Alemão: arquitetura do acolhimento e hospitalidade*. Ensaio, 2012. Disponível em: <<https://fernandofuao.blogspot.com.br/2012/05/o-teleferico-do-morro-do-alemao.html>>. Acesso em 11 out 2018.

G

GADANHO, Pedro. *Resurgirá de nuevo el sur? (Sobre la emergencia de la emergencia)*. 2G Dossier: Iberoamerica, Arquitetura Emergente. Gustavo Gili, Madrid, 2008.

GALLANTI, Fabrizio. *A brutal end for Robin Hood Gardens* "Examining the demise of a modernist housing estate. Interwoven: the fabric of things. Kvadrat Interwoven. Disponível em: <<http://kvadratinterwoven.com/a-brutal-end-for-robin-hood-gardens>>. Acesso em 15 abr 2019.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity*. Minneapolis: Minnesota Press, 2005.

GARCÍA ODIAGA, Íñigo. *Smiljan Radic: La casa del fin del mundo*. Monu, 2017. Disponível em: <<https://noomuu.wordpress.com/tag/smiljan-radic/>>. Acesso em: 24 abr 2018.

GARCÍA ODIAGA, Íñigo. *Unstable equilibrium*. Veredes, 2019. Disponível em: <<https://veredes.es/blog/en/equilibrio-inestable-inigo-garcia-odiaga/>>. Acesso em: 15 ago 2019.

GAUSA, Manuel; GUALLART, Vicente; MÜLLER, Willy; SORIANO, Federico; MORALES, José; PORRAS, Fernando. *Dicionário Metropolis Arquitetura Avançada*. Barcelona: Actar, 2001.

GIEDION, Sigfried. *Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOODBUN, Jon; KLEIN, Michael; RUMPFHUBER, Andreas; TILL, Jeremy. *The Design of Scarcity*. Moscou: Strelka Press, 2014.

GOODBUN, Jon; TILL, Jeremy; IOSSIFOVA, Deljana. *Scarcity: Architecture in an Age of Depleting Resources*. John Wiley & Sons Inc. Architectural Design, 2012.

GONTIJO, Cláudio; OLIVEIRA, Fabrício Augusto de. *Subprime: Os 100 dias que abalaram o capital financeiro mundial e os efeitos da crise sobre o Brasil*. Belo Horizonte: Corecon-MG, 2009.

GORELIK, Adrian Gustavo. *The metropolitan demand*. in: Revista A+U Nº 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015. p. 24-27.

GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. ed. 34. 2010.

GRIMMER, Vera; et al. *Entrevista com Smiljan Radic*. Revista Oris, 63. Croácia, 2010. Disponível em: <http://www.oris.hr/files/pdf/zastita/9/Oris.63_Smiljan.Radic_Interview.pdf>. Acesso em: 09 nov 2017.

GRUNOW, Evelise; et al. *Terra e Tuma encanta plateia do MCB*. ARCOweb, 2017. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/noticias/noticias/terra-e-tuma-confunde-plateia-do-mcb>>. Acesso em: 9 maio 2019.

H

HABERMAS, Jürgen. *La modernidad: un proyecto incompleto*. VVAA La posmodernidad. Barcelona: Kairós, 1986.

HARVEY, David. *A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2018.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Poéticamente habita el hombre*. Tradução de Ruth Fischer de Walker. Revista de Filosofia Vol. VII, N.os 1-2, Santiago de Chile, 1960.

HEIDEGGER, Martin. *El cielo y la tierra de Hölderlin, en Interpretaciones de la poesía de Hölderlin*. Trad. de José María Valverde. Barcelona: Ariel, 1983.

HERNÁNDEZ, Felipe. *(In)visibility, poverty and cultural change in South American Cities*. Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011.

HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Architecture is gone*. Arquine, 2016. Disponível em: <<https://www.arquine.com/architecture-is-gone/>>. Acesso em: 30 ago 2017.

HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Buckminster Fuller*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/buckminster-fuller/>>. Acesso em: 23 nov 2017.

HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *El día que murió la arquitectura moderna*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/el-dia-que-murió-la-arquitectura-moderna/>>. Acesso em: 22 ago 2017.

HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *El problema de la desigualdad*. Conversación con Gerardo Esquivel. Arquine, 2015. Entrevista originalmente vinculada no programa La Hora Arquine em 6 de julho de 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/el-problema-de-la-desigualdad-con-gerardo-esquivel/>>. Acesso em: 09 jun 2017.

HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *La arquitectura del capital en el siglo XXI*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/la-arquitectura-del-capital-en-el-siglo-xxi/>>. Acesso em: 07 nov 2018.

HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Poéticamente habita el hombre*. Arquine, 2015. Disponível em: <<https://www.arquine.com/poeticamente-habita-el-hombre/>>. Acesso em: 31 ago 2018.

HERNÁNDEZ GÁLVEZ, Alejandro. *Sin revolución y sin arquitectura*. Arquine, 2017. Disponível em: <<https://www.arquine.com/sin-revolucion-y-sin-arquitectura/>>. Acesso em: 27 maio 2018.

HITCHCOCK, Henry Russell. *Latin American Architecture since 1945*. Nova Iorque: Museum of Modern Art, 1955.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos – O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

I

IGLESIAS, Rafael. *Arquitecturas de Autor, Rafael Iglesia, AA38*. Pamplona: T6 Ediciones, Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Universidad de Navarra, 2006.

IGLESIAS, Rafael. *Rafael Iglesia. Quincha, mesa, tronco y piscina*. Santiago: Ediciones ARQ, no 51. 2002.

INMAN, Phillip. *Pessimists are predicting a global crash in 2020. You can see why*. The Guardian, 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2019/jan/05/global-economic-crash-2020-understand-why>>. acesso em: 09 jun 2019.

IOMMI, Godofredo; et al. *Amereida*, Santiago de Chile: Editorial Cooperativa Lambda, 1967.

IOSSIFOVA, Deljana (Editora). *Architecture & Planning in Times of Scarcity Reclaiming the Possibility of Making*. Softgrid Ltd, 2014.

J

JARDIM, Mariana Comerlato. *Dois conjuntos, duas realidades: os casos contemporâneos de habitação popular na rua Grécia/ SP e Quinta Monroy/ Chile*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Dissertação (Mestrado).

JENCKS, Charles. *El lenguaje de la arquitectura posmoderna*. Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1981.

JOWIT, Juliette. *How astronauts went to the Moon and ended up discovering planet Earth*. The Guardian, 2008. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/science/2008/dec/20/space-exploration-usa-earth-moon>>. Acesso em: 02 nov 2017.

JUAÇABA, Carla. *Carla Juaçaba in conversation with Fig Projects bout the San Miguel Arcángel chapel, designed by Javier Corvalán in Paraguay*. Interwoven: the fabric of things. Kvadrat Interwoven. Disponível em: <<http://kvadratinterwoven.com/fan-club-elegant-rawness>>. Acesso em 12 set 2018.

K

KAHL, Colin H. *States, scarcity, and civil strife in the developing world*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 2006.

KLOPPENBURG, Joanna. *Al Borde Arquitectos on Practicing Life Through Architecture*. Architizer. Disponível em: <<https://architizer.com/blog/practice/tools/al-borde-life-through-architecture/>>. Acesso em: 03 maio 2018.

KOOLHAAS, Rem. *Paul S. Byard Memorial Lecture*. Graduate School of Architecture, Planning and Preservation at Columbia University GSAPP. Nova Iorque, 2009. Disponível em: <<https://www.arch.columbia.edu/books/reader/6-preservation-is-overtaking-us#reader-anchor-2>>. Acesso em: 05 abr 2017.

KOOLHAAS, Rem. *Recent work*. Graduate School of Architecture, Planning and Preservation at Columbia University GSAPP. Nova Iorque, 2009. Disponível em: <<https://www.arch.columbia.edu/books/reader/6-preservation-is-overtaking-us#reader-anchor-2>>. Acesso em: 05 abr 2017.

L

LANCINI, Giulia Carvalho. *Brunelleschi e o Desenho de arquitetura*. USP São Carlos, 2014.

LANDRY, Charles. *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*. Londres: Earthscan, 2003.

LARA, Fernando Luiz. *Porque as américas são campeãs de desigualdade?*. Revista Fórum, 2015. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/porque-americas-sao-campeas-de-desigualdade/>>. Acesso em: 16 fev 2019.

LARA, Fernando Luiz. *Teorizando o espaço das Américas: possíveis saídas para séculos de exclusão e de esquecimento*. Dossiê. América (São Paulo), v. 1, 2018.

LARA, Fernando. *Teorizando o espaço das Américas: possíveis saídas para séculos de exclusão e de esquecimento*. América - Revista da Pós Graduação da Escola da Cidade, São Paulo, n. 1, 2018.

LARACH, Constanza; VERA, Felipe; Colegio de Arquitectos de Chile (Editores). *Diálogos Impostergables*. Santiago de Chile: Metales Pesados Ediciones, 2017.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução: Rubens Eduardo. Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LEPIK, Andrés; BERGDOLL, Barry. *Small Scale, Big Change: New Architectures of Social Engagement*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 2010.

LEWIS, Michael J. *The Rise of the "Starchitect"*. The New Criterion, 2007. Disponível em: <<https://www.newcriterion.com/issues/2007/12/the-rise-of-the-aoestarchitecta>>. Acesso em 30 ago 2019.

LIERNUR, Jorge Francisco. *21st Century Latin America: Presence of the future and debts from the past*. in: Revista A+U N° 532. LATIN AMERICA, 25 PROJECTS. 2015.

LIERNUR, Jorge Francisco. *¡Es el punto de vista, estúpido!* ARQA, 2011. Disponível em: <<http://arqa.com/actualidad/documentos/es-el-punto-de-vista-estupido.html>>. Acesso em: 11 nov 2017.

M

MALTHUS, Thomas. *Essay on the Principle of Population*. Londres: J. Johnson, 1798.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl. *Wage-labor and Capital*. New York: New York Labor News Co., 1902.

MASSAD, Fredy. *Entrevista a Rafael Moneo: La arquitectura se piensa siempre desde el dibujo*. ABC Cultural, 2017. Disponível em: <https://www.abc.es/cultura/cultural/abci-rafael-moneo-arquitectura-piensa-siempre-desde-dibujo-201704020050_noticia.html>. Acesso em: 09 fev 2018.

MATEO, Josep Lluís. *PREVI Experience*. MONOGRAPH 01, 2016. Disponível em: <<https://www.transfer-arch.com/reference/previ-lima-1969/>>. Acesso em: 15 maio 2019.

MCGUIRK, Justin. *Alejandro Aravena*. Icon, 2009. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/alejandro-aravena>>. Acesso em: 19 dez 2017.

MCGUIRK, Justin. *Activist architects: Designing social change*. Al Jazeera, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/activist-architects>>. Acesso em: 28 ago 2017.

MCGUIRK, Justin. *DIY Cities (the limitations)*. Uncube, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/diy-cities-limitations>>. Acesso em: 07 abr 2017.

MCGUIRK, Justin. *Robin Hood Gardens*. SQM, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/robin-hood-gardens>>. Acesso em: 3 dez 2017.

MCGUIRK, Justin. *Latin America in Construction at MOMA*. Architectural Record, 2015. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/latin-america-construction-moma>>. Acesso em: 18 jan 2019.

MCGUIRK, Justin. *Life on the edge*. Moscow Urban Forum, 2013. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/life-edge>>. Acesso em: 10 nov 2018.

MCGUIRK, Justin. *Maison Dom-ino*. Dezeen, 2014. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/maison-dom-ino>>. Acesso em: 03 abr 2019.

MCGUIRK, Justin. *Preví, Lima*. Domus, 2011. Disponível em: <<http://justinmcguirk.com/previ>>. Acesso em: 29 jul 2018.

MCGUIRK, Justin. *Radical Cities: Across Latin America in Search of a New Architecture*. Londres; Nova Iorque: Verso, 2015.

MCGUIRK, Justin. *Walter Benjamin puts activists to shame?*. Here, 2013. Disponível em: <http://justinmcguirk.com/walter-benjamin-puts-activists-shame>. Acesso em: 15 dez 2018.

MCLENNAN, Gregor. *Maintaining marx*. in: *Handbook of Social Theory*. George Ritzer e Barry Smart (editores). Londres: Sage Publications, 2001.

MEADOWS D.; et al. *Limits to Growth the 30-year update*. Earthscan, Londres, 2006.

MEADOWS, D.; et al. *The Limits To Growth: A Report for The Club of Rome's project on the predictment of mankind*. Nova Iorque: Universe Books, 1972.

MENGER, Carl. *Principles of Economics*. Auburn: Ludwig von Mises Institute, 2007.

MIES VAN DER ROHE, Ludwig. *Aphorisms on Architecture and Form*, 1923. in: JOHNSON, Philip. Mies Van Der Rohe. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1947. Disponível em: <https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_2734_300062055.pdf>. Acesso em: 30 set 2019.

MIRANDA, Carolina A. *Rough, yet poetic: Chilean architecture has its moment*. Los Angeles Times, 2015. Disponível em: <<https://www.latimes.com/entertainment/arts/miranda/la-et-cam-chilean-architecture-goes-international-20150515-column.html>>. Acesso em: 02 maio 2017.

MONTANER, Josep Maria. *A condição contemporânea da arquitetura*. São Paulo: Gustavo Gili, 1ª edição, 2016.

MONTANER, Josep Maria. *Arquitectura e crítica*. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

MONTANER, Josep Maria. *Arquitetura e crítica na América Latina*. São Paulo: Romano Guerra, 2014.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ MARTINEZ, Zaida. *Arquitetura e política. Ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 1ª edição, 2014.

MORA, Pola. *Al Borde e KliwadenkoNovas lançam teaser do documentário 'Hacer Mucho con Poco" sobre a arquitetura do Equador*. 30 ago 2017. ArchDaily Brasil (Trad. Romullo Baratto). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/878521/al-borde-e-kliwadenkonovas-lancam-teaser-do-documentario-hacer-mucho-con-poco-sobre-a-arquitetura-do-equador>>. Acesso em: 01 set 2018.

MULLAINATHAN, Sendhil; SHAFIR, Eldar. *Scarcity: Why Having Too Little Means So Much*. Londres: Macmillan, 2013.

O

ONU - relatório das Nações Unidas: *Human Rights Watch*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140829_siria_crise_humanitaria_bb>. Acesso em: 22 fev. 2015.

ONU - relatório das Nações Unidas: *World Population Prospects: The 2017 Revision*. Disponível em: <<https://population.un.org/wpp/>>. Acesso em: 8 mar. 2018.

ONU - relatório das Nações Unidas: *17 Goals to Transform Our World. Goal 11: Make cities inclusive, safe, resilient and sustainable*. Disponível em: <<https://www.un.org/sustainabledevelopment/>>. Acesso em 23 nov 2018.

OTERO-PAILOS, Jorge. *OMA's Preservation Manifesto* (Reconstruído a partir de evidências fragmentárias de Jorge Otero-Pailos). Disponível em: <<https://www.arch.columbia.edu/books/reader/6-preservation-is-overtaking-us#reader-anchor-3>>. Acesso em 22 maio 2018.

OTERO-PAILOS, Jorge. *Supplement to OMA's Preservation Manifesto*. Disponível em: <<https://www.arch.columbia.edu/books/reader/6-preservation-is-overtaking-us#reader-anchor-3>>. Acesso em 22 maio 2018.

OYARZUN, Fernando; ARAVENA, Alejandro; QUINTANILLA, José. *Los hechos de la arquitectura*. Santiago de Chile, 2007.

P

PARSONS, Talcott. *The structure of social action*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1937.

PASTORELLI, Giuliano. *Expandir los límites de la profesión, por Eduardo Cadaval*. Plataforma Arquitectura, 2013. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-252139/expandir-los-límites-de-la-profesión-por-eduardo-cadaval>>. Acesso em: 25 maio 2018.

PENDERY, David. *Three top economists agree 2009 worst financial crisis since great depression; risks increase if right steps are not taken*. Business Wire News database. Disponível em: <<http://www.businesswire.com/news/home/20090213005161/en/Top-Economists-Agree-2009-Worst-Financial-Crisis>>. Acesso em: 02 out 2018.

PEVSNER, Nikolaus. *Origens da Arquitetura Moderna e do Design*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PILLOTON, Emily. *Design Revolution: 100 Products That Empower People*. Nova Iorque: Metropolis Books, 2009.

PIKETTY, Thomas. *A economia da desigualdade*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015

PIKETTY, Thomas. *O Capital no século XXI*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PLAUT, Jeannette; SAROVIC, Marcelo. *Entre a resistência e a adaptação: novos caminhos da arquitetura na América Latina*. Revista Plot 24, América Latina Hoje. Buenos Aires, 2015

PONZINI, Davide; NASTASI, Michele. *Starchitecture. Scenes, actors and spectacles in contemporary cities*. Nova Iorque: The Monacelli Press, 2016.

PTAK, Justin. *The Prehistory of Modern Economic Thought: The Aristotle in Austrian Theory*. Rhode Island: Institute of Business Cycle Research, 2003.

Q

QUIRK, Vanessa. *Q&A: Samuel Bravo on Learning from the World's Vernacular Architectures*. Metropolis, 2017. Disponível em: <<https://www.metropolismag.com/architecture/qa-samuel-bravo-learning-world-vernacular-architecture/>>. Acesso em: 11 dez 2018.

R

RADIC, Smiljan; CORREA, Marcela. *Casa A, Vilches, San Clemente, Chile*. Revista ARQ nº 70. Santiago: Ediciones ARQ, 2008.

RESTREPO, Camilo. *Ambiguidade e paradoxo*. Revista Plot 24, América Latina Hoje. Buenos Aires, 2015.

RISÉRIO, Antonio. *Pra começo de conversa, a América Latina existe?* América - Revista da Pós-Graduação da Escola da Cidade, São Paulo, n. 1, 2018.

ROBBINS, Lionel. *An Essay on the Nature and Significance of Economic Science*. Londres: Macmillan, 1932.

RODRÍGUEZ, Florencia. *América Latina Hoje - A Modernidade é História*. Revista Plot 24, *América Latina Hoje*. Buenos Aires, 2015.

ROLNIK, Raquel. *Por incrível que pareça, há mais imóveis vazios do que famílias sem moradia em São Paulo*. 2010. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/12/08/por-incrivel-que-pareca-ha-mais-imoveis-vazios-do-que-familias-sem-moradia-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

ROSSI, Amanda. *Prédio de moradia estudantil no Tocantins recebe prêmio internacional de arquitetura*. BBC Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46288724>>. Acesso em: 19 jul 2019.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Ed. Ridendo Castigat Mores, eBook, 2008.

RUDOFSKY, Bernard. *Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture*. Nova Iorque: Doubleday & Company Inc., 1964.

S

SALGUEIRO Barrio, Roi. *Micro, Partial, Parallel, (In)Visible. New Geographies, 08 (Island)*. Daniel Daou e Pablo Pérez-Ramos (editores). Cambridge: Harvard University Press, 2016.

SANTIBAÑEZ, Daniela. *Residência Takuru / José Cubilla*. Archdaily Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/902951/residencia-takuru-jose-cubilla>>

SANTOS, Milton. *Pobreza urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. Acesso em: 09 jul 2019.

SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SARKIS, Hashim. *Sarkis in conversation with Fig Projects about Angelo Bucci's Weekend House in São Paulo*. Interwoven: the fabric of things. Kvadrat Interwoven. Disponível em: <<http://kvadratinterwoven.com/how-to-create-an-oasis-a-lesson-in-urban-design-from-sao-paulo>>. Acesso em 02 jul 2018.

SARKIS, Hashim; et al. *The World in the Architectural Imaginary. New Geographies, 08 (Island)*. Daniel Daou e Pablo Pérez-Ramos (editores). Cambridge: Harvard University Press, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la raison dialectique*. Tome I. Paris: Gallimard, 1960.

SARTRE, Jean-Paul. *Critique of Dialectical Reason*. Londres-Nova Iorque: Verso, 2004.

SEGRE, Roberto. Ideias e invenções de Buckminster Fuller são analisadas por Roberto Segre. Revista AU. PINI, Edição 212, 2011.

SELGAS, José; CANO, Lucía. *Os limites da natureza*. Revista Plot 41. Buenos Aires, 2019.

SERAPIÃO, Fernando; WISNIK, Guilherme; SAMPAIO, Nuno (organização). *Catálogo da exposição Infinito Vão: 90 anos de Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Editora Monolito, 2019.

SINCLAIR, Cameron; STOHR, Kate. *Design like you give a damn: architectural responses to humanitarian crisis*. Londres: Thames & Hudson, 2006.

SLOTERDIJK, Peter. *How big is "big"?* Collegium International, 2010. Disponível em: <<http://www.collegium-international.org/index.php/en/contributions/127-how-big-is-big>>. Acesso em: 04 abr 2018.

SMITHSON, Robert. *Entropy Made Visible (1973) entrevista com Alison Sky. The Collected Writings of Robert Smithson*. Berkeley: University of California Press, 1996.

SOL, Germán del. *Fundamento*. Disponível em: <<http://www.germandelsol.cl/fundamentogermandelsol3.htm>>. Acesso em: 15 maio 2017.

SOLLITTO, André. *Entrevista Paulo Mendes da Rocha. A arquitetura deve permitir que as pessoas conversem*. Istoé, 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/a-arquitetura-deve-permitir-que-as-pessoas-conversem/>>. Acesso em: 19 jan 2019.

SOUZA, Eduardo. *Como fazer cidades: “Guerrilheiros urbanos” e os Jardins Urbanos em Berlim.* ArchDaily, 2012. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/62376/como-fazer-cidades-guerrilheiros-urbanos-e-os-jardins-urbanos-em-berlim>>. Acesso em: 12 nov 2018.

STEFFEN, Will; CRUTZEN, Paul J.; MCNEILL, John R. *The Anthropocene: Are Humans Now Overwhelming the Great Forces of Nature?*. Ambio Vol. 36, No. 8. 2007.

SUDJIC, Deyan. *La arquitectura del poder: cómo los ricos y poderosos dan forma al mundo.* Barcelona: Ariel, 2009.

SZENASY, Susan. *A arquitetura precisa de consciência social [Design Needs a Social Conscience]* ArchDaily Brasil (Trad. Baratto, Romullo), 2015. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/769261/a-arquitetura-precisa-de-consciencia-social>> Acesso em: 05 maio 2018.

T

TAFURI, Manfredo. *Projeto e Utopia*. Lisboa: Presença, 1985.

TALLER MEDITERRANEO. *Utopías Fácticas. Latinoamérica Explora Futuros*. Universidade nacional de Cordoba, 2017.

TILL, Jeremy. *Architecture Depends*. MIT Press, 2009.

TILL, Jeremy. *Constructed Scarcity*. A Working Paper for SCIBE no. 1. Disponível em: <<http://www.sibe.eu/wp-content/uploads/2010/11/01-JT.pdf>>. Acesso em: 15 jul 2017.

TORRENT, Horacio. *Al Sur de América: Antes y ahora*. Revista ARQ nº 51. Santiago: Ediciones ARQ, 2002.

TURNER, Bryan S. *Classical Sociology*. Londres: Sage Publications. 1999.

TURNER, Bryan S.; ROJEK, Chris. *Society and Culture - principles of scarcity and solidarity*. Londres: Sage Publications. 2001.

TURNER, Graham. *A comparison of the limits to growth with thirty years of reality*. CSIRO Working Paper Series 2008-9. Disponível em: <http://www.manicore.com/chiers/Turner_Meadows_vs_historical_data.pdf>. Acesso em: 22 set 2018.

TURNER John. *The Squatter Settlement: An Architecture that Works*. in: *Architecture of Democracy, Architectural Design*, 1968.

U

URIBE, Begoña. *“Frases: Renzo Piano y la libertad”*. Plataforma Arquitectura, 2015. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/776769/frases-renzo-piano-y-la-libertad>>. Acesso em: 01 ago 2018.

URIBE ORTIZ, José Luis. *Arquitecturas de Autor. Primera Exposición de Arquitectura Emergente en el Maule*. Maule, 2016.

URIBE ORTIZ, José Luis. *La Escuela de Arquitectura de la Universidad de Talca: un modelo de educación*. DEARQ - Revista de Arquitectura / Journal of Architecture, nº 9, 2011.

URIBE ORTIZ, José Luis. *O estado das coisas*. Revista Plot 35. Buenos Aires, 2017.

V

VADA, Pedro. *Brasil Arquitetura: trabalhar com reabilitações é atender às reais demandas da sociedade*. ArchDaily, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/890674/brasil-arquitetura-trabalhar-com-reabilitacoes-e-atender-as-reais-demandas-da-sociedade>>. Acesso em: 09 dez 2018.

VALENCIA, Nicolás. *Venezuelan urban acupuncture: Spaces of Peace by PICO Estudio*. 9 September, 2015. The Architectural Review. Disponível em: <<https://www.architectural-review.com/8686647/article>>.

VALENCIA, Nicolás. *Fuerzas Urbanas, la participación venezolana en la Bienal de Venecia 2016*. 06 abr 2016. ArchDaily México. Disponível em: <<https://www.archdaily.mx/mx/785073/fuerzas-urbanas-la-participacion-venezolana-en-la-bienal-de-venecia-2016>>

VASCONCELLOS, Juliano Caldas de; BALEM, T. (organização.) . *Bloco (11): a arquitetura da américa latina em reflexão*. 1. ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2015.

VERA, Javier. *Contra la participación como espectáculo*. Revista Arkinka nº 247. Peru, 2016. Disponível em: <<http://arkinka.net/blog/item/386-contra-la-participacion-como-espectaculo-javier-vera.html>>. Acesso em: 24 set 2018.

W

WAINWRIGHT, Oliver. 'One never builds something finished': the brutal brilliance of architect Paulo Mendes da Rocha. The Guardian, 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2017/feb/04/why-paulo-mendes-da-rocha-raises-architecture-to-a-new-level>>. Acesso em: 22 ago 2018.

WHITMEE, Sarah; et al. *Safeguarding human health in the Anthropocene epoch: report of The Rockefeller Foundation–Lancet Commission on planetary health*. The Lancet, v. 386, n. 10007, 2015.

WIGLEY, Mark. *Typographic Intelligence*. fragmento de uma conferência para a Transurbanism, organizada pela V2_Institute for the Unstable Media na NAI em 2001. Un Studio – Unfold. Amsterdam: NAI Publishers, 2002.

WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro: diálogos cruzados entre arte e arquitetura contemporânea*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Universidade de São Paulo, 2012. Tese (Doutorado).

X

XENOS, Nicholas. *Scarcity and Modernity*. Londres: Routledge; 1989.

Y

YOUNG, Robert M. *Malthus and the Evolutionists: The Common Context of Biological and. Social Theory*. Past and Present, 43. 1969.

YUNIS, Natalia. *Alejandro Aravena: El desafío de la arquitectura es salir de la especificidad del problema a la inespecificidad de la pregunta*. Plataforma Arquitectura, 2016 Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/790071/alejandro-aravena-el-desafio-de-la-arquitectura-es-salir-de-la-especificidad-del-problema-a-la-inespecificidad-de-la-pregunta>>. Acesso em: 07 nov 2018.

Z

ZABALBEASCOA, Anatxu. *Mauricio Rocha: La arquitectura es política*. El País, 2016. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2016/05/06/babelia/1462549543_647615.html>. Acesso em: 06 jan 2017.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZEIN, Ruth Verde. *O avesso do avesso: Recent Brazilian Architecture*. in: Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011.

documentários e entrevistas

A

Aula de Guilherme Wisnik: *Brasil - 1922 a 1960*, 2:38:09 minutos, 2016. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j1domKvQoAI>>.

Aula de Guilherme Wisnik: *Brasil - 1972 a 1989*, 1:05:13 minutos, 2016. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s2Q_MvLOfk4>.

C

Conferência *Adamo-Faiden x Abalos-Herreros; The Difficult Double*, 54:36 minutos, 2016. FORM Laboratory for architecture da EPFL École Polytechnique Fédérale de Lausanne, 23 maio 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HulpHm44Krg>>.

Conferência *Alejandro Aravena. Elemental*. Conferência Magna. FAU UniRitter Porto Alegre, 2016.

Conferência de Alejandro Aravena. *My architectural philosophy? Bring the community into the process*, 15:49 minutos, TEDGlobal, 2014. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/alejandro_aravena_my_architectural_philosophyBring_the_community_into_the_process/transcript?language=es>.

Conferência de *Anne Lacaton and Jean-Philippe Vassal, "Freedom of Use"*, 1:31:28 minutos, 2015. Harvard GSD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zdgYGkQM9zc>>.

Conferência *Cazú Zegers: El encanto de lo cercano*, 34:27 minutos, 2013. TEDxUDDSalon, Chile. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=plcsTERqfYo>>.

Conferência *Giancarlo Mazzanti: The Power of Architecture as Social Builder*, 1:08:32 minutos, 2013. The Stockholm Association of Architects. Estocolmo, Suécia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W2jpzu6sheo>>.

Conferência de Hashim Sarkis: *The world according to architecture*. São Paulo. INTERMEIOS FAU-USP, 2016. Disponível em: <<https://vimeo.com/186270573>>.

Conferência *José Cubilla e Luis Elgue: Proyectos en Paraguay*, 1:43:47 minutos, 2015. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDdWZpFYKUo>>.

Conferência *Luis Elgue e José Cubilla: Evolución de la arquitectura Paraguaya*, 1:56:51 minutos, 2015. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4Pjjy9SEj4o>>.

Conferência *Marcelo Faiden: Arquitectura Contemporânea Argentina HD*, 31:41 minutos, 2014. Escola da Cidade, São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fg3rZksipql>>.

Conferência *Pier Vittorio Aureli: Less is enough*, 1:23:05 minutos, 2013. Strelka Institute. Moscou, Rússia. Disponível em: <<https://strelka.com/en/videos/event/2013/09/03/less-is-enough>>.

Conferências SAP: South America Project, Harvard GSD, um programa de investigação trans-continental dirigidos por Felipe Correa. Disponível em: <<https://www.gsd.harvard.edu/project/south-america-project/>> e <<https://www.youtube.com/user/TheHarvardGSD/videos>>.

Conferência Solano Benítez: *La imaginación como herramienta de construcción social*, 14:51 minutos, 2012. TEDxAsunción, Paraguai. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QEbvIJODF5Y>>.

D

Documentário *Diébido Francis Kéré: Architecture is a wake-up call*, 5:26 minutos, Dinamarca, 2014. Louisiana Museum of Modern Art / Louisiana Channel. Disponível em: <<https://vimeo.com/106480504>>.

Documentário *Esperanzas - [Entre-Temps en Amérique du Sud #07] - VOSTFR*, 23 minutos, França, 2014. Direção: Frédérique Monblanc e Simon Frézel. Disponível em: <<https://vimeo.com/111908559>>.

Documentário *Hacer Mucho con Poco*, 86 minutos, Equador, 2017. Produção de Al Borde e Kliwadenko Novas.

Documentário *Kengo Kuma: Time Space Existence*, 4:16 minutos, Japão, 2017. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/888137/kengo-kuma-explica-como-su-estilo-arquitectonico-nacio-a-partir-de-la-crisis-financiera>>.

Documentário *Landfill Harmonic*, 85 minutes, 2016. Diretor: Brad Allgood e Graham Townsley. Disponível em: <<https://vimeo.com/ondemand/landfillharmonic/52711779>>.

Documentário *Torre David: The World Tallest Squat*, 23 minutos, Venezuela/Suiça, 2013. Direção: Markus Kneer e Daniel Schwartz. Produção de Alfredo Brillembourg e Hubert Klumpner para Urban Think Tank. Disponível em: <<https://www.idfa.nl/en/film/5c739ef8-0c81-4d6b-9c7d-7ef081c86302/torre-david-the-worlds-tallest-squat>>.

E

Entrevista *AD Entrevistas: Barry Bergdoll*. 6:08 minutos, 2016. Diponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2VYzgpcJ978e>>.

Entrevista *AD Entrevistas: Camilo Restrepo*. 5:24 minutos, 2017. Diponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vAU_VZYlkjE>.

Entrevista *AD Entrevistas: Francis Kéré / Kéré Architecture*. 6:03 minutos, 2014. Diponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8pe_84i2A>.

Entrevista *AD Entrevistas: Gabinete de Arquitectura: Arquitetos não são operários de uma disciplina, são construtores da sociedade*. 8:22 minutos, 2016. Diponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/792447/gabinete-de-arquitectura-arquitetos-nao-sao-operarios-de-uma-disciplina-sao-construtores-da-sociedade>>. Acesso em: 25 set 2018.

Entrevista *AD Entrevistas: Paulo Mendes da Rocha*. 14:48 minutos, 2013. ArchDaily Brasil. Diponível em: <<http://www.archdaily.com.br/121282/ad-brasil-entrevista-paulo-mendes-da-rocha>>.

Entrevista *AD Entrevistas: Rafael Iglesia*. 6:49 minutos, 2015. Plataforma Arquitectura. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/766850/entrevista-rafael-iglesia>>.

Entrevista *AD Entrevistas: Solano Benítez*. 9:34 minutos, 2014. Diponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=A1SFwbrRERY>>.

Entrevista *Andrés Jaque: Bienal de Chile 2017*. 4:10 minutos, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w9L6FZ4qwl4>>.

Entrevista *Eduardo Castillo Ramírez*. 23:55 minutos, 2014. Dostercios. Concepción, Chile. Disponível em: <<https://vimeo.com/93069924>>.

Entrevista *Marta Maccaglia*. UCAL Universidad, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iQNngOK6cCc>>.

Entrevista *Rafael Iglesia en la gira Americano del Sud 2013*. 6:42 minutos, 2014. ARQClarín. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=loUWOWyDEX4>>. Acesso em: 15 out 2018.

Entrevista *Smiljan Radic*. Jornal Público / Joana Amaral Cardoso, 2015. Disponível em <<https://www.publico.pt/2015/01/22/culturaipsilon/entrevista/smiljan-radic-conferencia-lisboa-1682937>>.

F

Filme *PMR 29': vinte e nove minutos com Paulo Mendes da Rocha*, 29:59 minutos, São Paulo, 2017. direção de Carolina Gimenez, Catherine Otundo, João Sodré, José Paulo Gouvêa e Juliana Braga. Instituto De Arquitetos Do Brasil - Departamento De São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Up2u9qS38rE>>.

V

Video *Arquitectura Expandida: Aniversario #QuemanlaCasadelViento: celebrando el #AfectoColectivo y la #InequalidadInstitucional*, 2:49 minutos, 2018. Diponível em: <<https://www.facebook.com/arquitecturaexpandida/videos/1744012405643350/>>.

Video *PlayGround: En América Latina la desigualdad de clases está dividida por muros*, 1:05 minutos 2017. Diponível em: <<https://www.facebook.com/mbnery/videos/1519762168080912/>>.

Video *Royal Academy of Arts: Pezo von Ellrichshausen: Sensing Spaces: Architecture Reimagined*, 8:04 minutos 2014. Diponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1f3qbVANj4c>>.

principais sites consultados:

<<https://arquitectura.uv.cl/>> | Escuela de Arquitectura, Universidad de Valparaíso, Chile.

<<https://emergingarchitecture.architectural-review.com/>> | AR Emerging Architecture Award
<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br>> | Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras
<<http://escoladacidade.org/bau>> | Arquivo Audiovisual da Escola da Cidade
<<https://planetaryhealthalliance.org/>> | Planetary Health Alliance
<<https://population.un.org/wpp/>> | Organização das Nações Unidas: World Population Prospects
<<https://vimeo.com/intermeios>> | Arquivo Audiovisual da FAU-USP
<<http://www.albordearq.com>> | site do escritório AlBorde
<<http://www.archdaily.com>> | Plataforma de arquitetura (internacional)
<<http://www.archdaily.com.br>> | Plataforma de arquitetura (Brasil)
<<http://www.arquitectura.utalca.cl>> | Escola de Arquitectura de la Universidad de Talca
<<http://www.bienalesdearquitectura.es>> | Bienais de Arquitetura (BEAU, BIA e BIENNALE)
<http://www.ca-asi.com/expo_fiche.php> | Y.A.L.A. Young Architects in Latin America
<<http://www.docomomo.org.br>> | DOCOMOMO Brasil
<<https://www.ead.pucv.cl/1984/ciudad-abierta>> | Ciudad Abierta, Valparaíso, Chile.
<<http://www.ehrn.co.za/lectureseries/index.php>> | Environmental Health Research Network
<<http://www.escoladacidade.org>> | Escola da Cidade
<<https://www.facebook.com/americano-del-sud-493612890726036>> | America[no] del Sud
<<http://www.grupotalca.cl>> | Catálogo de projetos do site oficial do escritório Grupo Talca
<<https://www.labienale.org/en>> | La Biennale Di Venezia
<<https://www.liga-df.com>> | Espaço para arquitetura Fundado em 2011 na Cidade do México
<<http://www.lume.ufrgs.br>> | LUME - Repositório digital da UFRGS
<<https://www.miesearch.com>> | European Union Prize for Contemporary Architecture
<<http://www.plataformaarquitectura.cl>> | Plataforma de arquitetura (Chile)
<<https://www.scribd.com>> | Biblioteca Digital SCRIBD
<<http://www.stockholmresilience.org/planetary-boundaries.html>> | Planetary boundaries research
<<http://www.vitruvius.com.br>> | Portal de arquitetura (ed. Abilio Guerra e Silvana Romano Santos)

revistas:

2G Dossier: Iberoamerica, Arquitetura Emergente. Gustavo Gili, Madrid, 2008.

A+U 532. Latin America, 25 Projects. A+U Publishing, Japão, 2015.

América - Revista da Pós Graduação da Escola da Cidade, São Paulo, n. 1, 2018.

Arquine No. 76. Otros Frentes. Editorial Arquine. Cidade do México, 2016.

Arquitectura Viva nº 71: LONDRES DEL MILENIO. Madri, 2000.

Arkinka nº 247. Peru, 2016.

Contravento 7.1. São Paulo, 2012.

El Croquis, N. 167 Smiljan Radic 2003-2013. Madri, 2013.

Harvard Design Magazine No. 34. Architectures of Latin America. Cambridge, 2011.

Oris, 63. Croácia, 2010.

Oiticica - A Pureza É um Mito. Itaú Cultural, 2010.

Plot 24, América Latina Hoje. Buenos Aires, 2015.

Plot 35, Da neutralidade. Buenos Aires, 2017.

Plot 41. Buenos Aires, 2019.

Plot 48. Buenos Aires, 2019.

Revista ARQ, Santiago.

fontes das figuras:

- 1 . a primeira foto da terra vista do espaço, 24.10.1946 / White Sands Missile Range - Applied Physics Laboratory. Disponível em <<https://cosmosmagazine.com/space/the-first-photograph-of-earth-taken-from-space>>
- 2 . 'earthrise', a primeira foto da Terra vista da lua, 23.08.1966 4:35 p.m. GMT / NASA. Disponível em <<https://www.cnet.com/news/its-been-50-years-since-earth-was-first-photographed-from-the-moon/>>
- 3 . 'torres del agua en la ciudad abierta', 1952 / arquivo histórico José Vial Armstrong, Escuela de Arquitectura y Diseño, Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Disponível em <<http://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-87015.html>>
- 4 . a terra e a lua, 16.07.1969, Apollo 11 / NASA. Disponível em <<https://earthobservatory.nasa.gov/images/84038/looking-back-from-apollo-11>>
- 5 . a terra vista a partir de marte pela primeira vez, Curiosity 31.01.2014 / NASA . Disponível em <<https://www.jpl.nasa.gov/spaceimages/details.php?id=pia17936>>
- 6 . a terra e marte vistos da lua, *The Lunar Reconnaissance Orbiter*, 24.05.2014 / NASA. Disponível em <https://phys.org/newman/gfx/news/2014/earthmars_bright_e1155564561_lrg.jpg>
- 7 . a terra à noite, 2012 / NASA. Disponível em <<https://svs.gsfc.nasa.gov/30028>>
- 8 . domo sobre Manhattan, 1960 / Buckminster Fuller. Disponível em <<https://ragpickinghistory.co.uk/2016/05/27/under-the-dome/buckminster-fuller-manhattan-dome/>>
- 9 . a nuvem de cogumelo sobre Nagasaki, Japão, 09.08.1945 / Charles Levy. Foto: © Charles Levy. Disponível em <https://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Atomic_bombing_of_Japan.jpg>
- 10 . o incêndio na Biosphère Montreal de Buckminster Fuller, 20.05.1976 / archives de la ville de montréal. Foto: © Gilles Hermann. Disponível em <<https://i.pinimg.com/originals/11/59/bb/1159bbf06169065c34ff7ae7f9a7a58.jpg>>
- 11 . a demolição do conjunto habitacional Pruitt-Igoe, 15.07.1972. Disponível em <http://obviousmag.org/musica_ao_longo/2015/02/pruit-igoe-prophecies-falsas-profecias-de-prosperidade-reduzidas-a-po.html.jpg?v=20151117210728>
- 12 . Robin Hood Gardens em processo de demolição, agosto-dezembro de 2017 / Dezeen. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2017/12/13/video-movie-footage-demolition-robin-hood-gardens-brutalist-smithsons/>>
- 13 . Jardín Infantil Carpinelo . CTRL G arquitectura. Medellín, 2011-2013. Foto: © Sergio Pirrione. Disponível em <<http://www.caparquitectura.com/>>
- 14 . a américa latina à noite, 2012 / NASA. Disponível em <<https://svs.gsfc.nasa.gov/30028>>

15 . PREVI. Lima, 2010. Foto: © Cristobal Palma. Disponibilizada pelo autor.

16 . 'Fiesta y Fútbol'. Lima, 2015. Foto: © Eleazar Cuadros. Disponível em <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/889189/ciudad-ilegal-la-necesidad-de-discutir-un-modelo-distinto-para-lima>>

17 . Pabellón 120, Valparaíso, 2015 . Sebastián Irarrázaval, Foto: © Felipe Fontecilla. Disponível em <<https://www.sebastianirarrazaval.net/>>

18 . a estrutura tubular da casa bola, Eduardo Longo . São Paulo, 1974-1979. Disponível em <<http://habitat-bulles.com/bulle-maison-boule-casa-bola-1974-1979-eduardo-mongo-sao-paulo-bresil/>>

19 . Lina Bo Bardi e a cadeira de beira de estrada, 1967 / Instituto Lina Bo e P.M. Bardi. Disponível em <<http://gastv.mx/ciclo-de-conferencias-memorias-del-subsdesarrollo/>>

20 . prova de carga em uma das primeiras estruturas de Félix Candela, México, 1953. Disponível em <https://pbs.twimg.com/media/DcLN_NWXkAAxBXL.jpg>

21 . Catia 1100: sistema de equipamentos comunitários . multideportivo la canchita, 2015-2016 . Aparatos Contingentes (AGA estudio + Pico Estudio) . Foto: © José Bastidas. Disponível em <<https://www.agaestudio.com/practica-1100lch>>

22 . Biblioteca Espanha. Giancarlo Mazzanti. Medellín, 2007. Foto: © Alcadía de Medellín. Disponível em <<https://architectureindevelopment.org/images/au/Medellin8-Municipality.jpg>>

23 . Núcleo Cultural La Ye. Pico Estudio + pgrc + Todo por la praxis. Petare, Venezuela, 2014 . Foto: © José Bastidas. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/756317/como-o-projeto-espacos-de-paz-esta-transformando-os-espacos-comunitarios-na-venezuela>>

24 . Quinta Monroy . Elemental Chile. Iquique, 2003. Foto: © Cristobal Palma / ELEMENTAL. Disponível em <<https://arquitechne.com/quinta-monroy-12-anos-depois-uma-analise-da-habitação-social-de-alejandro-aravena>>

25 . Villa Verde. Elemental Chile. Constitución, 2010. Foto: © Cristian Martinez. Disponível em <https://images.adsttc.com/media/images/5280/51c9/e8e4/4e95/f600/0091/slideshow/PVT_VILLAVERDE_14.jpg?1394555265>

26 . Edificio Once . Adamo-Faiden . Buenos Aires, 2011. Foto: © Cristobal Palma. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/01-53611/edificio-once-adamo-faiden>>

27 . Casa Vila Matilde. Terra e Tuma. São Paulo, 2011-2015. Foto: © Pedro Kok. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/776950/casa-vila-matilde-terra-e-tuma-arquitetos/5747fd7ae58ece2720001e2-vila-matilde-house-terra-e-tuma-arquitetos-photo>>

28 . Fundación Teletón. Gabinete de Arquitectura. Lambaré, 2009-2010. Foto: © Federico Cairoli, 2015. Disponível em <[https://www.archdaily.com.br/br/773977/centro-de-reabilitacao-infantil-da-teletón-gabinete-de-arquitectura-foto](https://www.archdaily.com.br/br/773977/centro-de-reabilitacao-infantil-da-teletón-gabinete-de-arquitectura/55f1163ce58ece3c06000fc-centro-de-reabilitacao-infantil-da-teletón-gabinete-de-arquitectura-foto)>

29 . El Gabinete de Arquitectura. Solano Benítez. Assunção, 1994. Foto: © Leonardo Finotti. Disponível em <<https://www.archdaily.com/536606/the-architecture-firm-solano-benitez/53c8cbd2c07a80c64a0001d8-the-architecture-firm-solano-benitez-photo>>

30 . Capilla Cerrito . Javier Corvalán e Violeta Pérez + Laboratorio de arquitectura. Assunção, 2002-2011. Foto: © Leonardo Finotti. Disponibilizada pelo autor.

31 . Escuela Nueva Esperanza. Al Borde. Puerto Cabuyal, Ecuador, 2009. Foto: © Francisco Suárez. Disponível em <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/626337/escuela-nueva-esperanza-al-borde/5127dcadb3fc4b11a7002b8d-escuela-nueva-esperanza-al-borde-foto>>

32 . Escuela Nueva Esperanza. Al Borde. Puerto Cabuyal, 2009. Foto: © Esteban Cadena. Disponível em <<https://www.revistadeck.com/arquitectura/al-borde/>>

33 . Casa Poli. Pezo von Ellrichshausen. Coliumo, 2002-2005. Foto: © Cristobal Palma. <<https://www.archdaily.com/476/poli-house-pezo-von-ellrichshausen/500ebd7628ba0d0cc7000135/poli-house-pezo-von-ellrichshausen-image>>

34 . Tradicional animita e a Capilla L'animita. Eduardo Castillo. Florida, Chile, 1997-2002, Foto: © Eduardo Castillo. Disponível em <<https://americacuadrado.com/blog/2017/9/28/nbdg026tg5towrhmiht37pmomez8pi>>

35 . **Habitación.** Smiljan Radic. San Miguel, 1992-2007. Foto: © Gonzalo Puga. Disponível em <<http://www.redfundamentos.com/blog/e/obras/detalle-122/>>

36 . **Casa Pantalón.** Eduardo Castillo. San Felipe, Chile, 2002-2005. Foto: © Cristobal Palma. Disponível em <<http://photos1.blogspot.com/blogger/4652/2000/1600/%20sobredosis2.jpg>>

37 . **El Gabinete de Arquitectura.** Solano Benitez. Assunção, 1994. Foto: © Leonardo Finotti. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/760832/solano-benitez-no-tedx-a-crise-que-vivemos-hoje-e-a-falta-de-imaginacao/54be5418e58ecef70000c9-el-gabinete-de-arqui>>

38 . **Mirador Comedor Emergente.** Javier Rodríguez Acevedo. Curico, Chile, 2011. Foto: © Javier Rodríguez Acevedo. Disponibilizada pelo autor.

39 . **Vivienda Takuru.** José Cubilla. Piribebuy, Paraguai, 2016. Foto: © Federico Cairoli. Disponível em <<http://www.redfundamentos.com/blog/e/obras/detalle-282/>>.

40 . **Parque Bambú.** Semillas. Peru, 2017. Foto: © Semillas. Disponível em <<https://www.archdaily.mx/mx/882526/parque-bambu-un-espacio-para-jugar-con-libertad-en-la-selva-central-del-peru>>

41 . **Parque na Praia do Flamengo.** Burle Marx. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/01-160245/os-fatos-da-arquitetura-slash-alejandro-aravena/52aac80fe8e44e01d10000c1-os-fatos-da-arquitetura-slash-alejandro-aravena-imagem>>

42 . **Mutirão da Juta Nova Esperança.** USINA. 1993-1999. Foto: © USINA_ctah. Disponível em <<http://www.usina-ctah.org.br/jutanovaesperanca.html>>

43 . *After two drawings by David Georges Emmerich; with excerpts from Vasco Mourão's "New York Skyline"* 2017 © Vazio S/A. Disponibilizada pelo Vazio S/A.

44 . **NAVE.** Smiljan Radic. Santiago, 2015. Foto: © Nico Saieh. Disponibilizada pelo autor.

45 . **Casa A.** desenhos esquemáticos. Smiljan Radic e Marcela Correa. San Clemente, 2008 © Smiljan Radic. Revista ARQ nº 70. Santiago: Ediciones ARQ, 2008. p. 69.

46 . **Circular n.2 .** Windsor Park, Reino Unido, 2005. © Pezo von Ellrichshausen. Disponível em <http://pezo.cl/wp-content/uploads/2013/12/1205_PVE_RUTINA-CIRCULAR.pdf>

47 . **Punta Pite.** Teresa Moller & Asociados. Chile, 2005. Foto: © Pablo Casals. Disponível em <<http://www.pablocasals.cl/Punta-Pite>>

48 . **Ampliación para la Casa del Carbonero.** Smiljan Radic e Marcela Correa. Culiprán, Chile, 1999. Foto: © Smiljan Radic. Disponível em <<http://paradisebackyard.blogspot.com/2011/02/>>

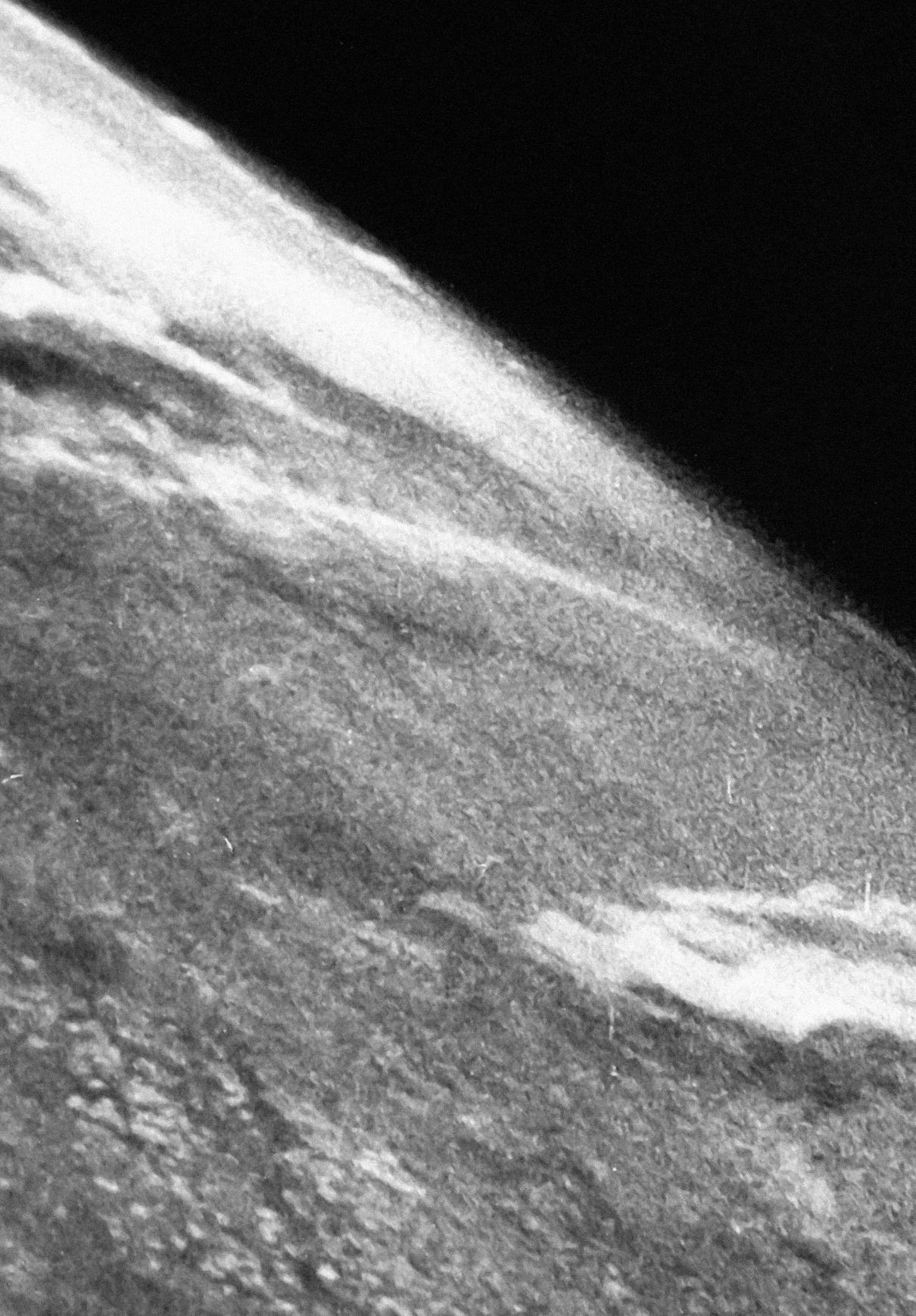
49 . **Pabellón de Helio.** GA estudio. 2018. Foto: © Bruno Lança. Disponível em <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/905732/testeo-pabellon-de-helio-cuales-son-las-posibilidades-de-la-arquitectura-inflable/5begf2f208a5e50e3f000048-testeo-pabellon-de-helio-cuales-son-las-posibilidades-de-la-arquitectura-inflable-foto>>

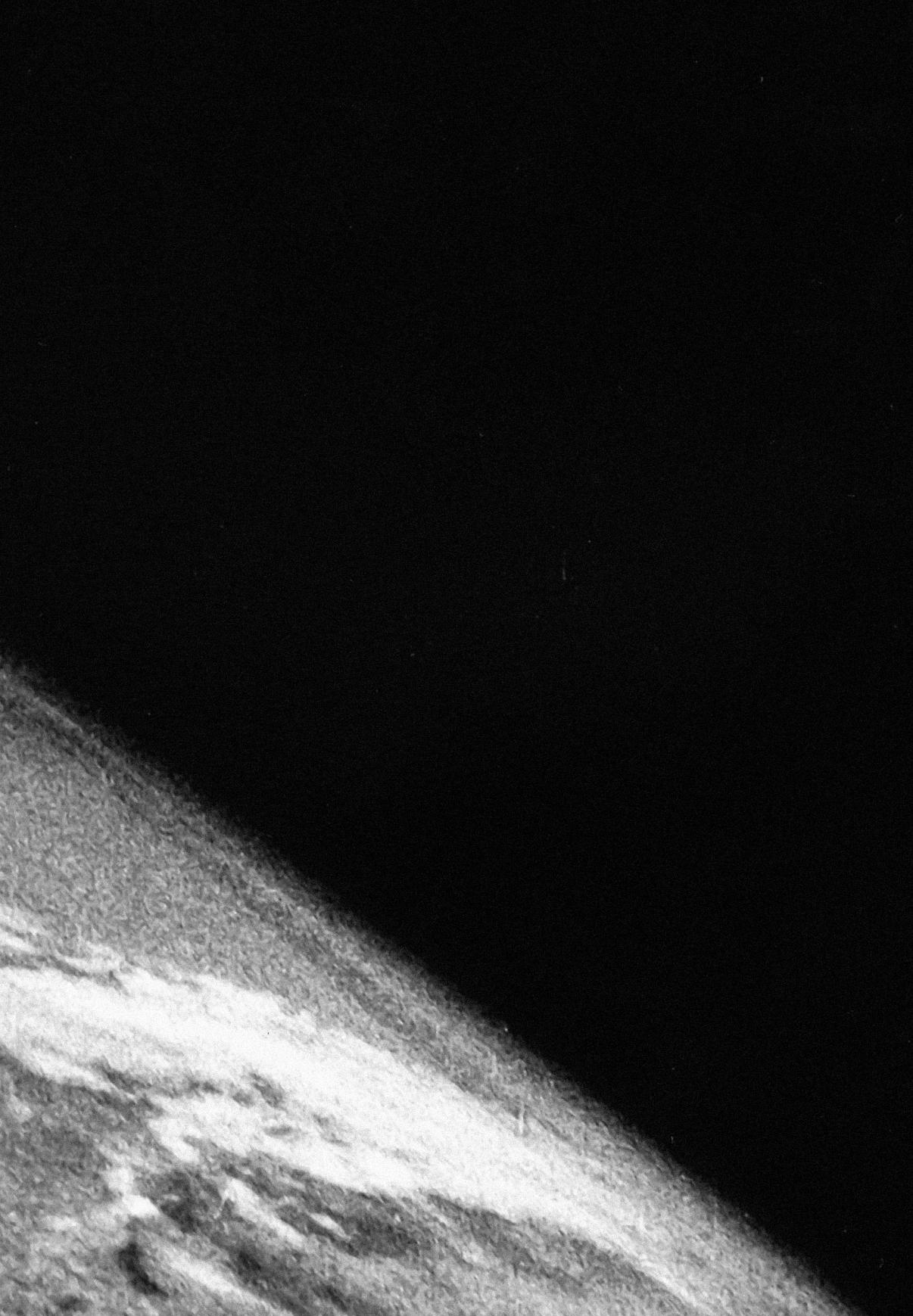
50 . **El Taller .** Daniel Moreno Flores . Quito, 2009. Foto: © Federico Cairoli, 2017. Disponibilizada pelo autor.

01-240 . anexos :

01 . © USINA CTAH / 02 . © Nelson Kon / 03 . © Gonzalo Puga / 04 . © Leonardo Finotti / 05 . © Jorge Mario Jáuregui / 06 . © Smiljan Radic / 07 . © La Nación / 08 . © Jorge Mario Jáuregui / 09 . © Eduardo Castillo / 10 . © Ruy Ohtake / 11 . © Solano Benítez / 12 . © Transmilenio / 13 . © Nelson Kon / 14 . © Gustavo Frittegotto / 15 . © Gustavo Frittegotto / 16 . © Mateo Pintó, Matías Pintó / 17 . © Nelson Kon / 18 . © Elemental / 19 . © Carlos Teixeira / 20 . © Joāo Filgueiras Lima / 21 . © Cristobal Palma / 22 . © Cristobal Palma / 23 . © Cristobal Palma / 24 . © Federico Cairoli / 25 . © Nelson Kon / 26 . © Nelson Kon / 27 . © Rafael Iglesia / 28 . © Nelson Kon / 29 . © Felipe Mesa / 30 . © Nelson Kon / 31 . © Daniel Rosenberg / 32 . © Cristobal Palma / 33 . © Alcaldía de Medellín / 34 . © U-TT archive / 35 . © Cristobal Palma / 36 . © Teresa Moller / 37 . © Architecture for Humanity / 38 . © Sergio Gómez / 39 . © Nelson Kon / 40 . © Gonzalo Puga / 41 . © a77 / 42 . © Rodrigo Sheward / 43 . © Nelson Kon / 44 . © gualano + gualano / 45 . © Dafne Ariztía / 46 . © Jose María Sáez / 47 . © Walter Salcedo / 48 . © Nelson Kon / 49 . © Rafael Iglesia / 50 . © Jose María Sáez / 51 . © Fran Parente / 52 . © Cristobal Palma / 53 . © Ifiigo Bujedo Aguirre / 54 . © Alejandro Piñol / 55 . © Claudia Uccelli / 56 . © Iwan Baan / 57 . © Iwan Baan / 58 . © Gonzalo Puga / 59 . © Raed Gindeya / 60 . © MMBB / 61 . © EDU / 62 . © Luis Gordoa / 63 . © Rudolf / 64 . © Sergio Gómez / 65 . © Simon Vélez / 66 . © Nelson Kon / 67 . © Grupo Talca / 68 . © Nelson Kon / 69 . © Barclay&Crousse / 70 . © Daniel Ducci / 71 . © Marcos Guiponi / 72 . © Adamo Faiden / 73 . © Iwan Baan / 74 . © Guy Wenborne / 75 . © CONNATURAL / 76 . © Francisco Suarez / 77 . © Cristobal Palma / 78 . © Rudolf / 79 . © Plan Misiones / 80 . © Federico Cairoli / 81 . © a77 / 82 . © Federico Cairoli / 83 . © Jeannette Sordi / 84 . © Cristobal Palma / 85 . © Jorge Mario Jáuregui / 86 . © Jorge Mario Jáuregui / 87 . © Leonardo Finotti / 88 . © Claiton Dornelles / 89 . © Ana Cecilia Garza Villarreal / 90 . © Ary França / 91 . © Federico Cairoli / 92 . © José Cubilla / 93 . © Elemental / 94 . © Cristian Martínez / 95 . © Smiljan Radic / 96 . © Iwan Baan / 97 . © Iwan Baan / 98 . © Sebastián Irarrázaval / 99 . © al borde / 100 . © LABPROFAB / 101 . © Jorge Gamboa / 102 . © Nelson Kon / 103 . © Leonardo Finotti / 104 . © Nelson Kon / 105 . © Cristobal Palma / 106 . © Federico Kulekdjian / 107 . © Nelson Kon / 108 . © Guy Wenborne / 109 . © Javier Rodríguez Acevedo / 110 . © EDU / 111 . © Ingrid Truemper / 112 . © Acupuntura Urbana / 113 . © Sergio Gómez / 114 . © Arquitectura Expandida / 115 . © Cristobal Palma / 116 . © Cristobal Palma / 117 . © Cristobal Palma / 118 . © Gonzalo Puga / 119 . © Pedro Kok / 120 . © Sergio Pirrione / 121 . © Iwan Baan / 122 . © Pedro Kok / 123 . © Elemental / 124 . © Arnaldo Acosta, Adriana Vallet / 125 . © Luis Gordoa / 126 . © LARS MÜLLER / 127 . © Iwan Baan / 128 . © Cristobal Palma / 129 . © Carla Tapia González / 130 . © estúdio entre / 131 . © Nico Saieh / 132 . © Estudio Elgue / 133 . © Lauro Rocha / 134 . © SEHAB-SP / 135 . © Carla Juaçaba / 136 . © The Scarcity and Creativity Studio / 137 . © al borde / 138 . © Juan Pedro Posani / 139 . © CROStudio / 140 . © Leonardo Finotti / 141 . © Arquitectura Expandida / 142 . © Felipe Fontecilla / 143 . © Leonardo Finotti / 144 . © Rafael Gamo / 145 . © Goma Oficina / 146 . © Casa Cultura / 147 . © Alejandro Cartagena / 148 . © Lauro Rocha / 149 . © Cristobal Palma / 150 . © Élена Marini Silvestri / 151 . © SPBR / 152 . © Ivan Dario Quiñones Sánchez / 153 . © Paulo Afonso, Marta Maccaglia / 154 . © Stanislas Naudeau / 155 . © Isaac Ramírez Marín / 156 . © TOA / 157 . © Albert Avila / 158 . © JAG Studio / 159 . © Lucas Carranza / 160 . © Alejandro Arango / 161 . © Federico Cairoli / 162 . © Alejandro Arango / 163 . © Ilana Bessler / 164 . © Felipe Fontecilla / 165 . © Leonardo Finotti / 166 . © EPM / 167 . © Manuel Ciarlotti / 168 . © Gustavo Frittegotto / 169 . © Elemental / 170 . © Elemental / 171 . © Nico Saieh / 172 . © Damien Jacob / 173 . © Marta Maccaglia, Paulo Afonso / 174 . © Ingrid Johanning / 175 . © Sergio Gomez / 176 . © Federico Cairoli / 177 . © Onnis Luque / 178 . © Gonzalo Puga / 179 . © al borde / 180 . © Felipe Fontecilla / 181 . © Federico Cairoli / 182 . © Nicolás Campodónico / 183 . © José Bastidas / 184 . © Felipe Díaz Contardo / 185 . © Federico Cairoli / 186 . © Jorge Losada / 187 . © Maurizio Angelini / 188 . © Rafael Salim / 189 . © Roman Bauer / 190 . © TACO / 191 . © Cristobal Palma / 192 . © Nico Saieh / 193 . © Sandra Pereznieta / 194 . © Sandra Pereznieta / 195 . © Ana Cecilia Garza Villarreal / 196 . © Alejandro Haiiek / 197 . © Cristhian Guerrero / 198 . © Sebastián Calero Larrea / 199 . © Federico Cairoli / 200 . © Federico Cairoli / 201 . © Andres Garcia Lachner / 202 . © surco / 203 . © Gianluca Stefani / 204 . © pico studio / 205 . © Patricio Zeiss / 206 . © Santiago Valdivieso / 207 . © Kliwadenko Novas / 208 . © Ruta4 / 209 . © Ingrid Johanning / 210 . © Earthship Biotecture / Tagma / 211 . © Fabián Flores / 212 . © Ilana Bessler / 213 . © Red Comunitaria de Salud y Ambiente “Un solo Corazón” / 214 . © Javier Agustín Rojas / 215 . © Eleazar Cuadros / 216 . © Leonardo Finotti / 217 . © Awaq Estudio + Estudio Schiras / 218 . © Jochamowitz + Rivera / 219 . © Leonardo Mendez / 220 . © José María Ciganda / 221 . © Federico Cairoli / 222 . © Onnis Luque / 223 . © Cesar Bejar / 224 . © Bruno Lança / 225 . © Voluntary Architects’ Network / 226 . © Siméon Duchoud / 227 . © Naquib Hossain / 228 . © Frédéric Druot / 229 . © LV Hengzhong / 230 . © Zander Olsen / 231 . © The Architects Journal / 232 . © Marcel van der Burg / 233 . © Pilosio Building Peace / 234 . © Iwan Baan / 235 . © Ramiro Chaves / 236 . © The Museum of Modern Art / 237 . © america[no] del sud / 238 . © Javier Agustín Rojas / 239 . © Thomas Griesel / 240 . © Laurian Ghinitoiu

∨ 1 . a primeira foto da terra vista do espaço, 24.10.1946 / White Sands Missile Range





Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul (CAU/RS)
Rua Dona Laura, 320 | Bairro Rio Branco | Porto Alegre/RS | (51) 3094-9800
www.caurs.gov.br

Conselho Editorial
Carlos Eduardo Mesquita Pedone
Fábio Müller
Rinaldo Ferreira Barbosa
Bruno César Euphrásio de Melo
Isatir Bottin Filho

Assessoria Técnica do CAU/RS
Tales Völker

Capa, projeto gráfico e diagramação
Cássio Sauer

Revisão de texto
Cristina Wagner

Assistente Editorial
Daiene Bauer Kühl

Editor
Nilo Wachholz



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação [CIP]

S 255

Sauer, Cássio

Arquitetura x escassez: na produção contemporânea em
território latino-americano / Cássio Sauer. - Porto Alegre:
Concórdia, 2022.

328 p.

1. Arquitetura. 2. Contemporaneidade. 3. Escassez.
I. Título.

CDU 72.03(7/8)

Bibliotecária Débora Zschornack - CRB 10/1390

ISBN: 978-65-5591-062-9

